





TEOTÓNIO DA FONSECA

Da Associação dos Arqueólogos Portugueses

O CONCELHO DE BARCELOS AQUÉM E ALÉM - CÁVADO

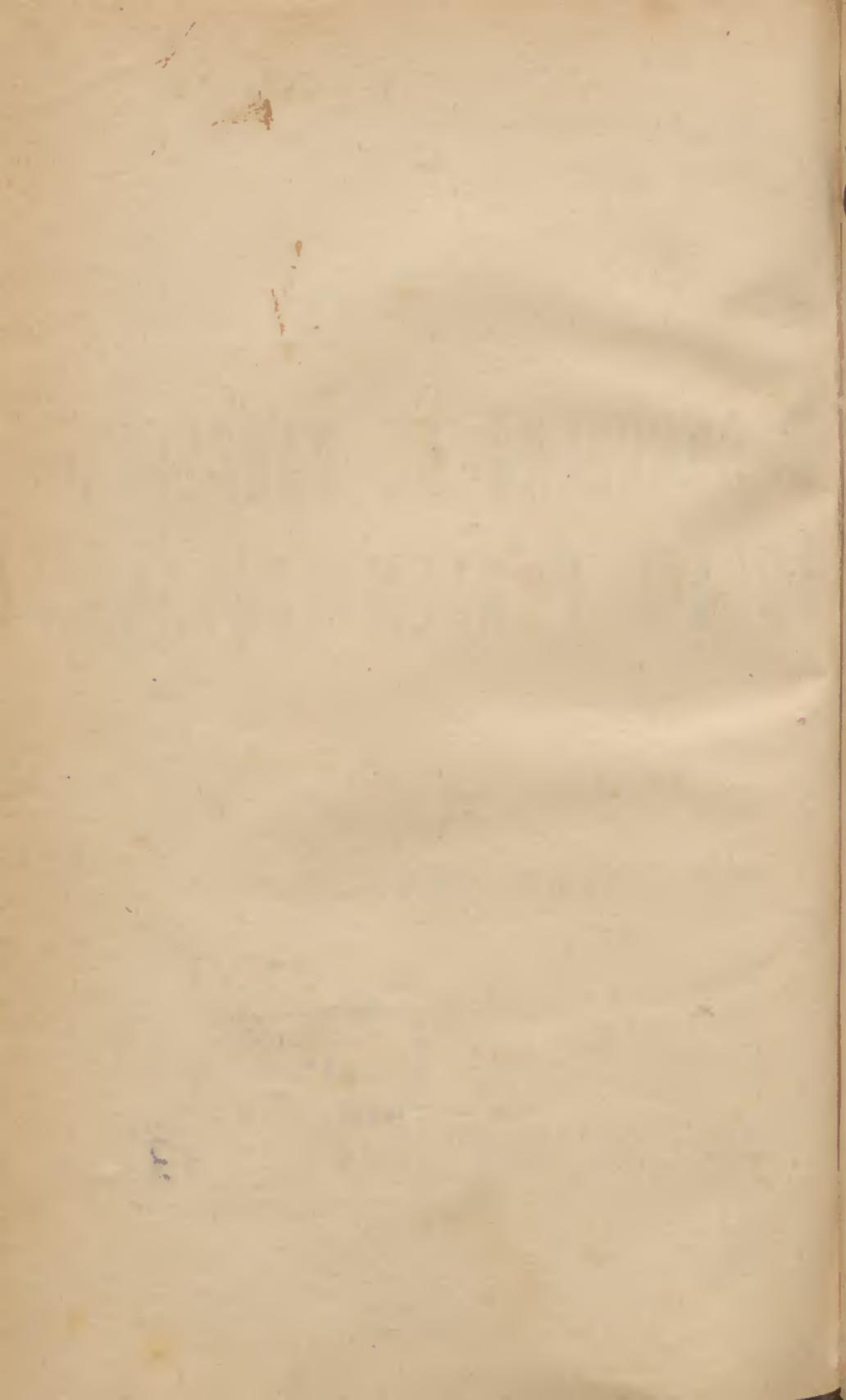
II

ALÉM-CÁVADO



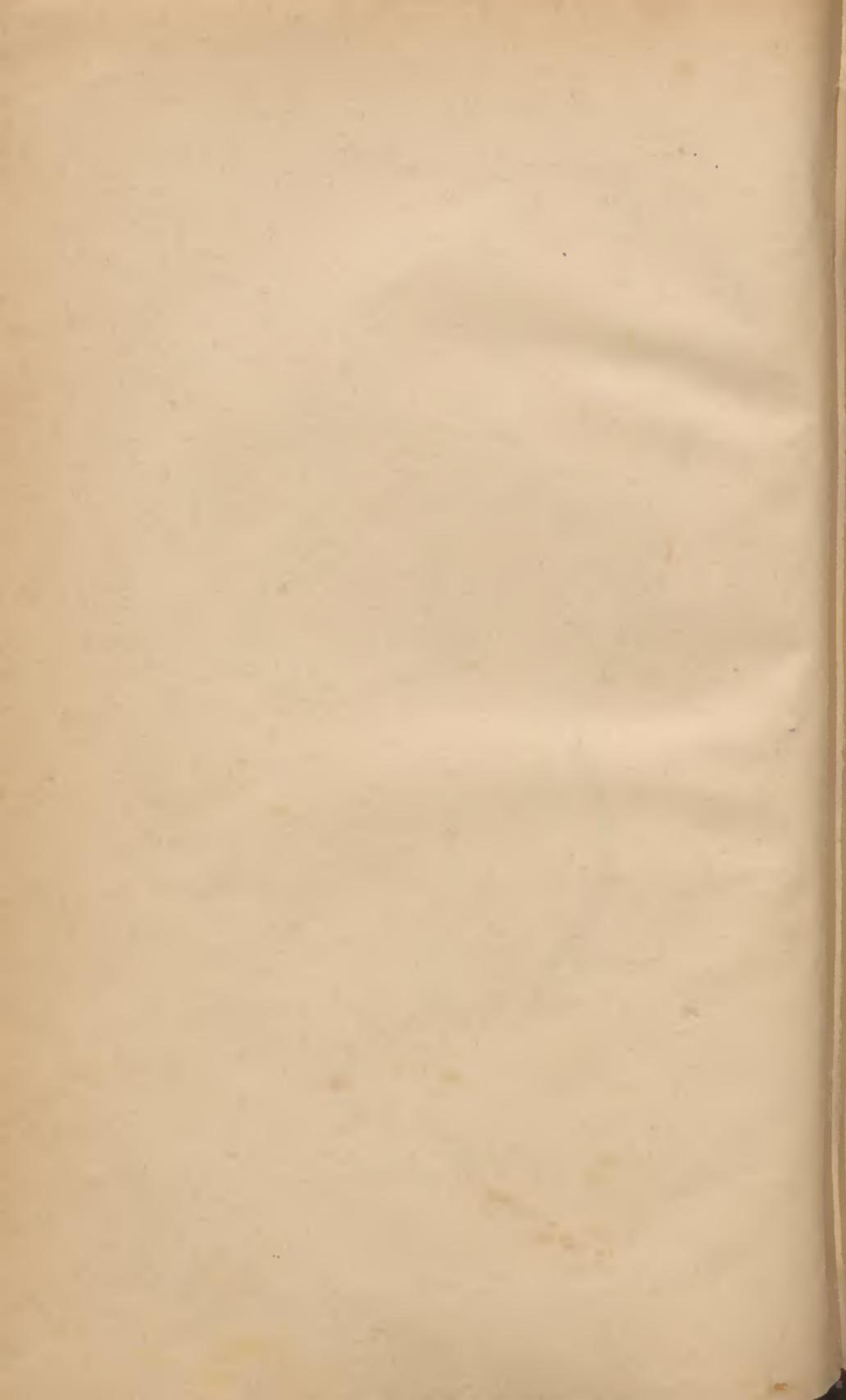
BARCELOS

1 9 4 8



BARCELOS ALÉM





O CONCELHO DE BARCELOS
AQUÉM E ALÉM-CAVADO

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OPICINAS GRÁFICAS
DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS —————

S. Pedro de Adães

A^{DAES} vem de *Alhanes* nome gótico (1).

A mais antiga referência a esta freguesia encontra-se em um documento do mosteiro de Alpendurada, o qual trata da venda de uma propriedade sita na *Vila de Adalanes*, feito no ano de 1024, e nele se diz: «et abet iacentia ipsa hereditate in vila adalanes subtus mons bastucio teridorio bracalensis discurente ribolo katabo in loco predicto in ila quintana... (2).

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 não aparece esta freguesia mas no Censo da População de 1527 vem no «Jullguado de Penafiiell».

Adães, orago S. Pedro, foi um curato da apresentação do Reitor do convento de Vilar de Frades desde 1441.

Nesse ano o convento de Vilar houve esta freguesia e mais duas, a de Moure e a de Encourados, por troca que fez com o arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, pela Igreja de Calvêlo.

Esta tinha vindo à posse do convento pela renúncia do seu último abade, Gonçalo Dias de Barros.

(1) P.^e António Gomes Pereira — Tradições Populares pág. 319.

(2) Alexandre Herculano — Port. Mon. Hist. Diplom. et chart. págs. 157, n.º 254.

Gonçalo Dias de Barros, oriundo da nobre geração, nasceu em Braga, onde passou uma mocidade dissoluta. Depois de ordenado e colocado em Calvêlo não melhorou nos costumes.

Arrependido por fim, renunciando o benefício, recolheu-se a Vilar de Frades e aí morreu santamente, segundo diz o cronista.

Por aquela troca ficou pois a freguesia de Adães a ser um curato, mais tarde vigararia, da apresentação do Reitor daquele Convento até 1834.

A sua Igreja Matriz era primitivamente no lugar do Assento, dentro do actual Passal, junto à Residência Paroquial.

Era pequena, baixa e de architectura simples.

Desde 1713 em diante começamos a ter conhecimento das obras de que ela vai necessitando, ignorando o que era antes por não conseguir os livros das visitas anteriores.

Em várias visitas a partir daquele ano são constantemente reclamadas obras, principalmente nos telhados e forros da Igreja e capela-mor.

O pavimento, sendo de pedra, ficava pelos enterramentos desnivelado e por isso mandava-se em várias visitas repô-lo no seu estado antigo.

Em 1746 ordena-se a colocação de taburnos em cima desse lageamento, visto a Igreja ser húmida.

Como estivesse em sítio baixo e a água do enxurro entrasse pela porta principal, nota-se então a necessidade de tirar alguma terra no Adro, junto àquela porta.

Em 1722 manda-se fazer de novo o arco da capela-mor, ficando porém uma *obra péssima*, como diz o respectivo livro.

Em 1726 determina-se a mudança da porta travessa para a parede sul da Igreja e o púlpito para o lado do evangelho, visto o lugar *indecente em que está*.

Por cima da porta principal em uma sineira estava um único sino e em frente um alpendre ou cabido que já precisava de reparações em 1713.

O padroeiro desta freguesia e os seus moradores passaram a ser remissos em fazerem as obras que respectivamente lhes competiam e por isso o edificio entrou pelo decorrer do tempo num período de decadência e ruína.

Assim em 1818 o visitador diz que a Igreja é «bastantemente indecente pela sua pequenez, falta de luz e já parece ameaçar ruína».

É certo que posteriormente algumas reformas se fizeram, pois em 1831 são louvadas essas obras.

Por ser sítio húmido, estar em decadência a velha Igreja e pequena para as necessidades do culto foi esta mudada antes de 1839 para o sítio onde está.

É esta um templo de architectura moderna, amplo, airoso e bem iluminado por rasgadas janelas.

Do lado esquerdo da fronteira ergue-se uma bem lançada torre para os seus sinos.

Em 1839 são arrematadas as obras da capela-mor podendo ser aproveitada nelas a pedra que ainda existia da Igreja velha.

Por detrás dessa capela-mor existe uma pequena e bem aconchegada sacristia na qual se vêem uns sólidos gavetões de castanho em que está pintada a data 1846.

Aqui me foi mostrado pelo muito digno reitor desta freguesia, Sr. P.^e Domingos Gomes Lobarinhas, um curiosíssimo pano de seda, em forma de véu de calix, com texto em latim impresso no próprio tecido e pelo qual se depreende que pertencia à Confraria de Nossa Senhora dos Remédios. Tem a data 1761.

Em 1860 fizeram-se obras na sacristia da Igreja e em 1858 foi construída a da confraria de Nossa Senhora dos Remédios.

O Cruzeiro Paroquial, mudado há anos para o sítio onde está, detrás da Igreja, parece ser antigo, pelo menos a base e a coluna.

A Residência Paroquial, que ficava ao sul da antiga Igreja Matriz e junto a esta, foi construída em 1713.

Nela se fizeram várias obras em 1748, 1851, 1860 e 1881, a deste ano a mais importante.

Na frente virada ao caminho tem a inscrição: ANNO. DE. 1881.

Havia antigamente nesta freguesia a capela de Santo António, na Agra do mesmo nome, a qual na visita de 1745 estava em tal estado de ruína que nela se não podia dizer missa.

Há os seguintes Nichos: Alminhas de Adães, ao lado da estrada e as do Cruzeiro, perto da Residência Paroquial.

O Cemitério Paroquial, construído junto ao Adro, do lado esquerdo da Igreja, tem sobre o seu portão a data 1888 e nele se vêem alguns jazigos.

A Confraria de Nossa Senhora dos Remédios foi unida em 1909 à do Sacramento.

Esta freguesia, com terrenos férteis e abundantes em águas, está situada em planície e confronta do norte com a de Areias de Vilar, nascente com a de Encourados, do sul com as de Airó e Várzea e do poente com a de Santa Eugénia de Rio Côvo.

É banhada na sua extremidade sul pelo ribeiro da Gandra, afluente do Rio Covo, e tem as seguintes fontes públicas: a do Barreiro, a de Adães, a do Agrelo, a do Lobão, a do Estreito e a da Lage.

A sua população no século xvi era de 40 moradores; no século xvii era de 120 vizinhos; no século xviii era de 67 fogos; no século xix era de 377 habitantes e pelo último censo da população é de 465 habitantes, sendo

223 varões e 242 fêmeas, sabendo ler 111 homens e 41 mulheres.

Não tem actualmente Escola Oficial.

Houve aqui no lugar do Sobreiro uma Escola particular que se tornou notável pelos homens que a frequentaram, mas essa também já acabou.

A sua indústria é nula e o comércio está reduzido a uma pequena loja de mercearia.

Os seus lugares habitados são: Cepães, Paço, Barreiros, Sobreiro, Lages, Assento, Outeiro, Vitorinho e Airó.

As suas casas mais importantes são: a do Paço, a de Cepães, a do Rato, a da Bóca, as do Ribeiro, a do Senra e a de Adães. ←

É atravessada na parte mais central pela estrada de Esposende a Braga que facilita muito as suas comunicações.

Dos homens que, pelo seu nascimento ou por qualquer outro facto, têm os seus nomes ligados a esta freguesia destacaremos os seguintes:

O Abade Fernão Anes que instituiu no século xvi o Morgado de Adães.

Este vínculo tinha a particularidade de a sucessão correr na linha feminina com exclusão da masculina.

A primeira administradora foi sua irmã Francisca Fernandes, casada com António Caminha Vilas Boas, da casa Solar de Airó.

Fernão Martins Pereira, «O velho», senhor da Casa de Adães.

No inventário, por sua morte, em 1607, encontram-se descritos cavalos, objectos de prata e ouro e outros preciosos que mostram bem o tratamento que tinha a sua família nessa época.

O Capitão José Pereira da Fonseca, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, senhor da Casa de Adães,

casado com sua prima D. Josefa do Sacramento e Silva, senhora da Casa da Torre de Moldes em Remelhe.

O Conselheiro António Emílio Correia de Sá Brandão, Juiz do Supremo T. de Justiça, que, em verdade seja dito, não sei se algumas vezes se perdeu por estas terras mas foi do senhor do Morgado de Adães, cuja quinta vendeu em 1883.

Francisco Barcelos Vilas Boas, natural desta freguesia, adquirindo largos haveres no Brasil, subsidiou por muito tempo a antiga Escola de primeiras letras.

Os arcebispos e os visitadores censuraram por vezes nesta freguesia, bem como em outras, segundo se vê dos respectivos livros das visitas, os serões, as espadeladas e fiadas de noite, com ajuntamento de homens e mulheres, as conversas no Adro, antes e depois da missa, com alaridos, estabelecendo multas para o caso de contravenção.

A junta desta freguesia não fica atrás em zelar os bons costumes e moralidade dos seus administrandos.

Assim em sessão de 23 de julho de 1843 delibera que, em vista da relaxação dos costumes, dos muitos roubos em pomares, hortas e até em poleiros de galinhas, atribuídos a pessoas de fora da freguesia, todo o indivíduo que venha para aqui habitar, a não ser por casamento, pague 14:000 reis, sendo o Regedor encarregado de cumprir esta deliberação.

Em sessão de 31 de março de 1871 proíbe que continue a viver aqui uma mulher de Vilar do Monte por não restituir as coisas alheias e ofender com palavras a moralidade pública.

E agora que tanto se fala na questão da assistência pública não é descabida a referência a uma acertada deliberação desta junta em 2 de fevereiro de 1850.

Achando-se uma pobre mulher desta freguesia doente e hemiplégica é ordenado que todos os proprietários a sustentem cada um o seu dia enquanto ela viver.

Já então, ainda que isoladamente, se pensara na assistência aos pobres. Em meados do século XIX funcionou aqui uma Fábrica de moeda falsa.

Os seus maquinismos estiveram arrecadados durante algum tempo no convento de Vilar de Frades, como máquinas de fazer botões, não sabendo o proprietário daquele convento o verdadeiro fim a que eram destinados.

O gerente principal desta empresa era credor de certa quantia de um padre de Adães e que tinha aqui uma casa em sítio desabitado, própria para nela ser exercida a projectada indústria.

Valendo-se da superioridade de credor obrigou o padre a ceder-lhe casa para o fim que ele queria.

Ora a fabricação de moeda fora da casa da dita em Lisboa tem sempre uma duração efémera e os seus proventos, a não ser ultimamente no caso Angola e Metrópole, são geralmente muito reduzidos.

Foi o que aconteceu com a Fábrica de Adães; descoberta a sua existência foram os gerentes presos e juntamente com eles o pobre do padre, quando estava a dizer missa na Igreja da Várzea.

Este pelo seu génio alegre e folgasão tinha simpatias; os seus amigos acorreram à cadeia de Braga a visitá-lo logo que o souberam preso.

O bom humor nunca o abandonou, ainda mesmo no infortunio; os amigos depois da visita despediam-se, prometendo voltar breve, ao que ele retorquia invariavelmente: «venham, venham quando quizerem, que eu estou sempre em casa».

Constava que os sócios na empresa eram muitos, além dos que estavam presos, e que entre eles havia

até condes e viscondes, cujas cinzas eu não quero revolver.

O advogado de defesa no julgamento, aludindo a este facto, dizia que esta não era uma fábrica de fazer moeda falsa, mas sim uma fábrica de fazer condes e viscondes!

A máquina dizem-me que foi recolhida à Casa da Moeda em Lisboa e que não é das piores que lá têm entrado.

S. Jorge de Airó

ESTA freguesia está situada na encosta poente do monte de Airó.

Airó, segundo alguns escritores (1), vem de *Monte Aureo*, monte onde existiam minas de ouro; segundo outros (2) vem de *Areolos* (de Arca), pequena eira ou lage nos montes, onde se secava o milho.

A actual freguesia de S. Jorge abrange uma outra antiga e pequena que nela foi incorporada, a de S. Martinho de Airó.

Esta de S. Martinho, não sei porque motivo, não vem nas Inquirições de 1220 e no Censo da População de 1527 vem já unida à de S. Jorge.

Em 1454, tendo sido dada a freguesia de S. Martinho de Airó, pelo arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, ao Convento de Vilar (3), este, de acordo com o arcebispo, suprimiu-a para não pagar a dois curas: o de S. Jorge e o de S. Martinho.

Em 1747 existia uma ermidezinha de S. Martinho, no lugar do mesmo nome, que, segundo reza a tradição, tinha

(1) Pinho Leal — Port. Ant. e Mod. vol. I pág. 303 — António Vilas Boas Sampaio, Nobl. Port. pág. 92.

(2) P.^o António G. Pereira — Trad. Pop. pág. 305.

(3) Céu Aberto na Terra, pág. 400.

sido a Igreja Paroquial desta freguesia, a qual, caindo em ruínas, foi vendida a particular por cêrca de 1870.

O Cruzeiro Paroquial existe junto às casas do Cruzeiro.

Tinham aqui os frades de Vilar uma boa quinta, onde colhiam muitos carros de pão.

✓ A freguesia de S. Jorge de Airó vem nas citadas Inquirições com a designação — «De Sancto Georgeo de Couto de Varzêa», nas Terras de Faria.

Era abadia secular mas o seu último abade, João Annes do Salvador, tomando o hábito no Convento de Vilar por desgostos da sua vida, renunciou, com beneplácito do Arcebispo de Braga, este beneficio naquele convento em 1454.

Ficou desde então a ser um curato anual da apresentação do Reitor de Vilar de Frades.

A antiga Igreja Paroquial desta freguesia existiu no mesmo lugar onde está a actual.

Em 1720 era de uma só nave, tão pequena e insufficiente às necessidades do culto que em 1747 foi adicionado ao frontespício um grande alpendre para abrigo dos fiéis.

A construção da actual Igreja deve ser obra do século XIX. Ao lado desta existia um torreão, talvez o primitivo, que nos meados daquele século foi substituído pela bem lançada torre que ora se vê.

Na face desta lê-se a seguinte inscrição — DADA. POR. ANTONIO. LOPES. MARTINS. NATVRAL. DESTA FREGVEZIA. FEITA. EM. 1864.

Do mesmo lado direito da entrada da porta principal da Igreja e separada desta apenas pelo Adro vê-se o presbitério ou residência Paroquial, modesto mas suficiente à acomodação dos seus habitantes.

Do lado oposto da Igreja está o Cemitério Paroquial com a data 1886 gravada sobre o seu portão.

Deste sítio disfruta-se um dos mais belos panoramas: dentre o verde escuro da paisagem do Vale do Tamel e junto a um colo prateado do Cávado, no seu alto recosto, se reclina a cidade de Barcelos e espalhadas pelo extenso vale espreitam as brancas casarias de inúmeras povoações rurais.

Da matriz desta freguesia desce um escadório, cortado transversalmente e por uma larga avenida ao fundo da qual se ergue o Cruzeiro Paroquial.

Este cruzeiro, tosco e antigo, foi mudado para o sítio onde está em 1858, dando essa mudança causa a uma renhida questão judicial.

Há nesta freguesia uma única capela onde ainda se exerce o serviço religioso e essa particular: a do Paço de Airó.

Dedicada a S. José foi mandada construir no século xvii pelo Dr. António de Vilas-boas Sampaio.

Nela tinham sepultura os Senhores desta casa.

Da Capela de S. Martinho, no lugar do mesmo nome existiam apenas as paredes em 1870, quando foi vendida a particular, e assim se conservou até ainda há bem pouco tempo.

O seu proprietário porém acaba de mandar cobri-la com telha, sem alterar a sua forma primitiva, e interiormente reparti-la em aposentos para inquilinos.

A sua modesta porta principal, em estilo ogival, serve de entrada para a nova habitação e o lugar do altar serve de cozinha onde os seus moradores aquecem as magras berças! É lamentável, mas adiante.

Tem esta freguesia dois Nichos ou Alminhas.

As *Alminhas do Giestal*, uma Cruz de pedra com a imagem pintada de Cristo crucificado e na base daquela o painel das almas, estão debaixo de um alpendre de três colunas, duas à frente e uma atrás.

Não têm inscrição nem data mas devem ser muito antigas.

Corre na tradição — em livros e documentos nunca vi — que neste sítio existiu a primitiva Igreja Paroquial.

As Alminhas da Cancela do Painçal constam de uma pedra ao alto em que o painel das almas está dentro da cavidade feita na mesma, resguardado por uma grade de ferro, como vulgarmente são representadas.

Neste Nicho via-se há anos uma curiosa inscrição, cuja história vamos relatar.

Teresa Gomes Moreira, da Casa de Cepãos em Adães, foi universal herdeira de seu tio Manuel José Nunes de Carvalho e, querendo patentear a gratidão à memória daquele seu bemfeitor, mandou restaurar o Nicho, próximo das suas propriedades, recomendando ao pintor que ali escrevesse o seu nome e o de seu tio.

O artista que não tinha margem para uma grande inscrição resumiu-a da seguinte maneira: THEREZA. GOMES. MOREIRA. MANDOU. FAZER. E. PINTAR. MANUEL. JOSÉ. NUNES. 1837.

Este Nicho foi novamente restaurado há poucos anos e por baixo do painel tem:

«A sua bemfeitora D. Avelina Gomes Bertuluci».

A esta freguesia esteve unida a de S. Bento da Várzea, durante alguns anos.

S. Jorge de Airó, juntamente com a de S. Martinho, no século XVI tinha 37 moradores; no século XVII tinham estas duas freguesias e juntamente com a de S. Bento da Várzea, que estava anexa, 100 vizinhos; no século XVIII as duas primeiras freguesias tinham 62 fogos; no século XIX tinha 363 habitantes e pelo último censo da população tem 412 habitantes, sendo 178 varões e 234 fêmeas, sabendo ler apenas 53 homens e 5 mulheres.

Não tem Escola Oficial; teve há anos uma particular, com o nome de Colégio, dirigida por religiosas, a qual acabou em breve de inanição.

Privada de escolas não admira o número elevado de analfabetos que comporta.

Não tem indústria própria e o seu comércio está reduzido a uma pequena loja de mercearia.

A fama dos seus vinhos é já muito antiga.

Vilas-boas Sampaio, na sua «Nobliarchia Portugueza», diz que aqui se produz o melhor vinho de *enforcado* que deste género há.

Ainda hoje o povo costuma dizer: «vinho de Airó bebe-o tu só», tal é a sua excelência!

Há ainda um outro ditado que se refere a esta freguesia: «desde o Outeiro do Crasto até à ponte de Lulão (limites de S. Jorge e Adães) cem mil pipas de ouro estão», reminiscências talvez do Monte Aureo ou dos tesouros escondidos e mouras encantadas em que o nosso povo das aldeias tão piamente acredita!

No monte do Crasto e em outros cabeços do monte de Airó encontram-se ainda vestígios de construções tais como tijolos, pedras lavradas, etc.

Pelo norte confronta esta freguesia com a de Adães, pelo nascente com as de Encourados e Santo Estêvão de Bastuço, pelo sul com as de Moure e Crujães, e pelo poente com a da Várzea.

É atravessada na sua extremidade norte pelo Ribeiro da Gandra que nasce nas Poças das Carvalheiras nesta freguesia e vai lançar-se no Rio Covo, em S. Bento da Várzea.

As suas fontes públicas são: a histórica fonte das Virtudes, dentro da Quinta do Paço de Airó, hoje vedada ao público, as de Sorrondão, Souto do Paço, Recanto, Mourissé, Quingosta, Barroco, Sarrazina, Airó e Fagila.

Os seus lugares habitados são: Salgueirinhos, Gandra, Nogueira, Lourêdo, Assento, Painçal, Gestal, Monte, Monte do Poço, Paço, Valdemil e Telhêhe.

→ As suas casas mais importantes são: a do Paço de Airó, a da Nogueira, as dos Ramos da Igreja e de Airó, a do Cruzeiro, a de Valdemil, a da Formiga e a de S. Martinho.

Nesta última quinta existe um marco com as letras — VILLAR.

Os frades de Vilar tinham aqui a quinta de S. Martinho na qual colhiam muitos carros de pão. Eram com certeza estas terras e outras delas desmembradas que constituíam uma boa fonte de receita para os « Bons Homens de Vilar.

Junto à Casa do Paço existiu uma torre que o P.^e Carvalho teve ainda a felicidade de ver, quando por aqui passou, bem como à entrada do portal da quinta um enorme cedro que lhe causou grande admiração.

Em um morro do Monte de Airó, sobranceiro a esta freguesia, existem uns penhascos, conhecidos pelo nome de *Castelos*, onde dizem se erguia o Castelo de Penafiel de Bastião, sede do julgado de Penafiel. *

Que fosse situado aqui este castelo é caso para discutir.

Não há ali vestígios de qualquer construção; aparecem esses sim no platô do monte, lá no alto em Bastuço. Das pessoas mais ilustres, cuja memória anda ligada a esta freguesia, destacaremos as seguintes:

Gonçalo Gil de Eiró, senhor do Paço de Airó, onde viveu segundo a tradição e a quem o Conde D. Pedro diz que mataram na Coruña.

Foi morto aliás na Corma, que não sei onde é, mas o P.^e Carvalho diz ser a serra da Corveã.

Diogo Fernando de Vilas Boas, senhor do solar de Airó e do Reguengo de Vilas Boas, (Trás-os-Montes) que viveu no tempo de D. Pedro I.

Querendo este rei castigá-lo pelos muitos vexames que ele fazia aos moradores das suas terras, para fugir ao castigo, ausentou-se do reino.

O rei tirou-lhe então os bens da coroa e deu-os aos Abreus de Regalados. Foi assim que o Reguengo de Vilas Boas passou para a posse daquela família.

Diogo Fernandes de Vilas Boas, em Castela combateu nas fronteiras de Granada contra os mouros. Ali conquistou um Castelo e pôs no alto das suas torres uma palma benzida no Domingo de Ramos.

Em comemoração deste facto, o rei deu-lhe brasão ou ele o tomou, segundo outros escritores.

Morto D. Pedro I, voltou ao reino e foi viver para o seu solar de Airó.

Gonçalo Anes de Vilas Boas, senhor do solar de Airó, foi armado cavaleiro antes da batalha de Aljubarrota. Nas cortes de Coimbra aclamou rei a D. João I e jaz na Igreja do Convento de Vilar de Frades.

Isabel Anes de Vilas Boas, senhora do solar de Airó, instituiu o vínculo daquela casa em 1529 e mandou fazer a capela da Igreja do Convento de Vilar de Frades, onde estava o jazigo de sua família.

António Dias de Vilas Boas, foi o 1.º Morgado de Airó, Juiz dos Órfãos em Barcelos e Caudel Mor, não tendo comenda, como teve seu pai, por não servir a el-rei.

Dr. António de Vilas Boas Sampaio, Morgado de Airó, Juiz de Vila do Conde e Viseu, Corregedor de Moncorvo, Provedor de Coimbra e Desembargador da Relação do Porto.

Foi um escritor notável e poeta apreciado no seu tempo. Escreveu a «Nobiliarchia Portugueza», «Auto da Lavradeira de Airó», «Saudades do Tejo e de Lisboa» etc.

Nasceu em Fareja (Guimarães), faleceu em Barcelos e jaz na sua capela do Paço de Airó, que mandou fazer.

José de Magalhães e Meneses, foi Senhor do Morgado de Airó, faleceu na Foz do Douro e foi sepultado na capela do solar de Airó.

Na tampa da sua sepultura lê-se a seguinte inscrição:
O. HONRADO. JOSE. DE MAGALHAES. E MENESSES. FALECEU. A 14 DE SETEMBRO. DE 1870. ORAE. POR. ELLE.

João Lopes Velho, homem de carácter íntegro e respeitado nesta freguesia, como diz em um manuscrito de Linhagens o seu contemporâneo P.^e João Barbosa Pereira em 1783.

João José da Fonseca Moreira, o conhecido «Poeta de Airó».

Viveu por 1826. Lavrador, interrompia o trabalho agrícola para dar largas às suas inspirações poéticas.

Correm avulsas algumas das suas poesias manuscritas.

António Nunes Barbosa, fundou o chamado «Colégio», escola de primeiras letras entregue a religiosas nos fins do século XIX e que tão breve teve fim. Conseguiu porém este homem realizar o que os nossos governos nunca fizeram: a criação e manutenção durante algum tempo, nesta freguesia, de uma escola de primeiras letras.

Ao referir-me à Igreja Matriz desta freguesia não relatei uma raridade que nela se encontra:

É a imagem do seu padroeiro ser representada a pé.

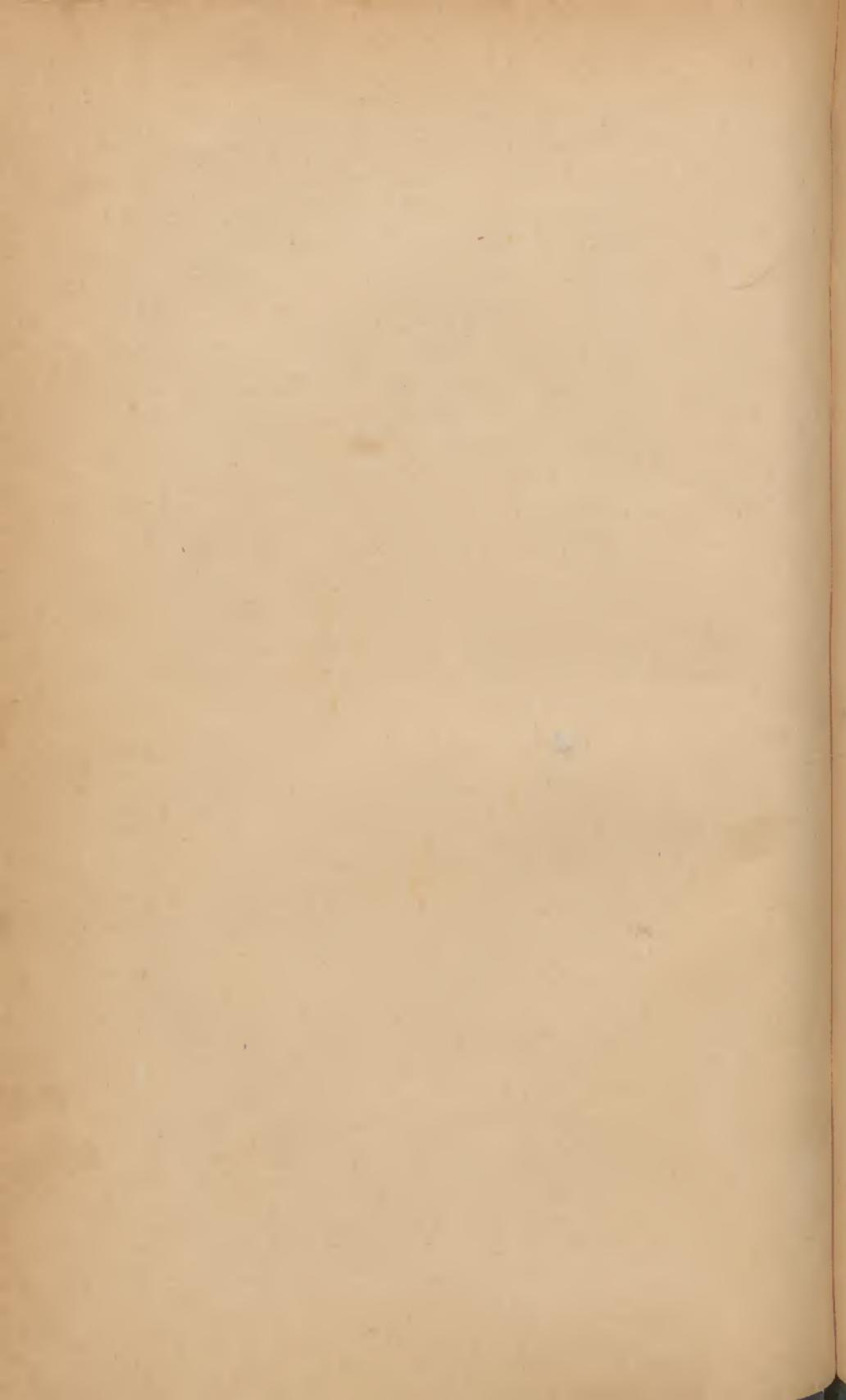
Para explicar a razão deste facto vou transcrever do apreciado livrinho «Cavalgada», do saudoso Padre João Pereira Gomes Rosa, o que a seu respeito ali é dito:

«Está a pé, porque assim o mandaram fazer os fregueses; pois contavam os velhos que um visitador embriagado com a imagem antiga, a fizera retirar do camarim com receio que se oferecesse incenso ao burro quando se ductasse o Sacramento; e que para os livrar do perigo da idolatria, os deixara sem padroeiro, levando a

esta e ao burro para Vilar onde os colocara na capela lateral do lado esquerdo, ao entrar na Igreja do convento; mas creio que já não existe lá; parece-me ter ouvido dizer que o venderam com o burro não sei para onde».

Camilo Castelo Branco, nas «Noites de Insomnia», refere-se também a uma sábia resolução do Senado de Vila Real que ordenou a substituição do cavalo de S. Jorge pelos quatro pegadores do andor, onde mandou colocar este santo guerreiro nas procissões de Corpus-Cristi.

Não se sabe explicar a razão do ódio que os Visitadores e os Senadores dos tempos de antanho votavam à montada deste oficial superior do nosso exército e padroeiro desta freguesia!



S. Lourenço de Alvelos

ALVELOs, orago S. Lourenço, dizem que tomara este nome do solar dos Alvelos que aqui existiu, família nobilíssima da qual procedem as maiores casas de Espanha e muitos varões ilustres de Portugal.

É apelido actualmente pouco usado, por os seus descendentes deixarem este para tomarem outros.

Diz o conde D. Pedro que os Alvelos fizeram honrados casamentos, aliando-se com as principais famílias de Portugal.

E assim foi: Rodrigo Alvelos casou com D. Mafalda Alonso, bisneta do conde D. Mendo Sousão, da grande casa dos *Sousas*; Martim Anes Alvelos, pai de D. Vasco Martins Alvelos, que foi bispo da Guarda em 1302, casou com D. Elvira Mendes, filha de Mem Gonçalves da Fonseca, tronco dos *Fonsecas*; Gonçalo Mendes Alvelos casou com D. Maria Gil, filha de Gil Fagundes, tronco dos *Fagundes*, e neta materna de Vasco Martins Sorrão, chefe dos *Mouras* e como estes muitos casamentos e alianças se deram com outras famílias.

Ora estas ligações de famílias efectuaram-se já há muitos séculos e é ver o leitor o sangue de Alvelos que vai por aí fora, por quase todos os velhos solares de Portugal.

Homens deste apelido obraram acções de valor, principalmente na Ásia, em serviço do rei.

Gonçalo Pires Alvelos serviu, no vice-reinado de D. Constantino de Bragança, nas guerras de Malabar; Sebastião Gonçalves Alvelos foi um dos capitães que com galhardia defendeu Bracalôr e que em 1595 comandou uma das naus que do reino partiu para a Índia.

A Fernando Álvares Alvelos, escudeiro armado por Lopo Dias de Azevedo, deu D. João I as terras de Riães, Chaves, pelos seus serviços, e a João Rodrigues Alvelos mandou D. João III inscrever no catálogo dos Fidalgos da sua Casa.

Os Alvelos procedem por varonia dos reis de Leão, por Pedro Anes Alvelos, que foi filho de João Martins Salça e este de Martim Moniz, o que morreu corajosamente atravessado em uma porta do castelo de Lisboa, quando da tomada daquela cidade aos mouros por D. Afonso Henriques.

Outros é certo dizerem que o sobredito João Martins Salça, irmão de Pedro Martins da Torre, era filho de Martim Moniz, neto de Moninho Osores e bisneto do Conde D. Osório de Cabreira.

Isto ainda não está bem averiguado visto as falhas que há no Registo Civil daquela época.

O poeta, porém, diz :

« De Baguim Martins Soares
A Martim Martins gerou,
Alvelos que se chamou
Esforçado como Páris
D'onde Alvelos ficou ».

E contentemo-nos com isto!

Alvelos vem de *Albellus*, nome gótico.

Existiu nesta freguesia um convento de freiras beneditinas, muito antigo, que o Arcebispo de Braga suprimiu

em 1480, passando as rendas para a Mitra por Bula do Papa Xisto IV.

Não custa a acreditar que esta freguesia, e talvez outras, pertencesse ao Couto deste convento, pois geralmente as terras anexas aos mosteiros beneditinos eram privilegiadas, e que mais tarde, depois da sua extinção, passassem para o de Vilar de Frades (1).

E assim a apresentação dos seus Abades, que primitivamente devia ser daquele convento, extinto ele, passou com todas as rendas para a Mitra de Braga, ficando o Arcebispo a ser o seu Padroeiro até 1834.

A antiga Igreja Matriz existiu fora do Adro da actual, um pouco ao poente desta, do lado sul da Residência Paroquial, restos esta do edificio do seu velho mosteiro.

Esta Igreja, antigo templo conventual, arruinada, insalubre e insufficiente à população, foi arrasada em 1870 e logo edificada a actual, alta, espaçosa e airosa, encostada a sua fachada a uma desempenada torre para os seus sinos e relógio.

Em frente estende-se um amplo terreiro que vem até à Estrada, no fim do qual, do outro lado da mesma, ergue-se a pequenina *Capela de Nossa Senhora das Dores*, com seu alpendre, sede da Confraria do mesmo nome.

Esta confraria foi fundada em 1756, com estatuto aprovado em 1831.

Ao nascente desta capela, ao cimo de um alto escadório, está o Cemitério Paroquial, cujo portão ostenta a data de 1893.

Ao sul, do mesmo lado da Estrada, vê-se a *Capela de Santa Cruz*, levantada com esmolas no ano de 1840.

(1) Pinho Leal no seu «Dicionário» vol. I, v. «Alvelos» diz que esta freguesia pertenceu ao Couto de Vilar de Frades.

É um bem aconchegado templozinho com seu torreão a faciar a fachada.

Ao poente da Igreja Matriz, do outro lado do rio, existe a pequenina e velha *Capelinha do Socorro*, pertencente ao Snr. António Vasconcelos Bandeira de Lemos.

Além daquela confraria das Dores há mais a Confraria do Sacramento, que funciona na Igreja Paroquial, com estatuto aprovado em 1734.

É servida esta freguesia pela Estrada Municipal n.º 5, que de Barcelos vai às Fontainhas e por outra municipal que partindo daquela no lugar do Areal, da freguesia de Barcelinhos, passa pelos lugares do Souto das Freiras, Barbeira e Pinheiro, vai por Remelhe às Carvalhas e Chorrente e daí com ramificações para outras estradas.

— É atravessada pelo Rio dos Ameais, a que chamam aqui Rio de Moinhos.

As suas Fontes Públicas são: a da Devesa, a da Igreja, a de Lamações, a do Pinheiro, a da Presa e a de Rio de Moinhos.

— Situada em vale fértil, confronta ao norte com Barcelinhos e Carvalhal, ao poente e sul com Pereira e ao nascente com Remelhe e Gamil.

Vem esta freguesia nas Inquirições de D. Afonso II e nelas se vê que Várzea tinha VI casais e testamentos, os quais estavam isentos de fóros e dádivas, o que não sucedia aos outros que pagavam voz e calunía e fosseadeira.

No censo da população de 1527 vem esta freguesia no «Jullguado de Farya» com 49 moradores; no século xvii tinha 90 vizinhos; no século xviii tinha 95 fogos; no século xix tinha 539 habitantes e pelo último censo da população tem 748 habitantes, sendo 333 do sexo masculino e 415 do sexo feminino, sabendo ler 131 varões e 54 mulheres.

Esta população agrupa-se nos seguintes lugares habitados: Quintã de Alvelos, Carreira, Pinheiro, Paço, Presa, Igreja, Devesa, Giestas, Rio de Moinhos, Agra, Lavadouros, Barbeira, Souto das Freiras, Outeiro, Senhor do Galo, Socorro, Santa Cruz, Trancão, Lameiros, Sanguinhal, Preto e Rabadela.

As suas casas mais importantes são: a do Paço, a do Visconde de Azevedo Ferreira, a do Mandre, a do Gonçalves, a de Barbeira, a de Lamações, a do Carvalho, a do Grande, a dos Leitões em Rio de Moinhos, a do Miguel Gomes no lugar do Preto, a do Socorro em cujo portal tem a data 1745, e a da Rabadela. ←

A esta última casa andava unida a Capela do Socorro. Esta Capela é muito antiga, ignorando a data da sua fundação já porém aparece mencionada em documentos nos fins do século xvii.

Era sepultura privativa dos antepassados da família a quem actualmente pertence.

Dizem que junto à Casa do Paço existiu uma torre de paredes denegridas com portas e janelas ogivais e que foi demolida no século xvii.

Tem duas Escolas, uma para cada sexo, criadas por iniciativa do grande benemérito Visconde de Azevedo Ferreira, as quais foram inauguradas em 21 de Junho de 1891 e o edifício para as mesmas, mandado fazer por aquele bemfeitor, foi entregue à Câmara Municipal em 1907.

Tem caixa do correio.

A sua indústria compreende vários moinhos de farinha, engenhos de cerrar madeira e a indústria típica de fazer jugos para bois e rodelos para carros de lavoura.

O seu comércio é constituído por três lojas de mercearia.

Das pessoas mais importantes, cujos nomes andam ligados a esta freguesia, destacaremos as seguintes:

D. Sancha Pires, filha de Pedro Garcia Galego, freira no convento de Alvelos, e uma filha de Mem Rodrigues de Quiroga e de D. Sancha Pais, que foi abadessa no mesmo convento.

Além de serem uma freira e outra abadessa, não sei das mais qualidades e virtudes destas nobilíssimas donas, que deviam ser muitas, visto a referência que aos seus nomes fazem antigos e autorizados escritores.

Antão Gonçalves Pereira, filho do Mariscal de Portugal no tempo de D. João I e senhor da Terra de Santa Maria de Feira Álvaro Pereira, foi capitão-mór do Descobrimento da Guiné e, depois de ordenado de clérigo, Abade das freguesias de Alvelos, Midões, Gual, Carvalhas e Santa Ovaia de Rio Côvo, a quem me refiro quando trato desta última freguesia. Um pequeno bispado em rendimentos, enxertado no Arcebispado de Braga!

Clemente Gomes de Lemos, casou com Isabel Ribeiro de Sá, ascendentes dos Viscondes de Leiria e da família Vilas Boas de Barcelos, enviuvando, ordenou-se e foi Abade de Alvelos.

João Lourenço da Costa, «O Olhão», filho de Filipe Fernandes e de Isabel Gonçalves, tronco dos Costas de Barcelos, foi senhor da Casa do Paço desta freguesia nos princípios do século xvi.

Seus descendentes, julgando-se com direito ao Morgado de S. Francisco, Barcelos, intentaram acção que perderam.

Sebastião de Sá, Mestre Escola da Colegiada de Barcelos, foi Abade de Alvelos por 1508, bem como da de Fornelos.

Dr. Diogo Pais, da Casa de Santo António de Vessadas em Barcelinhos, foi Abade de Alvelos no século xvi

é seu meio irmão Manuel Pais de Faria foi, antes ou depois dele, igualmente abade desta freguesia.

João Pais de Sampaio, da família Vilas-boas Sampaio, foi Abade desta freguesia em meados do século xvii.

O Licenciado António Pinheiro, paroquiou em 1790.

João de Melo e Sá, tio de José da Cunha Sotomaior, senhor da Casa de Pereiró em S. Paio do Carvalhal, foi Abade de Alvelos até 1832.

Joaquim de Araújo Albuquerque, foi Abade desta freguesia. Às suas boas qualidades, se as tinha, juntava algumas más, como se vê de um folheto publicado em Braga em 1834 com o título «Procissão do Corpo Eclesiástico de Braga», o qual a certa altura diz:—Atrás deste virá o gigante Abade de Alvelos, murmurando e declarando contra todos os da procissão e levará o letreiro — O detrator é a abominação dos homens.

Custódio José Gomes de Vilas-boas, que passa por ser natural desta freguesia ou pelo menos de família oriunda daqui, nasceu em 1741 e faleceu em Valença (1) em 1808.

Foi Lente de Matemática na Academia Real de Marinha, governador da Praça de Valença, Brigadeiro de Artilharia e Engenheiro encarregado das obras do encanamento do Cávado.

Escreveu vários livros e traduziu outros e foi senhor da Casa do Rego, Esposende, e da do Brigadeiro, na rua José Falcão em Barcelinhos.

António Augusto Dias de Azevedo Ferreira, Visconde de Azevedo Ferreira, natural desta freguesia, partiu bem novo para o Brasil, onde adquiriu fartos haveres.

(1) O «Dicionário Portugal» dá-o morto em Valença. O Sargento M. de Vilar e os Guerrilheiros do Norte dão-o trucidado em Braga pela populaça; um dos companheiros na morte do General Bernardino Freire de Andrade.

Voltando à pátria foi fixar residência em Paris.

Dado às belas artes fez da sua casa um boulevard Haussemann, um verdadeiro museu.

Foi um grande bemfeitor das casas de caridade da sua pátria e da freguesia que lhe serviu de berço.

P.^e Cândido Manuel Boaventura Rodrigues, Abade desta freguesia em 1897, vereador da Câmara Municipal de Barcelos, depois Abade de Riba de Mouro, Monção, e Presidente da Câmara Municipal daquele concelho.

Havia nesta freguesia uma família popularmente conhecida pela alcunha de «Duque».

Na ocasião da visita de Sua Majestade D. Maria II ao norte do País quando passava na antiga estrada real de Famalicão a Barcelos por esta freguesia abeirou-se do coche um seu camarista para lhe anunciar que «O Duque de Alvelos pedia para vir à sua real presença para lhe implorar uma mercê».

— A soberana, admirada de ouvir pronunciar o nome de um titular, cujo alvará não se lembrava ter assinado, voltou-se para o Duque de Saldanha, que cavalgava à estribeira, e com ar sorridente disse: «Não sabia, meu caro Duque, que tinha um colega nestas terras!»

Apresentado o homenzinho à rainha, verificou-se que o alvará da criação daquele título não existia na Torre do Tombo e a mercê que ele pedia era . . . uma esmola.

NOTA — O relógio foi colocado na torre já na parquialidade do actual Abade Snr. P.^e Augusto de Miranda, em 1914.

S. João de Areias de Vilar

AREIAS de Vilar, orago S. João Baptista, é actualmente formada por três freguesias: S. João Baptista de Areias de Vilar, Santa Maria Madalena de Areias de Vilar e S. Salvador de Vilar de Frades.

Vilar quer dizer parte da *vila*, quinta ou granja em que ela se desmembrou, povoado, aldeia (1).

O nome de *Areias* vem a esta freguesia e às circunvizinhas suas homónimas do *areal* que há junto ao rio Cávado.

A freguesia de S. João de Areias é muito antiga; aparece já nas Inquirições de 1220 com designação:

— « De Sancto Johanne de Arenis, nas Terras de Penafiel de Bastuzo ».

Estas Inquirições dizem que « o rei tem aqui *quebradas* » (2) e dão o têrço do pão e do linho. E isto deu o rei D. Sancho a D. Pedro Salvadores por carta (3).

Esta freguesia passou a ser um curato da apresentação do Reitor do Convento de Vilar de Frades desde 1439, ano em que o Arcebispo D. Fernando da Guerra a uniu

(1) Padre António G. Pereira, Trad. Pop. pág. 315.

(2) Elucidário de Viterbo, vol. II, pág. 171 v, *Quebradas II* — Propriedade ou terra pequena, insignificante casal.

(3) Port. Mon. Hist. — Inquiritiones.

àquele convento, pela renúncia que dela fez o seu último abade Afonso Anes, quando se fez frade loio.

A sua pequena Igreja Paroquial ainda hoje existe e nela se exerce culto.

Está dentro de uma bouça particular, quase oculta pelos pinheiros, ao nascente da cerca do convento, e dela segue ao lado do caminho uma fila de cruzes até às almas do Padrão.

A freguesia da Madalena de Vilar é também antiga; não sei porém o motivo porque não vem naquelas Inquirições.

Existe uma linda cruz gótica de cobre dourado, de grande valor estimativo, que pertenceu à Madalena.

Era esta freguesia um curato da apresentação do convento; suprimida porém não sei quando (1), foi unida à de S. João de Areias.

A sua Igreja Paroquial, sita no lugar da Madalena, ainda está aberta ao público.

É pequena, aumentada porém com um grande alpendre ou cabido sustentado por quatro colunas de ferro.

Dentro da porta principal, do lado da epístola, vê-se a seguinte inscrição gravada em pedra: — «Obrigação q-
fizerão os moradores desta freguesia no ano de 1787 com
Manuel da Conceição de Vilar de Frades de lhe resarem
três orações em quanto o mundo durar quando fizerem
suas resas a primeira por lhe colocar a imagem de San-
to António a segunda pelo Cruzeiro e a 3.ª pelo ca-
bido em que...».

Ao lado da Igreja, na parede que veda o Adro, está um pequeno torreão, com um único sino, por cima do qual

(1) Em 1527 ainda tinha vida independente, como se vê no Censo da População daquele ano.

tem a data de 1852, e em frente, ao fundo de um estreito terreiro, estava o Cruzeiro Paroquial do qual hoje apenas existe a base.

S. Salvador de Vilar de Frades ficava no centro destas duas freguesias, a de S. João a leste e a da Madalena a oeste, e compreendia o convento, a cerca e pouco mais.

Aparece nas Inquirições de 1220 com a designação: — «De Vilar de Frades de Couto de Varzêa», nas Terras de Faria.

O Reitor do Convento era o abade desta freguesia e sua matriz a Igreja do mesmo.

Quando em 1834 foram suprimidos os conventos em Portugal, extinto este, foi também extinta a freguesia de S. Salvador e anexada à de S. João de Areias de Vilar.

Nessa mesma ocasião, por a Igreja de S. João ser muito pequena, foi transferida a matriz destas três freguesias, que constituem a actual, para a Igreja do convento e dada uma parte deste, o antigo noviciado, para Residência Paroquial.

O convento de Vilar de Frades é um dos mais antigos da província.

Foi fundação de S. Martinho, bispo de Dume, segundo a Regra de S. Bento, pelos anos de 566 da era cristã.

Destruido completamente na ocasião da invasão dos árabes, foi restaurado em 1070 por D. Godinho Viegas, bisneto de D. Arnaldo de Bayão, e anos depois, em 1104, ampliado por uma sua parente D. Gotinha.

D. Sancho I, a pedido de D. Pedro Salvadores, representante do primeiro restaurador, deu-lhe privilégio de couto.

Nos princípios do século XIV D. Beringeira Ayres, sendo Herdeira e Padroeira de vários conventos, entre os

quais o de Vilar de Frades, doou em 12 de Agosto de 1302 o padroado e jurisdição que tinha sobre este a D. Geraldo, bispo do Porto.

Das épocas florescentes do mosteiro beneditino nada mais nos consta.

Sabemos apenas que foi gradualmente caindo em decadência até que em 1400 já estava despovoado de monges, tendo passado por isso a abadia secular, sob o padroado do Arcebispo de Braga.

Em 1420 três doutores:—Mestre João Vicente, Lente de Medicina na Universidade de Lisboa e Físico de el-rei D. João I, Martinho Lourenço, Doutor em Teologia pela mesma Universidade e afamado Prêgador e D. Afonso Nogueira, Formado *in utroque jure* pela Universidade de Bolonha, reuniram-se com o seu comum amigo Lourenço Anes, Prior da freguesia de S. Jullão, no intuito de deixarem os cómodos da vida e irem missionar os povos das aldeias. Estabeleceram-se primeiramente na freguesia dos Olivais e aí iniciaram uma vida penitente e austera, vestindo hábito de pano grosseiro, até que, não se sabe o motivo, o Prior daquela freguesia os expulsou.

Seguindo para o norte, chegaram ao Porto, onde o bispo D. Vasco II os recebeu carinhosamente e os recolheu na Igreja de Campanhã.

Com a transferência porém deste bispo para a diocese de Évora, o cura de Campanhã também os expulsou da sua residência.

Mestre João, com seu companheiro João Rodrigues, marchou para Braga, e ali apresentou-se ao Arcebispo D. Fernando da Guerra, que os hospedou no próprio Paço e prometeu que lhes daria a primeira Igreja que vagasse.

Vagou Vilar de Frades e o arcebispo, cumprindo a sua palavra, deu-lhes esta freguesia e colou nela Mestre João Vicente no ano de 1425.

A Igreja e Residência, antigo mosteiro beneditino, estavam em ruínas, mas Mestre João o novo abade em breve tudo reconstruiu.

Em seguida, deixando em Vilar João Rodrigues, foi a Lisboa e, reunindo todos os seus antigos companheiros, trouxe-os para aqui.

Deu-lhes Estatuto, vestindo hábito de burel.

Em 1429 Mestre João Vicente e Martinho Lourenço acompanharam a Princesa D. Isabel à Borgonha, quando do seu casamento com o Duque Filipe «O Bom», e dali seguiram para Roma onde foram muito bem recebidos pelo Papa, conseguindo dele a aprovação do seu pio instituto em 20 de Janeiro de 1431.

O Papa deu-lhes o hábito azul e a Regra da Congregação de S. Jorge d'Alga com o título de «Cónegos Seculares de S. Salvador de Vilar de Frades», e desmembrou o convento dos bens do Arcebispo.

Estes padres foram conhecidos por vários nomes: «Bons Homens de Vilar — Congregados de S. Salvador — Cónegos Seculares de S. Salvador — Cónegos Seculares de S. João Evangelista e Lóios».

— Uma das grandes vantagens da congregação era o *egresso* e o *regresso*: deixavam a vida monástica quando e quantas vezes lhes convinha, podendo voltar novamente a ela.

Permanecem neste convento até à extinção das ordens religiosas em 1834.

Foi o primeiro que os lóios tiveram em Portugal e cabeça de toda a ordem até à sua transferência para Xabregas em Lisboa no tempo de D. Afonso V.

Tão notável se tornou que foi sede de um Couto e o seu Reitor era Padroeiro de quinze freguesias a saber: Santa Maria Madalena de Areias de Vilar, S. João de Areias de Vilar, S. Bento da Várzea, Encourados, Moure,

Pedra Furada, S. Jorge de Airó, Góios, Manhente, S. Vicente de Areias, Roriz, Gemezes, Mariz e Rio Tinto (1).

Alguns escritores porém lhe dão a apresentação em dezanove ou vinte freguesias (2).

O Reitor era ainda Examinador Sinodal do Arcebispado de Braga, Senhor e Capitão-Mor, Caudel-Mor e Alcaide-Mor dos Coutos de Manhente e S. João de Areias, para onde mandava Juizes, nomeava officiaes e conhecia das causas civeis, logrando outras jurisdições.

À modesta restauração da Igreja e Convento de D. Godinho Viegas succederam-se, com a melhora das condições económicas e necessidades do culto, várias e successivas reconstruções, e ampliações algumas das quais não se pode precisar bem as datas em que foram feitas.

Uma dessas devia ser no século XII (3), da qual ainda resta o magnífico pórtico românico, se na verdade era daqui, encaixado mais tarde na parede da torre do lado sul.

À reconstrução dos loios de 1425 succede a ampliação e reconstrução manuelina, patrocinada pelo arcebispo de Braga D. Diogo de Sousa, entre os anos de 1505 a 1532. O que o templo tem de belo e suggestivo deve-se a esta obra!

Sofre nos séculos posteriores vários restauros e reformas, verdadeiros atentados ao seu estilo e arte predominante, chegando ainda assim até nós revestido de uma beleza e magnificência empolgante.

(1) Céu Aberto na Terra, pág. 399 e seguintes.

(2) Arnaldo da Gama — O Sargento-Mor de Vilar — Nota I — pág. 424.

(3) Padre Aguiar Barreiros — A Igreja de Vilar de Frades — pág. 9.

Foi considerado monumento nacional e pena é que quem tem obrigação não lance um olhar misericordioso para ele, ordenando pelo menos as obras necessárias à sua conservação, sem as quais dentro em breve será um montão de ruínas!

A fachada era ladeada por duas torres ameiadas, onde estavam o relógio e o despertador (1), subsistindo apenas a do norte.

A outra, a do sul, por qualquer motivo foi demolida e no mesmo lugar começada a sua reconstrução, ficando porém incompleta por ainda andar em obras na ocasião da expulsão dos frades.

Dá ingresso ao templo um belo pórtico manuelino, ao fundo de um átrio abobadado que vem facear com as duas torres.

A Igreja é de uma só nave, em forma de cruz latina, e toda em abóbada manuelina.

Tem seis capelas laterais, a primeira das quais, à entrada da porta principal, do lado da epístola, era da família Magalhães Vilas Boas, de Barcelos, e na sepultura ao centro, no chão, tem a seguinte inscrição: = «S.^a DE. DIOGO. DE. VILAS. BOAS. CAMINHA. E. SEVS. SVCESSO-RES. DESTE. MORGADO — 1645.

As outras o que têm de mais notável, além da talha dos seus altares, é o revestimento das paredes em azulejos com figuras e imagens pintadas nos mesmos.

Na segunda tem nos azulejos do lado da epístola — «Nicolau de Freitas a pintou» — e do lado do evangelho — «Bartolomeu Antunes a fez em Lisboa anno de 1736».

Na terceira tem — «Bartolomeu Antunes a fez em Lisboa anno de 1742».

(1) Céu Aberto na Terra, pág. 377.

Em frente a estas há outras tantas capelas, algumas delas também com azulejos nas paredes, onde são representados os fundadores e outros padres distintos da Congregação com letreiros alusivos.

É a parte mais deteriorada do templo em que alguns altares estão quase a desabar.

A abóbada do corpo da Igreja, e muito mais a da Capela-Mor, está fendida e ameaça ruína.

Ao entrar a porta principal, em frente à primeira capela, do lado do evangelho, vê-se no pavimento uma sepultura rasa com a seguinte inscrição: = S.^a DE. MANUEL. LOPES. LOUREIRO DA. FREGUEZIA. DE. MOURE. PARA ELLE. E. SEUS. DESCENDENTES. — 1762.

Pertencia à Casa de Agrodel daquela freguesia.

No transepto havia várias, mas só em duas se podem ler inscrições incompletas.

Em uma vê-se ainda: AQVI. IAS. HO. CORPO. DO. BISPO FALECEV. EM. BRAGA. AOS 6. DE 7B.^o DE. 1596.

Era a de D. Francisco de St.^a Maria, Frade loio, Bispo de Fez e coadjutor do Arcebispo de Braga.

Em outra lê-se:—S.^a DE. DONA. CHRISTINA. DA. GAMA. PRADO. MULHER. QUE. FOI. DE. BELCHIOR. RISCADO. DE. RO

Segundo se lê na Crónica da Congregação de S. João Evangelista repousavam nesta Igreja em 1697, pessoas de primeira nobreza.

Assim D. Godinho Viegas e sua mulher D. Maria Soares, D. Pedro Salvadores e sua mulher D. Sancha Martins, Nuno Aranha, Alcaide-Mor de Pombal, D. Teresa de Mendonça e seus descendentes, D. Leonor de Lemos e seu sobrinho Fernão Pereira, Senhor de Angeja, Diogo Lopes Homem, Comendador de S. Romão, Gas

par Pereira e sua mulher D. Ângela de Sá, Diogo Correia, da Casa de Fralães (1) e muitos outros.

Nela também tinham sido enterrados Joane « o Pobre » e o Abade Santo, aquele frade beneditino a quem se refere a lenda « O frade e o passarinho ».

No lugar competente ainda se encontra a antiga pia baptismal em estilo gótico.

A Sacristia, ampla e bem iluminada por rasgadas janelas, contém ainda objectos de valor, como são os seus grandes gavetões, quatro telas dos evangelistas, mesa e lavatório de mármore, etc.

Havia muita prata e alfaias para o esplendor do culto, mas tudo *desapareceu* na ocasião da extinção do convento.

Este, um velho casarão, foi completamente abrasado por um incêndio na noite de 19 de Agosto de 1898, excepto a Igreja, a Residência Paroquial e o Celeiro, este por ser de abóbada.

Reconstruído em seguida o edificio tal como era exteriormente, menos o lado sul que ficou em andar baixo, parte está servindo de habitação dos seus proprietários e parte de laboração e arrecadação da sua importante casa agrícola.

(1) « Debaixo da torre velha, fiferão os Senhores de Farellães (descendentes do novo Josué da Ley da Graça, o infigne D. Payo Peres Correia) sua cappella com porta para o claustro: nella estão sepultados Gonçalo Correia, & fua mulher D. Margarida de Prado, & fua cunhada D. Maria de Prado: Diogo Correa, & fua mulher D. Ifabel, & seu irmão D. Nuno Alvarez Pereyra, & outros muitos fidalgos daquella casa ».

Céu Aberto na Terra — P.º Francisco de Santa Maria, pág. 379.

Esta capela já não existe; talvez desaparecesse quando da demolição da torre.

Digno de ser visitado ainda hoje é o seu escadório da entrada nobre, com porta para o adro da Igreja.

Possuía este convento uma notável livraria, instalada em um salão tão amplo que servia de aula e às vezes de sala de Capítulo.

Os seus livros, os que escaparam aos roubos e depredações que se seguiram à extinção dos conventos, foram distribuídos por várias terras, vindo alguns para a Câmara Municipal de Barcelos, onde foram amontoados em uma loja escura e húmida até 1886, ano em que, com os que resistiram à traça e à podridão, se organizou uma pequena biblioteca.

O relógio também veio para Barcelos e foi colocado na torre da Câmara Municipal.

No terreiro interior, a que dá acesso a portaria do Convento, há ainda um lindo chafariz, dos princípios do século xvii, de uma coluna, encimado por uma coroa real sustentada pelas cabeças de quatro águias. A água cai por quatro bicas em um bem trabalhado tanque.

No largo de trás do edifício, no sítio onde foi o antigo refeitório, vê-se um outro chafariz de duas taças e quatro bicas cada uma, rematado pela figura de um homem vestido à moda da época e em um escudo ao lado a data 1732.

Este chafariz veio para aqui do claustro junto à Igreja.

Em escavações feitas em uma devesa que cobre um outeiro ao sul do convento, encontraram-se últimamente vestígios de várias construções; devem ser os restos das catorze capelas do calvário.

Disseminadas pela cerca existiam ainda outras das quais se destacavam a do Presépio e a do Passarinho. Esta foi construída no lugar onde se dizia que esteve *encantado* o tal frade beneditino a ouvir o *canto* da avezinha.

De todas estas as que ainda existiam foram mandadas arrasar pelo seu primeiro proprietário leigo.

A cerca deste convento constitui hoje uma das mais, senão a mais, importante quinta agrícola deste concelho.

São muito apreciados em toda a parte os afamados melões de Vilar de Frades aqui cultivados.

Nesta freguesia existem ainda as capelas que vamos mencionar.

Capela do Socorro. De reconstrução moderna ergue-se no cimo de um bem lançado escadório.

Na padieira da sua porta principal vê-se gravada a seguinte inscrição: — «Nossa Senhora do Socorro 1812» — e na porta travessa, esta: — «S. M. SVCORRE MISERIS».

Na frontaria corre um amplo alpendre de quatro colunas de ferro e a facear com aquella do lado direito ergue-se um torreão com dois sinos, tendo por cima do maior a seguinte inscrição: — «Oferecido por Manuel da Boa fortuna e sua esposa Ana d'Oliveira ano de 1900».

Em baixo, no terreiro que se estende desde o escadório até à estrada, está um cruzeiro sem inscrição e ao lado deste um marco das terras do convento que diz em uma das faces — «Vilar 1679».

Junto a esta capela efectua-se todos os anos no verão uma romaria e feira muito concorrida de gente da vizinhança.

A Capela da Madalena. Foi a antiga matriz da freguesia de Madalena e à qual já nos referimos.

Capela de S. João. Foi a matriz da freguesia de S. João de Areias e à qual também nos referimos.

A Capela de S. Sebastião. Está situada no lugar do seu nome, nos limites desta freguesia e da de Encourados. É antiga e nela já se não exerce o culto por estar quase em ruínas.

Existem os seguintes Nichos: o do *Socorro*, as bem conhecidas alminhas de Vilar, o do Padrão, com alpendre e bancos, datado de 1776, o do *Eirigo* e o de *Santo António*.

O Cemitério Paroquial tem no seu portão gravada a data de 1885.

Esta freguesia está situada em vale ameno na margem do rio Cávado e é terra fértil e abundante de águas.

As suas Fontes públicas são: a do Loureiro, a do Eirigo e a da Quintão.

É atravessada pelo ribeiro de Vilar que nasce na freguesia de Martim, que engrossado com as nascentes do monte de Airó vai lançar-se no Cávado.

Confronta do nascente com a da Pousa e a de Encourados, do sul com a de Adães, do poente com a de Santa Eugénia de Rio Covo e do norte com o rio Cávado.

É servida pela estrada Distrital de Esposende a Braga, que passa pela sua extremidade sul, e pela estrada que desta vai até ao Convento, mandada construir por D. Margarida Alves, 2.^a proprietária do mesmo, pelo sítio por onde passava a antiga calçada.

No cruzamento das duas estradas está uma lápide com os seguintes dizeres: — «Travesso do Barco de Vilar B. J. M. 1858».

Pelo censo da população de 1527 tinha a freguesia da Madalena 18 moradores, S. João de Areias 35 moradores e Vilar de Frades 97 moradores.

Quanto a esta última há confusão e engano que não percebo.

Assim aquele censo diz:

= «Titullo do jullgado de Penafiel — o mosteiro e freguesia de Vilar de Frades que tem dentro a freguesia de Midões 97 moradores.

O mesmo censo porém em outro lugar diz — «Jullgado de Farya — a freguesia de Mydões 18 moradores».

Fica-se pois sem saber ao certo quantos moradores tinha a freguesia de S. Salvador de Vilar de Frades naquela época. No século xvii a Corografia do P.^e Carvalho traz englobada a população das quatro freguesias que constituíam o Couto de Vilar: S. Salvador, S. João, Madalena e Encourados e atribui a todos 200 vizinhos.

No século xviii «O Portugal Sacro e Profano» não traz a freguesia de S. João de Areias e dá às duas freguesias, Madalena e S. Salvador, a população de 80 fogos.

No século xix S. João de Areias de Vilar, à qual já estão unidas as da Madalena e S. Salvador, tinha 654 habitantes e pelo último censo da população tem 667 habitantes, sendo 289 varões e 378 fêmeas, sabendo ler 137 homens e 77 mulheres.

Tem escola oficial que funciona em casa arrendada.

Houve aqui uma antiga Escola de primeiras letras que veio ainda até nossos dias.

Possuo cópias de alguns relatórios, feitos pelo respectivo professor, referentes aos anos de 1827 e posteriores.

Os seus lugares habitados são: Estrada, Bouça, Aldeia, Monte, Vilar, Quintão, S. Sebastião, Loureiro, Quintela, Souto, Outeiro, Socorro, Campos, Assento, Aveleiras, Barreira, Pedreira, Lages, Montinho, Casalopo, Burguete, Eirigo e Sabastopol.

As suas casas mais importantes são: a dos Cunhas, a da Aldeia, a da Madalena, a das Carvalheiras, a dos Rebelloes, a de Vilar (antigo convento), a de Casalopo, as do Montinho de Baixo e de Cima, a do Assento e a do Bexiga.

A sua indústria exerce-se com vários moinhos, engenhos de serrar madeira, um açude no Cávado onde também há moinhos e quatro engenhos de pesca.

No distrito desta freguesia, no rio Cávado, junto a outro açude, no sítio da Penida, está a Instalação Hidráulico-Eléctrica da Furada da Sociedade de Electricidade do Norte de Portugal, com sua sede no Porto.

Concessionária da iluminação pública e particular da cidade de Braga, cuja inauguração oficial foi em 1 de Julho de 1893, rescindiu há anos esse contrato, ficando a fornecer energia eléctrica à Estação Elevatória das águas do Cávado para aquela mesma cidade.

Sendo-lhe adjudicado em 1917 o fornecimento da iluminação pública e particular para a vila de Barcelos, foi inaugurado este grande melhoramento em 7 de Fevereiro de 1918.

Desde então vai estendendo a sua acção benéfica a esta antiga vila, hoje cidade, e ainda a algumas freguesias rurais, fornecendo energia eléctrica não só para a luz como para motores destinados à indústria.

O comércio nesta freguesia está reduzido a duas lojas ou mercearias.

— Tem duas caixas do correio.

Deixando na paz das velhas crónicas monásticas os inúmeros varões ilustres que em letras e santidade floresceram no antigo e histórico convento de Vilar de Frades, mencionaremos apenas algumas personagens cujos nomes andam ligados a esta freguesia.

D. Godinho Viegas, o restaurador em 1070 do mosteiro beneditino de Vilar de Frades, era filho de Egas Gozendes de Bayam, ascendente dos Azevedos.

Casou com D. Maria Soares, filha de D. Soeiro Guedes, *o que fundou o mosteiro da Várzea*; «casou com ella por fuiz o omezio, cá um irmão de D. Godinho Viegas matou a molher de D. Sueiro Mendes e era a madre desta com quem elle casara; e fege nela Pay Godino. E este D. Godinho Viegas leixou esta molher

e matou-o por ende D. Pay Guterres, *o que fez Tibães*; e este D. Pay Guterres cegou por ende. D. Truito Gózendes, que era primo com irmão de D. Godinho Viegas, o não quiz matar porque D. Pay Guterres era adeantado d'elrey, mas cegonho de ambos os olhos. E este D. Pay Guterres, pero era leigo, foi abbade em todo o tempo de sa vida de Tibães ».

Para temperar a minha ensossa e desenxabida prosa transcrevi do Livro de Linhagens—Port. Mons. Hist. pág. 168—o que a esse respeito aí se diz.

Fica desta maneira o leitor sabendo os factos mais importantes deste nosso herói e os dos outros fundadores de vários mosteiros circunvizinhos.

Heitor Gonçalves Pereira, cavaleiro da Casa de El-Rei, casado com Madalena Fernandes, filha de Álvaro Fernandes, natural de Vila do Conde, e irmã de D. Francisco de Santa Maria, frade Loyo e bispo de Fez, fundou em 28 de Junho de 1574 o vínculo da Madalena, na freguesia do mesmo nome.

Domingos de Vilas Boas Truão, tirou brasão em 23 de Agosto de 1769.

Baltasar José Martins, 1.º proprietário do convento de Vilar de Frades e bemfeitor da Misericórdia do Porto.

E ainda em nossos dias João Evangelista da Silva Matos, banqueiro naquela cidade, Narciso José da Silva Matos e Joaquim Domingos Ferreira Cardoso, proprietário, que mandou reconstruir o convento após o incêndio, etc.

Por estas abençoadas terras, nas margens do Cávado, correm lendas e contos fantásticos, como nas margens do Reno, acerca de personagens imaginárias e de factos que nunca se deram.

Prepassando alguns pela imaginação exaltada dos velhos cronistas monásticos, outros trazidos pela tradição oral de lugares e tempos afastados, são o assunto de poéticos

contos narrados durante os longos serões das noites de inverno nas nossas aldeias.

Desenjoativamente nos referiremos aqui a algumas dessas lendas.

Assim temos como passadas nesta freguesia as lendas de «o frade e o passarinho» ou «o Abade santo» e «a formação do areal de Gahide», que vão narradas em outro lugar (1).

O P.^e Francisco de Santa Maria, cronista da Congregação de S. João Evangelista, conta casos estupendos sucedidos no convento de Vilar de Frades. Respiguemos alguns.

Certo dia um noviço convidou os seus colegas para uma merenda no ante-côro da Igreja.

Aceitaram contentes a ocultas dos mestres.

Julgando porém que lhes seria servida uma refeição frugal, um simples passatempo, qual não foi o seu espanto quando lhes é apresentada uma opífera comezaina em que não faltavam os mais raros e exquisitos manjares.

Como mesmo entre os frades, traidores houve algumas vezes, chegou este facto ao conhecimento do Prelado que imediatamente mandou chamar o anfitrião para o castigar.

Não foi possível, porém, por mais que o procurassem, encontrá-lo.

Apurou-se por fim que o diabo, o autor de tal façanha, o tinha levado vivo para o inferno, talvez para lhe aproveitar as suas boas qualidades de cozinheiro.

O bom Reitor ficara desconsolado por não poder castigar o delinquente e talvez ainda mais por não ter provido . . . da merenda.

(1) Divagando — a publicar.

Outro caso estupendo foi o sucedido em 20 de Janeiro de 1616.

Desencadeou-se nessa noite uma furiosa tempestade que ficou memorável na história.

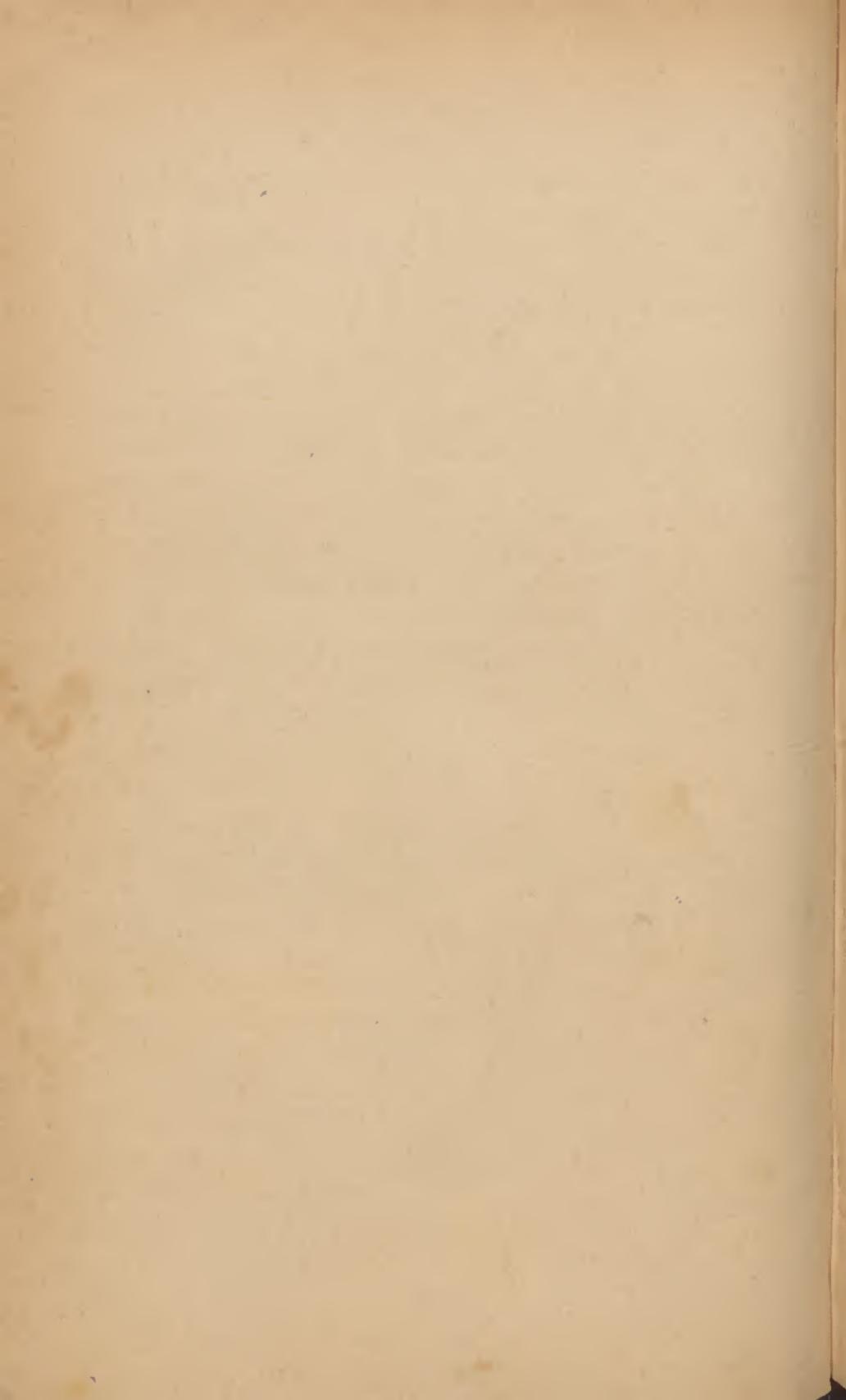
Estas terras foram duramente açoitadas nessa ocasião.

Os frades, espavoridos, acolheram-se à Capela-mor da sua Igreja. Quando o Reitor se dirigia para o coro, *ouvindo umas vozes*, parou e junto a ele caíu uma das ameias da torre que por um triz o não mata.

Era tal a fúria do vento que arrombou a porta principal da Igreja, fez cair os frades na capela-mor, *descompondo-lhes os hábitos e sobrepelises*, mas, caso raro; não apagou as velas, que seguravam acesas nas mãos!

No dia seguinte certa mulher que tinha o diabo incubo, porque *falava várias línguas, sabia e descobria cousas occultas*, segundo refere o cronista, começou a gritar que estava muito cansada, pois tinha trabalhado de noite na tormenta, empregando todos os esforços para destruir a Igreja de Vilar, o que não conseguira por causa do sino grande da torre que *era bento e consagrado ao Evangelista*.

E se não fosse essa circunstância o diabo teria com certeza arrasado este belo e artístico templo; o que ele porém, não conseguiu fazer então, está-o realizando a incúria dos nossos contemporâneos que é mais forte que o poder de todos os diabos.



Santo André de Barcelinhos

BARCELINHOS, diminutivo ⁽¹⁾ de Barcelos, antiquíssima povoação na margem esquerda do Rio Cávado, em frente à não menos antiga vila de Barcelos, não nos aparece nos princípios da nossa nacionalidade como freguesia; era um lugar, talvez pouco importante, da de Santo André de Mareces.

Assim, nas Inquirições de 1220, vem esta freguesia com a designação «De Sancto Andrea de Mareces», nas Terras de Faria.

Nessas Inquirições se diz que o rei tem aí alguns *reguengos* ⁽²⁾ e «*est ibi una Heremita* ⁽³⁾ *et sunt inde tres partes regis*».

Santo André de Mareces, depois Santo André de Barcelinhos, foi primitivamente abadia secular, passando mais tarde a vigararia da apresentação, primeira da Casa de Bragança e por fim do Prior da Colegiada de Barcelos.

A Igreja Paroquial era antigamente no lugar de Mareces, ao lado norte da Estrada Distrital n.º 30, que daqui

(1) Diminutivo que indica uma filiação histórica... etc. José Augusto Vieira, *Minho Pitoresco*, vol. II, pág. 145.

(2) Eram as terras que faziam parte do património real, Viterbo, vol. II, pág. 189.

(3) Talvez a de S. Miguel o Anjo.

vai para a Póvoa de Varzim, dentro da quinta de Mareces, actualmente pertencente aos herdeiros do Dr. Eduardo Salazar.

A Residência Paroquial é hoje casa de caseiros dessa quinta.

Pelos meados do século xvii, antes de 1672 (1), foi mudada para o lugar do Souto onde hoje está, sofrendo no século xix, 1867, grandes modificações, tornando-se um templo amplo e elegante.

No terreiro junto ao adro da nova Igreja existia uma antiga capela de S. Sebastião, a qual foi mudada em 1736 para a freguesia de Barcelos, actual rua Manuel Viana, junto às Casas dos Mendanhas, hoje Quartel da G. N. R.

Barcelinhos foi aumentando a sua importância e era um arrabalde (2) da vila de Barcelos, ligada a esta por uma ponte de pedra, até que em 1928, sendo esta vila elevada à categoria de cidade, foi nela incluída.

Em uma situação admirável, disfruta-se do alto um panorama soberbo, alongando-se a vista por todo o vale onde corre o Cávado, desde o monte de Oliveira quase até à sua foz.

É terra fértil e a sua parte urbana tem boas e sólidas construções.

É limitada ao nascente pelas freguesias de Santa Eugénia de Rio Covo e Gamil, ao sul pela de Alvelos, ao poente pela de S. Paio do Carvalhal e Gilmonde e ao norte pelo rio Cávado.

(1) Fr. Pedro Poiares, Tratado Panegírico, Cap. XIV, pág. 23, já a coloca no sítio onde está.

(2) «Arrabalde de Barcelos lhe chamam na localidade, mas é realmente desconhecer uma vila, que todos considerariam como tal, se a terra de D. Afonso não existisse ali».

Minho Pitoresco, vol. II, pág. 145.

Existem no rio Cávado, no distrito desta freguesia, três açudes; um junto à ponte sobre o Cávado, outro em Mareces, junto à confluência do rio dos Ameais que da freguesia de Pereira vem afluir ao Cávado neste lugar, e o de Santo António de Vessadas.

Passemos a inumerar as capelas que foram erigidas nesta freguesia:

Capela de S. Miguel o Anjo. — Existiu esta capela no Areal de Cima, a qual caindo em ruínas, dela hoje não há vestígios.

Capela de S. Miguel o Anjo. — Foi mandada fazer por Francisco Fernandes Paim, em 1675, junto às suas casas na rua da Esperança e hoje é dos herdeiros de José Joaquim da Costa.

Capela de S. João Baptista de Medros. — Foi fundada em 1757, como se vê de uma inscrição na padieira da sua porta principal — HANC. FECIT. JOANES. VICARIVS. ANNO. 1757.

Está situada junto à Estrada Distrital n.º 30 no lugar de Mareces, pouco distante da ponte sobre o rio dos Ameais e hoje pertencente a Manuel José Alves.

Capela de Santo António de Vessadas. — Foi mandada construir, no século xv, por João Paes, «O Velho», senhor da Casa de Vessadas, ao poente da mesma, junto à antiga estrada que de Famalicão vinha para Barcelos, em cumprimento de um voto por lhe ter aparecido um cavalo (¹).

Em 1856 foi mudada para o local onde está, ao norte daquela Casa e separada desta pela estrada, e completamente alterada a sua architectura. Pertence hoje à Junta da freguesia.

(¹) Nobliarchia Portugueza, pág. 109.

Capela da Casa de Vessadas. — Manuel José Botelho, senhor da Casa de Vessadas, mandou fazer em 1885 esta capela junto às suas casas, lado do norte, dando-lhe para patrono Nossa Senhora da Agonia.

Capela de S. Braz. — É antiga, talvez do século xvi. Sita no alto do outeiro do seu nome, donde se disfruta um lindo panorama, é de construção baixa e humilde.

Ao lado da porta principal vêem-se ainda dois cachorros de pedra, vestígios da existência de antigo alpendre ou galilé.

Dizem que foi mandada construir por um antigo senhor da Casa de Levadeiras, andando nesta casa a sua administração até 1882, ano em que passou para a Junta da freguesia.

No dia 3 de Fevereiro, quando é domingo ou no domingo imediato, realiza-se junto a ela a mais interessante romaria destes sítios.

O povo da cidade e das freguesias circunvizinhas ali se reúne, reza ao santo, ouve música, dança e, em alegre convívio, sentado em ranchos por aqueles campos e bouças, come os apetitosos *merendeiros* que trazem, regados pelo bom *verdasco*, comprado no arraial à bica da pipa.

Capela de Nossa Senhora da Ponte. — Esta capela, junto ao rio Cávado, do lado direito à entrada da ponte que liga esta freguesia com a de Barcelos, é muito antiga.

Julga-se ser edificada nos fins do século xiv e devia ser em architectura muito diferente da actual.

Tem esta capela confraria com estatuto aprovado em 1844.

Na ponte existiu um cruzeiro, ao qual se refere a acta da sessão da Câmara Municipal de 1726, no lugar da Rebelo outro, no Souto outro e em Mareces outro, hoje todos desaparecidos.

No Largo da Ponte, em frente à capela, separado dela apenas pela estrada, vê-se o já secular carvalho, sucesor de outro muito antigo, abatido em 1827.

Esta Capela, o Carvalho e a ponte sobre o Cávado fazem parte das peças que entram na composição do braço de Barcelos.

É assim: «De azul. Uma ponte de prata, de cinco arcos e com sete ameias na guarda, saintes dum contra chefe ondado do mesmo e do campo. A ponte é acompanhada à dextra por uma torre de prata quadrada e torreada e à sinistra por uma árvore de sua cor sainte de uma arca do primeiro e por uma ermida do mesmo com sua sineira, e é encimado por três torres quadradas do mesmo cobertas e saintes dum terrado de sua cor. Em chefe alinhados um escudete de Bragança dos Duques acompanhado por dois de Portugal antigo» (1).

Estas peças em chefe foram mandadas acrescentar por D. Afonso, 1.º Duque de Bragança e 9.º Conde de Barcelos.

Foi este Duque quem mandou fazer a ponte que liga esta freguesia à de Barcelos, a qual terminava do lado de Barcelos na torre que fechava aquela povoação, junto ao Paço dos Condes, e do lado de Barcelinhos no Largo da Ponte, entre a ermida e o histórico Carvalho.

Esta ponte tinha guardas de pedra, guarnecidas de ameias, que depois perdeu, sendo substituídas aquelas guardas nos fins do século XIX pelas actuais de ferro, alargado o seu leito e transformado o seu pavimento.

Compõe-se de cinco arcos tão altos e tão sólidamente construídos que nas maiores cheias do rio nunca foi danificada nem o seu transito interrompido ao público.

(1) J. Mancelos Sampaio, publicado em o jornal «Acção Social».

Apenas duas vezes e essas por causas bem diferentes nos consta que foi interrompido: a primeira em Novembro de 1775, quando, devido ao grande terramoto, desabou sobre ela a torre do lado de Barcelos, e a segunda quando em 1827, estando as tropas do Marquês de Chaves na margem direita do Cávado, receosas dos liberais que estacionavam em Braga, cortaram a ponte deste lado de Barcelinhos, barricando-a com as pedras arrancadas e com o velho e histórico carvalho vandàlicamente sacrificado.

Ao poente do largo da Ponte e fechando-o deste lado, ergue-se o Matadouro Municipal, obra do fim do século XIX.

O Cemitério Paroquial foi construído em 1882 no lugar de Mareces, ao lado esquerdo da Estrada que vai para a Póvoa de Varzim, quase em frente à antiga Igreja Paroquial.

Existe nele, ao fundo e em frente à porta principal, uma ampla capela destinada ao serviço religioso, mandada fazer por António Ferraz de Gouvêa Lobo para jazigo de sua família.

Pertence hoje à família Ferraz.

Além deste há por ele dessiminados vários jazigos.

Não me posso furtar à tentação de copiar a inscrição que se depara em um deles.

Diz esta: AQUI. JAZ. ANA. JOAQUINA. QUE. FOI. MARTIR. DEPOIS. DE ESTAR. SEPULTADA. HÁ 25. ANOS!

Nesta freguesia há os seguintes Nichos ou alminhas: o de Vessadas, o do Areal e o de Mareces.

No Areal de Cima, do lado direito da Estrada que por Alvelos vai às Fontainhas, encontram-se dentro de uma bouça os vestígios de um padrão de triste memória legado por nossos antepassados.

É o estrado de pedra onde era armada a forca de Barcelos e que a Câmara Municipal mandou fazer em 1712.

Do lado esquerdo da mesma Estrada, em outra bouça, erguia-se outro padrão, comemorativo de um facto envolto em lenda e à qual em outra parte nos referimos, conhecido pelo nome de *Senhor do Galo*.

Constava este de um quadrado de cantaria de dois degraus, no centro erguia-se um pedestal de pedra onde tinha gravado em relevo a figura de um homem dependurado de uma corda ao pescoço e por baixo outra figura na atitude de o suster com uma mão, figura essa que pelo bordão e cabaça que tinha na outra mão parece ser Santiago.

Na face oposta desse pedestal tinha em cima de um lado a figura do sol e do outro a da lua; no centro a imagem de Nossa Senhora e por baixo outra que parece ser a de S. Bento.

Em cima do pedestal tinha uma cruz com a imagem de cristo crucificado e entre os pés do cristo e a cabeça do justicado via-se a figura de um galo e do outro lado, à mesma altura, a figura de um dragão.

Este padrão foi retirado daqui e colocado, tal como era, no Museu Municipal, nos antigos Paços dos Condes de Barcelos.

Exercem a sua acção na Igreja Matriz as seguintes confrarias: a do Sacramento, cuja fundação ignoro, regida pelo estatuto de 1880, a da Senhora das Neves com estatuto de 1805 e das Almas com estatuto de 1807.

Além destas de carácter puramente religioso tem esta freguesia mais duas associações de carácter humanitário: «Associação de Socorros Mútuos Barcelinense» fundada em 1880, com estatuto do mesmo ano, e o «Corpo Voluntário de Salvação Pública Barcelinense», ou Bombeiros Voluntários, fundada em 1921.

Tem em edificio próprio escolas officiaes de instrução primária para ambos os sexos; o correio é distribuído aos domicílios na parte citadina e tem duas caixas do correio.

Não consta a sua população no censo de 1527; no século xvii era de 200 vizinhos; no século xviii era de 177 fogos; no século xix era de 1035 habitantes e pelo último censo da população é de 1407 habitantes, sendo 617 do sexo masculino e 790 do sexo feminino, sabendo ler 283 varões e 179 mulheres.

Tem esta freguesia na sua parte urbana as seguintes ruas: José Falcão, Emídio Navarro, Penedos, Brito Limpo, Alcaldes de Faria e Esperança; Largos da Ponte, Souto, Dr. António Ferraz (antigo do Moutilhão) e os seguintes lugares habitados: Areal, Carneceria, Levandeiras, Bouça d'Ama, Gandra, Ribeiro, Mareces, Medros, Ninães, S. Braz, Sancho, Tomadia, e Vessadas.

É abastecida pelas águas da Câmara Municipal, da rede geral da cidade, pelas da Empresa Borges e por fontes e chafarizes: pelo de Vessadas mandado construir pela Câmara em 1871, pelo chafariz ao cimo da rua Emídio Navarro, construído em 1853, e pelo chafariz ou Fonte de Ninães.

Esta antiga e afamada Fonte de Ninães foi reconstruída pela C. M. em 1710.

No seu frontão vê-se a seguinte inscrição: — «VERÆ. NASCENTUR. AQUÆ. DE. VERTICE. HAC. DE. CELESTI. VERTICE. LINPHA. FLVIT».

→ As casas mais importantes desta freguesia são: a de Vessadas, que pertence à família Távora e Noronha; o Paço de Mareces, dos Vilas-Boas, e que hoje é da família Salazar; a de Ninães que foi da família de Sidónio Pais; a de Levandeiras, pertencente à família Beleza Ferraz; a do Areal, dos Salgados Araújo, hoje pertencente a outro ramo dos Belezas Ferrazes; a de José Marques da

Costa Freitas, 1879, pertencente a seu genro o Sr. Dr. Sá Carneiro, onde reside há anos; a do Brigadeiro, na rua José Falcão, hoje da família Salazar; a do Palmeiro, no largo da Ponte, hoje da família Cabral; a dos Ferrazes, no Largo António Ferraz, da família daquele apelido; a do Rodrigo Azevedo, em frente à Matriz, pertencente à família Sá Carneiro; a do Morgado do Areal, pertencente à família Vasconcelos.

D. Maria II em 1841 concedeu o baronato de Barcelinhos, título honorífico, a Manuel José de Oliveira, por alcunha o «Cambões», natural da freguesia de Abade do Neiva e rico proprietário em Lisboa.

O 2.º barão de Barcelinhos foi Manuel Correia da Silva Araújo, sucessor no título e na mulher do primeiro barão e o 3.º foi Carlos Ramiro Coutinho, visconde de Ouguela e terceiro marido da 1.ª baroneza.

Em 1868 foi criado o título de Visconde de Barcelinhos na pessoa de Manuel José de Oliveira, filho do 1.º barão, o qual foi renovado, por decreto de 2 de Outubro de 1879, em seu filho Álvaro Correia da Silva Araújo, que foi o 2.º e último Visconde de Barcelinhos.

Das pessoas mais importantes desta freguesia destacaremos as seguintes: João Pais «o Velho», senhor da casa de Vessadas, das Azenhas da Ponte e do Reguengo da Várzea, esforçado cavaleiro da África no século xv; o Dr. Manuel José Botelho, natural do Douro, senhor daquela casa pelo seu casamento, soldado do Batalhão Académico fez as guerras liberais, foi Juiz de Direito em Barcelos, subindo até ao S. T. de Justiça, agraciado em 1886 com o título de Visconde de Santo António de Vessadas; Dr. António Ferraz, notável genealógico e escritor, falecido em 1916; António M. do Amaral Ribeiro, nascido em Barcelos, residente durante muitos anos nesta freguesia, apreciado jornalista e autor da «Notícia Descri-

tiva de Barcelos», falecido em 1879; Miguel Ângelo Pereira, maestro insigne, falecido no Porto no século passado; Fr. Francisco de Barcelinhos, Religioso Capucho, notável Prêgador do século XVIII; P.^e José Valério Velloso, Cónego da Colegiada de Barcelos e Capelão do Duque de Dalmácia (Soul); João Elias da Costa Faria e Silva, Ministro da Justiça em 1848; Manuel de Azevedo, escultor célebre no século XVIII; José Silvério da Cunha Osório, jornalista, nascido em 1826; Manuel de Araújo Costa, Deputado às Constituintes em 1820, etc.

Os franceses na segunda invasão de Portugal, assinalaram tristemente a sua passagem nesta freguesia com o assassinato, em 9 de Abril de 1809, no Areal, de Manuel Ribeiro Pais, da casa de Ninães, deixando-o ficar insepulto durante três dias.

Quanto ao comércio e indústria esta freguesia, depois da de Barcelos, é a mais importante do concelho.

Tem vários estabelecimentos de fazendas, mercearias, casas de pasto, padarias, consultório médico, farmácia, oficinas de funileiros, serralheiros, carpinteiros, ferrador, guardassoleiro, fábrica de velas de cebo, barbearias, etc., enfim tudo o que pode ter uma vila das mais importantes, pois esta povoação, separada da de Barcelos, seria melhor que muitas sedes de concelho ou comarca.

S. João de Barqueiros

BARQUEIROS, orago S. João Baptista, era uma vigararia da apresentação do abade de Fonte Boa, do concelho de Esposende.

Barqueiros, segundo o P.^e António Gomes Pereira, vem de aqui haver *homens que trabalham com barcos*.

Se é certo que esta freguesia não é do litoral nem tão pouco atravessada por qualquer corrente de água navegável, tornando-se por isso actualmente de difficil expli- cação a origem do seu nome, não repugna porém accredi- tar que em tempos remotos viessem nela acostar barcos.

Essa faixa de terra baixa, que se estende ao norte, a que se chama Lagoa das Necessidades, poderia ter sido, em épocas muito afastadas de nós, uma ria ou braço de mar, cujas águas chegassem até aqui, pelo menos nas marés vivas. O Cávado, seguindo ao chegar a Fão em uma recta, entraria garbosamente no oceano e este, fa- zendo refluir as suas águas, espalhá-las-ia por aqueles ter- renos, ora enxutos, de maneira que poderiam ser sulcadas por barcos, para os quais esta freguesia daria um grande contingente para as suas tripulações.

Nesta Lagoa reúnem-se quatro ribeiros que formam o rio Tinto, afluente do Cávado; nas grandes cheias ainda esta terra é invadida pelas águas e em algumas é tama-

nho o seu volume que chegam a submergir a estrada de Barcelos à Póvoa de Varzim, na Ponte do Estreito.

Em uma dessas cheias, nos meados do século passado, deu-se o caso de a diligência que fazia a carreira entre Viana e Porto, metendo-se imprudentemente à água naquela passagem, ser arrastada, morrendo afogados os seus passageiros entre os quais, dizem, vinham dois oficiais do exército espanhol.

Barqueiros era do antigo julgado de Faria, do termo e comarca de Barcelos, tendo porém um lugar, o de Barçar, que pertencia ao Couto da Apúlia.

Administrativamente no século XIX andou numa verdadeira contradança entre Barcelos e Esposende; em 1835 passou para o concelho de Esposende, para no ano seguinte voltar para o de Barcelos; em 1867 voltou para Esposende e pouco depois foi incorporada definitivamente no concelho de Barcelos, tendo sofrido porém várias tentativas posteriormente para ser retirada deste concelho.

A Igreja Paroquial estava primitivamente em um pequeno outeiro, na margem direita do ribeiro Cantinho, sendo mudada nos princípios do século XVIII para o sítio onde hoje se vê a velha matriz, na margem esquerda do mesmo ribeiro.

Este templo é de construção modesta; o altar-mor é de talha moderna, bem como os outros quatro do corpo da Igreja; os tectos são em madeira, tendo o da capela-mor pintada a imagem de S. João a baptizar Cristo.

Do lado do evangelho está a sacristia da Confraria do Sacramento e do lado da epístola a Paroquial.

No arco Cruzeiro, do lado esquerdo, vê-se uma pequena placa em bronze com a seguinte inscrição: — «ESTE TEMPLO DESTA FREG.^a DE SÃO JOÃO BAPTISTA DE BARQVEIROS MANDOV FAZER TODO A SVA CVSTA O RD.^o AFFONSO DE MEYRA CARRILHO

SENDO ABADE RESERVATARIO DO SALVADOR DE FONTE BOA DA QVAL ESTA HE ANNEXA NO ANNO DE 1720 E NO ANNO DE 1727 COLOCOV NO MESMO TEMPLO O SS. SACRAMENTO E DEYXOV O RENDIMENTO NECESSARIO PARA O AZEITE DA LAMPADA E NESTE MESMO TEMPLO A' CONFRA-RIA DO SENHOR DEYXOV O LEGADO POR SVA ALMA DE HVA MISSA CANTADA NOS TERCEIROS DOMINGOS DE CADA MEZ E DEYXOV OVTRO LE- GADO DE HVA MISSA NOS SABADOS DE CADA SOMANA DITA NO ALTAR DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO DEYXOV MAIS OVTRO DA TRES MIS- SAS NO NATAL EM CADA ANNO TVDO POR SVA ALMA EMQ.^{to} O MVNDO DVRAR PARA O QUE DEY- XOV OS RENDIMENTOS NECESSARIOS DEYXOV MAIS O LEGADO DE HVA MISSA DOS FIEIS DE- FVNTOS TODOS OS ANNOS».

É enorme esta inscrição, como acaba de ver o caro lei- tor; custa a escrevê-la e é aborrecido lê-la, mas sirva-nos isto de desconto aos nossos pecados, já que o bom do abade, para desconto dos seus, tantos legados deixou.

Está este templo cercado de adro, fechado por parede com uma porta de serventia e fojo.

Não tem torre e os seus dois sinos estão em forqui- lhas de ferro levantadas na parede do adro.

A Residência Paroquial, humilde e arruinado edificio, está ao lado direito da Igreja, com entrada pelo mesmo adro.

À margem direita da estrada de Barcelos à Póvoa de Varzim, em frente a um largo e extenso terreiro, ergue-se o majestoso santuário de Nossa Senhora das Necessidades.

Existiu aqui uma antiga capela, hoje desaparecida, per- tencente à Casa dos Velosos, com comunicação por um passadiço com ela.

João Veloso de Miranda da Fonseca, senhor daquela casa, foi um dia a Lisboa tratar de uma demanda e ali adoeceu gravemente.

Tendo, porém, invocado o auxílio de Nossa Senhora das Necessidades, cuja imagem adquiriu, recuperou a saúde.

Voltando de Lisboa, restabelecido da saúde e com a questão ganha, mandou colocar a milagrosa imagem na capela junto às suas casas.

A devoção do povo por aquela imagem foi aumentada de tal maneira que resolveram ali perto levantar um templo condigno àquela senhora, auxiliando a empresa o dito senhor da casa dos Velosos e concorrendo o povo também com trabalho e dinheiro.

Edificou-se assim o grandioso santuário que hoje se vê, de fachada elevadíssima, sobressaindo dos seus telhados um formoso zimbório e a elegante cúpula da sua torre colocada na parte posterior.

No frontispício ao centro tem uma ampla sacada com oratório, onde se costumava dizer a missa campal na ocasião das romarias. É esta encimada pela seguinte inscrição: — «FEITA EM 1883, SENDO CAPELLÃO O P.^e BERNARDO ANTONIO DOS REIS».

Por cima desta estão as antigas armas reais, em pedra, e em lugar superior a imagem de Nossa Senhora, também em pedra.

Encostadas ao templo, vê-se de cada lado a sua capela; a do lado esquerdo é a do «Senhor dos Aflitos», em cujo altar está a imagem do Senhor da Cana Verde, e a do lado direito é a do «Senhor dos Perdidos», com as imagens do Senhor dos Passos e a da Senhora das Angústias.

Este templo em forma de cruz latina está cercado por adro com quatro portas de serventia e respectivos fojos.

Dentro, ainda que não muito espaçoso, é imponente; o seu altar-mor é em talha renascença, bem como os dois laterais; tem dois púlpitos e côro.

No arco da capela-mor existem dois pequenos oratórios esculpidos em madeira, representando um o nascimento de Cristo e o outro as Almas do Purgatório.

No pavimento do transepto sobressai uma sepultura brazonada com uma inscrição quase gasta, mas onde ainda se lê: «DOS DESCENDENTES DA CASA DOS VELLOSOS» . . .

Nas paredes viam-se pequenos quadros, em votos, alusivos a milagres que Nossa Senhora tinha feito aos seus devotos e alguns com letreiros curiosíssimos, sendo há bem pouco tempo mandados retirar dali.

A administração desta capela passou da casa dos Vellosos para os seus capelães e em 1906 a *política*, que se mete em tudo, até com os santos, formou uma confraria à qual entregou aquela administração.

Foi este templo visitado pelo rei D. Luís I, por ocasião de uma das suas viagens ao norte, adquirindo desde então a prerrogativa de real.

Levantou-se há uma dúzia de anos, uma grande questão àcerca da matriz desta freguesia: uns queriam que ela continuasse no seu antigo templo; outros que fosse transferida para esta capela.

Dividiram-se os fregueses em dois partidos que se guerrearam denodadamente, havendo graves rixas e discórdias.

O Sr. Arcebispo de Braga, a exemplo de Alexandre da Macedónia, cortou o nó górdio suprimindo em 1922 a paróquia e distribuindo os seus lugares pelas circunvizinhas.

Últimamente porém foi restabelecida, dando-se-lhe pároco próprio e funcionando os actos religiosos ora em um

ora em outro templo, até que há bem pouco tempo, fins de 1931, passou esta capela a servir de Igreja Paroquial.

Em frente a este templo, ao nascente estende-se um amplo terreiro fechado ao fundo pela casa que foi de Romão Sobral e enquadrado dos dois lados por duas filas de edifícios, dos quais alguns de muito boa aparência.

Era nele que há anos se fazia a importante romaria de Nossa Senhora das Necessidades, muito concorrida de gente, principalmente no arraial à noite, em que as *maia-tas* e as *vianezas* apareciam com os seus trajes regionais.

Todas as semanas, às terças-feiras, realiza-se aqui uma feira, que foi criada nos princípios do século XIX.

Há nesta freguesia mais as seguintes capelas:

A Capela de Nossa Senhora da Abadia, particular, no lugar da Lagoa Negra e *A Capela do Adro Velho*, construída há poucos anos no lugar onde esteve a primitiva Igreja Paroquial.

Conta-se que apareciam todas as noites umas luzes naquele lugar, sinal evidente de que estava ali enterrada qualquer pessoa de virtude.

Um devoto então mandou erigir aquela capelinha, que pelo seu tamanho mais parece um Nicho.

Ao cavar os seus alicerces foi encontrada uma sepultura com ossos, o que mais veio confirmar a crença de ali estar enterrado algum santo ainda que *desconhecido*.

Há os seguintes Nichos ou Alminhas: as do Bala-zeiro, as da Telheira, as da Lagoa Negra e as do Talho.

O Cemitério Paroquial é no lugar de Prestar, à margem esquerda da estrada que vai à Apúlia; no seu portão tem a data 1886.

Esta freguesia, situada em planície, é servida pela Estrada de Barcelos à Póvoa de Varzim, pela que vai desta à Apúlia e por um travesso em construção que do Largo das Necessidades vai até à antiga Igreja Paroquial; é

banhada pelos ribeiros de Pousados, que nasce em Laundos, limites de Rates, do concelho da Póvoa de Varzim e desagua no oceano e pelo dos Cantinhos que nasce nos Vilares, afluente do rio Tinto.

Confronta esta freguesia do norte com a de Fonte Boa e a de Rio Tinto, do concelho de Esposende, do nascente com a de Cristelo, do sul com a de Laundos e a da Estela, do concelho da Póvoa de Varzim e do poente com a da Apúlia, do concelho de Esposende.

A sua população no século xvi era de 11 moradores; no século xvii era de 40 vizinhos; no século xviii era de 68 fogos; no século xix era de 823 habitantes e pelo 7.º censo da população é de 1.043 habitantes, sendo 467 varões e 576 fêmeas, sabendo ler 168 homens e 66 mulheres.

Tem duas Escolas Officiais, criadas em 1908, uma para cada sexo, que funcionam em edifícios arrendados.

Existiu aqui nos princípios deste século um colégio de frades franciscanos com o nome de *Colégio de S. Luís*.

Domingos José Carregosa e Silva, desta freguesia, deixou importantes legados e um edificio nesta freguesia ao convento de Montariol de Braga e os frades daquele convento aumentaram então este edificio e estabeleceram nele o colégio.

Com o advento da República foi extinto o colégio, passando o edificio para o Estado, o qual, após uma questão judicial, foi mais tarde entregue aos herdeiros do doador.

Hoje é de particular.

Há nesta freguesia 7 lojas de mercearia, uma fábrica de serração e outra de fazer telha e tijolos.

Tem Caixa de Correio.

A sua população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Abelheira, Barqueiros, Igreja, Casta-

nheiro, Covas, Joves, Lagoa Negra, Terreiro do Bassar, Necessidades, Prestar, Talhos, Telheira, Vilaes e Criad.

→ As suas casas mais importantes são, além das do Terreiro das Necessidades como edificios: a dos Velosos (brazonada), a de Rio Tinto, a da Igreja, a do Neves, a do Vilão, a de Cima, a do Vinhas, a da Ponte, a do Moreira, a de Joves, a de Cancujos e a do Veiga.

Dos homens mais importantes destacaremos os seguintes:

Fr. João Veloso de Miranda Ferreira da Fonseca, F. C. da C. R., Comissário das três Ordens Militares, Correio-Mor de Esposende e Monteiro-Mor da Vila de Arrifana, Corregedor do crime da Relação do Porto, foi senhor da Casa dos Velosos nesta freguesia e o grande iniciador das obras do templo das Necessidades.

P.^e Afonso de Meira Carrilho, abade da freguesia de Fonte Boa, do concelho de Esposende, mandou construir à sua custa em 1720 o edificio da Igreja Paroquial no lugar de Barqueiros.

Dr. Quirino Augusto de Sousa e Cunha, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, natural desta freguesia, Delegado do Procurador Régio do Julgado Municipal de Esposende, etc.

Dr. Joaquim Maria dos Reis Vale, natural da freguesia de Fonte Boa, do concelho de Esposende, Médico e Cirurgião pela Escola Médica do Porto, foi Vereador da Câmara Municipal de Barcelos, residindo muitos anos em Barqueiros como médico do partido municipal.

António da Silva Montenegro, natural desta freguesia, antigo Professor de ensino livre. Indo residir para a vila da Póvoa de Varzim ali exerceu cargos importantes; foi Presidente da Câmara Municipal, Provedor da Santa Casa da Misericórdia daquela vila, vogal das Corporações de Bombeiros e da Beneficente, onde faleceu, já em 1932.

Nesta freguesia e em outras circunvizinhas, em tempos idos, houve explorações de minerais, das quais ainda nos aparecem vestígios. Ao sul, nos limites desta freguesia, existe a Lagoa Negra, restos dessas antigas explorações.

Ao passar no terreiro das Necessidades lembra-me sempre uma anedota que me contaram e que não me furto ao prazer de aqui a deixar narrada para amenizar um pouco estas maçadas descrições e histórias de freguesias.

Era na guerra da Patuleia.

Espalhando-se certo dia em Barcelos a notícia de que o castelo de Vila do Conde estava sendo atacado, tocaram os sinos a rebate, juntando-se muita gente da vila e aldeias circunvizinhas.

Sabido o caso, correu então um frémito de entusiasmo entre aquele povoleu para ir salvar o castelo tão seriamente ameaçado, formando-se logo um batalhão, do qual tomou o comando um antigo capitão de milícias.

Decorridas algumas horas, lá vai estrada fora, a caminho de Vila do Conde, aquele tropel de gente aguerrida, diversamente fardada e calçada, munida de armas de vários feitios, hurrando e berrando morras.

Chegando ao Terreiro das Necessidades, entendeu o comandante que era aqui sítio azado para fazer alto e descansar, esperando no entretanto poder refazer com gente da vizinhança as fileiras já um pouco desfalcadas pela fuga à surrelfa dos menos entusiastas.

O grosso do batalhão bivacou no Terreiro e o Capitão e Estado Maior foram descansar para casa de pessoa conhecida e amiga.

Quando entenderam que eram horas de partir, desceram ao terreiro e o comandante, mandando unir fileiras, deu a seguinte voz de comando: *Meia volta à direita, volver. Marche.*

Qual não foi porém o seu espanto e indignação quando aquela gente, em vez de obedecer, se baralha e confunde, desfazendo as fileiras que tanto trabalho lhe tinham dado a formar.

Querendo ver nisso um acto de indisciplina e talvez de insubordinação, apoplético grita, barafusta e assenta a sua brilhante espada nas costas dos que lhe ficam mais próximos.

Um lavrador, porém, que tudo presenciara e tinha percebido a causa da atrapalhação, respeitosa e medrosamente se dirige ao Capitão e pede-lhe licença para explicar aos soldados as suas vozes de comando, visto eles as não terem entendido.

O capitão acedeu e, formadas de novo as fileiras, o lavrador grita-lhes então: *Soldados, virem a cara para onde tem . . . costas e toca a marchar.*

A manobra fez-se sem incidente e o batalhão marvôticamente tomou a estrada de Vila do Conde em socorro do seu castelo sitiado.

A anedota é insulsa?

Não tenho culpa; contei-a como m'a contaram.

NOTA — Em 30 de Novembro de 1846 lavradores do lugar das Necessidades, quase todos armados de fouce e paus e muito poucos de espingardas, foram a Esposende e afizeram a proclamação de D. Miguel. Vendo porém que ninguém aderira, retiraram-se sem nomear autoridades.

Este facto vem narrado em um livro, «A Patuleia», edição de 1909 da «Real Bibliotheca Municipal do Porto».

Santo Estêvão de Bastuço

BASTUÇO, orago Santo Estêvão, era uma vigararia da apresentação do Reitor do Colégio de Santo Agostinho de Lisboa (Graça).

A palavra *Bastuço*, segundo Vilas Boas Sampaio, vem de *bastianos*, povos a que se referem Plínio, Strabão e Ptolomeu e segundo o P.^o António Gomes Pereira vem de *basto*, talvez das muitas árvores, mato ou urzes que ali havia.

Pinho Leal diz que *Bastuço* no português antigo significa *bastinho*.

Esta freguesia encontra-se em um vale fértil, que se estende desde a freguesia de S. Julião de Passos, comarca de Braga, até às de Cambeses e Sequiade, na encosta nascente do monte de Airó.

Ao poente elevam-se os altos cabeços deste monte, sendo o seu ponto mais elevado a Cumieira, donde se disfruta o mais amplo e belo panorama que se pode imaginar. Braga, Barcelos, todo o vale do Cávado desde os desfiladeiros do Gerez até à sua foz, o vale do Este até Vila do Conde e o mar em uma enorme extensão até ao monte do Faro em Esposende se desenrolam à nossa vista em uma grande fita cinematográfica.

Aos nossos *alpinistas* que tenham pernas e coragem para subir até lá ao cimo recomendamos-lhes esta excursão.

No alto do monte de Airó estende-se uma grande esplanada, semeada de pequenos outeiros, onde vêm confinar três freguesias: a de Sequiade e as duas de Bastuço, São João e Santo Estêvão.

Nos limites desta freguesia com a de Encourados, sobranceiro a esta, existe o sítio conhecido pelo nome de Castro, encontrando-se ainda ali vestígios de construções antiquíssimas.

Pinho Leal diz que «antigamente foi vila (e alguns até sustentam que foi cidade).

O P. M. Argais lhe chama vila de Pena Fiel; Auberto lhe dá o título de cidade. É verdade que no sítio onde pretendem que ela existiu há grandes montões de pedras que já serviram em grandes construções e vários alicerces, ocupando uma vasta área, o que prova houve aqui uma extensa povoação ».

A estes vestígios de habitações humanas o povo destas redondezas lhe chama *casas dos mouros* e a umas covas feitas nas pedras que ainda ali se vêem as baptisou com o nome de *tijelas onde eles comiam o caldo!*

Pobres árabes que se aqui estiveram foi só de passagem ou com pouca demora, mas a ignorância popular tem sempre a tendência de lhes atribuir tudo o que de bom ou mau pertenceu aos outros povos que nestas terras anteriormente se fixaram.

Esta povoação parece ir buscar a sua origem, a não ser mais remotamente, a algum castro que ali existisse.

O nome de Castro, por que ainda hoje é conhecido o lugar, o parece indicar.

Neste monte e nesta parte mais próxima do Cávado devia ter existido algum castro romano para vigiar e assegurar as comunicações pelo rio desde a costa onde aportavam as naves com a importante e florescente cidade de Bracara Augusta.

Não custa pois a acreditar que este castro desse origem ou que perto dele se fundasse a vila ou cidade de Pena Fiel de Bastião, de Bastião alusivo talvez ao castelo a que alguns antigos chamam bastião.

Em um cabeço deste monte ao poente, nos limites de Bastuço e da freguesia de São Jorge de Airó, sobranceiro a esta, estão uns penhascos junto dos quais ainda hoje se vêem vestígios de antigas construções; era ali, segundo reza a tradição, o castelo de Penafiel, sede do julgado do mesmo nome.

Este castelo foi um dos baluartes da linha de defesa da vila de Barcelos.

Esta vila, povoação aberta até ao século de quatrocentos, era porém defendida por quatro castelos, colocados em duas linhas paralelas; ao norte pelos de Neiva e Aguiar, ao sul pelo de Faria e ao nascente pelo de Penafiel.

Não se sabe a época da fundação desta vetusta fortaleza medieval, nem tão pouco ao certo a do seu desaparecimento.

Aparece-nos sim já nos primórdios da nossa nacionalidade entregue à guarda de personalidades importantes, sem contudo nele se ter dado qualquer facto guerreiro que a notabilizasse, a não ser a vaga referência da sua tomada aos mouros por um ascendente da família Vilas Boas de Airó.

Os primeiros senhores deste castelo de que temos noticia foram: Mendo Nunes de Pena-Fiel, Rico Homem do tempo do conde D. Henrique, e Hermígio Moniz, no governo da rainha D. Tareja e de seu filho D. Afonso Henriques (1).

(1) Em alguns Forais que o conde D. Henrique e a rainha D. Tareja dão a várias terras, confirma Mendo Nunes de Pena-Fiel

O castelo de Penafiel encontra-se em documentos oficiais na confirmação e ampliação do couto de Braga que D. Afonso Henriques fez ao arcebispo D. Paio Mendes, quando rompeu as hostilidades contra sua mãe na primavera de 1128 — « insuper dono atque concedo sancte marie Bracarensi et tibi tuisque successoribus castellum quod dicitur penna fidelis » (1).

As dissidências entre o clero e o rei, que vinham já de D. Afonso II, das leis da desamortização de 1211, agravaram-se com D. Sancho II que revalidou e ampliou aquelas leis, sendo nesta ocasião, como sempre, o clero defendido e apoiado pelo Papa, que expediu bulas ameaçando pôr interdito nos lugares onde o rei estivesse, se ele não cedesse às suas imposições.

Um dos prelados que mais se salientou nesta luta contra o rei foi o bispo do Porto D. Pedro Salvadores, auxiliado pelo arcebispo de Braga D. Silvestre Godinho.

O rei, amedrontado com as excumunhões papais, submeteu-se e entrou em acordo com aqueles prelados.

De facto em 26 de Novembro de 1238 foi assinada em Guimarães a concordata ou escambo entre D. Sancho II e o arcebispo D. Silvestre Godinho pela qual o rei deu ao arcebispo a Igreja de Ponte do Lima, a de Touguinhó, os coutos de Goivães (Sabrosa) e Pedralva (Braga) e muitos bens em Adaufe (Vila Real) e recebeu

e na doação que a rainha D. Tareja e seu filho D. Afonso Henriques fazem em 1110 a D. Anião da Estrada do castelo de Gois, confirma Hermígio Moniz, ambos senhores do Castelo de Pena-Fiel — Corog. Portug. do P.^e Carvalho, vol. I, pág. 280.

(1) Alexandre Herculano — História de Portugal — Mons. J. Augusto Ferreira — Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga, vol. I, pág. 267.

em troca a renúncia do privilégio de moeda, os direitos nas Igrejas do padroado real do arcebispado concedidos por D. Afonso Henriques, e a entrega ao rei do castelo de Pena-Fiel de Bastuço.

Este castelo que estava no senhorio dos arcebispos desde Maio de 1128, ano em que foi doado a D. Paio Mendes, como dissemos, reentrou no senhorio real neste ano de 1238.

O senhorio de Penafiel foi mais tarde incorporado na casa de Bragança com o título de condado.

Por carta de 5 de Fevereiro de 1372 (e. C. 1410) o julgado de Penafiel de Bastuço, a rogo de D. Afonso Telo, 4.º conde donatário de Barcelos, foi dado por termo ao concelho de Barcelos, e pelas reformas administrativas do liberalismo parte das freguesias que constituíam este julgado ficaram a pertencer ao concelho e comarca de Barcelos e as restantes passaram para Braga.

A Igreja Paroquial desta freguesia é um templo baixo, modesto, de arquitectura muito simples, cercado de adro com uma porta de serventia, que era fechada por uma cancela.

Ao lado esquerdo da sua fachada ergue-se um pequeno torreão para dois sinos e um pouco mais atrás, do mesmo lado, a sacristia.

Entre esta e o torreão, encostada à Igreja, está uma modesta sepultura rasa cuja tampa contém os seguintes dizeres: P.º Feliciano Borges, filho de Tomé António Gomes e de Ana Maria Borges, n. em Martim e f. I-V-1930 em Bastuço.

Foi pároco durante muitos anos nesta freguesia.

Dentro o templo é pobríssimo e a sua capela-mor denota ser mais antiga do que o resto do edifício.

Os seus cinco altares são em talha singela, sendo o altar-mor reformado há uns cincoenta anos.

Os tectos são em madeira pintada e o baptistério é simples, mas antigo.

O Cruzeiro Paroquial está em um pequeno largo no cruzamento de caminhos perto da Igreja; formadô por uma alta coluna com capitel coríntio, tendo na cruz virada à Igreja a imagem da Virgem gravada em pedra e do lado oposto a de Cristo crucificado.

Na base dessa coluna em uma das faces tem a data —1718— e na outra a seguinte inscrição: «JULIÃO FRC.º», nome da pessoa que o mandou fazer.

O Cemitério Paroquial foi construído em 1931 e já se enterra nele, não obstante estar sem portão nem gradeamento.

A Residência Paroquial, quase em ruínas, está inhabitável.

Há nesta freguesia os seguintes Nichos ou Alminhas: as da Agrela, que tem a inscrição «ANNO 1903», e as da Laranjeira.

Entre as freguesias de S. João e a de Santo Estêvão existiu antigamente uma outra freguesia: a de São Paio de Bastuço, que no século xvi era em população pouco inferior a esta última, pois pelo censo da população de 1527 tinha 16 moradores.

No século xvii já não tinha vida própria: a Corografia Portuguesa do P.º Carvalho a ela se não refere, bem como no século xviii o Portugal Sacro e Profano.

Parece que em vista disso a sua anexação a Santo Estêvão devia ter-se dado entre 1527 e o século xvii.

É provável, porém, que a sua Igreja Paroquial ficasse servindo de capela pública durante muito tempo.

No lugar de S. Paio, onde dizem que ela existiu, ainda se vê um velho e ressequido cipreste que devia ter sido plantado no adro daquela igreja.

A freguesia de Santo Estêvão de Bastuço está situada na bacia orográfica do Cávado e é banhada pelo

ribeiro que nasce no sítio de Levandeiras e vai ao Labrioste, que passa na Pousa e é afluente do rio Cávado. É servida pela Estrada Municipal que da Distrital n.º 29 de Esposende a Braga vem até aos limites desta freguesia com a de S. Julião de Passos, do concelho de Braga.

Tem as seguintes fontes públicas: a de Bastuço, a d'Aval, a do Lourinho, a d'Agrela, a do Ribeiro, e a de Levandeiras.

Confronta esta freguesia pelo norte com a de Encourados, a de Martim e a de S. Julião de Passos, esta do concelho de Braga, pelo nascente com a de Tadim, do concelho de Braga, pelo sul com a de S. João de Bastuço e Sequiade e pelo poente com a de Sequiade e a de S. Jorge de Airó.

A sua população no século XVI era de 17 moradores; no século XVII, era juntamente com a de S. João, de 32 vizinhos; no século XVIII era de 62 fogos; no século XIX era de 251 habitantes, e pelo 7.º censo de População, é de 249 habitantes, sendo 108 varões e 141 fêmeas, sabendo ler 52 homens e 16 mulheres.

Não tem Escola Oficial.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Agrela, Cruzeiro, S. Paio, Fonte, Monte, Bouços, Ribeiro, Vale, Paço, Cruz de Vilar, Covelo, Levandeira, Broucelho, Sourinho e Fagilde.

As suas casas mais importantes são: a de S. Paio, a de Coucheiro, a do Marinho, a do Laranjeira, a do Cruzeiro, a da Agrela e a do Paço.

Tem uma loja de mercearia e Caixa do Correio.

Corre por aqui ainda a lenda das moiras encantadas e tesouros escondidos, habitando aquelas o alto do monte.

Disse-nos uma velha muito velha, que estava sentada à porta da sua casa quando subíamos a encosta, que se fôssemos lá ao cimo, ao Penedo da Era, e déssemos *um*

barrêgo a moira com voz desfalecida responderia como num gemido.

Despertada a nossa curiosidade pelo nome do penedo, fomos lá, mas não vimos qualquer era, nem gravada nem viçosa, em tal penedo e a pobre da moira não se dignou responder ao nosso chamo; talvez estivesse ausente, a assoalhar as suas roupas e as suas meadas de oiro, lá mais para o alto aos raios oblíquos do sol poente.

Deixemos, porém, viver o nosso povo nessa sua inofensiva crença.

S. João de Bastuço

BASTUÇO, orago São João Baptista, foi uma vigararia da apresentação do Cabido da Colegiada de Valença do Minho. O seu cura era anual, amovível *ad mutum*.

Esta freguesia vem nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 com a designação — « De Sancto Johanne de Bastuzo », na Terra de Faria.

Nelas se diz que o rei tem aqui alguns reguengos e que dão deles o terço do pão e do vinho, « Et de bacelo quem fecerunt in Senariam debent dare quartam' vini et pro directura 1 frangão 10 ovas. Et dant de foro 1 spatulam 1 taligam panis 1 cabrito 1 frangão 10 ovas et pro Sancto Martino 1 cabasa de vino 1 alqueire de castaneis viridibus. Et de hereditatibus de Johanne Petri et Johanne Vermuiz et de Petrus Gunsalvi et de Menendo Nuniz et de Elvira Petri dabant de fossadeiram Regi et pectabant vocem et calumpniam et Hospitalis lucratus fuit illas et nichil inde habet Rex. Et de hereditate de Pelagius Petri dabant de fossadeira et comparavit illam Laurencius Fernandiz et nichil dant Regi ».

Por aqui se vê que os direitos reais tinham sofrido grande diminuição.

S. João de Bastuço está situada no mesmo vale ao sul da anterior, estendendo-se também pela esplanada no alto do monte de Airó.

A sua Igreja Paroquial dizem que era primitivamente dentro da quinta, pouco distante da actual, mas que foi mudada para o sítio onde está há já alguns séculos.

Existia na Igreja de Bastuço um *monumento em pedra* onde foi sepultado Álvaro de Sá, senhor da Torre de Sá, nos fins do século xvi, conforme nos diz Felgueiras Gayo no seu Nobiliário, artigo Sás.

Por não haver vestígios na actual Igreja dessa sepultura, é provável que tivesse existido na antiga e que não tivesse acompanhado a sua mudança para aqui.

O actual templo está no centro de um pequeno adro, cercado por parede, com uma porta de serventia e respectivo fojo de pedra.

É baixo e de aparência humilde.

Ao lado esquerdo da sua fachada ergue-se um torreãozinho para dois sinos, o qual, pela sua construção, parece mais moderno que o resto do edificio.

O sino grande que nele se vê foi comprado há quatro anos e era da Igreja de S. Jorge de Airó; tem na borda gravada a seguinte inscrição: — «O SINO FOLDADO POR AMOR DE DEUS POR MANOEL GONÇALVES DESTA FREGUEZIA D'AIRO EM 1889» —.

Do mesmo lado esquerdo e junto à capela-mor foi construída a sacristia, pequena e acanhada.

O interior do templo é pobríssimo, causando desolação vê-lo.

O altar-mor é em talha simples e mal pintada, bem como os dois altares laterais do corpo da Igreja e os dois oratórios que se lhes seguem.

Os tectos são em madeira também mal pintados, tendo o da capela-mor a imagem do padroeiro S. João Baptista.

O soalho, ainda em taburnos, está podre, sendo perigoso andar sobre ele.

O baptistério é antigo mas muito simples e liso.

Serve de Cruzeiro Paroquial uma cruz de pedra que se ergue no adro ao lado direito da igreja.

O Cemitério Paroquial está ainda em construção; em um campo em frente à Igreja, vedado por esteios e arame, é onde se fazem os enterramentos.

Havia umas únicas Alminhas, junto à casa da Costa, mas hoje inteiramente abandonadas.

Em um pequeno outeiro, superior à mesma casa da Costa, está a *Capela de São Silvestre*, fundada no século XVIII por João Pinheiro de Mendanha, filho de Paulo Pinheiro Lobo e de sua mulher D. Isabel de Mendanha, Morgado de Balhão em Moure e senhor do Morgado dos Costas, nesta freguesia, pelo seu casamento com D. Francisca Pereira Chaves.

Esta capela, construída em boa pedraria no centro de um adro onde as silvas e ervas crescem à vontade, está em completo abandono.

Pertence aos herdeiros de José Alves Marinho.

Ao subir o monte pelas escadinhas encontra-se no ponto mais alto uma bouça com poucos pinheiros é cercada por parede.

Era ali a *Capela da Boa Fé*, mandada construir em 1650 por um ermitão de nome Simão de Lemos.

Esta Capela, primitivamente pequena e pobre, foi mandada reconstruir e ampliar com esmolas em 1712.

Havia junto a esta capela umas casinhas para habitação dos ermitões que a veneravam.

Chegou a ter dois e eram eles que nomeavam os mordomos para a Festa da Senhora que se realizava no segundo domingo de Julho de cada ano, segundo se lê no Port. Ant. e Mod. de Pinho Leal, vol. 9, pág. 149.

O edificio desta capela devia ter começado a cair em ruínas nos princípios do século XIX, pois segundo me disse um homem, que deve ter os seus 70 anos de idade,

a bisavó dele ainda serviu de mordoma numa festa ali realizada.

Hoje dele nada existe no sítio a não ser os restos dos alicerces da capela e dos cenóbios que a circundavam.

A pedra foi dali tirada e a maior parte empregada na vedação da Bouça.

Em um penedo, que lhe ficava ao poente, vêem-se ainda vestígios dos telhados das casas que a ele encostavam.

Por baixo desse penedo, com entrada para o mesmo lado poente, existe uma larga cavidade em forma de gruta onde cabe perfeitamente um homem deitado.

Ao poente da capela, em uma ravina entre este cabeço da Boa Fé e o de São Silvestre, está o *Penedo das Letras*. É este pequeno e baixo e na sua face virada ao sul tem gravados os seguintes caracteres: —

e. L.

De TM De OLIVYA

Na ocasião em que ali fui achavam-se estas letras pintadas de pouco a tinta vermelha, mas nem assim pude decifrar o que elas queriam dizer.

Ainda ao poente deste penedo, nos limites desta freguesia com a de Sequiade, talvez já nesta, ergue-se um pequeno outeiro onde esteve a *Capela de S. Silvestre*.

No sítio onde esta capela esteve apenas existem hoje restos de telha e alguma pedra miuda que serviu na sua construção; os cunhais foram levados para a actual Igreja Paroquial desta freguesia, os quais são os mesmos ou parte dos mesmos desta.

Há alguns anos foi encontrado neste outeiro, entre mato, urze e terra, uma pequena imagem de madeira, oca, de um santo, cujo nome não me souberam dizer, e

que uma piedosa mulher recolheu em sua casa onde ainda a conserva.

Cresceu-me a vontade de a ir ver, mas esmoreci perante a dificuldade de subir e descer pelo monte uns quatro quilómetros bem puxados

A capela de São Silvestre foi fundada por Joanne «O Pobre» no século xv, depois da sua expulsão do monte de Maio, da freguesia de Midões, como melhor se dirá quando se tratar daquela freguesia.

Continuou na sua nova morada este santo ermitão a mesma vida contemplativa e de penitência que tinha encetado lá; ia repetidas vezes a Vilar de Frades praticar com os padres daquele convento e era visitado na cela do seu ermitério por personagens das mais importantes daquela época.

— O Arcebispo de Braga D. Fernando de Guerra, D. Afonso, primeiro Duque de Bragança, quando assistia nos seus Paços de Barcelos, e sua segunda mulher D. Constança de Noronha, o visitavam muitas vezes e se encomendavam em suas orações. Havendo Deus obrado por ele grandes maravilhas o trasladou daquela pobreza às riquezas da glória no ano de 1436.

Os Religiosos de Vilar de Frades foram buscar seu corpo e lhe deram sepultura conveniente na Igreja de seu Mosteiro, assim diz Vilas Boas Sampaio no livro Nobliarquia Portuguesa, a pág. 93.

A sua sepultura, que esteve primitivamente no claustro do convento, passou para o transepto da igreja e hoje é desaparecida.

A capela de São Silvestre já nos meados do século xvii estava em ruínas, como se vê da citada Nobliarquia Portuguesa: perto da qual (a ermida da Santa Fé ou Boa Fé, como também é conhecida), se vêem as ruínas de outra, que foi de São Silvestre.

São João de Bastuço está situada na bacia orográfica do Cávado e nela nasce o ribeiro Real, no sítio da Agolada ou Golada, o qual atravessa as freguesias de Sequiade e Moure e vai juntar-se ao rio Covo, afluente do Cávado, no lugar de Lamas, freguesia de Santa Eulália de Rio Covo.

Tem as seguintes fontes públicas: a do Pinheiro, a de Justa-monte, a da Gadanha, a da Pedreira e a de Real.

Não é servida por estrada alguma macadamizada e não tem loja de mercearia nem Caixa do Correio.

Esta freguesia tem sido pouco favorecida pelos poderes públicos. Sem estrada, isolada dos centros de civilização, para vir à sede do concelho tem o seu povo de galgar alguns quilómetros de ínvios caminhos, pelo monte, antes de chegar a estradas transitáveis. Não admira pois que ela quisesse pertencer ao concelho de Braga, como se vê da acta das sessões da Câmara Municipal de Barcelos a 17 de Setembro de 1863.

Para aquela cidade tem pelo menos mais próxima a estrada de S. Julião de Passos, que vem até ao extremo do concelho, e as Estações de Arentim e Tadim do Caminho de Ferro do Ramal de Braga.

Barcelos precisa de olhar com mais atenção para as necessidades dos habitantes das freguesias do seu concelho, as quais, como esta, estão tão distantes da sua sede e tão abandonadas.

Confronta pelo norte com a de Santo Estêvão de Bastuço, pelo nascente com a de Cunha, do concelho de Braga, pelo sul com a de Sequiade e pelo poente, com a de Airó.

A sua população no século xvi era de 20 moradores; no século xvii era, juntamente com a de Santo Estêvão, de 32 vizinhos; no século xviii era de 38 fogos; no século xix era de 321 habitantes e, pelo 7.º Censo de

População, é de 210 habitantes, sendo 85 varões e 125 fêmeas, sabendo ler 26 homens e 2 mulheres!

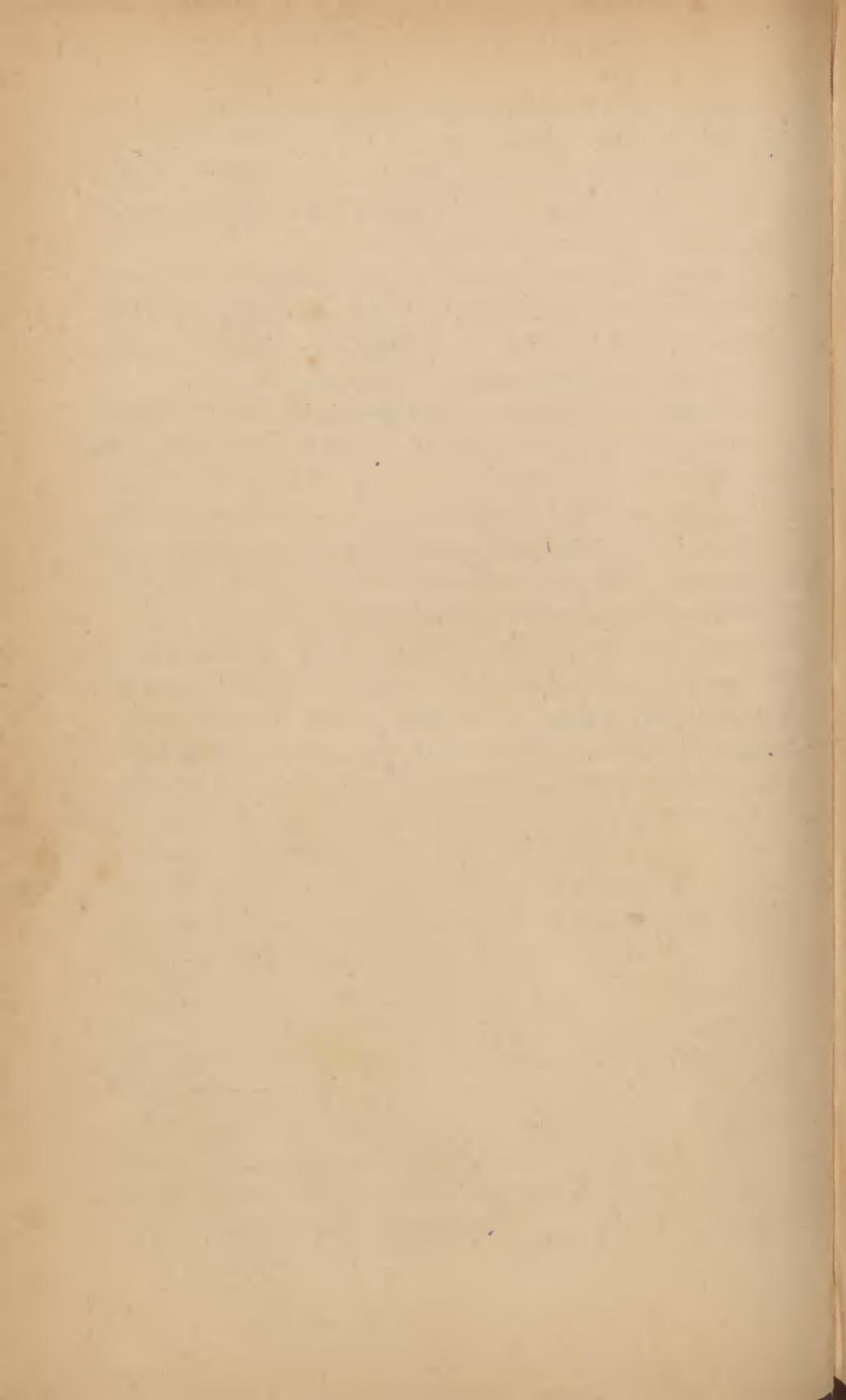
Tem Escola Oficial que funciona no edificio da antiga Residência Paroquial e serve às duas freguesias de Bastuço.

A sua população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Real, Mata, Cachada, Monte, Vilar, S. Silvestre, Eido, Pinheiro, Barroco, Quinta, Costa, Covelo, Bouça, Justa-monte e Coucieiro.

As suas casas mais importantes são: a de Sequeira, ←
a da Costa, a do Eido (Bisca), a da Eira, a da Quinta
e a de Real.

Bastuços são das freguesias desta parte do concelho que têm maiores altitudes, pois abrangem a maior elevação do monte de Airó.

Se bem que a sua população se acumulasse cá mais em baixo, na encosta nascente daquele monte, em um fértil vale, em tempos idos o grande plató lá do alto devia ter sido habitado: a fácil defesa que oferecia e a fertilidade dos seus terrenos, que ainda hoje se manifesta pela luxuriante vegetação que aí se vê, nos leva a esta conclusão.



São Tiago de Cambeses

CAMBESES, orago São Tiago, era uma vigararia da apresentação do cónego Fabriqueiro da Sé de Braga.

Segundo Pinho Leal, Portugal antigo e Moderno, volume II, páginas 52, *Cambeses* quer dizer terra de cambas e *cambas* significa pequenos moinhos ou peças de rodas de carros.

Segundo, porém, o P.^e António Gomes Pereira, *Tradições Populares*, páginas 334, *Cambeses* deriva do baixo latim *camb-ensis* (adj.) curva, vergado.

Esta freguesia era couto privilegiado de Nossa Senhora da Sé de Braga.

Tinha Juíz Ordinário com dois Vereadores e Procurador do Concelho de eleição trienal do povo, presidida por um cónego delegado do Cabido, confirmada pelo Deão da mesma Sé que era Ouvidor deste Couto.

O Juíz servia também nos Órfãos e dele apelavam para o cabido, que apresentava Escrivão do Judicial e Notas.

Neste couto não entrava o Corregedor.

Gozava esta freguesia destes privilégios *por ir varrer todos os sábados a Sé de Braga*.

Esta freguesia é ainda hoje vulgarmente conhecida pela designação de *Couto de Cambeses*; era, como vimos, um couto da Sé de Braga.

Havia porém coutos dos mosteiros, coutos dos fidalgos e coutos do reino, ou de homiziados. Estes eram criados para refúgio dos malfetores que neles não podiam ser presos nem perseguidos pelos crimes, a não ser alguns que tinham praticado.

Eram criados estes coutos com o fim de povoamento das terras, principalmente na raia e fronteiras de Portugal.

Se para a existência dos coutos havia ainda, para aquelas épocas, esta razão ponderável — o povoamento de terras — outra excepção na legislação criminal havia que não tinha qualquer razão, a não ser o *favoritismo* usado para algum criminoso: eram as *cartas de seguro*.

Todo aquelle que obtinha uma carta destas podia passear impunemente por todo o reino.

Pois os coutos, que ainda se justificavam, acabaram pela lei de 1790, e às tais cartas só a revolução liberal de 1820 pôs termo!

Mas voltemos ao couto de Cambeses.

Na carta de doação do Couto de Braga, que D. Afonso Henriques fez em Maio de 1128 ao arcebispo D. Paio Mendes, vem mencionado Cambeses.

— « et per Cambeses et per roilli dem vobis cuncambium quando illud potero habere » . . . (1).

O mesmo D. Afonso Henriques, em Fevereiro de 1132, doou o couto de Cambeses a D. Paio Ramires; este cedeu em 1149 o mesmo couto à Igreja de Braga e D. Sancho I em 1188 confirmou esta doação.

O Censo da População de 1527 refere-se a esta freguesia da seguinte maneira: — « Item. Este Couto de Cambeses he da See de Bragua e toda a Jurdiçom e Jaz

(1) Mons. J. A. Ferreira — Fastos Episcopais, pág. 267, vol. I.
Alexandre Herculano — História de Portugal.

metido no termo de Barcellos e tem de termo dentro em sy quarto de llegua de larguo e de compydo e parte com o couto de Arentim tambem e vyvem os moradores delle per casaes apartados por todos fogos ha nelle trynta e seis moradores ».

E à margem: « Não entra Corregedor ».

Este couto tinha Alcaide-Mor, que recebia a quarta parte dos dízimos.

A casa da quinta do Paço foi a Casa do Concelho do Couto.

No terreiro, ao lado esquerdo do portão ameiado e armoriado daquela casa, ergue-se um antigo edificio nos baixos do qual existem duas janelas com grades de ferro carcomido, onde, dizem, era a Cadeia.

Informam-me algumas pessoas que viram há uns trinta anos na cozinha da casa do Paço uma mesa com pregarias que passava por ter sido a das sessões do tribunal.

A casa do Paço denota exteriormente antiguidade; é um edificio sobre o comprido, com muitas janelas que se abrem para a quinta, e do lado do terreiro uma varanda a todo o correr dela.

Dentro do terreiro, à entrada do portal, existe no chão em uma pedra uma cavidade redonda em forma de pequena pia, que, segundo a lenda, servia de asilo a criminosos; ao delinquente que metesse o pé dentro dessa cova a justiça daqueles tempos deixava de o perseguir.

Perto da casa, dentro da quinta, existe um grande tanque onde a água cai do peito de um pelicano.

Entre este e o brasão que o encima, está uma inscrição que em parte não soube decifrar.

Apenas li: . . . JOSEPHA. DE. SOTOMAIOR. P. HERA. DE. 1721.

A Igreja Paroquial desta freguesia, ergueu-se na encosta oriental do monte do Bom Jesus, prolongamento do monte de Airó.

A igreja primitiva estava um pouco mais a sudeste da actual, perto da Residência do Pároco, sendo mudada para aqui nos princípios de século XVIII.

Circundado por um amplo adro, fechado por parede com duas portas de serventia, o actual edificio é de boa pedraria, ainda que sem a imponência dos grandes templos.

Ao lado esquerdo do seu frontispício ergue-se uma sólida torre com quatro sinos.

Por cima da porta principal tem a seguinte inscrição: «ACABOV CE NO ANNO DE 1721»; na porta travessa do lado do poente, na padieira, lê-se a data 1720.

É todo forrado a madeira pintada, tendo no tecto do corpo da igreja a imagem do Padroeiro Santiago.

O altar-mor, os dois laterais e os dois oratórios que se seguem a estes são em talha moderna e simples; os antigos altares, estilo renascença, foram vendidos e substituídos por estes nos fins do século XIX.

Só o baptistério e o púlpito é que escaparam a esta barbaridade, tendo estes algum merecimento pela sua antiguidade.

A sacristia, ao lado esquerdo da capela-mor, é ampla e espaçosa.

À entrada da porta que dá para o adro vê-se uma sepultura rasa, cuja tampa contém a seguinte inscrição:— «CAMPA. DE. MANOEL. PEREIRA. LEITAM. PARA. SI. E. SEVS. HERDEIROS.—172...».

Existe na sacristia, em um oratório antigo, uma cruz de pau preto com um cristo de marfim de dois palmos de comprido, de grande valor e merecimento artístico.

Por trás da capela-mor, fora do adro, esteve uma capelinha que foi demolida nos fins do século XIX e colocada no *Calvário*.

Ao poente da Igreja, junto ao adro, em sítio elevado, está o Cemitério Paroquial para onde se sobe por uma escadaria.

Na parede de suporte do primeiro patamar, virado à Igreja, tem a seguinte inscrição: «MANDOU. FAZER. ESTE. CEMITERIO. O BRAZILEIRO. DO POMBAL. JOSE. ANTONIO. GOMES. DOS. SANTOS. EM. 1885».

Pelo lado norte do Cemitério sobe um bem lançado escadório com alguns patamares onde estão sete capelas com vários passos da paixão de Cristo: é ao que chamam o *Calvário*.

Na primeira capela do lado direito representa-se a *Ceia* e na do lado esquerdo o *Horto*.

Na terceira do lado esquerdo representa-se a *Prisão de Cristo*.

Na frente desta capela tem a seguinte inscrição:

«FOI. ESTA. CAPELA. MUDADA. E. TAMBEM. DEO. O. FIGURADO. OS. FERREIRAS. RESIDENTES. EM. BOUÇO. DE. CIMA. COMO. TAMBEM. DEO. A. IMAGEM. DA. PRIMEIRA. CAPELA. NO. ANNO. DE. 1879».

Na parede que resguarda o segundo patamar está a seguinte inscrição: «ANTONIO. D'AZEVEDO. MAIA. E. SUA. M.^{BR} D. MARIA. RITA. DA. SILVA. LEITE. SNRS. QUE. FORAO. DA. QUINTA. DO. PAÇO. DESTA. FREGUEZIA. MANDARAM. FAZER. A'. SUA. CUSTA. TODO. O. ESCADORIO. A. COMEÇAR. DESTE. SITIO. ATE. AO. ADRO. DA. CAPELA. DO. BOM. JESUS. NO. ANO. DE. 1871».

A quarta capela do lado direito representa a *Flagelação*; a quinta do lado esquerdo o *Senhor da Cana*

Verde; a sexta do lado direito o *Ecce Homo* e na sétima do lado esquerdo está a imagem do *Senhor dos Passos*.

No cimo, coroando toda esta obra, está a *Capela do Bom Jesus*, a que o povo chama *Santuário*.

Sobre a porta tem a data 1678 e a seguir esta inscrição: «ESTA. CAPELA. SE. FEZ. DE. ES-MOLAS».

Está cercada de um espaçoso adro, cerrado por parede com duas portas.

Dentro o altar é em estilo simples, tendo porém um cristo crucificado de grande merecimento.

As capelas do Calvário continham dentro apenas uma cruz, mas como no século xix se vendessem os Judeus do Bom Jesus do Monte, esta freguesia comprou-os a libra cada figura e colocou-os ali.

Atendendo a que se tratava de Judeus, não foram caros; se examinarmos porém a sua escultura, que é horrenda, todos não valiam um carro de canhotas!

Ao lado esquerdo do escadório levanta-se sobre um pedestal a imagem do padroeiro Santiago cujo autor pouco mais feliz foi do que o dos Judeus do Calvário.

Há ainda a *Capela da Madalena*, junto à casa do Paço, do lado direito do seu portão de entrada.

Esta capela esteve em um Largo, mais ao norte, e foi mudada para onde está, no século xviii.

Construída em boa cantaria, tem dentro um altar renascença já bastante arruinado.

É particular e pertence à família do Ex.^{mo} Sr. Dr. Domingos José Fernandes de Campos.

O Cruzeiro Paroquial, que é moderno, levanta-se à entrada do adro da matriz.

Há os seguintes Nichos ou Alminhas: as das Chãos e as da Venda Nova.

Esta freguesia está situada na encosta nascente do monte do Bom Jesus, prolongamente do monte de Airó, estendendo-se até às duas margens do Rio Este, que a banha, sendo ainda fertilizada pelo ribeiro do Pombal, afluente daquele rio.

Tem as seguintes fontes públicas: a de Souso, a do Pomarinho, a do Lambique, a do Pombal, a do Paço, a de Bouçó, a do Fontão, a do Quintório, a de Fontelas e a do Bacelo.

Confronta do sul com a freguesia de Nine, do concelho de Famalicão, do poente com a de S. Miguel da Carreira, do norte com a de Santiago de Sequiade e a de Cunha, esta do concelho de Braga, e do nascente com a de Arentim, também de Braga, e a de Santa Eulália de Arnoso, do concelho de Famalicão.

É servida pela estrada da Estação de Nine a Braga, com um ramal pela Carreira para a Estrada Nacional n.º 4, hoje quase intransitável. Passa também nesta freguesia o ramal dos Caminhos de Ferro de M. e D. de Nine a Braga que ao quilómetro 42 tem um Apeadeiro com o nome de « Couto de Cambeses ».

Abriu-se há poucos anos uma estrada deste Apeadeiro à Igreja, na extensão de setecentos metros, que ainda está por concluir.

Barcelos deve dirigir toda a sua atenção, pelo menos para as freguesias que estão na periferia do seu vasto concelho, promovendo obras, ligando-as com a sua sede; pelo contrário verá fugir-lhe algumas que, como esta, têm muito melhores meios de comunicação para a sede dos concelhos vizinhos do que para a do seu próprio concelho.

A sua população no século XVI era de 36 moradores; no século XVII era de 180 vizinhos; no século XVIII era de 116 fogos; no século XIX era de 591 habitantes e

pelo 7.º Censo da População é de 643 habitantes, sendo 282 do sexo masculino e 361 do sexo feminino, sabendo ler 126 do primeiro sexo e 53 do segundo sexo.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Venda Nova, Bacelo, Pombal, Boucinha, Madalena, Bairro, Bouçó, Igreja, Pomarinho, Guarda, Outeiro, Carvalhal, Monte, Cruz, Paço, Lama, Rego, Redonda, Carreira, Souto, Covo, Brasil, Samil, Fontão, Quintães, Chãos, Peneirada, Teselo, Minhoteira, e Pinguela.

Tem três lojas de mercearia, Caixa do Correio, e Escola para ambos os sexos que funciona em edifício arrendado. Houve aqui em tempos antigos, há mais de um século, uma escola, a primeira destas redondezas, que acabou.

Nesta freguesia, há a indústria de fazer chapéus de palha, que se vendem e exportam em grande quantidade, e uma fábrica de moagem.

→ As suas casas mais importantes são: a do Paço, a do Pombal, a de Bouçós, a de Pinguela, a do Espinheiro, a do Carvalho, a da Madalena, a da Venda Nova, a de Lamas, a do Pomarinho, a da Brasileira e a do Marinho.

Todos os anos, no primeiro domingo da quaresma, realiza-se nesta freguesia uma importante procissão de Passos, os *Passos do Couto de Cambeses*, muito concorrida de gente até de bem longe.

Aqui nasceram e aqui vieram homens de importância social. A alguns nos vimos referindo no decorrer destes estudos mas, para não os alongar mais, apenas mencionaremos, visto a ele ainda não haver referência, Manuel Cardoso de Mendonça Figueira de Azevedo, que vivera em meados do século XVIII, foi F. da C. R., Cavaleiro da Ordem de Cristo, Senhor e Alcaide-Mor do Couto de Cambeses, como diz Felgueiras Gaio no seu Nobliário, vol. 27, Capítulo Pintos, § 315.

Na visita que fiz a esta freguesia ciceroneou-me um amigo que, para amenizar um pouco o nosso passeio pelos caminhos escabrosos do monte do Bom Jesus e dos Pedrógos, me foi elucidando acerca de alguns factos que nela se deram e dos usos e costumes deste bom povo.

Como estava desprovido de lápis e papel, de alguns me esqueci, retendo apenas o seguinte: Aires Pinto foi um pequeno régulo destes sítios no breve reinado do senhor D. Miguel I.

Viveu na sua quinta do Paço, passeando a sua importância por entre o humilde povo do velho Couto de Cambeses.

Encostado ao poderio régio, espezinhava os seus subditos, fazendo-se temido e respeitado.

Um dia, assomando a uma janela do seu Paço, que o meu guia apontou, vê em baixo no caminho prostrada por terra uma pobre mulher do povo, um verdadeiro farrapo humano, que lhe implorava perdão para seu marido, condenado por qualquer crime político.

O magnate, incomodado com tal espectáculo, grita-lhe lá do alto onde estava: «Levanta-te viuvinha que não há remédio».

As justiças de el-rei tinham já na noite antecedente executado o pobre lavrador, que ousara ter ideais diferentes dos seus senhores!

No *reviraltho* político de 1834, Aires Pinto foi perseguido e reduzida a zero a sua importância anti-constitucional.

As suas propriedades foram abandonadas; eram terras malditas que ninguém queria.

Ao cabo de alguns anos, porém, adquiridas por novo dono, viu-se nelas brotar a abundância e a alegria: esquecera o malefício.

Ao defrontarmos com a Igreja Paroquial fez-me notar o meu amigo que o antigo caminho, que lhe dava serventia, passava em um plano inferior ao adro, para o qual se subia por uma escada de pedra encostada à parede de resguardo do mesmo e que as mulheres desta freguesia, ao subirem aquelas escadas, no último patamar, viravam-se para a Igreja de Cunha e costumavam fazer uma vénia.

Era um velho sinal de veneração à matriz que dava o Sacramento a esta freguesia.

Outras muitas cousas me contou aquele meu amigo mas, por delas não me recordar, para aqui as não traslado e . . . *Finis laus Deo.*

São Miguel da Carreira

CARREIRA, orago S. Miguel, foi uma vigararia da apresentação dos Coreiros da Sé de Braga.

O arcebispo D. Martinho de Oliveira, em 9 de Novembro de 1300, cedeu ao Cabido da sua Sé a parte que tinha com ele no padroado da Igreja desta freguesia, ficando sòmente com a faculdade de a revisitar. Esta doação foi confirmada pelo arcebispo D. Guilherme em 14 de Junho de 1357.

Ficou pois desde aquela data a apresentação dos párocos da Carreira a ser uma prerrogativa exclusiva do Cabido.

Carreira, no português antigo, significa *caminho de carro, estrada* e também o lugar onde se faziam corridas a-pé ou a cavalo.

O autor do «Portugal Antigo e Moderno» diz: que existe nesta freguesia a Capela de Nossa Senhora da Penha, a Torre de Penagate e mais: que ela estava sujeita antigamente às justiças de Vila Chão, que a Casa de Bragança apresentava abade, que este por sua vez apresentava o cura do Salvador da Portela das Cabras e, finalmente, que da Carreira se vê Braga... o que, digo eu, *nem por um canudo!*

Com certeza este notável escritor confundiu esta freguesia de S. Miguel da Carreira com a do mesmo nome,

hoje pertencente ao concelho de Vila Verde, à qual calham todos aqueles atributos.

Não é para admirar que se desse tal confusão — copiar em uma as referentes à outra — dada a igualdade de nomes, no *mare magnum* de informações relativas a tantas povoações de que trata aquela monumental obra.

O autor do « Minho Pitoresco » quando se refere a esta freguesia diz igualmente que a esta da Carreira pertence a Capela da Senhora da Penha, próximo da arruinada Torre de Penagate que é *também uma das curiosidades do lugar*.

Navegando nas mesmas águas do « Portugal Antigo e Moderno », caiu no mesmo erro.

Não há memória de que a Igreja Paroquial estivesse em outro sítio.

Até ainda há bem pouco tempo era um edifício baixo e antigo. No principio deste século foi alteada a sua capela-mor e em 1925 o corpo da igreja.

Está ao centro de um adro fechado por parede com duas portas de serventia.

Do lado esquerdo, a facear com o frontispício, estilo barroco, ergue-se uma sólida torre com seu relógio, ali colocado há poucos anos, e do lado direito, junto à capela-mor, a sacristia.

À entrada da porta principal estão duas sepulturas com tampas de pedra, tendo uma inscrição que se não lê facilmente por estar gasta pela acção do tempo. Informam-me que uma é da Casa do Barreiro e outra da da Portela.

O templo interiormente, com as obras ali feitas, faz gosto vê-lo; muito limpo e asseado.

Os seus altares são todos em talha moderna mas muito bem pintados e dourados.

Os tectos são em estuque; o do corpo da Igreja tem pintadas em cada canto as letras: H. E. D. D. e no centro uma linda tela com a imagem do padroeiro.

—Em um Largo, à esquerda da Igreja e um pouco distante dela, está o Cruzeiro Paroquial, alto, elegante e bem proporcionado.

A cruz assenta sobre uma coluna coríntia, estriada e enxaquetada, tendo aberta na base a seguinte inscrição: ESTE. CRUZEIRO. MANDOU. FAZER. MATHEVS. DA. S. PINTO. DA. FREG.^A DE. SILVRO. P.^A O. QVE DEV. XL. MILRS. E. ESTA. FREG.^A COM-COREO. COM. O. MAIS. CVSTO. DELE. ANNO. DE. M.DCCXLV.

—Entre este cruzeiro e a Igreja, em terreno do antigo passal, a facear com a estrada, está o Cemitério Paroquial, cuja construção foi começada em 1915 e continuada em 1928, estando porém ainda sem gradil nem portão.

Por trás da Igreja, junto ao adro, ergue-se a Residência Paroquial, antiga e baixa, mas suficientemente espaçosa.

Nesta freguesia há apenas uma capela e essa pública: é a capela de Santa Luzia, no lugar do seu nome.

A sua frontaria, baixa, é encimada por um nicho onde se venera a imagem de Santo Antão, que foi encontrada há poucos anos detrás do altar.

Ao lado esquerdo ergue-se uma pequena sineira com seu sino e mais atrás a sacristia desmobilada.

Dentro tem púlpito e coro e foi forrada recentemente a madeira de pinho.

O seu altar é em rica talha renascença, antigo, com sacrário e tribuna para exposição.

Este altar era o da Capela-Mor da Igreja Paroquial que nos princípios deste século para aqui veio, sendo substituído na igreja pelo novo que lá se vê. Na pre-

petração deste crime devemos considerar a atenuante de o precioso altar antigo ficar na freguesia.

Na parede, do lado da epístola, existe um retábulo das almas, pintado em madeira, sem assinatura.

E nisto se resume a descrição simples desta capelinha, que é muito antiga e onde se realiza todos os anos uma festividade ou romaria.

No fundo do terreiro, onde vão as procissões, ergue-se um tosco cruzeiro sem data nem inscrição.

Nesta freguesia há apenas um nicho ou alminhas, junto à estrada, próximo à Igreja. No painel tem pintada a seguinte inscrição: « Reformada por um devoto da cidade de Viana no anno de 1849 e tornarão a ser reformadas por conta das Almas e do mesmo devoto em 1854 em Barc.^{os} por Antonio Narciso de Mag.^{es} ».

S. Miguel da Carreira está situada em planície com leves ondulações de terreno que separam a bacia orográfica do Cávado da do Este, e é banhada por um ribeiro que aqui nasce no sítio de Entre-as-Águas, ao poente da quinta da Devesa, e vai desaguar no rio Este, na freguesia de Nine do concelho de Famalicão.

É servida pela Estrada Municipal que liga a Estrada Nacional n.º 4 de Famalicão a Barcelos com que vai da Estação de Nine a Braga e por duas ramificações daquela estrada: uma para o lugar do Montinho, freguesia de Fonte Coberta, e outra que vai até ao Cruzeiro Paroquial.

As suas fontes públicas são: a de Cambozinho, a da Pedra de Água e a da Devesa.

Esta freguesia confronta do norte com a de Moure, a de Fonte Coberta e a de Sequiade, do nascente com a do Couto de Cambeses, do sul com a de Nine, do concelho de Famalicão, e a de Silveiros e do poente com a de Santa Eulália de Rio Covo.

Pertence a esta freguesia um extenso tracto de terreno, onde estão dois lugares: o de Pijeiros e o da Ribeira, completamente isolado do resto da freguesia por S. Romão de Fonte Coberta.

É uma perfeita ilha que confronta do nascente e sul com a de Fonte Coberta, do norte com a de Moure e do poente com a de Santa Eulália de Rio Covo. É aqui que está o Apeadeiro de S. Miguel da Carreira na linha Minho e Douro, ligado por estrada com a Nacional n.º 4. Também em terreno desta freguesia está o túnel ao quilómetro 41, entre as Estações de Nine e Midões.

A sua população no século XVI era de 46 moradores; no século XVII era de 100 vizinhos; no século XVIII era de 128 fogos; no século XIX era de 360 habitantes e pelo 7.º Censo da População é de 659 habitantes, sendo 284 varões e 375 fêmeas, sabendo ler 90 homens e 17 mulheres.

Tem Escola Oficial mista que funciona em edifício arrendado.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Guarda, Cachada, Pousada, Poça, Campo, Selas, Casal da Igreja, Vinha da Fonte, Portela, Barreiros, Assento, Outeiro, Crasto, Reimonde, Várzea, Cambozo, Reimondinho, Talhos, Perafigueira, Cambozinho, Padrão, Ribeira e Pijeiros.

As suas casas mais importantes são a da Portela, a da Torre, a do Barreiros, a de Pousada, a de Cambozinho, a de Casal da Igreja, a da Guarda e a da Devesa. ←

Tem lojas de mercearia e Caixa do Correio.

A sua indústria mais característica é a de fazer bolsas e chapéus de palha grosseira, a de penelreiros (que fazem peneiros e crivos de limpar cereais e farinha), marcenciros (de fazer sogas e tamoeiros), marcenciros (camas, mesas e cadeiras) e toalheiras (de fazer toalhas)

bordadas), cujos objectos exportam e vão vender às feiras de Braga, Famalicão e Barcelos, etc.

É curioso ao percorrer a freguesia ver as mulheres, passeando pelos caminhos, a fazer tiras e cordões de palha, com que depois armam os chapéus, e outras assentadas nos eirados entregues à sua tarefa de bordar.

Dos homens mais ilustres destacaremos os seguintes:

Dr. Manuel José de Oliveira Guimarães, natural desta freguesia, Desembargador da Relação Eclesiástica de Braga, Deputado da Nação e Abade durante muitos anos da freguesia de S. Pedro de Maximinos da cidade de Braga, onde faleceu.

Dr. Antão José de Oliveira, sobrinho do antecedente, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Desembargador da Relação Eclesiástica de Braga, Examinador Pro Sinodal e Abade da dita freguesia de Maximinos, falecido em 1917.

Padre José da Silva Leitão, natural da freguesia de Remelhe, Vereador da Câmara de Barcelos e Abade da Carreira durante muito anos, onde faleceu em 19...

António da Silva São Miguel, natural desta freguesia, da qual tomou o último apelido. Indo para a cidade de Viana do Castelo, foi um acreditado negociante e aí constituiu família em meados do século passado.

Costuma-se fazer aqui uma procissão dos Passos; é geralmente no dia 25 de Março.

O préstito dá volta ao Cruzeiro Paroquial, onde se fazem os *sermões do encontro*; alguns ouvi em criança, prègados da sacada de uma casa que perto desse cruzeiro ainda existe, e, por vezes muito chorei, mais comovido pelas lágrima que via correr dos olhos do piedoso auditorio do que pela eloquência do orador.

Na Igreja Paroquial, como em quase todas as desta parte do concelho, funciona uma Associação do Coração

de Jesus. É já antiga, ainda que não seja das primeiras que por aqui apareceram.

A devoção dos Sagrados Corações, de Jesus e de Maria, teve grande incremento desde os meados do século XIX.

A instalação de uma Associação deste género em qualquer freguesia é precedida sempre de uma *missão* que se compõe de sermões, confissões, comunhões e de outros actos religiosos e de piedade.

Instalada a Associação, há todos os anos uma festividade, precedida de um *tríduo*, que é uma missão em pequena escala.

Os padres da missão e o padre dos tríduos vêm geralmente de terras longínquas e apresentam-se no seu campo de batalha com ares seráficos e místicos, verberando do alto do púlpito os maus costumes da freguesia e ameaçando os contumazes com as penas do inferno.

Em volta de cada um forma-se a sua *entourage* de mulheres piedosas, as quais se chamam *beatas*.

Para estas, aqueles padres são entes superiores, uns semi-deuses, ficando cá muito em baixo os outros homens, quase a perder de vista, e até o pobre do pároco, que as atura todo o ano, é para elas hum homem como qualquer outro, quando muito apenas um furo acima do sacristão.

Em uma das festividades do Coração de Jesus nesta freguesia veio fazer o tríduo um frade muito conhecido por estes sítios, bom orador e que fazia lindas práticas muito apreciadas pelo seu auditório, mas que às vezes, fugindo ao assunto, as amenizava a seu sabor.

— Nunca usava de igual tratamento para os homens e para as mulheres: «os senhores homens cá para cima e as mulheres lá para o fundo», dizia ele do alto do púlpito, quando tentava separar os sexos na igreja.

Em Grimancelos tivera qualquer dissabor durante um tríduo e, não querendo perder a ocasião de se vingar e menosprezar a Associação daquela freguesia, começou uma das práticas na Carreira por tecer grandes elogios à sua Associação e na invectiva contra a outra dizia: — «porque esta Associação de S. Miguel da Carreira não é uma associação de *gri, gri, gri* . . . mancelos!».

Foi pena que a República, fazendo reviver as leis da Monarquia Constitucional, acabasse com os frades. Eles às vezes tinham a sua piada.

S. Paio do Carvalho

CARVALHAL, orago São Paio, era da casa de Bragança, passando a apresentação dos seus párocos, com o título de vigários, para o D. Prior da Colegiada de Barcelos, aquando da criação daquela colegiada, no tempo de D. Afonso, 1.º Duque de Bragança e 8.º Conde de Barcelos.

O nome de Carvalho, sitio onde há muitos carvalhos, vem a esta freguesia de aqui ter havido grandes devidas daquelas árvores.

Nas Inquirições de 1220 vem com a designação — «De Sancto Pelagio de Cavalal», nas Terras de Faria e nelas se diz que o rei tem aqui alguns reguengos e que *ista ecclesia* está no couto do Hospital (1).

Nessas mesmas Inquirições dizem: em Portocarreiro costumava entrar o Mordomo para a voz e calúnia, mas agora não entra em Medaos por causa de D. Maria Soares e seus filhos e em Portocarreiro por causa da Albergaria de Barcelos (2).

Nas Inquirições de 1288 diz-se que nesta freguesia havia um couto, marcado por padrões, de que se não pa-

(1) Couto do Hospital devemos entender por couto pertencente à Ordem de Malta ou Hospitalários de S. João de Jerusalem.

(2) Alex. Herc. Mon. Hist. Inquisitiones.

gava foro a el-rei e as *crianças* (1) foram feitas no tempo de D. Afonso avô deste rei.

A Igreja Paroquial era primitivamente no lugar do Assento ou S. Paio, onde estava ainda nos fins do século xvii. Perto dela existia um cruzeiro, com certeza o paroquial, do qual ainda há poucos anos havia vestígios.

Transferida a matriz para o sítio onde está, foi aí construído um bom templo, século xviii (que me dizem sofreu várias reformas) e subsequentemente uma bela torre para os sinos, ao lado da sua fachada, a qual tem um relógio antigo, ignorando-se, porém, quando foi aí colocado.

Das obras que nesta Igreja e ainda na antiga matriz se fizeram nada se sabe de positivo, pois o arquivo paroquial desta freguesia é um dos mais pobres que tenho encontrado.

Em frente à Igreja estende-se um largo e extenso terreiro ao fundo do qual se ergue o Cruzeiro Paroquial, sem data mas que parece ser obra do tempo da Igreja.

Ao lado desse terreiro há várias cruzes de via-sacra tendo uma delas na base o seguinte letrado — « JOÃO FR.^{co} DOS. SANTOS. M. F. ESTAS. — RAS P. D. P. HV.. P. N. E. Ab. M. 1726 A.

Há ainda no lugar da Marnota, ao lado do caminho, um cruzeiro tosco sem inscrição alguma.

Encontram-se nesta freguesia os seguintes Nichos ou Alminhas: o de Portocarreiro, o do Cruzeiro, que tem gravado em uma pedra: ANNO 1852, o de Vila-Chã e o de S. Paio.

(1) *Crianças, princípio, instituição, origem. Viterbo, Elac. vol. I, pág. 225 v. crianças.*

O Cemitério Paroquial tem sobre o seu portão a data 1888 e contém vários jazigos de famílias. Entre eles sobressai um ao fundo, em frente da entrada, mandado fazer por João Gomes Franqueira, o qual pela sua grandeza mais parece uma capela onde se exerce culto.

Há várias capelas nesta freguesia.

Capela de Santa Cruz das Coutadas. Foi erigida em comemoração do aparecimento de uma cruz no solo, no sítio onde está esta capela, no dia 13 de Fevereiro de 1861.

Fizeram naquele ano uma barraca de madeira em forma de capela a cobrir aquela cruz e criou-se uma comissão para recolher as esmolas e angariar donativos para a construção de uma capela de pedra, cuja construção se efectuou no ano de 1867.

Tem a seguinte inscrição: — ESTA CRUZ. FOI APARECIDA. EM. 13. DE. FEVEREIRO. DE. 1861. FOI. ESTA. CAPELA. FEITA. Em. 1867.

Capela de Nossa Senhora da Esperança. É particular e está ao lado sul da Casa de Pereiró, junto ao caminho, a facear com o majestoso portão ameado e armoriado da mesma casa.

Dentro da capela e ao centro existe uma sepultura com escudo esquartelado; no primeiro *Pereiras*, no segundo *Vasconcelos* e assim os contrários, elmo e timbre o dos *Pereiras*.

Por baixo deste escudo tem a seguinte inscrição: S.^a DE. BALTAZAR. DE. BRITO. VASCONCELOS. E. DE. SVA. MULHER. D. ANT. — 1737.

No distrito desta freguesia, ao subir o monte para a Franqueira, ao lado da calçada que vai até ao convento, estão as cinco primeiras capelas do Calvário.

A primeira, representa o « Senhor no Horto » e foi mandada construir em 1710; a segunda, a « Prisão de

Cristo»; a terceira, o «Senhor preso à Coluna»; a quarta, o «Senhor da Cana Verde» e a quinta, o «Senhor dos Passos», seguindo-se outras que já ficam na freguesia de Pereira.

Esta freguesia do Carvalhal está situada em uma planície fértil e é abundante em cereais e vinho.

Confronta do norte com a de Barcelinhos, do nascente com a de Alvelos, do sul com a de Pereira e do poente com a de Gilmonde.

É banhada pelo ribeiro dos Amiais sobre o qual se contam nesta freguesia seis pontes a saber: a de Medros, a de Vila Chã, arrazada por uma cheia em 1902 e reconstruída em 1907, a da Marnota, a de Longras, a da Várzea e a de Portocarreiro, reformada em 1921.

É servida por uma Estrada Municipal que da freguesia de Barcelinhos, lugar de Mareces, parte da Estrada de Barcelos à Povoia de Varzim e vai pela Igreja até à encosta do monte. Parece que dentro em breve irá até ao alto, junto à capelinha de Nossa Senhora da Franqueira.

Tem as seguintes fontes públicas: a de Pontegãos, a de Pereiró, a de Marnota com a inscrição=C. M. 1900, a da Folha, a de Monte de Baixo, a de Portocarreiro, a do Pequeno e a de Medros.

A população desta freguesia no século XVI era de 38 moradores; no século XVII era de 12 vizinhos; no século XVIII era de 84 fogos; no século XIX era de 500 habitantes e pelo último censo da população é de 611 habitantes, sendo 276 varões e 335 fêmeas, sabendo ler 109 homens e 16 mulheres.

Não tem escola alguma oficial.

Tem caixa do correio.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Igreja, Monte de Baixo, Bouça, Monte de

Cima, Assento, Vila Chã, Medros, Portocarreiro, Felões, Pontegãos, Pereiró, Longras e Marnota.

As suas casas mais importantes são: a do Jardim, a de Chouso, a do Fidalgo, a de Pontegãos, a de Medros, a da Várzea, a do Fidalgo do Monte, a de Pereiró, a da Igreja e a da Marnota.

Não há nesta freguesia a grande indústria; está esta reduzida a algumas moendas e engenhos de seerrar no ribeiro dos Amiais e a uma fábrica de fazer papel grosseiro que funcionava ainda há pouco tempo.

A sua população, que é constituída principalmente por lavradores e proprietários, contém porém muitos artistas principalmente carpinteiros, alfaiates, etc.

Tem uma indústria típica que é a de rodeiros de carros de bois e de jugos.

O seu comércio está reduzido a uma única venda ou loja de mercearia.

Dos homens mais importantes que nasceram ou viveram nesta freguesia destacaremos os seguintes:

João Francisco dos Santos, a quem se refere a Crónica da Providência da Soledade a páginas 304, edição de 1742, dizendo que ele era natural desta freguesia, do lugar de Portocarreiro, e que empregou todos os seus haveres, ganhos no Brasil, em obras pias e devotas, como a colocação do sacramento na Igreja Matriz da sua naturalidade e em outras vizinhas que o não tinham.

José de Almeida Castelo Branco Bezerra, senhor da casa de Pereiró, foi poeta apreciado no século XVIII, achando-se algumas das suas poesias dispersas.

Dr. José Maria de Figueiredo, natural desta freguesia, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, seguindo a Magistratura, foi Juiz de Direito em várias comarcas.

Casou com D. Maria Luísa da Cruz, foi senhor, por compra, da casa de Pereiró nesta freguesia e faleceu em 1926.

Padre Manuel dos Santos Figueiredo, natural desta freguesia, benfeitor do Hospital da Misericórdia desta cidade, cujo retrato se encontra naquela casa de caridade, falecido em 24 de Junho de 1802.

Deu-se nesta freguesia e no lugar das Picas ou Hortão um encontro entre tropas francesas e as guerrilhas portuguesas que se opunham à marcha daquelas para Barcelos.

O general francês Lorges, destacado do Porto para apaziguar e submeter ao domínio daquela nação a província do Minho em Abril de 1809, encontrou em algumas terras, como Ponte do Lima e outras, forte resistência, que por fim conseguiu subjugar usando de rigor e represália.

A vila de Barcelos, devido à prudência do seu corregedor Dr. João Nepomuceno Pereira da Fonseca Silva Veloso, natural da Casa da Torre de Moldes, Remelhe, que, abandonado da maior parte dos homens de armas e de todos os meios de resistência e defesa, recebeu os franceses com forçada urbanidade e amizade, foi poupada, nada sofrendo.

Não aconteceu porém o mesmo a algumas freguesias circunvizinhas; as depauperadas guerrilhas tentando opôr um simulacro de resistência à marcha dos franceses não o conseguiram, sofrendo em consequência disso mortes, ferimentos dos seus moradores e incêndios de algumas das suas casas, como sucedeu em Perelhal, Gilmonde, Barcelinhos e nesta do Carvalhal.

Pelo registo paroquial se vê que desta freguesia morreram para cima de seis pessoas nessa ocasião, não sendo porém possível apurar o mais que sucedeu.

S. Martinho das Carvalhas

CARVALHAS, orago S. Martinho, era vigararia da apresentação do Reitor de Santa Eulália de Rio Covo.

O seu nome vem de muitos carvalhos que nela existiam e ainda existem.

É limitada ao nascente pela freguesia de Silveiros, ao sul pela de Chavão, ao poente pelas de Chorente e Góios e ao norte pelas de Remelhe e dita de Rio Covo.

Terra seca, não a banha regato algum, é pouco fértil e a parte não cultivada está coberta de pinhais e devesas.

Está situada parte na encosta norte do monte da Saia e parte no prolongamento do monte de Remelhe, na sua ligação com aquele.

São fáceis os seus meios de comunicações, pois é atravessada de nascente a poente pela Estrada Municipal que de Silveiros, da Estrada Nacional n.º 4, vem entroncar, no lugar da Bouça Nova, com a que de Barcelos por Remelhe segue a Góios e Chorente.

O seu comércio está porém reduzido a uma pequena loja de mercearia e a sua indústria é a fabricação de carvão de madeira, feito nesta freguesia, ou em outras, por pessoas daqui.

Vem esta freguesia nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 com a designação: «De Sancto Martino de Car-

valias» nas Terras de Faria e nelas se diz que o rei não tem aqui reguengo algum e que Santa Eulália de Rio Covo tem sete casais e esta Igreja (et istam ecclesiam) (1).

A antiga Igreja Paroquial era no lugar da Igreja, junto à Cangosta que do Cabo vai para Real, ficando-lhe ao norte a Residência Paroquial. O templo era porém pequeno e insuficiente para as exigências do culto, em sítio húmido, sem condições higiénicas, chegando a um tal estado de ruína que em 1748 se *capitulou* a sua mudança para os lugares do Cabo ou do Souto de Real.

Dando-se preferência a este último, iniciaram-se as obras da construção da Igreja em 1749, sendo esta ben-zida e aberta ao culto em 1751.

Do lado direito da sua porta principal, a facear com a sua humilde fachada, ergue-se o torreão, construído em 1773, o qual era para um só sino mas nos princípios deste século foi aumentado e nele colocado outro.

Existe dentro da Igreja, junto ao arco cruzeiro, uma sepultura particular da casa da Portela. Na sua tampa de pedra tem gravada a seguinte inscrição: CAMPA. PERPETUA. DA. FAMILIA. DOS. FERREIRAS. DE. MACEDO. E. FARIAS. FEITA. EM. 1752. E. REFOR-MADA. EM. 1873.

À entrada e fora da porta principal existe outra se-pultura, sem inscrição, pertencente à casa de Real e onde foi sepultada em 1858 D. Luísa Inácia de Azevedo, mulher de André de Gouveia Mendanha Benevides, se-nhores daquela casa.

A actual Residência Paroquial, mandada edificar na mesma ocasião da Igreja, está ao lado direito da Estrada

(1) Alexandre Herculano — *Port. Mon. Hist. Inquisitiones.*

Municipal que vem de Silveiros, ao nascente da matriz e distante desta uns cem metros.

É de regular aparência e suficientemente espaçosa, sendo empregados, quando da sua construção, os materiais da antiga.

Na padieira de uma porta interior vê-se a data 1714 e em uma parede do outão do coberto do terreiro a de 1614, pedras estas que, com certeza, para aqui vieram do velho presbitério.

O Cemitério Paroquial está junto ao adro, em frente à porta principal da Igreja e foi construído em 1886.

Ao lado do Cemitério e mais abaixo está o Cruzeiro Paroquial que devia ser feito, ou para aqui trazido, na ocasião da construção da Igreja.

Ao sul deste, no antigo Souto de Real, existiu um outro Cruzeiro, hoje derrubado, que na base tinha a seguinte inscrição: J. H. S. ESTA. OBRA. MANDOU. FAZER. SEBASTIÃO. DE. MACEDO. FERREIRA. DE. FARIA. Não tem data mas já existia em 1751 pois, segundo consta do arquivo paroquial, a ele foi a procissão no dia da bênção da nova Igreja.

Não existe confraria alguma nesta freguesia e nela apenas há uma Capela e essa particular.

É a de Santo António e foi mandada fazer em 1711 pelo P.^e António José de Melo, Reitor de Santa Eulália de Rio Covo, junto às suas casas do Cabo, lado nascente, e perto da antiga Estrada Real de Famalicão a Barcelos.

O seu fundador projectou mas não realizou a instituição de um albergue para pobres e passageiros, junto àquela Capela.

Deixou à sua morte a casa e bens a um herdeiro, os quais estão hoje na posse da Casa de Paços, de Santa Eulália de Rio Covo, e a capela a outro.

Pelo decorrer dos tempos esta conheceu vários possuidores, até que por fim, no último século, foi comprada pelo Morgado da Portela, Clemente Ferreira de Macedo Faria Gajo, e já neste veio, por igual título, à posse daquella dita casa de Paços.

Há nesta freguesia os seguintes «Nichos ou Alminhas»: o da Portela, o das Almas, o de S. Martinho, o de Real, e o de Perdigão.

Este tem gravado no pedestal o seguinte leteiro: MANDOU. FAZER. ESTA. OBRA. O. CAPITÃO. JOÃO. CORREIA. MACHADO. DA. QUINTA. DO. PERDIGÃO. NO. ANNO. DE 1864.

Dentro dos limites desta freguesia, na encosta do monte da Saia, existe uma construção romana, ou pre-romana, conhecida aqui pelo nome de «Forno de Mouros».

A sua descrição vem no n.º 492 do semanário «Aurora do Cávado», de Barcelos, a qual, com a devida vénia, passamos a transcrever.

«Imaginali uma construção de dois metros de alto, de fórma de uma ferradura, dos angulos da qual se prolonga um corredor que se estende em linha obliqua alargando para a sahida o qual vae dar em um espaço quadrangular, dum canto do qual sóbe uma escada de tres degraus que terminava n'um pequeno pateo: colocai no centro deste quadrado, encostado a uma das faces, o tanque e tereis uma edeia perfeita da edificação que quero descrever.

Fazendo parte do tanque, e ao lado direito da bica, e tendo em frente tres pequenas pedras quadradas, que parecem servir de assento, achavam-se colocadas ao alto, unidas e formando ambas pelo lado superior uma corôa, com o arco voltado para baixo, duas pedras de onze decímetros de alto por quatro de largo, toscamente lavradas e com baixos relevos, um de sessenta e cinco centime-

tros por trinta, representando uma mulher, e outro de cincoenta centímetros por trinta e cinco, representando um menino, com a cabeça dum touro ao lado esquerdo.

Estão de tal sorte carcomidas estas figuras, que mostram claramente terem estado expostas à acção do tempo largos anos antes de serem sepultados no aluvião».

Estas figuras e outros objectos ali encontrados foram oferecidos pelo seu proprietário, Semião Ferreira de Macedo Faria Gajo, à Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães.

Em 1896 aquele mesmo proprietário doou à dita Sociedade o «Forno dos Mouros» com uma facha de terreno em volta, com caminho de servidão de pé desde o caminho da Mata de Baixo; uma Lage com diferentes desenhos gravados e algumas *fossetas*, buracinhos, no sítio chamado das Lages, sobre a quinta da Portela e servidão de trânsito a pé para a dita Lage, desde o caminho que vai para Chavão, tudo no valor de oito mil reis e com a cláusula de reversão para o doador, ou successores, no caso da extinção da Sociedade donatária.

As Fontes Públicas desta freguesia são: as do Sacramento, a da Feitosa, a da Portela, a do Outeiro, a do Ribeiro Forcado, e a de Tralavinha. As casas mais importantes são: a da Portela, a do Cabo, a da Eira, a de Real, a de S. Martinho, a da Naia e a do Perdigão.

Dos homens mais notáveis, cujos nomes andam ligados a esta freguesia, mencionaremos alguns.

Clemente Ferreira de Macedo Faria Gajo, nascido na sua casa da Portela, onde faleceu em 1879. Sendo Alferes do Regimento de Milícias de Vila do Conde, emigrou em 1826 para Lugo (Espanha) donde veio em seguida incorporar-se no Batalhão de Vila Real. Extinto este Batalhão, foi mandado incorporar no de Infantaria

n.º 12, entrando em todas as acções a que assistiu este Batalhão.

Em Fevereiro de 1827 esteve na defesa (?) da Ponte de Prado e teve de emigrar novamente para Espanha donde voltou em 1828.

Esteve também no cerco do Porto, no posto de Capitão. Foi amnistiado em Évora Monte.

Em 28 de Novembro de 1846 foi o primeiro que se apresentou em Famalicão, com gente armada à sua custa, para proclamar rei a D. Miguel.

Sendo Major graduado, o general Macdonell, em 1846, nomeou-o Tenente-coronel do seu Regimento.

Culpado pelo crime de rebelião, foi perseguido e assaltado várias vezes.

Álvaro Nunes, Escudeiro de el-rei e Tabelião em Barcelos, fundou em 3 de Dezembro de 1519 «a *Capela dos Reis Magos*», com sepultura privativa na Colegiada de Barcelos, cujo vínculo compreendia, além doutras propriedades, a Casa e Quinta do Perdigão.

Miguel Teixeira de Barros, 3.º Morgado do Perdigão, tirou carta de Brasão em 31 de Janeiro de 1612—Teixeiras, Tinocos, Barros e Costas.

Frei Manuel de Anunciação Gajo, nascido em 1772 na casa da Portela, foi frade em Vilar de Frades e escreveu um livro sobre emaranhadas genealogias.

Sebastião de Macedo instituiu o Morgado da Portela.

Francisco Ferreira de Macedo, senhor daquele Morgado, que tirou brasão dos Ferreiras-Macedos.

Manuel Teixeira de Barros, 8.º Morgado do Perdigão (capela dos Reis Magos), Tenente do Regimento de Milícias de Vila do Conde e Familiar do Santo Officio da Inquisição de Coimbra por carta de 18 de Setembro de 1772.

P.º José António da Silva Fonseca, natural da freguesia de Santa Eulália de Rio Covo, foi vigário das

Carvalhas por renúncia de seu tio P.^e Miguel da Silva Fonseca, quando nomeado Cónego Cura da Colegiada de Barcelos em 1789.

A resignação foi confirmada por Bula do Papa Pio VI, mas o reitor de Santa Eulália de Rio Covo, como Padreiro, não se conformou com esta resolução e pos-lhe embargos com o fundamento de que a vigararia era de natureza *ad nutum* e portanto não admitia renúncia.

Contestando, o vigário eleito alega que a vigararia era de natureza *colativa*.

Por ter sido considerado um benefício colativo, o vigário obteve sentença favorável em 1789, tomando posse em 8 de Junho de 1790.

Este vigário foi acusado de assinar uma representação contra o comandante militar de Silveiros, Capitão de Ordenanças, de incitar os povos à revolta e proferir palavras injuriosas contra as autoridades militares em 1809.

Por tão *graves crimes* esteve preso no Aljube em Braga, sendo por fim absolvido por sentença de 3 de Outubro de 1811.

João Correia Machado, natural da freguesia de S. Pedro Fins Riba d'Ave, viveu depois do seu casamento na sua Casa do Perdigão, desta freguesia das Carvalhas.

Alferes de Granadeiros em Braga, 1813, passou como Tenente para o Regimento de Milícia de Vila do Conde, 1825, e foi nomeado Capitão da 5.^a companhia desse mesmo Regimento em 1829.

Esteve no cerco do Porto e foi mais tarde reformado, visto o seu estado de saúde, no posto de Capitão com todos os privilégios e regalias.

Foi Vereador e Presidente da Câmara Municipal de Barcelos, por várias vezes, desde 1837 a 1840 e de 1842 a 1844.

P.^e João Pereira Gomes Rosa, natural de Barcelos, foi pároco nesta freguesia durante muitos anos.

Este meu saudoso amigo, possuidor de uma boa livraria, legada por seu tio P.^e Domingos Joaquim Pereira, o conhecido escritor Abade de Louro, deixou muitos manuscritos, hoje dispersos, publicou a « Cavalgada » e vários artigos em jornais da época.

Os referentes às Carvalhas vêm na « Aurora do Cávado » e no « Comércio de Barcelos », desta cidade, donde eu tirei muitos apontamentos para a história desta freguesia.

Para terminar temos ainda a dizer que as Carvalhas tem Caixa do Correio, mas não tem Escola Oficial.

A sua população no século xvi era de 26 moradores; no século xvii era de 46 vizinhos; no século xviii era de 61 fogos; no século xix era de 309 habitantes e pelo último censo da população é de 287 habitantes, sendo 134 varões e 153 fêmeas, sabendo ler apenas 48 homens e 6 mulheres!

Em uma população de 287 habitantes não é para admirar que haja 233 analfabetos, visto que esta freguesia nunca teve Escola e as das circunvizinhas são distantes e servidas por maus caminhos.

Para uma freguesia como esta, que tem quarenta e tal votos e estes *maquiados* pelas oposições, não vale a pena pedir aos Governos a criação de uma Escola. Esperemos pelo progresso da ciência que há-de descobrir um meio de distribuição da instrução aos domicílios pela T. S. F.

S. João de Chavão

CHAVÃO, orago São João Baptista, era uma vigararia da apresentação do Vigário Geral e Provisor da Religião de Malta.

Pela composição feita em 13 de Abril de 1216 entre D. Estêvão Soares, arcebispo de Braga, e D. Mendo, prior do Hospital, ficou este com a apresentação da Igreja de Chavão, competindo ao arcebispo a confirmação (1).

A palavra *Chavão*, segundo autorizados escritores, deriva do nome próprio Latino *Flavianus*.

Esta freguesia foi comenda da Ordem de Malta.

Em 1100 fundou-se o Hospital de São João Baptista de Jerusalém para recolher peregrinos e tratar doentes, e vinte anos depois institui-se nesse estabelecimento uma Congregação de monges e guerreiros para libertar os Lugares Santos das mãos dos infieis.

Dentro em breve esta Ordem foi admitida em Portugal, sendo certo que em 1130 os seus freires se encontravam já em Leça, sua primeira casa.

Foram chamados primitivamente *Hospitalários* ou *Frades do Hospital*, enquanto a sua sede foi na Pales-

(1) Mons. J. Augusto Vieira—Fastos Episcopais, vol. I, pág. 372.

tina; *Cavaleiros de Rodes*, quando tiveram a sua sede, na ilha daquele nome; e, finalmente, *Cavaleiros de Malta* quando passaram para esta ilha.

Esta Ordem compunha-se de cavaleiros, de capelães conventuais e de obediência e de serventes de armas, havendo ainda os pagens do Grão Mestre e os serventes de estágio.

A autoridade suprema da Ordem estava no *Grão Mestre*, que tinha honras de cardial e tratamento de Alteza. Diga-se de passagem que apenas quatro portugueses ascenderam a tão elevado cargo.

Abaixo deste haviam os *Balios Conventuais*, sete ministros ou conselheiros de Estado, supremo governo da Ordem, que, servindo na sede desta, eram os sete *Línguas* em que ela estava dividida.

Portugal e Castela formavam uma língua com dois priorados: o do Crato e outro em Espanha.

Só eles podiam usar uma cruz grande de pano que lhe cobria todo o peito e por isso se chamavam também *Grão Cruzes*.

Os *Priores* eram as autoridades que presidiam às *Províncias* ou *Reinos* onde a Ordem possuía bens e jurisdições. Tinham várias atribuições, entre elas a de reunir o *Capítulo Provincial*, visitar o priorado e conceder comendas, sendo-lhes permitido por último usar o título de *Grão Prior*.

Antes da criação do grão priorado do Crato, o chefe da Ordem em Portugal chamava-se *Prior do Hospital*.

Até 1695 os Priores do Crato eram da escolha do Grão Mestre, passando depois a ser de nomeação do rei.

Por Bula de Pio VI, de 5 Novembro de 1789, foi unido o priorado do Crato à casa do Infantado, mas quanto ao espiritual o Provisor e Vigário Geral do Crato continuou sempre sujeito à Santa Sé.

Comendadores eram os cavaleiros professos por quem a Ordem repartia fazendas, terras e bens, *encomendando-lhes* a sua administração, vindo daí o nome de *comendas*.

As comendas mais importantes chamavam-se *Balios* ou *Bailios*.

Haviam quatro espécies de comendas:

A *Comenda Magistral* que pertencia ao Grão Prior. De cinco em cinco anos era dada a este dignatário uma Comenda, que ele por sua vez podia conceder a qualquer cavaleiro, à qual se chamava *Comenda de Graça*.

A *Comenda de Cabimento* era a que tocava a cada cavaleiro, conforme a sua antiguidade, e que ele possuía por cinco anos.

Se administrava bem, era-lhe dada outra mais importante no priorado a que chamavam *Comenda de Melhoramento*.

O Baliado de Leça, comenda importante da Ordem onde esta teve a sua primeira casa, passou a um plano secundário depois que foi criado o Priorado do Crato em 1350.

A Ordem de Malta ou Hospitalários possuía muitas comendas em Portugal: no fim do século XVIII contavam-se nada menos de trinta e duas, fora algumas comendas anexas e o Prior do Crato.

Nos princípios do século XIX a decadência da Ordem era tal que por decreto de 22 de Agosto de 1833 e outros diplomas legais foi determinado que a Junta dos Juros administrasse todas as comendas e bens da Ordem de Malta, e o Aviso Régio de 22 de Dezembro de 1834 anexou a jurisdição eclesiástica ao Patriarcado, acabando desta forma a Ordem de Malta em Portugal.

Os papas e os reis de Portugal concederam muitos e variados privilégios aos enfiteutas e caseiros das terras pertencentes a Malta.

Pinho Leal, no «Portugal Antigo e Moderno», na nota a Barcel, Marmelos e Valverde, vol. I, pág. 326, diz:

«Todas as terras da Ordem de Malta em Portugal tinham muitos privilégios.

Quando algum indivíduo, caseiro da Ordem, era inquietado com pedidos ou serviços públicos, invocava os seus *privilégios* e ficava logo isento. É por isso que quando alguém se exime a qualquer obrigação ou serviço, ou ao pagamento de qualquer dívida, sob plausível ou fútil fundamento, costumamos dizer:

«*Aquele chamou-se a Malta, pôs à Malta ou fez à Malta*, isto é, invocou os privilégios dos vassallos da Ordem de Malta».

Entre as suas várias comendas tinha esta Ordem a de Chavão, com a sua quinta anexa de Santa Marta, na freguesia de Arcozelo, com a renda global de um conto e seiscentos mil reis.

Além de muitas terras de caseiros ou foreiros nesta e em várias freguesias, possuía esta comenda a casa da residência dos comendadores e freires desta Ordem e uma quinta junta nesta freguesia de Chavão e, como dissemos, a quinta de Santa Marta na freguesia de Arcozelo, deste concelho.

A casa conventual de Chavão fica junto à Igreja matriz desta freguesia.

É um edificio baixo, comprido, tocando de topo com o adro daquela igreja. Nada tem de majestoso e imponente; ao depararmos com ela dá-nos a ideia de uma casa de lavrador mais do que remediado.

Para o aquecimento das suas salas e quartos ainda restam três fogões de granito metidos nas paredes e de uma curiosíssima chaminé que sobresaí os telhados; é uma miniatura das imponentes chaminés do Paço de Sintra.

Entre este edificio e a Igreja está um formoso portão que dá entrada a um largo terreiro interior fechado do nascente pela Residência Paroquial, do sul por dependências da casa do comendador, do poente por esta casa e do norte pelo dito portão e igreja. À entrada desse terreiro, colocada no vão da parede, está uma sepultura de pedra, para ali trazida do Largo junto à igreja, a qual serve de pia para o gado beber. A tampa dessa sepultura foi metida no pavimento do pátio que dá acesso à casa conventual, estando a parte superior dela voltada para baixo e onde se vêem ainda vários desenhos gravados na mesma, tais como uma espada, etc.

É muito interessante aquele portal, com a sua porta em arco, encimado por uma cruz, tendo ao centro esculpida uma outra de Malta e por baixo desta a seguinte inscrição—ESTA. OBRA. MANDOV. FAZER. O. COM-DRO. DE. CHAVAM. FR. ALVARO. AONI. DE. SOV-SA. E. AS. MAIS. DA. CAZA. DA. REDENCIA. E. CAPELA-MOR.

A quinta de Santa Marta era sita, como dissemos, na freguesia de Arcozelo, arrabaldes da vila de Barcelos.

Compreendia esta quinta terrenos hoje ocupados pela Fábrica de Serração da firma Domenech, pela Estação dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro de Barcelos, por parte dos terrenos e edificios da Avenida dos Combatentes da Grande Guerra desta cidade e ainda por outros. Hoje está reduzida a um velho casarão, que serve de habitação a caseiros, e a alguns campos e bouças circunjacentes.

Ao lado desta casa, para o norte, estava uma anti-quíssima capela com a sua frontaria virada ao poente, pequena, baixa e com um alpendre à frente.

Encimava a fachada desta uma bela cruz de Malta em pedra, que foi piedosamente recolhida no Museu

Municipal, quando da demolição desta capela há poucos anos.

Entre a capela e a casa existiu um portal, demolido em 1908, que tinha na sua verga ou padieira a seguinte inscrição:—«ESTA. OBRA. MADOV. FAZER. F. I. DE. FARIA. DE. ANDRADE. COMÊDADOR. DE. CHABOM. E. S. MARTA. FIDALGVO. DA CASA. DEL REI. DOM. SEBASTIOM. NO. SEGVMDO. ANO. QVE. EMTROV EM. REMDA. 1562».

A Igreja Paroquial de Chavão ergue-se em frente a um Largo, fazendo ângulo recto com o portal e casa do comendador.

A sua frontaria, em bem trabalhada pedra, tem no centro por cima da rosácea gravada a cruz de Malta.

Ao lado esquerdo eleva-se uma sólida torre para os sinos, obra muito mais moderna que a igreja primitiva. É esta em estilo românico, deturpado com o seu alteamento, aberturas de janelas D. João V, etc. A Cornija é sustentada por uma fileira de cachorros, sendo os do corpo da igreja decorados com figuras humanas, cruces, animais exóticos, etc.

Dentro é um templo asseado. A capela-mor, a capela do comendador, é forrada a madeira em caixotões, guardados com florões, tudo pintado e dourado.

O altar é em bela talha renascença. Fecha a tribuna uma tela antiga, representando S. João prègando no deserto, encimada por uma cruz de Malta gravada em madeira.

Serve de credência uma linda mesa estilo D. João V de grande merecimento artístico.

O corpo da Igreja é forrado também a madeira, sendo porém esse forro liso e relativamente mais moderno.

Entre o arco cruzeiro e as duas portas travessas são ocupadas as paredes por quatro altares; os dois primei-

ros antigos, no mesmo gosto do altar-mor, vendo-se em um deles uma expressiva imagem de Cristo crucificado de origem italiana, e os dois últimos modernos, inestéticos; os antigos foram substituídos por estes, que o gosto da época aqui colocou, vendendo aqueles a qualquer bric-a-brac.

O baptistério é simples, sem labores. Do lado do evangelho está a sacristia, ampla, espaçosa, com um lavabo de pedra em que a água sai pela boca de uma cara humana bem trabalhada.

O Cruzeiro Paroquial ergue-se no alto do terreiro que se estende em frente à Igreja e assenta em cima de uma pequena coluna com capitel coríntio, em que apoia um globo. É antigo, sendo reformado há poucos anos; na base tem a data —18—1.º—1913.

O Cemitério fica mais ao norte, muito distante da igreja. Sobre o seu portão tem no ferro gravada esta inscrição: « Cemiterio Paroquial de Chavão 1886 ».

Há nesta freguesia os seguintes Nichos ou Alminhas:

As alminhas de Chavão, metidas na parede do Cemitério à face do caminho velho que vai para as Carvalhas. São antigas, sendo, porém, reformadas e mudadas há poucos anos; tem em cima gravada na pedra a seguinte data—1885.

O Senhor do Bonfim, sito no lugar do Crasto.

Em frente a esse nicho foi construído um alpendre, sustentado por duas colunazinhas, fechado por parede e cancela de ferro, tendo dentro bancos de pedra.

Por baixo da cruz que o remata vê-se ainda uma inscrição gravada em pedra, em parte incompleta por ficar oculta pela telha francesa, ali colocada há dois anos, que cobre o alpendre.

Lê-se porém ainda o seguinte:— « ESTA OBRA MANDOU FAZER D. ANNA MARIA EUFRAZIA... ».

Dentro tem a imagem de Cristo crucificado e aos pés N. S. das Dores.

Sobre o altar está um quadro votivo em madeira, lindamente encaixilhado, com a seguinte legenda: «Milagre que fez o Snr. do Bomfim a D. Anna Maria Eufrazia de Sousa que achando-se com uma gravissima maligna e desenganada do medico que dela não escapava abraçou-se aos divinissimos pés do Senhor logo melhorou».

Na abertura da estrada foi reformada a parede do alpendre que com ela faceia, tendo gravado em uma pedra: «C. M. 1931».

Pertencem estas Alminhas à casa de Gomil, do lugar da Seara, donde era a fundadora.

Esta freguesia, sita parte na encosta sul do monte da Saia e parte em planície, bacia orográfica do rio Este, é banhada nos seus limites com a de Grimancelos pelo ribeiro de Mangualde, afluente daquele rio, e é servida pela Estrada Municipal que daquela de Grimancelos vem até à igreja, estando em projecto a sua continuação até à freguesia das Carvalhas, com o que muito lucrarão os povos destes sítios por ficarem ligados directamente com a sede do seu concelho.

Confronta esta freguesia de Chavão, pelo norte, com a de Chorente, a das Carvalhas e a de Silveiros; pelo nascente, com a de S. Pedro do Monte de Fralães e a de Grimancelos; pelo sul, com a de Grimancelos e a de Negreiros e pelo poente, com a de Chorente e a de Negreiros.

Tem as seguintes fontes públicas: a da Igreja, a do Senhor do Bomfim e a da Aldeia.

A sua população no século xvi era de 21 moradores; no século xvii era de 105 vizinhos; no século xviii era de 62 fogos; no século xix era de 224 habitantes e pelo 7.º Censo de População é de 325 habitantes, sendo

147 varões e 178 fêmeas, sabendo escrever 52 homens e 12 mulheres.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Póvoa, Seara, Boucinha, Agrela, Aldeia, Ribeiro, Serra, Comenda, Gomil, Cabo, Picotos, Ordem, Padrão e Crasto.

As suas casas mais importantes são: a da Comenda, a da Aldeia, a dos Campos e a do Alves.

Não há Escola Oficial; tem uma loja de mercearia e Caixa do Correio.

Exerce-se aqui muito a indústria de fazer carvão de madeira e há actualmente um pirotécnico afamado.

No alto do monte da Saia, limites desta freguesia com as de Chorente, Silveiros e S. Pedro do Monte de Fralães, esteve a Capela de Nossa Senhora do Livramento, no campo do Ouro, à qual nos referiremos quando tratarmos da freguesia de Chorente.

Este monte foi em outros tempos muito habitado, aparecendo ainda vagos indícios de algumas construções.

Nesta freguesia, perto do Livramento, em uma covada, há uma rocha a que o povo chama a *pégadinha da Senhora*, donde brota um grande manancial. Perto deste sítio ainda se vêem os vestígios de antigas edificações, covas, restos de telha, louça, etc. e ali perto se encontraram há anos alguns machados de bronze.

No monte há um penedo que, quando é tocado com algum pau ou pedra, dá uma certa ressonância e por isso o povo lhe chama *sino dos mouros*.

Gloria-se esta freguesia de ter concorrido para a extinção de uma grande *malta de ladrões*, que após as lutas fratricidas do século xix infestava esta região e molestava os seus habitantes.

Em um ataque do povo contra os malfeitores, que estavam a assaltar uma casa, entre mortos e feridos,

caiu em poder dos atacantes um ladrão que era portador da lista dos nomes de todos os seus sócios. Fácil foi, pois, à justiça chamar a contas os que tinham escapado à chacina, livrando esta terra dos seus malefícios.

E conseguiu-o, pois no estado actual da civilização os grandes ladrões, sob diversos nomes, recolheram-se às cidades, onde exercem a sua profissão, ficando nas aldeias apenas os . . . *ratoneiros*, que ainda por aqui há, infelizmente.

S. Miguel de Chorente

CHORENTE, orago S. Miguel, foi reitoria da apresentação alternada do Papa e do Arcebispo de Braga.

O Reitor desta freguesia, por sua vez, apresentava vigário nas anexas de Macieira e Paradela.

De *Florente*, nome próprio latino, vem Chorente (1).

Confronta esta freguesia pelo norte com a de Góios, pelo nascente com a das Carvalhas e a de Fralães, pelo sul com a de Chavão e a de Negreiros e pelo poente com a de Macieira e a de Gual.

Foi Comenda da Ordem de Cristo. x

D. Francisco de Portugal, Marquês de Valença, em 1720, fez Tombo desta Comenda o qual me parece ser o último. Os seus marcos divisórios têm gravada a cruz de Cristo e por baixo as letras—M. D. V. L.^a, que querem dizer: Marquez de Valença, em cuja casa andou esta comenda, e mais abaixo ainda a data 1720, ano em que foi feito aquele Tombo.

Esta freguesia vem nas Inquirições de 1220 com a designação—« De Sancto Michael de Chorenti », nas Terras de Faria.

(1) P.^e António G. Pereira — Trad. Populares, pág. 343.

Nelas se diz que o rei não tem aqui reguengo algum e que dos seus moradores uns pagavam *voz* e *calúnia* e outros não.

Na História da Ordem de Malta lê-se que em S. Miguel de Chorente havia « honrra des o rio allem contra Chavã, e dentro tras termos jazião herdades de mosteiros e de Chavã e de Goyos, que de tudo usavam per honrra ».

Várias ordens e mosteiros tinham pois aqui terras e mui principalmente a Comenda de Chavão, da Ordem dos Hospitalários de S. João de Jerusalém, ou de Malta, a qual teve, além doutras terras, a *Casa do Hospital*, cujo nome lhe advém daquela ordem, a *Quintã de Chorenti*, doada à comenda de Chavão por Vermudo Vermuiz, e um *casal* em Souto, etc.

Parte desta freguesia está situada na encosta norte do monte da Saia e parte em planície.

Terra fértil, é atravessada pelo ribeiro a que aqui chamam da Varzêa, e o qual, nascendo nos limites desta e da das Carvalhas, passa por outras freguesias e vai lançar-se no rio Este, em Balazar, concelho da Póvoa de Varzim.

As suas fontes públicas são: a de Amins, a de Lobeira, a de Móços, a do Assento e a de Levanadeiras.

— É servida pela Estrada Municipal que de Remelhe e Carvalhas vem passar pela parte mais central, junto à Igreja Paroquial, bifurcando-se mais abaixo em duas: uma com comunicação por Gual com a Estrada n.º 5 (de Barcelos às Fontainhas) e outra por Negreiros com a Estrada de Famalicão à Póvoa de Varzim.

A primitiva Igreja Paroquial, segundo a tradição, era no Monte do Adro, limites de Macieira, e em data indeterminada foi mudada para o sítio onde está.

Esta é antiga, com duas naves (se àquele acréscimo se pode chamar nave) baixa e de aparência humilde.

Aquela mudança da matriz, a dar-se, devia ser muito antes do século xvii, pois em 1638 consta dos « Livros dos visitantes » que ela tinha junto à porta principal um *alpendre* ou *cabido*.

Em 1664 fez-se um púlpito de *pedra esquadria* e em 1696 mandou fazer-se outro *ao moderno* por aquele ser muito tosco.

Em 1693 fez-se o levantamento do arco cruzeiro, das paredes da Igreja e da capela-mor, pelo que se vê que o edificio nunca foi muito alto.

Em 1725 o campanário, que era sobre a porta principal, começava a ameaçar ruína.

Em 1742 as paredes da capela-mor bem como as da sacristia estavam arruinadas e os tetos da Igreja estavam podres.

Em 1750 fez-se a frontaria da Igreja *ao moderno* e tirou-se o *cabido* ou *alpendre* junto à porta principal.

Em 1751 mandou-se fazer um torreão a facear com o frontispício da Igreja, ao lado do sul, visto não existir já o antigo sobre a porta principal.

Aquele torreão, porém, só foi construído em 1818.

Em 1797 manda-se *formalizar* os vestidos de Santo António, « que se achava trajado de hábito de frade capuchinho, com rigorosa congruência », como dizia o visitador daquêle ano.

A Residência Paroquial, ao lado nascente da Igreja, precisava de obras em 1638, 1696, 1750 e 1806.

O Cemitério Paroquial, ao lado sul da Igreja, junto ao Adro, tem o seu portão virado à Estrada e nele se vê a data 1893. Contém alguns jazigos de famílias.

O Cruzeiro Paroquial, antigo e tosco, estava antigamente perto da Quintão, donde foi retirado por cerca de 1888.

O actual está no terreiro junto ao Adro e é conhecido pelo nome de Cruzeiro da Senhora, talvez por ter vindo do Livramento.

Junto à Estrada, mais acima, há um outro, alto e esguio, em cuja base se vê a seguinte inscrição: OFFERECIDO. POR. SEMEÃO. FERREIRA. DA. QUINTA. DO. HOSPITAL. EM. 1903.

No terreiro de Santo Amaro ou da Senhora, existem mais dois: um junto à capela e outro à entrada daquele terreiro, do lado do poente, ambos toscos e sem arte.

Houve antigamente nesta freguesia a *Capela de Nossa Senhora do Livramento*, no Campo do Ouro, no monte da Saia, limites desta freguesia e das de Carvalhas e Fralães.

Foi fundada por Pascoal da Silva, natural de Silveiros, em virtude de um voto que fez quando vinha embarcado da Baía, onde grangeou parte dos seus haveres, para Portugal.

Junto a essa Capela mandou o seu fundador construir umas casas para vivenda do ermitão ou seu guarda.

Em testamento feito em 1717 quer ele ser enterrado na sepultura metida na parede da Capela, ao entrar para a sacristia, e determina que mais ninguém seja aí sepultado.

Nomeia para administradores dessa capela, em primeiro lugar o Comendador de Chavão e em segundo o seu vizinho mais próximo, João Correia de Lacerda.

Declara que tem dois escravos: uma negra de 15 anos e um mulato de 7 anos e que, se este for capaz, assumo mais tarde o lugar de ermitão.

Institui por sua herdeira universal essa Capela e lego-lhe mais «um crucifixo de marfim, com resplendor de ouro, cruz e calvário de ébano e aos pés as três ima-

gens, também de marfim, de S. Pedro, Santa Maria Madalena e S. Jerónimo ».

Esta capela já em 1760 precisava de obras e nota-se a falta de um ermitão que tire algumas esmolas para afervorar o culto *que ia amortecendo*.

Os administradores eram porém remissos em fazer obras nela, bem como na casa do ermitão.

Este, por fim, tal era o estado dela que teve de a abandonar.

Em 1773 nota-se que os ladrões arrombavam a porta da casa para pernoitarem aí, propondo-se então que os administradores a demolissem e applicassem os seus materiais em obras pias.

O Comendador de Chavão opôs-se porém a essa demolição.

Em vista disso os moradores de Chorente fazem em 1780 um requerimento a S. A. R. para mudarem a capela para o lugar de Vila, deixando no sítio um cruzeiro de pedra ou padrão.

Não chegou porém a efectuar-se essa mudança. Em 1790 o altar do Livramento já estava na Igreja Paroquial.

Continuando a acção devastadora do tempo completa-se a ruína dessa capela e hoje no sítio onde ela existiu apenas encontramos vagos vestígios dos seus alicerces.

Capela de Nossa Senhora da Purificação ou do *Carvalho*. Esta capela, também conhecida pela denominação de *Santo Amaro*, é muito antiga, não se sabendo a data da sua fundação.

O autor do «Santuário Mariano», tomo IV, pág. 317, diz que naquela época, 1712, se festeja essa senhora no primeiro domingo depois do Santiago.

— Que a imagem desta Senhora é de pedra e de « tanta perfeição que se pode ter por manufactura de ar-

tífices do céu ». Essa imagem e a de Santa Catarina, também de pedra, se veneram ainda no camarim do altar-mor e devem ser muito antigas, pois por elas se vê o estado primitivo e atrasado dos seus artífices.

O mesmo autor diz que também invocam esta Senhora com o título do Carvalho por se afirmar que apparecera em um grande carvalho que havia naquele sítio. « Porém como aquella gente pela maior parte é rústica, e só cuida da cultura da terra, de que depende o seu sustento e remédio, só deste se lembra, e não cuidam de fazer memória de semelhantes cousas: os párocos também cuidam dos seus interesses e de que haja muitos frutos para recolher, assim não há tradições, nem quem diga nada da sua manifestação que podia ser fosse muito maravilhosa ».

Isto dizia Fr. Agostinho de Santa Maria na obra acima citada, nos princípios do século XVIII.

A primitiva capela era, segundo me informam, uma espécie de Nicho com seu alpendre, fechado com grades de madeira.

No século XVIII foi aumentada e reconstruída em forma de capela, em ponto pequeno e baixo, sendo ampliada nos fins do século XIX.

A imagem de Santo Amaro foi ali colocada na occasião do primeiro acréscimo e pela devoção deste povo tomou esta o nome do Santo.

Está actualmente sob a administração da junta da freguesia.

Há ainda a pequenina *Capela dos Senhores dos Passos*, no lugar de Vila, ao lado poente da Estrada que vai para Negreiros.

É antiga mas em 1904 foi mudada e reconstruída tal como era. Pertence ao Sr. José Bento de Oliveira.

Há os seguintes Nichos ou Alminhas: o do Bairro e o da Idanha.

Funciona nesta freguesia apenas uma confraria: a das Almas, que dizem foi instituída em 1670, sendo os actuaes estatutos aprovados em 29 de Janeiro de 1803.

Pelo censo da população de 1527 tinha esta freguesia 59 moradores; no século xvii tinha 100 vizinhos; no século xviii tinha 102 fogos; no século xix tinha 484 habitantes e pelo último censo da população tem 547 habitantes, sendo 252 varões e 295 fêmeas, sabendo ler apenas 53 homens e 15 mulheres.

Não admira tamanho número de analfabetos pois esta importante e populosa freguesia não tem Escola Oficial de primeiras letras!

Tem Caixa do Correio.

Os seus lugares habitados são: Assento, Carvalho, Costa, Quintão, Souto, Gandarinha, Moços, Torre, Castanheira, Vila, Torrinha, Bairro, Sandim, Idanha, Lobeira, Vinhós, Padrão, Hospital, Amins e Crasto.

As suas casas mais importantes são: a do Hospital, a de Amins, a da Quintão (Quinta de Castro Verde), a de Sandim, a do Bairro, a do Assento, a de Vinhós, a de Vila, que tem no portal a data 1728, as do Miranda, Lemos e Andrade, na Costa.

A casa de Amins, tendo no portal o escudo com as armas dos FONSECAS, é considerada o solar de um dos ramos desta família.

No portal da Casa da Quintão existe um emblema muito curioso: consta de uma taça redonda, que parece uma gamela vista de frente, e sobrepostas uma colher e um ferro de pedreiro, de assentar.

Em volta tem uma inscrição incompreensível pelas abreviaturas.

Dizem que este portal foi mandado construir por um *brasileiro* que ganhara os seus haveres nas minas do ouro, colocando no escudo as peças representativas da sua indústria.

Sendo assim é um brasão de trabalho do qual não devemos desdenhar.

Na Casa do Hospital de notável apenas existe no seu terreiro um tanque em que a água caía por três bicas, com um nicho ermo de seu morador: são os únicos restos das suas passadas grandezas.

A indústria desta freguesia está reduzida a alguns moinhos de farinar e a um engenho de serrar madeira, e o seu comércio a uma loja ou mercearia.

Dos homens mais ilustres mencionaremos os seguintes: Domingos Tomé da Fonseca, natural de Chavão, senhor da Casa de Amins em Chorento pelo seu casamento com Francisca André, e em quem muitos genealógicos fazem tronco dos FONSECAS desta casa.

Bento da Fonseca, nascido no século xvii na casa de Amins, casado em Barcelinhos com Isabel Coelho, foi Procurador da Coroa em Barcelos. Depois de viuvo ordenou-se de clérigo e foi Abade de Creixomil e de Santa Maria de Abade do Neiva. Foi pai do Dr. Bento da Fonseca, F. da C. R., Desembargador do Paço e Enviado Extraordinário a Roma.

O Dr. Manuel José da Costa Felgueiras Gayo, senhor da Casa do Hospital, Formado em Direito pela Universidade de Coimbra nos fins do século xviii, exerceu os principais cargos da governação em Barcelos e escreveu 32 volumes de genealogias e costados, cuja obra monumental se conserva no Cartório da Santa Casa de Misericórdia de Barcelos.

Manuel João de Faria, que viveu por 1635, foi senhor da Casa do Hospital e instituidor de um vínculo.

Dr. Luís da Cruz Ferreira, natural desta freguesia, Médico Cirurgião pela Escola do Porto, Sub-Delegado de Saude em Barcelos, clínico no Hospital da Misericórdia, pertenceu à primeira Comissão Administrativa da Câmara Municipal, nomeada após a implantação da República, e faleceu em 1928.

Em 1647 era pároco desta freguesia Bento Lobo de Faria.

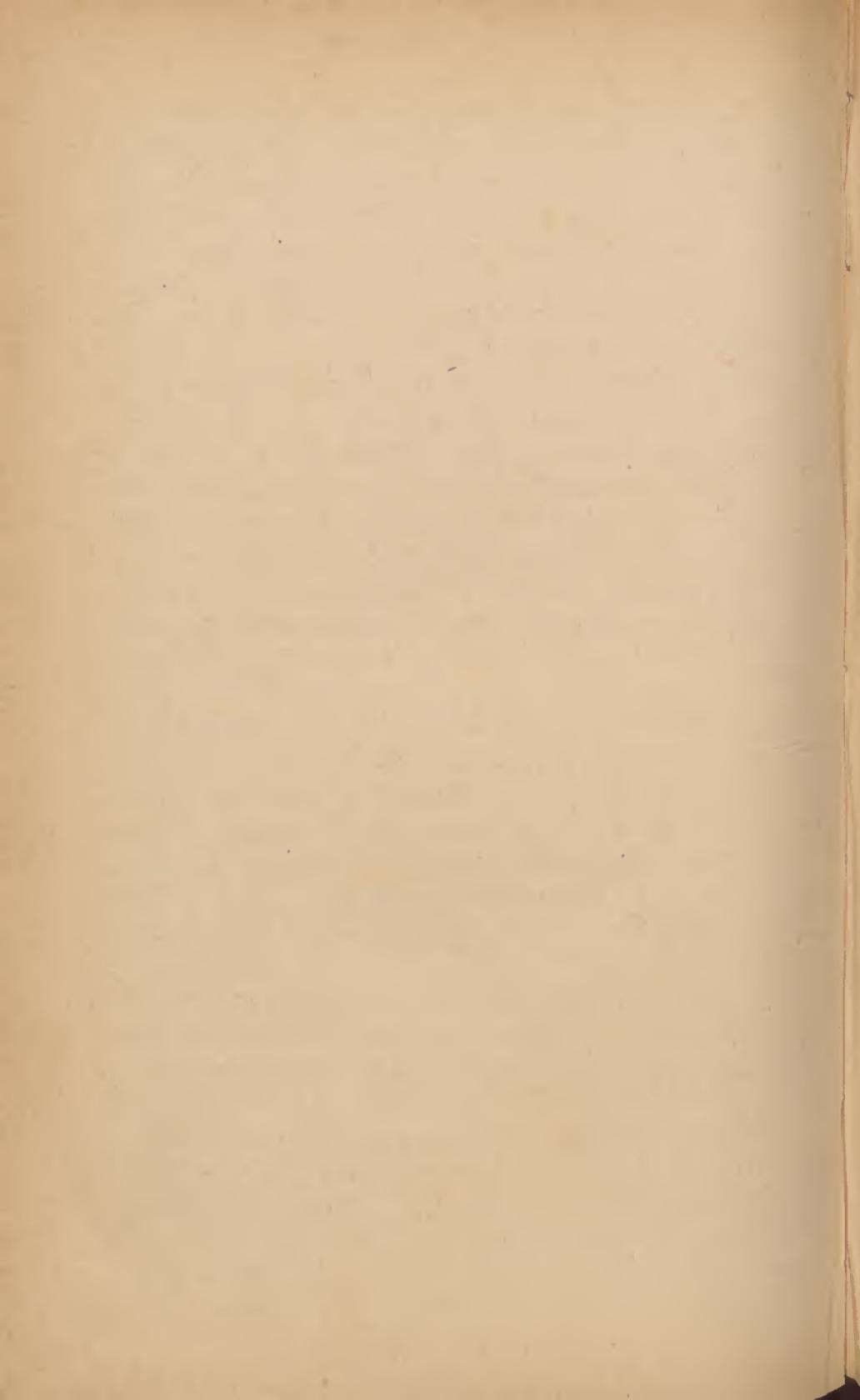
Este virtuoso reitor foi um zeloso mantenedor dos bons costumes dos seus fregueses.

Haja em vista as medidas que estabeleceu e fez cumprir: mandou colocar à porta principal da Igreja um homem de *sã consciência* para tomar nota dos que vinham tarde à missa ou que estavam a conversar durante ela no Adro e proibiu sob multa de 100 reis de cada vez que as *mulheres solteiras cabaneiras se assentassem na Igreja diante das casadas*, o que causava *grande inquietação na Igreja*.

Felizmente não houve só este pastor tão zeloso: outros se lhe seguiram. Assim, o seu sucessor Teodoro da Silva Ribeiro em 1669 proibiu que os fregueses se juntassem no Adro a conversar antes ou depois da missa para evitar desavenças com risco de *virem a dar pancada*, e em 1677 proibiu igualmente a entrada na Igreja para ouvirem a missa a homens com o *cabelo entrançado e atado*.

E ainda em 1618 o reitor João Gomes proíbe os *serões*, fiadas e espadeladas de noite, com ajuntamento de homens e mulheres, e os grandes jantares na ocasião dos enterros de pessoas de família.

Parece que estas acertadas medidas produziram os seus efeitos, pois nunca mais ouvi falar nos tempos posteriores em estes ou em outros abusos; a moralidade triunfou felizmente!



S. Martinho de Courel

COUREL, orago São Martinho, era vigararia *ad nutum* dos Cónegos da Colegiada de Barcelos.

No livro dos usos e costumes desta freguesia, a fls. 13, encontra-se uma interessante nota ali lançada em 2 de Outubro de 1831 pelo vigário de então P.^e Manuel José Martins.

Diz assim: — « Teve principio esta Igreja de S.^m Martinho de Courel a ser curada por parochio no anno do nascimento de Nosso Senhor J. Christo de mil cento e oitenta e quatro, segundo o que consta no Archivo da Santa Sé Primaz de Braga da apresentação do ex.^{mo} Sr. Conde de Barcelos e foi abbadia da sua regalia até ao anno do Sr. de 1474 em que o Ex.^{mo} Sr. Duque D. Fernando, o 1.^o do nome, obteve do papa Paulo 2.^o breve para a sua Capella real de Barcellos ser erecta Collegiada e todas as Igrejas da sua apresentação ficassem a solver os dízi-mos para as Dignidades, que nella ha, ficando desde tempo por deante em vigararia, e se collige ser abbadia até ao dito anno de 1474, e desta era por deante até ao presente de 1831, é vigararia ha 357 annos; e foi abbadia 290 annos ».

— « Não se pode ver no conhecimento em que era foi feita a ermida ou capella de S.^m Martinho, como colli-gi do dito archivo da Santa Sé; e mais por se não poder

lêr, e ser letra antiquíssima e gotica etc. etc. E para memória para os tempos vindouros fiz este assento da minha curiosidade, por ser apaixonado de saber as antiguidades dos templos». —

Estas notas, ainda que sujeitas à crítica histórica, são na verdade interessantes e a *curiosidade* do illustre vigário não era de todo despendida.

Courel, segundo o P.^e António Gomes Pereira, deriva do latim *quadrelli*, genitivo do substantivo *quadrellus*, variante de *quādrella* que deu origem à palavra *courella*, terreno quadrangular, leira grande.

Esta freguesia vem nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 com a designação: — «De Sancto Martino de Coirel» nas Terras de Faria.

O rei tinha um reguengo marcado por divisas. Havia ainda um souto reguengo.

Pedro Mendes de Molnes comprou uma herdade e parece que foi alargando os seus domínios até à custa do que era do rei: «et dicunt quod Rex domnus Sancius posuit illis istam rendam. Et postea miserunt ipsa casalia in pignore Petrus Menendiz de Molnes, et non levat inde Maiordomus ipsos medios morabitanos nec audet in illa intrare».

Os Molnes eram absorventes e despóticos como se pode ver na freguesia de Goios.

A antiga Igreja Paroquial era um pouco ao nascente da actual, junto ao Presbitério e era a antiga ermida de São Martinho, cuja fundação se desconhece.

Podemos localizá-la pelas seguintes confrontações: norte, eirado de Residência; poente, caminho; sul, terras de Amins e nascente, quintal da Residência.

Corre na tradição, não que visse em qualquer documento, que a matriz desta freguesia e de outras vizinhas foi primitivamente no Monte do Adro, limites das

freguesias de Chorento, Macieira e Gual, antes da fundação das suas respectivas Igrejas Paroquiais.

Relativamente a esta de Courel não sei quando a antiquíssima ermida de São Martinho começou a funcionar como matriz; em 1765 capitulou-se o lavatório para a sacristia; em 1784 o forro da sacristia com claraboia e forrar o corpo da Igreja; em 1786 forrar a sacristia dos Remédios; em 1797 entabernou-se a Igreja; em 1798 pintou-se o forro da Igreja; em 1802 soalhou-se a sacristia; em 1806 mandou-se rasgar uma fresta junto ao altar dos Remédios.

Nela porém se exerceram os actos paroquiais até 1863, ano em que foi inaugurado o actual templo.

É certo que ainda existiu até 1887, sendo então demolida e a sua pedra empregada na construção do Cemitério Paroquial.

O actual templo foi mandado construir pelo *brasileiro* Manuel José Ribeiro de Araújo, natural desta freguesia.

É um edifício relativamente grande, bem proporcionado e iluminado por rasgadas janelas.

Do antigo apenas tem o baptistério que veio da Igreja velha.

Obra moderna, o que tem de mais notável são os tetos em estuque com aplicações de gesso bem trabalhado e na capela-mor os quatro quadros com os evangelistas também em gesso.

Dizem que este trabalho foi executado por um artista de Lisboa, cujo nome desconhecemos.

A obra de carpinteiro foi dirigida pelo mestre na mesma arte José António de Miranda, natural desta freguesia.

Exteriormente, por cima da porta principal, existe uma lápide com a seguinte inscrição: « Manuel José Ribeiro de Araujo, Comendador de Impereal Ordem da

Rosa. Grato ao lugar que o viu nascer, veio do Brazil pela 3.^a vez ao seu paiz natal edificar este templo em honra do culto divino 1861».

Ergue-se do lado do evangelho a facear com o frontispício uma sólida torre, com seu relógio, e seguem-se-lhe as sacristias, amplas, de um andar.

Nesta freguesia existiu a Ordem 3.^a de S. Francisco, instituída pelos frades do convento da Franqueira e na qual havia um Comissário, que era um frade daquele convento nomeado pelo Provincial da Ordem franciscana.

O Adro é todo cercado de parede com duas portas de ferro para serventia. Do lado sul, a facear com este, está o Cemitério paroquial cujo portão tem a data de 1893.

O Cruzeiro paroquial, um pouco distante da Igreja ao norte, é moderno, alto, mas bem proporcionado. A sua coluna é rematada por um bem trabalhado capitel, folheado, coríntio.

Em 1780 capitulou-se a reforma na Residência e cozinha; em 1782 o portal da Residência, que era uma cancela velha; em 1802 soalhou-se a Residência, reparou-se a taipa e portas; em 1818 envidraçou-se parte da Residência e em 1906 teve uma grande reforma.

Não há actualmente capela alguma pública nem particular.

Existem os seguintes Nichos ou Alminhas: as do Casal e as de Amins.

Esta freguesia, sita na encosta nascente do Monte de Courel, prolongamento do da Franqueira, na bacia orográfica do Este, confronta pelo sul com a de Macieira e a de Rates, esta do concelho da Póvoa de Varzim; pelo nascente com a de Gual e a de Pedra Furada; pelo norte com a de Vilar de Figos e pelo poente com a de Paradelas e a de Rates.

É banhada pelo regato que nasce na fonte de Badalhão, afluente do ribeiro Codade, e é servida pela estrada municipal que parte da estrada também municipal n.º 5 de Barcelos às Fontainhas em Santa Leocádia e vai até aos limites de Rates, com uma ramificação por Vilar de Figos para Paradela.

Tem as seguintes fontes públicas: a de Barrancos, a da Ariosa, a de Badalhão, a da Igreja e a do Ribeiro.

A sua população no século XVI era de 23 moradores; no século XVII era de 47 vizinhos; no século XVIII era de 45 fogos; no século XIX era de 287 habitantes e pelo 7.º censo da população de Portugal é de 303 habitantes, sendo 131 varões e 172 fêmeas, sabendo ler 55 homens e 14 mulheres.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Vilar, Casal de Baixo, Casal de Cima, Boa Vista, Campos, Igreja, Três Campos, Aldeia, Eira Grande, Bouça Redonda, Merouços, Bajouco, Boucinha, Areosa, Seixosa, Amins e Ferrado.

Tem Caixa do Correio e não tem Escola Oficial. O edifício para esta está ainda em construção, para o que o governo deu o subsídio de dez mil escudos.

As suas casas mais importantes são a da Eira Grande, a de Amins e a dos Figueiredos. ←

Tem duas lojas de mercearia mas a sua indústria é quase nula.

No monte desta freguesia há finísimos granitos muito procurados para as boas edificações.

Fizeram-se por vezes aqui pesquisas de grafite que dizem aparece em abundância.

Dos homens mais ilustres, cujos nomes andam ligados a esta freguesia, apenas nos lembramos dos seguintes:

Padre Manuel José Martins, vigário desta freguesia (1826), espírito ilustrado e investigador histórico, foi

depois abade de Gondifelos (Famalicão), 1852, para onde levou o livro das Visitas desta de Courel de 1765 a 1826.

Não sei se ainda se conserva no Arquivo daquela freguesia, mas, quer se conserve quer não, Deus perdoe ao ilustre vigário este pecado que chega a ser crime.

Manuel José Ribeiro de Araújo, natural desta freguesia, Comendador da Imperial Ordem da Rosa no Brasil, para onde foi, adquiriu largos haveres, e onde faleceu. Foi um dos grandes benfeitores da sua terra natal.

Padre José Marques Lima, natural de São Pedro de Rates, foi vigário em Courel e depois Reitor em Chorrente, onde faleceu há poucos anos.

Espírito ilustrado, foi um músico distintíssimo.

O Capitão Gregório Gomes, Manuel Gomes da Fonseca e José António de Miranda aparecem-nos em alguns documentos relativos a esta freguesia como homens dos mais respeitados do seu tempo.

Ao norte desta freguesia mas ainda dentro dos seus limites, existe uma pequena elevação de terreno chamado o monte do Castro.

Dizem que nele, apesar de não se ter feito escavações, aparecem telhas e tijolos, indício de antigas construções romanas.

Nos morros de vários montes desta parte do concelho é frequente encontrarem-se vestígios da fixação de povos romanos e ainda pre-romanos.

São Salvador de Cristelo

CRISTELO, orago S. Salvador, era abadia da apresentação dos Pinheiros de Barcelos.

Pinho Leal no seu «Portugal Antigo e Moderno», diz que o direito da apresentação desta freguesia era dos Pinheiros, *como morgados de Pouve*, o que não me parece ser verdade, ao menos no seu início, pois o padroado desta freguesia já andava nos Pinheiros antes da instituição daquele vínculo.

O morgado de Pouve foi instituído em 1453 por João Esteves, o qual morrendo sem geração nomeou-o em seu sobrinho Álvaro Pinheiro Lobo, filho de seu irmão e cunhada, o Dr. Pedro Esteves e D. Isabel Pinheiro.

O primeiro padroeiro da Igreja de Cristelo, de que temos notícia, foi Martim Gomes Lobo, casado com D. Mor Esteves Pinheiro, pais daquela D. Isabel Pinheiro.

Álvaro Pinheiro Lobo herdou, pois, o padroado de Cristelo pela linha de sua mãe D. Isabel Pinheiro e o morgado de Pouve pela linha de seu pai o Dr. Pedro Esteves, assim andando padroado e morgado na linha legítima e directa de Álvaro Pinheiro Lobo até ao século xvii.

Em 1656 era padroeiro de Cristelo e morgado de Pouve, Rui Pinheiro de Lacerda, sucedendo-lhe à sua morte a única filha legítima D. Ana Pinheiro, a qual faleceu moça sem geração.

Passou então o padroado e toda a casa para a tia D. Isabel, freira em Vairão, que tudo possuía enquanto viva.

Rui Pinheiro de Lacerda tinha porém deixado vários filhos bastardos, entre os quais Luís Pinheiro de Lacerda, a quem o pai obrigou a ordenar-se de clérigo e a tia como padroeira o despachara abade de Cristelo.

Morta esta última padroeira, Luís Pinheiro de Lacerda introduziu-se na casa e morgados que tinham sido usufruídos pelo pai e ainda no padroado daquela Igreja, de que ele era abade.

Este acto, porém, não passou sem o protesto de Pedro Lopes de Azevedo, senhor da casa de Azevedo, que se julgava o legítimo e imediato sucessor do último morgado e padroeiro, intentando uma acção de reivindicação, cuja acção se arrastou pelos tribunais durante trinta e tantos anos.

Entretanto morre Luís Pinheiro de Lacerda, que teve o cuidado de não deixar extinguir a sua raça, procriando em sua prima D. Isabel de Sousa um bastardo, Clemente Pinheiro de Lacerda.

Clemente Pinheiro de Lacerda julgou-se também com direito a continuar na posse da casa do pai e no padroado da Igreja de Cristelo; na vida deste, porém, vence Leonardo Lopes de Azevedo a questão intentada por seu pai, passando então o padroado da Igreja de Cristelo para a casa de Azevedo, onde permaneceu até à sua extinção.

Cristelo vem, segundo o P.^e António Gomes Pereira, de *Christellus*, diminutivo de *Christus*, cristinho, pequeno cristo.

Há porém quem opine, como Pinho Leal e outros, que vem de castro romano ou pre-romano formando o diminutivo *crastelo*.

E assim nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem com a designação = « De Sancto Salvatore de Crastelo », nas Terras de Faria.

O rei não tem aqui reguengo alguns e « in quocunque loco intrat Maiordomus dant illi de vita qualem habet, et dant ei omnes singulas gallinas ».

Nesta freguesia tinham terras Varzêa, Vila Seca e Braga.

A Igreja Paroquial estava primitivamente em um campo, um pouco ao sul da actual, onde se encontram vestígios, como pedras, tijolos, etc.

Devia ter sido mudada para o sítio onde está no século xvii.

O seu frontispício assenta em dois arcos que fecham o átrio e por cima da janela ostenta o escudo dos Pinheiros, padroeiros desta Igreja.

Do lado esquerdo ergue-se uma sólida torre, seguindo-se-lhe duas sacristias e, do lado direito, junto à capela-mor, há uma outra sacristia, que é a paroquial.

Nesta, metido na parede, está um lavabo em pedra em que a água cai pela boca de uma carranca.

Existe nesta sacristia um retrato a óleo, ainda que me pareça de pouco valor artístico, o qual tem pintada a seguinte inscrição: « Rd.º José Gomes da Costa, Abade de São Salvador de Cristelo, retratado em 1866 na idade de 75 anos ».

Vi também aqui uma cruz gótica de latão, uma custódia de prata antiga de muito merecimento, uma casula de seda bordada, de grande valor, e dois véus de cálice que estão encaixilhados na parede.

Na capela-mor estão dependurados das paredes seis quadros, pintados em madeira, emoldurados em belos caixilhos de rica talha antiga.

Funcionam nesta Igreja as seguintes confrarias: a do Sacramento, instituída em 1783 e a do Rosário em 1794.

Ao lado esquerdo da Igreja, junto ao adro está a Residência Paroquial, antiga e um pouco arruinada, tendo apenas de interessante a escada e o pátio de entrada.

Ao fundo do extenso terreiro, que da Igreja se estende até à estrada, ergue-se o Cruzeiro Paroquial, contendo a seguinte inscrição: «B. L. O. T. A. 1619».

Ao lado deste e já junto à estrada está o Cemitério Paroquial, cujo portão tem a data «1887».

Em frente a este e do outro lado da mesma estrada, vê-se a antiga Capela de Nossa Senhora do Rosário, de estilo pobre, com sacristia.

Nas costas desta capela encontra-se um curioso nicho com o título de Senhor da Piedade: uma cruz, um cristo crucificado e aos pés a imagem da Virgem, de escultura tosca, em cima de uma coluna, tudo em pedra.

É abrigado por um alpendre de madeira com colunatas de pedra.

Mais abaixo, ao lado do mesmo terreiro, levanta-se a Capela de Nossa Senhora de Lourdes, moderna, no sítio onde esteve um nicho ou alminhas.

No terreiro das Necessidades há a Capela da Senhora das Dores, que é particular e pertence aos herdeiros de Romão Sobral.

Nesta freguesia há ainda os seguintes nichos: o da Torre, o do Hortal, o do Paço, o do Senhor do Vale e o de Novais.

Bem curioso é este, em forma de gruta, com a imagem de Cristo crucificado pintada em uma cruz.

Esta imagem foi restaurada há anos e o *artista* nesta sua obra quis mostrar ou a sua pouca arte ou a sua falta de caridade de tal maneira a executou.

Esta freguesia, situada em planície, é banhada pelo ribeiro de Couço que nasce em Paradela e vai juntar-se a outros na Lagoa das Necessidades, Ponte do Estreito,

formando o rio Tinto, afluente do Cávado, e é servida pela Estrada Municipal que de Vilar de Figos vem juntar-se à derivação de uma outra, que da estrada também Municipal de Barcelos à Póvoa de Varzim, no lugar de Chão, vai comunicar com a mesma adiante das Necessidades.

Tem as seguintes fontes públicas: a de Encourados, a de Vilar, a da Bica, a de Baçar, a do Passal, a de Bouça de Vila, a da Igreja e do Rego Lousado.

Confronta do norte com as freguesias de Vila Seca e Rio Tinto, esta do concelho de Esposende, do nascente com a de Faria e a de Vilar de Figos, do sul com a de Paradela e a de Laundos, esta do concelho da Póvoa de Varzim, e do poente com a de Barqueiros.

A sua população no século xvi era de 44 moradores; no século xvii era de 120 vizinhos; no século xviii era de 164 fogos; no século xix era de 876 habitantes e pelo 7.º censo da população é de 970 habitantes sendo 456 varões e 514 fêmeas, sabendo ler 172 homens e 62 mulheres.

Tem Escola oficial mista que funciona em edifício pertencente à Junta da Freguesia, três lojas de mercearia e uma caixa do correio.

A indústria que aqui se exerce não é digna de nota.)

Os seus lugares habitados são: Monte da Igreja, Bouça, Couto, Moinhos, Vilar, Regatinho, Outeiro, Porta, Paço, Ferreiros, Hortal, Encourados, Veiro, Novais, Cerqueira, Chãs, Baçar e Monte de Novais.

No terreiro das Necessidades, parte do qual ainda está sito nesta freguesia, havia um lugar *mieiro*: um ano pertencia a Barqueiros e outro a Cristelo.

As suas casas mais importantes são: a do Hortal, a do Mariz, a da Capela, a da Chãs, a do Paço, a da Torre, a de Novais e a de Veiros. ←

Dos seus homens mais ilustres destacaremos os seguintes :

João de Aguiar Miranda, natural desta freguesia. Por escritura de 24 de Maio de 1657 repartiu o rendimento de seus bens pelos pobres e legados pios.

Dr. José Domingues Mariz, natural desta freguesia, bacharel formado em Teologia e Direito pela Universidade de Coimbra, foi abade da freguesia da Vitória na cidade do Porto; onde faleceu em meados do século XIX e jaz em Cristelo.

Dr. José Jorge Domingues Mariz, sobrinho do antecedente, bacharel formado em Teologia pela Universidade de Coimbra, foi professor do Liceu de Évora. Faleceu há poucos anos.

Dr. Augusto Gomes Moreira, natural desta freguesia, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, foi Notário na vila de Barcelos, e faleceu em 1908.

Padre Manuel Gonçalves Linhares, natural desta freguesia, foi Professor oficial em Cristelo e depois em Terroso, do concelho da Póvoa de Varzim.

Padre António José Fernandes, natural desta freguesia, foi Pároco em Paradela e em Lijó.

Dr. Manuel Ludgero Gomes Álvares de Sá Ramires, natural desta freguesia, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, foi advogado em Barcelos, Vereador da Câmara Municipal, Administrador do Concelho, Provedor da Santa Casa da Misericórdia e Juiz de Direito substituto da mesma comarca, tendo falecido há poucos anos.

Atestando a permanência de povos antigos aqui, havia as chamadas «Casinhas dos moiros», talvez de origem celta, uma amontoação de terra com uma cova no meio, que infelizmente desapareceram. Há ainda o sítio da Mamoá.

No monte de Veiros (cujo nome quer dizer: veio, beta, filão) corre na tradição haver minas de prata em exploração no tempo dos romanos.

No eirado da casa de Novais está uma pedra de armas ou brasão, no chão, encostada a uma parede, junto a um caminho onde passam carros de bois e portanto sujeita a desaparecer, que causa pena ver assim abandonada.

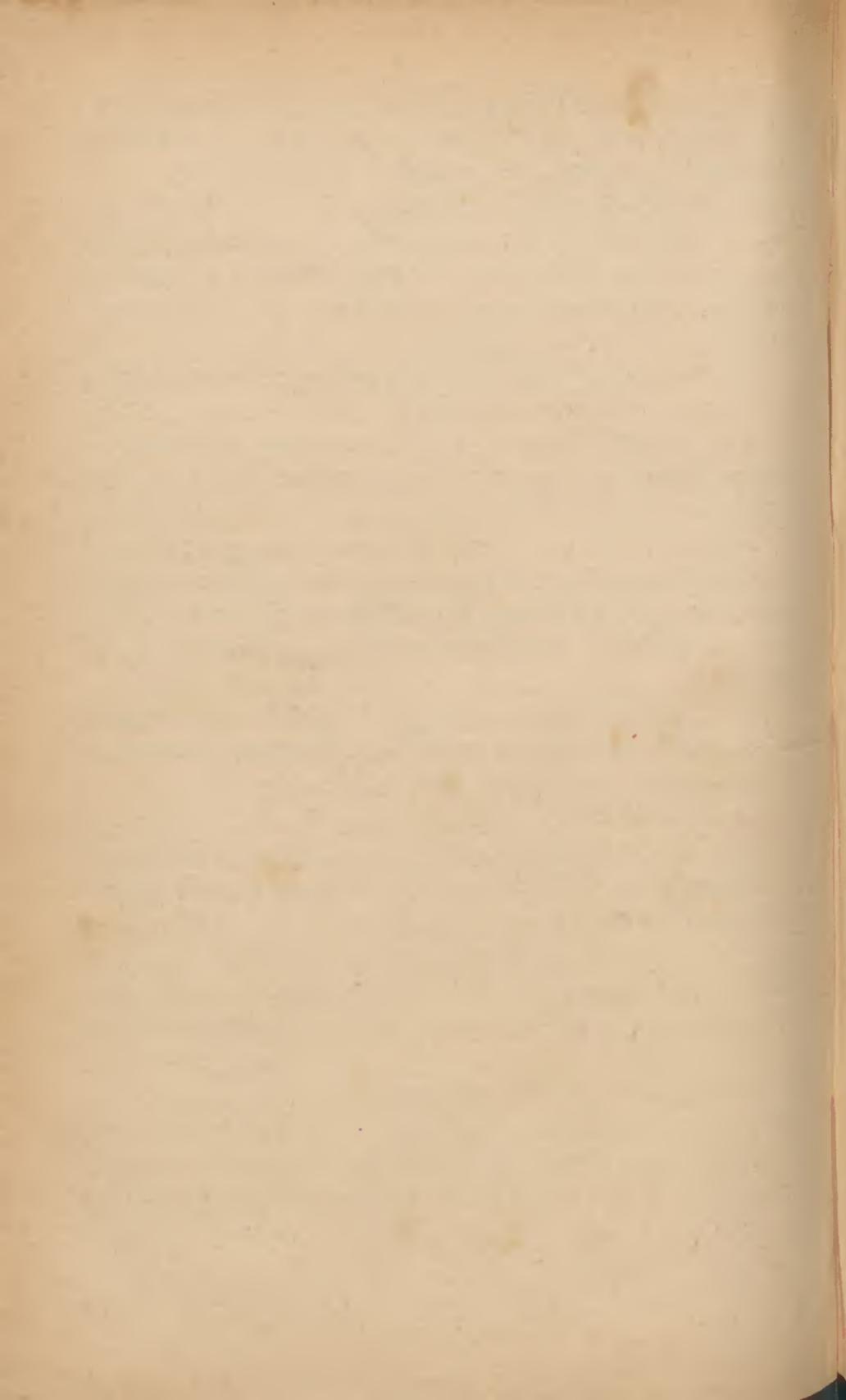
No lugar de Ferreiros observa-se o curioso costume de os seus moradores rezarem em público à noite o terço. Um vizinho abre a janela, toca uma campainha e começa a reza que os outros acompanham das suas respectivas casas.

Nos séculos xvii e xviii, nas ruas das principais cidades de Portugal, rezava-se o terço de modo semelhante e nas casernas, no tempo felicíssimo da Senhora D. Maria I, os soldados adormeciam ao som monótono da recitação.

Hoje, porém, com a invenção do cinema e a frequência da *bisca lambida*, à noite, nas tabernas, perdeu-se este religioso e portuguesíssimo hábito.

Quam mutatus ab illo!

Que me conste, por aqui só no lugar de Ferreiros, da freguesia de Cristelo, é que ainda se guarda aquele piedoso costume.



S. Tiago de Encourados

E^{NCOURADOS}, orago S. Tiago, era uma vigararia da apresentação do Reitor do convento de S. João Evangelista de Vilar de Frades.

Esta Igreja veio ao padroado do convento em virtude da troca, feita em 1441 com o Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra, pela Igreja de Calvelo.

Calvelo pertencia ao convento de Vilar de Frades pela renúncia do seu último abade Gonçalo Dias de Barros, como melhor se diz na freguesia de Moure deste concelho, que também foi incluída naquela troca.

Encourados significa homens revestidos de *couro*, ou que vão à guerra protegidos pela *coura*, gibão com abas.

Esta freguesia vem nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 com a designação—«De Santo Jacobo de Encourados de Cauto de Martim», nas Terras de Penafiel.

Nelas se diz que o rei não tem aqui reguengo algum e não recebe qualquer foro; que esta Igreja tem sesmarias, Tibães 5 casais e Vilar de Frades 19 casais.

Encourados era, como vimos, do couto de Martim, passando depois para o de Vilar de Frades.

Era aqui o solar da nobre e antiga família dos Encourados, hoje extinta ou antes diluído o seu sangue em outras talvez não menos distintas.

A casa solar desta família devia ter sido na Torre Velha. Este nome parece indicá-lo, além de que alguns vestígios de construções, que naquele lugar se viam há

mais de meio século, levam-nos a acreditar na existência ali de alguns paços ou casas nobres.

Arnaldo da Gama, passeando por estes sítios antes de escrever o seu romance «O Sargento-Mor de Vilar», trouxe para ele, dos tempos de antanho, alguns nomes das suas personagens e fez reviver nos princípios do século XIX o antigo paço dos Encourados.

—Já há muito, porém, quando não sei, que este tinha desaparecido.

→ Há nesta freguesia várias casas importantes entre as quais mencionaremos apenas as seguintes: a de Encourados, perto da Igreja Paroquial, talvez a que Arnaldo da Gama imaginou ser os paços daquela família, a de Santa Ana, a de Vilarinho, as duas do Carvalhinho, uma pertencente ao Sr. Dr. João Inácio da Silva Correia Simões e outra ao Sr. Dr. Augusto Matos Lopes de Almeida, a da Portagem, a do Adro, a da Torre Velha e a de Barreiros.

Esta última é considerada pelo povo como a casa do Sargento-Mor do romance, não obstante o autor daquele livro a ter situado na freguesia de Areias de Vilar.

A imaginação popular ao desafio com a do ilustre escritor!

Desta casa actualmente apenas existe de interessante um portão em estilo clássico, tendo ao lado um escudo ou emblema que contém em chefe uma cruz aberta de campo e em contra-chefe cinco ciprestes, mal arrumados, sem qualquer outra peça, ornato ou distintivo.

Informaram-me que esta casa, a de Santa Ana e ainda outras casas e propriedades foram compradas por João Inácio da Silva Correia a uma família de Oliveira de Azemeis.

Daf a ida do alegre e praguejante sargento-mor e seus companheiros, fugindo aos franceses, para aquela

vila, para casa de uns parentes, levados na imaginação do romancista.

Em volta da casa de Barreiros ainda vive gente com os nomes e alcunhas dos valentes soldados das Ordenanças dos coutos de Vilar e Manhente que figuram no romance.

Esta admirável obra, levada já ao palco, esteve há poucos anos para ser filmada.

Pena foi que não se realizasse tal ideia, pois esta terra, onde se desenrolam algumas das suas principais cenas, mais conhecida se tornava com o que nada perderia.

A Igreja Paroquial desta freguesia, primitivamente um pouco mais ao sul da actual, era um edifício pequeno, baixo e escuro.

No arco do nicho tem de um lado — ANNO — e do outro — 1879.

Dentro, no painel, tem pintada a seguinte inscrição :

« No mez de Julho de 1919 foi restaurada esta obra á custa de D. Conceição Correia Simões da Casa da Portagem », e fora, no rebordo do banco, gravada na pedra — « 1901 ».

Esta freguesia, assentada em terreno ondulado, estende-se até à encosta norte do monte de Airó, que lhe fecha o horizonte por esse lado.

É banhada pelo ribeiro de Vilar, que nasce em Martim e vai desaguar no Cávado, junto à quinta do convento de Vilar de Frades e é servida pela Estrada Distrital n.º 5 que liga Esposende a Braga, por um ramal que desta vai até ao lugar de Vilarinho e por outro que da mesma vai até à Igreja Paroquial.

Confronta esta freguesia pelo norte com a da Pousa e a de Areias de Vilar; pelo poente com esta de Areias de Vilar; pelo sul com as de Bastuço, S. João e Santo Estêvão e pelo nascente com a de Martim.

As suas fontes públicas são: a de Lobato, a de Vilarinho, a da Balança, a do Carvalhão, a da Isabelas, a de Entrevinhas, a de Santa Ana e a do Carvalhinho.

Na de Santa Ana a água canalizada vem cair por uma bica em uma taça de pedra metida na parede do portal da casa de Santa Ana.

A fonte do Carvalhinho está encaixada na parede da casa da Portagem, pertencente ao Ex.^{mo} Senhor D. António José da Silva Correia Simões, caindo a água também por uma bica, por cima da qual está gravada a seguinte inscrição: — «AQVA. CÆLI. RVPE. SALIENS. DE. AVREO. MONTE. DESCENDENS. AB. VINDE-CIMO DIE. FEBR. ANNO. MCMX. DOMN. ANTONIVS. IN. CATHEDR. DECANVS».

A população desta freguesia no século XVI era de 37 moradores; no século XVII, esta com mais as três freguesias do Couto de Vilar (Mosteiro, S. João de Areias e Santa Maria Madalena), era de 200 vizinhos; no século XVIII era de 87 fogos; no século XIX era de 384 habitantes e pelo 7.º censo da população é de 370 habitantes, sendo 169 varões e 201 fêmeas, sabendo ler 57 homens e 27 mulheres.

Esta população acha-se distribuída pelos seguintes lugares habitados: Torre Velha, Fontainha, Rego Seco, Carvalhinho, Vilarinho, Assento, Carvalhão, Devesa de Igreja, Redondo, Pé de Cabrão, Campo Grande, Engenho, Residência, Ponte de Selorios e Vessadinha.

Tem Escola Oficial mista, que funciona em edificio arrendado.

Tem Caixa do Correio e uma loja de mercearia. Não tem indústria própria, além da de cesteiros.

A sua produção agrícola especializa-se em bom vinho e excelentes melões muito apreciados nos mercados.

Dos homens mais ilustres, cujos nomes andam ligados a esta freguesia, destacaremos os seguintes :

D. Soeiro Mendes de Encourados, senhor da casa e torre de Encourados, foi casado com D. Urraca Gil, neta materna de João Lourenço de Macieira, donde se vê, em tempos tão afastados do nosso, a união de várias famílias e solares existentes nesta parte do concelho.

Fernão Silvestre de Encourados, de quem fala o Conde D. Pedro no seu Nobiliário, era também da família dos Encourados.

P.^e Manuel José de Carvalho, foi pároco desta freguesia, abade da de Laundos, comarca da Póvoa de Varzim e Cónego da Sé de Luanda, tendo falecido em 14 de Novembro de 1887, como se vê do epitáfio na sua sepultura à porta principal da Igreja Matriz.

Manuel António Coelho de Araújo, natural desta freguesia, senhor da casa de Vilarinho, foi vereador da Câmara Municipal de Barcelos entre 1898 a 1903, pai do Snr. Dr. Manuel António Barroso Coelho, bacharel formado em Teologia pela U. de Coimbra, abade de Vila Boa de Quires, Marco de Canaveses e de Lordelo do Ouro, Porto.

João Crisóstomo Lopes Correia, senhor da casa de Encourados, foi vereador da C. M. de Barcelos. Faleceu em 1914.

Foi o pai dos srs. Manuel Maria Correia Simões e Dr. Alberto Correia Simões, Juiz de Direito.

José Custódio da Silva Correia, senhor da Casa de Santa Ana, foi vereador da C. M. de Barcelos, tendo falecido em 1911.

Manuel Luís Simões, filho de António José Simões e de D. Maria Josefa da Fonseca, senhor da Casa do Carvalhinho, nesta freguesia, foi o pai dos srs. Dr. João Inácio da Silva Correia Simões, Juiz de Direito, D. Ma-

ria da Purificação da Silva Correia Simões, casada com João Crisóstomo Lopes Correia, acima referido, e D. António José da Silva Correia Simões, Deão da Sé de Braga, Vigário Geral do Arcebispado, por vezes vigário Capitular, antigo Reitor do Liceu e Presidente da Câmara Municipal de Braga, etc.

Os franceses, quando passaram por esta freguesia, em Março de 1809, acamparam no sítio das Barrocas.

Deu-se nessa ocasião um facto que corre na tradição oral do povo.

Um soldado, precisando de mantimentos, foi pedir ou *exigir* milho a um lavrador do lugar de Vilarinho. Este acedeu imediatamente ao *pedido*, mas quando o francês ia encher confiadamente o sacco debruçado na tulla, o proprietário fazendo desta guilhotina, deixou cair a tampa sobre o pescoço do infeliz, matando-o.

Receoso porém da revindicta dos companheiros da vítima e para encobrir a sua façanha, lançou em seguida o cadáver dentro de um poço que perto havia.

Passadas as horas temerosas da invasão foi retirado este da água e enterrado convenientemente.

Ainda existe naquele lugar uma modesta cruz de pedra, que a piedade cristã levantou para comemorar este facto.

Santa Maria de Faria

FARIA, orago Santa Maria, sob a invocação de Nossa Senhora da Assunção, era uma vigararia da apresentação do D. Prior da Colegiada de Barcelos.

Esta freguesia esteve anexa à de Milhazes, formando uma só com o nome de Milhazes e Faria, readquirindo porém mais tarde a sua autonomia.

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem com a designação — «De Sancta Maria de Faria Antiga», nas Terras de Faria.

Nelas se diz que o rei tem aqui 8 casais e dão deles o terço do pão e do linho e o quarto do vinho; que «dant Domino terre semel in ano octo casalia que sunt ibi regalenga VJ. VJ. denarios pro collecta et pro luctuosa J morabitinum et leitigam secundum suum forum. Et pectant IIJ calumpnias, scilicet, de sanguine derroto in villa ipsa J carneiro».

Esta freguesia tem sesmarias: S. Salvador de Fornelos 3 casais e St.^a Maria de Góios meio casal.

A Terra de Faria, limitada ao norte pela de Neiva, da qual era separada pelo Rio Cávado, ao nascente pela de Penafiel de Bastuço e ao sul por Vermoim e a Maia, estendendo-se em uma larga extensão até ao oceano, que a banhava ao poente, transforma-se pelo decorrer do tempo no Julgado do mesmo nome, com sua sede primi-

tivamente na vila de Faria, da qual passou mais tarde para a de Rates.

O Senhorio de Faria foi dado por D. Afonso Henriques ao seu grande amigo e cooperador na independência nacional Hermígio Moniz.

Por carta de 14 de Dezembro de 1363, D. Pedro I deu o *prestamo* de Faria a Nuno Gonçalves, *em pagamento da contia de seus maravedis*.

D. Fernando, por carta de 18 de Novembro de 1371, fez doação do senhorio do Julgado de Faria a D. Gonçalo Telo de Meneses, 1.º conde de Neiva, *nosso vassalo pela guisa porque o nós havemos*, passando deste, depois da batalha de Aljubarrota, para João Fernandes Pacheco, vassalo e guarda-mor de D. João I.

O Julgado de Faria, com muitas outras terras, por carta de 8 de Novembro de 1401, entrou na doação e confirmação a D. Afonso, 1.º Duque de Bragança, filho bastardo do rei D. João I e genro do condestável D. Nuno Álvares Pereira, ficando desde então incluído no grande termo de Barcelos.

Subsistiu este julgado até 1835, ano em que foi extinto por lei de 21 de Março, continuando porém a pertencer a maior parte das freguesias que o compunham a este concelho e comarca e sendo as restantes nessa data e em datas posteriores incorporadas nos concelhos e comarcas vizinhas.

Faria deu o nome à família deste apelido e ao condado, do qual foi seu 1.º conde D. Gonçalo Telo de Meneses.

Este condado foi incorporado nos princípios do século xv na Casa de Bragança.

Vicente Gonçalves, de Braga, edificou no século xiii na freguesia de Faria uma casa e *a defendeu* por Honra que estendeu a toda a freguesia.

Indo uma vez lá o mordomo de el-rei fazer uma pe-nhora, um irmão de Vicente Gonçalves matou-o em um lugar *a par da Igreja* (1).

Esta Honra passou depois para D. Estêvão Peres de Rates e mais tarde foi englobada na casa e quinta de Pedregais (2).

A casa e quinta de Pedregais, que muitos escritores consideram solar dos Farias de Barcelos, andou sempre na linha varonil de Nuno Gonçalves de Faria, tronco desta família, até D. Catarina Afonso de Faria, 4.^a neta do grande alcaide, e, mudando de linha nos princípios do século XVIII e sendo ali instituído um Morgado, nunca deixou de pertencer a esta ilustre geração até 1870, ano em que foi vendida e em seguida desmembrada em glebas na posse de estranhos.

Da sua nobre e antiga casa hoje nada existe.

Há porém pessoas velhas nesta freguesia que se lembram de ver uma torre desmantelada e restos de paredes de edificações que foram demolidas em meados do século XIX e empregada a sua pedra em muros de vedação da propriedade.

Vê-se ainda um portão, estilo D. João V, relativamente moderno, que fecha os muros que circundam um reduzido terreno (parte da antiga quinta de Pedregais) onde estiveram aquelas casas.

Encimando esse portão está um escudo com as armas em chefe dos Farias.

Este brasão foi concedido em 1535 a Sebastião de Faria, 5.^o neto de Nuno Gonçalves, e ali mandado colocar por algum seu parente.

(1) Anselmo Braancamp Freire in «Jornal do Comércio» de Lisboa n.º 14.577 de 29 de Julho de 1902.

(2) Snr. José de Meneses «Ninharias», pág. 133.

Corre na tradição que a Igreja Paroquial esteve no sítio onde hoje é a bouça da Igreja, um pouco mais ao norte da actual.

Este templo, estilo barroco simples, ergue-se no centro de um adro fechado por parede.

Na padieira da sua porta principal tem gravada — IHS. 1695 —, que deve ser a data da sua construção.

Ao lado esquerdo da fachada levanta-se uma sólida e bem proporcionada torre, com seu relógio, a qual tem na padieira da porta de entrada a data—1846—e ao lado gravada em uma pedra a seguinte inscrição: =FEITA POR INICIATIVA DO PAROCHO JOSE ANT.º EL-RAS—1846.

Em 1914, na ocasião de uma trovoada, caíu um raio nesta torre, derrubando-a quase toda, bem como o coro, metade do tecto da Igreja e parte da sua fachada.

Tudo porém em breve foi reconstruído, sendo então aumentada a capela-mor que era muito pequena.

Na ocasião dessa reconstrução foram encontradas na ábside pinturas com imagens de santos e outros ornatos, cobertos por reboco de cal.

Dentro o templo está muito limpo e asseado; os seus tectos são em estuque, pintados, o altar-mor em talha antiga, renascença, muito bem dourada, e os cinco laterais em talha simples e moderna, muito bem conservados.

O púlpito tem gravada na madeira a data—1884 e o baptistério, ainda que muito bem trabalhado, é moderno; no rebordo está gravada a data—1896.

Quando foi da colocação desta pia baptismal, mandaram enterrar a antiga em um campo próximo à Igreja.

Levantou-se então uma grande questão nesta freguesia, dividindo-se o povo em dois partidos: uns queriam que continuasse a servir a antiga e outros a moderna.

Vencendo por momentos o primeiro partido, desenterraram-na e colocaram-na no sítio, mas o outro partido, não se conformando com isso, pôs a nova e tornou a enterrar ou destruiu a velha.

Uma tempestade num copo de água!

Os frades do convento do Bom Jesus do Monte da Franqueira instituíram nesta Igreja uma Ordem Terceira de S. Francisco, da qual era Comissário um frade daquele convento.

Do lado do evangelho estão as casas de arrumação e a sacristia.

Esta é bem proporcionada e está com asseio.

Vêem-se nas paredes um lavabo de pedra, dois quadros com as imagens da Senhora do Rosário e de Santo António, pintadas em madeira e o retrato do actual senhor Marquês de Faria, que julgo tenha sido um benfeitor desta freguesia.

No adro, no recanto formado pela torre e parede da Igreja, está uma sepultura de pedra com tampa, não sabendo a quem pertenceu, por não ver nela gravada inscrição alguma.

Na quinta de Pedregais estava outra que foi levada para o Museu Municipal das Torres, em Barcelos.

O Cemitério Paroquial foi construído ao fundo do adro e tem sobre o seu portão a data de 1892.

O Cruzeiro Paroquial, formado por uma alta coluna com capitel coríntio, tem gravada na base a data 1733 e ergue-se no largo fronteiro ao portão de Pedregais.

O Presbitério, em frente à porta principal da Igreja, encostado ao adro mas hoje separado dele pela estrada municipal, é um velho edifício quase em ruínas.

Tem esta freguesia apenas duas capelas.

A *Capela de Santo Amaro*, no alto de um pequeno outeiro, no lugar da Igreja, cercada por adro murado

para onde se ascende por um tosco escadório, é pequenina e antiga.

Ao lado desta vê-se uma minúscula sacristia mais moderna e por cima da porta principal uma sineira da qual furtaram há anos o sino.

A *Capela de Santa Ana*, no lugar de Cima da Aldeia, quase abandonada, é particular e pertence ao Sr. António Bernardino da Silva.

Há os seguintes Nichos ou Alminhas: as da Igreja e as de Cima da Aldeia.

Esta freguesia está situada em planície e é servida por uma estrada Municipal que, partindo da que vai de Barcelos à Póvoa na freguesia de Gilmonde, passa junto à Igreja Paroquial e dá comunicação com a de Vilar de Figos.

Confronta pelo norte com a freguesia de Milhazes e a de Vila Seca, pelo poente com a de Cristelo, pelo sul com a de Paradela e pelo nascente com a de Vilar de Figos.

É banhada pelo ribeiro de Fim de Vila, que nasce em Courel e vai com outros formar na Lagoa das Necessidades o Rio Tinto, e pelo riacho de Zarague, que nasce em Milhazes, afluente daquele ribeiro.

A sua população no século xvi era de 38 moradores; no século xvii era de 65 vizinhos; no século xviii era de 68 fogos; no século xix era de 366 habitantes e pelo 7.º censo de população é de 444 habitantes, sendo 182 varões e 262 fêmeas, sabendo ler 86 homens e 46 mulheres.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Igreja, Outeiro, Monte, Presa, Cortinhal, Cima da Aldeia, Agra, Eiras, Veiros, Senra e Fim de Vila.

Parece que era neste último lugar a antiga vila de Faria.

As suas actuais casas mais importantes são: a do Brasileiro, a das Eiras, a do Amaro, a do Guimarães, a do Peixoto, a dos Carvalhos e a do Frio.

Tem esta freguesia Escola Oficial que vai funcionar em edificio próprio, construído em 1931 por iniciativa do Snr. Padre Manuel de Faria.

Tem duas lojas de mercearia e Caixa do Correio.

Há aqui duas pequenas fábricas de moagem.

Dos homens mais notáveis, cujos nomes andam ligados a esta freguesia destacaremos os seguintes:

Nuno Gonçalves de Faria, o grande alcaide do Castelo de Faria, cujo nome é um símbolo do valor e heroidade portuguesa, foi senhor do préstimo de Faria, por carta de 14 de Dezembro de 1363.

Sendo alcaide do Castelo de Faria, sito na freguesia de Gilmonde, saiu a combater os castelhanos, mas sendo aprisionado por estes foi morto junto aos muros daquele castelo por aconselhar seu filho Gonçalo Nunes, a quem tinha confiado a sua guarda, que o não entregasse ao inimigo.

É este um dos feitos mais heróicos da nossa história pátria.

Álvaro Gonçalves de Faria, filho segundo do antecedente, herdou a casa de seus pais pela renúncia de seu irmão Gonçalo Nunes de Faria, que se ordenou de clérigo e foi abade da freguesia de Santa Eulália de Rio Covo.

Álvaro Gonçalves de Faria esteve na Batalha de Aljubarrota e tanto nela se distinguiu que foi armado cavaleiro por D. João I.

Vasco Afonso de Faria, bisneto do antecedente, foi senhor da casa e quinta de Pedregais, na freguesia de Faria.

António de Faria Machado, filho de João de Faria Machado, senhor da casa da Bagoeira em Barcelos e das

Hortas em Braga, foi abade de Touguinhó, Vila do Conde, e senhor da casa e quinta de Pedregais, na freguesia de Faria.

Esta casa tinha sido de D. Maria de Faria e Sá, casada com Sebastião de Andrade Rego, descendente directa, sexta neta do antecedente, que suponho a vendesse ao seu parente António de Faria Machado, o qual a vinculou deixando-a a um seu sobrinho.

P.^e Manuel Joaquim de Carvalho, vigário de Faria, que viveu nos fins do século XIX.

Na Agra de Cima desta freguesia, estiveram acampados os franceses quando por aqui passaram em uma das suas invasões.

O monte de Veiros, tão célebre na antiguidade por aí haver minas de metais preciosos, principalmente de prata, fica nos limites desta freguesia com a de Cristelo.

Em uns campos ao norte da actual Igreja apareceram há anos sepulturas romanas de tijolos, ainda bem conservadas, mas que foram nessa ocasião inconscientemente destruídas; no lugar da Igreja, ao sul, apareceram também tijolos com rebordo, e nas proximidades onde esteve a antiga Igreja foram encontrados vasos, pratos, bilhas e outros objectos de uso comum a povos antigos que aqui se estabeleceram e que aqui viveram.

S. Romão de Fonte Coberta

FONTE COBERTA, orago São Romão, era reitoria da apresentação dos Arcebispos de Braga.

Foi Comenda da Ordem de Cristo com as suas anexas de Silveiros.

Parece que primitivamente São Romão era freguesia pequena.

Nas Inquirições de 1220 vem com a designação — « De Sancto Romano de Fonte Cooperta », nas Terras de Faria, e nelas se diz: « Martinus Plegii Capelanuos, Pelagius Petri, Alfonsus Pelagii Jurati dixerunt quod in ista collatione non sunt plus parrochiani et non habet ibi Rex nullum Regalengum ».

Pela sua pouca importância e fraca situação, depois da união de São Salvador a São João de Silveiros, vigarraria anexa a esta reitoria, nos princípios do séc. xvii, os reitores passaram a residir em Silveiros e mandavam os vigários para Fonte Coberta.

Os Visitadores é que não se conformavam com este estado de coisas, chegando a ordenar, como era de direito, que os reitores fossem para a matriz e os vigários para a anexa.

No século xviii estabeleceu-se ainda maior confusão, pois houve párocos que se intitularam reitores de Silveiros e apresentavam vigários em Fonte Coberta.

Destes factos parece que não resultaram grandes males para a Religião ou para o Estado; deles se depreende simplesmente que as anexas eram mais importantes que a matriz.

Existe ao lado sul da Igreja Paroquial e pouco distante desta uma fonte com a designação de «Fonte Coberta», a qual deu o nome à freguesia.

Nesta fonte nasce o regato que a banha e vai lançar-se no ribeiro que vem de Sequiade, atravessa Moure e é afluente do rio Covo.

O Tombo velho da Comenda de São Romão de Fonte Coberta foi feito em 1607 e o novo principiado em 1717, sendo seu Comendador Frei Luís Xavier Furtado de Castro do Rio e Mendonça, Visconde de Barbacena. Neste Tombo consta a seguinte descrição da Igreja Paroquial desta freguesia: «uma Igreja feita ao antigo com sua sacristia e seu campanário de dois arcos e um só sino, com seu alpendre à porta principal e seu adro ao redor da Igreja cercado por parede»,

Não há memória que a Igreja primitivamente estivesse em outro lugar; o edificio actual soffreu várias obras posteriormente àquella data e provavelmente ainda naquele século.

Do seu frontispício reformado desapareceu o alpendre e no sitio do torreão foi construída uma bem lançada torre. A seguir a esta, do lado da epístola, estão as sacristias.

Interiormente é de estilo simples e pobre.

Junto ao adro, do lado direito, ergue-se a Residência Paroquial, pequena e velha, nada tendo de interessante a não ser um alpendrezinho à entrada da porta.

Por trás da Igreja, a enfrentar o adro, foi construído o cemitério, cujo portão ostenta a data — 1888.

Nesta freguesia não há capela pública nem particular.

Existe apenas um Nicho: o do «Senhor da Boa Morte», no lugar do Montinho, onde há anos se fazia uma festa.

Nesse nicho está a imagem de Cristo crucificado, tosca e mal feita, em pedra, cercado por um pequeno adro fechado com parede e uma cancela de ferro.

Nesta freguesia há apenas um cruzeiro, ou antes, restos de um cruzeiro, que é o paroquial.

Dele apenas se vê erguida a coluna quase enterrada no solo e o capitel que mostra ser antigo. Já não tem a cruz, a qual está um pouco distante, encostada a uma parede, partida.

Assenta esta freguesia em terreno ondulado, na vertente norte e oeste do pequeno outeiro que vai do monte de Airó ao da Saia e divide a bacia orográfica do Cávado da do Este.

É atravessada pela Estrada Nacional n.º 4 de Famação a Barcelos, com um ramal para o Apeadeiro de São Miguel da Carreira, e pela linha férrea do Minho e Douro. O túnel entre as Estações de Nine e Midões fica nesta freguesia, bem como o apeadeiro de São Miguel da Carreira.

Confronta pelo norte com a de Moure, pelo nascente com a de Sequiade e a de Cambezes, pelo sul com a de Silveiros e a da Carreira e pelo poente com a de Santa Eulália de Rio Covo e a da Carreira.

Dá-se aqui um caso curioso: entre esta freguesia e a de Santa Eulália de Rio Covo existe uma faixa de terreno e um lugar (o de Pigeiros) de São Miguel da Carreira, completamente isolados da freguesia a que pertencem. É uma perfeita ilha entre aquelas duas freguesias.

Quando se fez o último tombo, da Comenda de São Romão de Fonte Coberta avivaram-se nos marcos

divisórios desta freguesia as cruces da comenda e gravaram-se em todos a data—1720—e as letras S. R. (São Romão).

Fonte Coberta no século xvi tinha 29 moradores; no século xvii tinha 30 vizinhos; no século xviii tinha 34 fogos; no século xix tinha 223 habitantes; e pelo último censo da população tem 286 habitantes, sendo 138 varões e 148 fêmeas, sabendo ler 54 homens e 10 mulheres.

Não tem Escola Oficial.

Está porém em vias de construção uma, mandada fazer à custa da freguesia, no lugar de Cantim, estando já entregue a obra de pedreiro.

A sua população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Devesa, Eido, São Paio, Crasto, Torrinha, Agramaior, Monte, Areias, Casa Nova, Bravo, Monte da Poça, Assento, Torre, Landeiro, Cantim, Pinalvau e Cassús.

→ As suas casas mais importantes são: a de Cantim, a da Quinta, a do Loduvino, a de Cassús, a de São Romão, que tem sobre uma porta a data 1740, a Casa Nova, a do Montinho, a do Eido e a da Seara.

Tem caixa do correio. O seu comércio está reduzido a uma venda ou loja de mercearia e a sua indústria a algumas moendas.

Dos homens mais ilustres que nasceram nesta freguesia ou aqui viveram destacaremos os seguintes:

Padre Manuel Gomes Pereira, filho de Maria Pereira e de seu marido Manuel Gomes, senhores da casa de Chapre, na freguesia de Midões, foi reitor de Fonte Coberta no século xviii.

Padre Manuel Pereira de Vilas Boas, filho de Domingos Tomé da Silva e de Maria Manuela Pereira, parentes do antecedente, senhores da casa da Igreja, na dita freguesia de Midões, foi reitor de São Romão de

Fonte Coberta desde 1715 até 1738, residindo porém na anexa de Silveiros.

Em 1735 apresentou vigário *ad nutum* em São Romão seu sobrinho do mesmo nome Padre Manuel Pereira de Vilas Boas, filho de sua irmã Aurélia Pereira e de seu marido Manuel Martins, senhores da Casa do Carvalho, em Viatodos.

Passados alguns anos deu nova apresentação ao dito seu sobrinho para se colar vigário em Silveiros, tomando este posse da Igreja de Silveiros e da Residência de São Romão. Este mais tarde intitulou-se reitor de Silveiros e foi durante a sua vida que se fizeram as grandes obras na Igreja daquela freguesia, como se dirá quando a ela nos referirmos.

Sebastião de Andrade Rego e Faria, de São Romão de Fonte Coberta, filho de Simão de Andrade e de D. Maria de Faria e Sá, descendentes da Casa de Pedregais, na freguesia de Faria, casou na casa de Paços de Cima, Santa Eulália de Rio Covo, com D. Maria Bernardes da Fonseca, filha de Francisco da Silva e de D. Jerónima Bernardes Coutinho.

Dr. João José de Sousa Cristino, natural da cidade do Rio de Janeiro, Brasil, médico militar reformado, senhor da Casa de Cassús, desta freguesia, exerceu aqui e em outras terras uma larga clínica.

José Gomes Pereira de Faria, desta freguesia, senhor da Casa do Eido, grande benfeitor de várias casas de caridade, deixou, entre vários, um legado à Santa Casa da Misericórdia de Barcelos para o seu Albergue Nocturno e outro para a criação de um Asilo para crianças abandonadas de ambos os sexos. Este legado por não haver possibilidade de tal fundação passou, em 9 de Março de 1911, para o mesmo Albergue Nocturno.

São Romão creio que é advogado contra a hidrofobia.

Era por isso que antigamente se benzia na Igreja desta freguesia certo pão para ser distribuído às pessoas mordidas por animais danados.

Comido com fé, dava ao ferido a auto-sugestão da imunidade da raiva.

Esse pão bento era procurado por pessoas de muito longe que estavam naquelas condições.

Antes da descoberta do ainda falível tratamento anti-rábico, ministrado nos institutos das principais cidades de Portugal, não havia de que lançar mão em tão triste conjuntura para conseguir a imunidade do terrível mal; recorria-se então à fé e a fé nos médicos e nos remédios, se muitas vezes nos não salva, traz-nos sempre momentos de esperança e consolação.

S. Salvador de Fornelos

FORNELOS, orago São Salvador, era uma reitoria da apresentação da mitra de Braga e foi comenda da Ordem de Cristo.

Extinta em 15 de Abril de 1306 pelo Concílio Ecuménico de Viena, a Ordem dos Templários, o Papa declarou-se *herdeiro forçado* de todos os seus bens.

D. Dinis, para evitar que a valiosa herança dos Templários passasse a *árvore estranha*, conseguiu que o Papa em 1319 instituisse a nova Ordem de Cristo, dando-lhe tudo quanto era daqueles.

Esta Ordem prestou relevantes serviços nas nossas conquistas, principalmente no Ultramar, tornando-se, pelo que herdara dos Templários e por recompensas dos monarcas, rica e poderosa.

Nesta parte do concelho possuía muitas terras; comendas de Cristo havia nada menos de seis: esta de Fornelos, a de Fonte Coberta, a de Chorente, a de Santa Eulália de Rio Covo, a de Minhotães e a de Viatodos.

Fornelos é diminutivo de *fornos*, o mesmo que fornhos, lugar onde existiam pequenos fornos.

Na Agra de Vila e na Boa Vista, apareceram muitos tijólos e telhas, restos de antigas construções. Seriam ali os tais pequenos fornos que deram o nome à freguesia?

Vem esta freguesia nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 com a designação — « De Sancto Salvatore de Fornelos », nas terras de Faria.

« O rei não tem aqui reguengo algum; esta igreja tem sesmarias e Sant'Iago 5 casais ».

Há a vaga tradição de a Igreja Paroquial desta freguesia estar primitivamente no sítio do Giestal, onde dizem aparecem vestígios de edificações.

O que é certo é que ela, há já séculos, existe no lugar onde hoje se acha.

Era um edifício baixo, mas foi alterado e reformado várias vezes, sendo a última em 1909.

O actual templo, como se vê, é moderno, de architectura muito simples, devido talvez às reformas que pelo decorrer dos tempos tem sofrido.

Está no centro de um adro cercado por parede com uma porta de serventia e respectivo fôjo aterrado.

Ao lado esquerdo da sua fachada ergue-se uma torre moderna; na padieira da sua porta tem a seguinte inscrição: — F. 1915 — .

Antes da construção desta torre os sinos estavam em forquilhas de madeira no adro, no mesmo sítio pouco mais ou menos onde esta foi levantada.

Do mesmo lado e a seguir à torre estão as sacristias.

Dentro o templo é pequeno, mas suficientemente alto.

O altar-mor é moderno, em talha singela, e os laterais antigos, em estilo renascença.

Os tectos são em estuque, tendo o do corpo da igreja pintada a imagem do padroeiro S. Salvador.

No fecho do arco cruzeiro está gravada a data 1675, talvez a única coisa que resta do antigo edificio.

O púlpito, em madeira, por baixo de um versículo da biblia, tem gravada a data de 1910.

O baptistério é muito singelo e se algum ornato teve, desapareceu com o revestimento de cimento que lhe fizeram.

O Cruzeiro Paroquial está colocado em cima de um volumoso globo de pedra, no alto de uma coluna de capitel singelo sem estilo, tendo na base gravada a inscrição: — «Rebolido em 1906».

Este cruzeiro estava no Largo, junto da casa do Ângela, mas foi mudado naquela data para o sítio onde se vê, em frente à Igreja.

Há um outro cruzeiro que esteve na Boa Vista e foi mudado por subscrição pública, também em 1906, para a Agra da Cruzinha.

Não tem Cemitério esta freguesia; enterra-se ainda no adro e em frente à Igreja são tantas as sepulturas com tampas de pedra, algumas com inscrições, que formam um lajeado.

A Residência Paroquial está ao lado direito da Igreja, separada desta pelo adro. Há aqui as seguintes Alminhas: as da quinta do Sol com nicho metido na parede que veda aquela quinta, e as da Igreja.

Estas estão também metidas na parede de uma casa, tendo por baixo a seguinte inscrição: «1891 — MANOEL ANTONIO DA SILVA».

Há apenas uma capela que é pública: é a Capela de Santa Comba, pequenina, baixa, de arquitectura muito simples, ao lado esquerdo da Igreja, pouco distante desta.

Na sua frente ainda existe o parapeito em pedra, onde se vêem vestígios de nele assentar um alpendre.

Dentro o seu pavimento é lajeado, os tectos são em estuque e o altar antigo.

Esta freguesia, de terrenos férteis, está situada em planície muito pouco acidentada.

É abundante em cereais, cultivando-se também aqui muito a cebola para exportação.

As suas fontes públicas são: a da Aldeia, a de Baixo e a de Quintão.

Confronta do norte com o rio Cávado, do nascente com a freguesia de Gilmonde, do sul com a de Milhazes e do poente com a de Vila Seca e a de Rio Tinto, esta do concelho de Esposende.

Não é servida por estrada a macadame; para chegar ao centro, à Igreja, temos de nos aproveitar de caminhos velhos, que na verdade se diga não são de todo maus, podendo passar um carro.

A sua população no século XVI era de 39 moradores; no século XVII era de 60 vizinhos; no século XVIII era de 40 fogos; no século XIX era de 358 habitantes e pelo 7.º Censo da População é de 492 habitantes, sendo 235 varões e 257 fêmeas, sabendo ler 91 homens e 15 mulheres.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Boa Vista, Fonte, Pedregal, Quintãs, Assento, Igreja, Aldeia de Baixo e Andão.

→ As suas casas mais importantes são: a do Machado, a das Fontainhas, a do Ângela, a da Pena, a da Pedreira, a do Sol, a da Ponte, a das Quintãs, a do Vinhas, a da Fonte e a do Fonseca.

Não tem Escola Oficial.

Tem Caixa do Correio.

Não tem indústria digna de nota a não ser algumas moendas, engenhos de serrar madeira, de fazer linho e de pescar no rio Cávado.

Dentro dos limites desta freguesia, no rio Cávado, há dois açudes: o da Pedreira, o primeiro que se encontra a partir da foz deste rio, entre esta freguesia e a de Perelhal, e o das Fontainhas ou do Contador, entre esta freguesia e a de Mariz.

Este açude foi mandado fazer nos princípios do século XIX por um Contador do Juízo de Direito de Barcelos, que foi senhor da quinta das Fontainhas.

O seu comércio está reduzido a uma pequena loja de mercearia.

Dos homens mais ilustres, cujos nomes andam ligados a esta freguesia, destacaremos os seguintes:

Fernão Anes de Faria, filho de Afonso Anes de Faria, 3.º neto do grande alcaide Nuno Gonçalves, foi abade de Fornelos, no tempo de D. João II.

É para notar que este ramo dos Farias possuiu nesta freguesia uma casa, a do Ângela, a qual também é conhecida por Pedregais, nome igual à de Faria, pertencente também àquele mesmo ramo.

Esta casa foi vendida a estranhos, não há muitos anos.

Sebastião de Sá, Mestre Escola na Colegiada de Barcelos, foi abade de Fornelos e de Alvelos.

P.º Augusto Gomes Lobarinhas, natural da freguesia de Vila Seca, foi reitor de Fornelos durante muitos anos, tendo falecido em 1927.

Quando vim a esta freguesia não encontrei as pessoas que me poderiam dar as desejadas informações e tive a má sorte de me dirigir a algumas que de nada sabiam ou que pelo seu animo retraído e desconfiado, pouco me ilucidaram.

Começando pela ostiaria, que a princípio se recusou a deixar-me visitar a Igreja, desconfiada talvez de que eu de dia fosse ver o que ela continha para de noite ir rouba-la. E com isso não andava mal a criatura, pois há tantos malvados por esse mundo de Cristo que nem os santos respeitam e a gente vê caras e não vê corações.

Mas como eu de aspecto compungido mostrasse muita devoção de rezar ao santo padroeiro da freguesia, resol-

veu-se por fim ir procurar a chave, da qual dizia não saber o paradeiro.

Enquanto esperava, passei o tempo entretido a conversar com uma simpática velhinha que em um campo junto ao adro apascentava umas ovelhas.

Esta, porém, não era natural daqui, havendo pouco tempo que viera viver para esta freguesia e por isso poucas informações me podia fornecer.

Ao fim de uma meia hora bem puxada, apareceu a clavicularia e com maus modos abriu a porta travessa, encostando-se a um dos seus tranqueiros.

Daqui observava todos os meus movimentos dentro do templo e quando eu tirei do bolso papel e lapis para tomar apontamentos, notou-se no rosto canônico e carrancudo da minha vigia mudança para pior; no seu alto discernimento julgou talvez ver diante de si um arrolador de santos e altares, mando pelas justiças de Barcelos.

Terminado o trabalho e saídos ao adro lá ficou encostada à parede de chave na mão fincada ao queixo a remoer os motivos de tão estranha visita, enquanto nos dirigíamos para a capelinha de Santa Comba.

Dali fomos procurar certo homem, que mora para os lados do rio, e que por ser um dos mais velhos da freguesia nos poderia dar alguns informes.

Depois dos cumprimentos do costume, timidamente foi estendendo o seu relatório, mas quando lhe perguntei pelas casas mais importantes da freguesia é que foi o *descimento da cruz*. Calou-se.

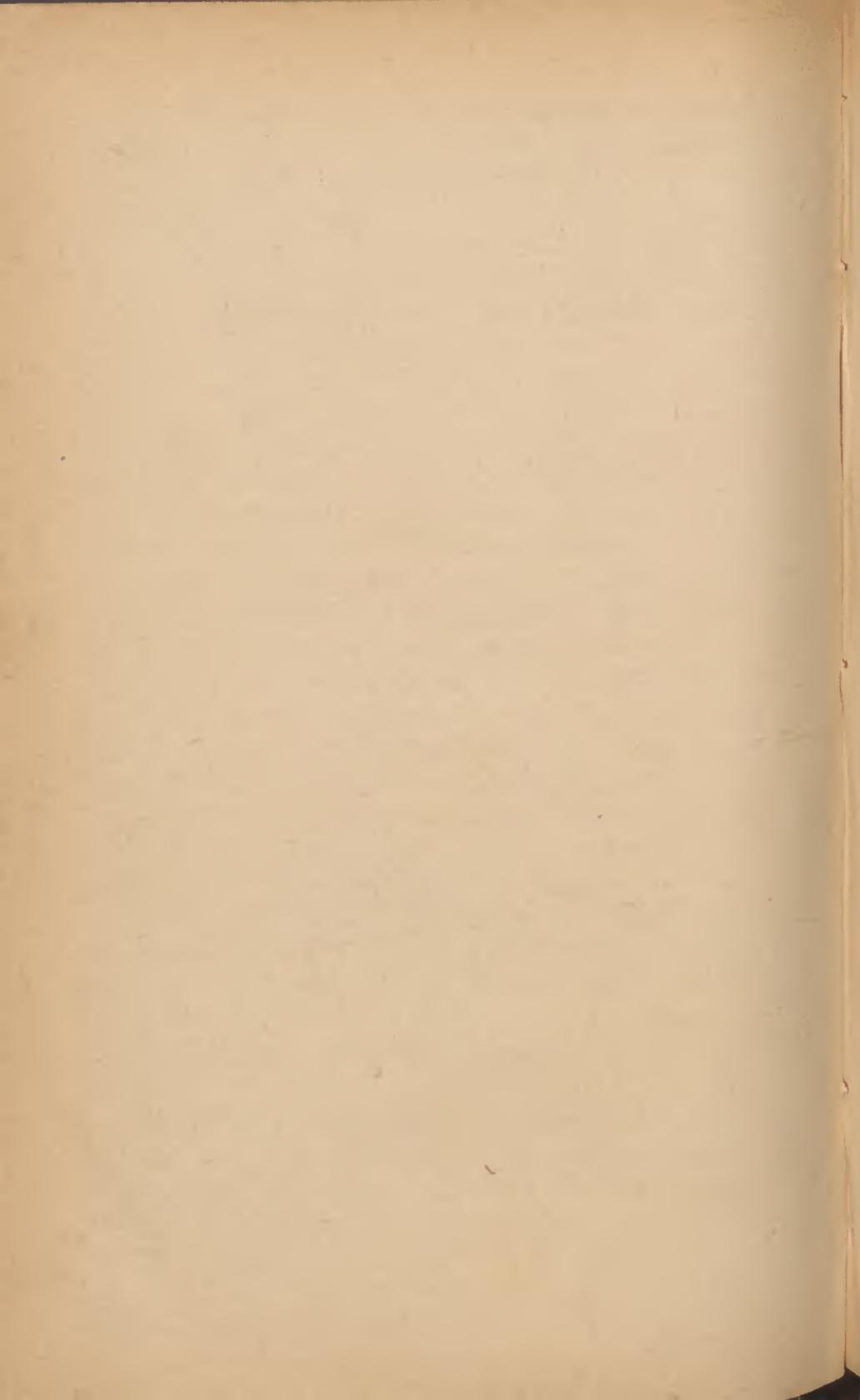
Mas os snrs. para que querem saber essas coisas? Perguntou ele.

Depois de lhe assegurarmos que não era para mal, disse: é porque, como alguns proprietários daqui *decaíram de bens*, eu julgava que vinham para lhes fazerem alguma . . . penhora.

E pouco mais adiantou.

Passados alguns dias fui procurado por um meu amigo, que mora para os lados das Quintães, o qual depois de me expor uma questão muito complicada entre os membros de uma confraria desta freguesia de grande interesse para eles, completou estes breves apontamentos.

E eis o que pude colher acerca de Fornelos.



São João Baptista de Gamil

GAMIL, orago São João Baptista, era uma vigararia da apresentação das religiosas do convento de Vale de Pereira, do concelho de Ponte do Lima.

Foi primitivamente uma abadia, mas o seu último abade, Estêvão Ferreira, da casa de Cavaleiros, cedeu esta Igreja e padroado àquelas freiras em recompensa delas admitirem no seu convento duas filhas bastardas, dando-lhes assim o carinhoso pai um bom dote.

Há divergência àcerca da origem da palavra *Gamil*.

Segundo uns, vem do genitivo *Galamiri* ou *Ganamiri* dos nomes próprios góticos *Galamirus* ou *Ganamirus*; segundo outros é corrupção do termo árabe *gomia*, arma de arremeço, e ainda outros querem derivar este nome da palavra *gamo*, pelo que *Gamil* vinha a ser sítio onde havia muitos gamos.

A primeira opinião parece não ser para desprezar por mais própria e natural.

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem esta freguesia com a designação — «De Sancto Johanne de *Guaamir* de Couto de Varzea».

No *Guaamir* das Inquirições facilmente se transformou aquele genitivo gótico *Galamiri* ou *Ganamiri* e não vejo justificação plausível para a derivação das outras palavras que alguns escritores lhe querem dar.

Naquelas Inquirições se diz: que «habet ibi dominus Rex quoddam Regalengum, quod vocitant Egeaes, de quo dant quintam panis, et jacet extra cautum», que o rei não tem aqui foro «ergo quod Suerius Pelagiz, et Petrus Pelagii, quod fuerunt ad Castellum per forum».

Têm aqui terras Várzea, Vilar de Frades e São Paio de Midões alguns testamentos.

Esta freguesia, nas mencionadas Inquirições, vem compreendida nas Terras de Faria, mas no Censo da População de 1527 a freguesia de *Gusmill*, que é a mesma de Gamil, pertence ao «Jullgado de Penafiell».

Foi nesta freguesia que as tropas leonesas em 1220, comandadas pelo infante Martim Sanches, estacionaram e uniram as suas fileiras antes de romperem as hostilidades contra os portugueses na batalha que se deu *a par da Várzea*.

Esta luta é narrada quando tratarmos da freguesia de São Bento da Várzea.

A Igreja Paroquial era um pouco a leste da actual: ficava por trás do Presbitério, ocupando parte do sítio onde hoje está a cozinha.

Em escavações que aí se fizeram encontraram-se os alicerces do edifício e algumas das sepulturas em pedra, uma das quais ainda hoje existe sem tampa no eido da casa do Sr. José Alves da Cunha e outras foram rachadas para com elas se fazerem paredes no Passal.

Li que esse velho templo se localiza ainda por um prazo do Convento de Vale de Pereira em 1547.

A Igreja devia ter sido mudada para o sítio onde está há uns tresentos anos, fins do século xvii, princípios do século xviii.

Corre na tradição, não sei com que fundamento, que primitivamente a matriz era em Alconchel.

Se aí esteve devia ser em tempos muito remotos, pois que trezentos anos da actual igreja com não sei quantos do antigo edificio a que atrás nos referimos, afastam-nos muito da existência da matriz em Alconchel.

Contudo arquivo aqui, como me compete, essa tradição.

O edificio da actual igreja é pequeno e baixo.

Está no centro de um diminuto adro e ao seu lado esquerdo ergue-se um modesto torreão para dois sinos, de construção muito posterior, o qual foi reformado há poucos anos por ameaçar ruínas.

Coroando a frontaria do templozinho ainda se vê uma característica sineira, erma de seu morador, dando ao conjunto um ar de venerabilidade, um tanto ou quanto perdida pela recente colocação da pouco apropriada *telha francesa* nos seus telhados.

A substituição nos nossos velhos edificios dos telhados romano-portugueses pela chamada telha de *marselha* ou telha *francesa* foi a desgraça dos trolhas e a deturpação da estética; um edificio nestas condições dá a impressão de na volta de um caminho rural encontramos uma lavradeira, vestida com os seus lindos trajes regionais, mas ostentando desajeitadamente na cabeça um rico chapéu confeccionado pela última moda de Paris.

Posto isto voltemos à matriz desta freguesia

O templo dentro é pequenino mas asseado.

O tecto do corpo da Igreja é forrado a castanho e o da capela-mor em estuque; os altares são em talha simples, excepto a tribuna do altar-mor que é antiga, muito bem conservada e pintada de novo.

Ao lado direito está a sacristia, pequenina, com lavabo de pedra. Ao lado esquerdo da Igreja, separado desta pelo adro, foi construído o Cemitério Paroquial em 18..., não tendo porém ainda gradeamento nem portão.

O Cruzeiro Paroquial estava perto da Igreja mas foi mudado um pouco para cima, para o lado do monte. É modesto e simples.

Há nesta freguesia apenas uma capela e essa pública: é a *Capela de Santa Cruz do Peñouço*.

O seu edificio é pequeno e baixo; tem púlpito, coro e um único altar.

Este altar é de talha antiga e veio da Igreja de São Paio do Carvalhal.

Do lado direito está uma pequenina sacristia.

Fazia-se aqui todos os anos uma festa e romaria importante, hoje decaída.

Esta capela foi fundada em meados do século XIX, quando reviveu por este concelho a crendice do aparecimento de cruzes no solo.

Nesta freguesia há dois *Nichos* ou *Alminhas*: o da Quintão e o de Santa Cruz, este no cruzamento da estrada que conduz à Igreja com a Nacional n.º 4.

É curioso este último nicho, com seu alpendre em duas colunas de pedra, encimado dentro pela seguinte inscrição — «ANO. D. 1861. MISROSASICRU.»

Esta freguesia, situada em planície, é banhada no seu extremo nascente pelo rio Covo e no centro pelo ribeiro das Lameiras, afluente daquele, e servida pela Estrada Nacional n.º 4 de Famalicão a Barcelos, que a atravessa de sul a norte, e pela Distrital de 1.ª classe de Esposende a Braga.

Esta estrada vem daquela vila até Barcelos, onde entra à Praça D. Pedro V naquela n.º 4 e seguindo por ela até esta freguesia, lugar do Jardim ou Martinha, segue na direcção nascente para Braga.

Na bifurcação destas estradas havia um marco com as indicações quilométricas de várias localidades, o qual,

não sei porquê, quem superintende nisto mandou desfazer talvez para cascalho.

Para substituir estes marcos foram colocados à margem das estradas uns outros muito bem trabalhados com uns simples números que só os iniciados sabem o que indicam.

Esta freguesia é ainda atravessada pela linha férrea do Minho e Douro, sendo a sua Estação mais próxima a de Midões.

As suas confrontações são: pelo norte, Santa Eugénia de Rio Covo; pelo nascente, São Bento da Várzea; pelo sul, Midões e pelo poente, Remelhe, Alvelos e Barcelinhos.

A sua população no século xvi era de 20 moradores; no século xvii era de..... vizinhos; no século xviii era de 49 fogos; no século xix era de 360 habitantes e pelo 7.º censo da população é de 306 habitantes, sendo 152 do sexo masculino e 154 do sexo feminino, sabendo ler 66 homens e 20 mulheres.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Reborido, Torre, Laranjal, Cepa de Cima, Cepa de Baixo, Boucinha, Castanheira, de Trás da Agra, Monte de Cima, Fonte do Velho, Monte Casal, Barradas, Poça, Quintão, Fontainhas, Pena, Bouça de Trás de São João, Souto da Camba, Manortes, Lavadouros, Lodeiro, Gonta, Viso e Alconchel.

As suas casas mais importantes são: a do Xisto, a da Torre, a de Reborido, a do Jardim, a de Alconchel, a dos Poças, a dos Lavadouros e a da Pena.

As suas fontes públicas são: a de Alconchel, a do Cortinhal, a de São João e a do Xisto.

Tem duas lojas de mercearia, caixa do correio e funciona actualmente aqui uma Escola móvel mista.

Não tem indústria digna de nota.

Nasceu nesta freguesia o Dr. António da Silva Ramos, licenciado em Letras pela Faculdade do Porto, que bem cedo se notabilizou no jornalismo. Faleceu em plena mocidade, no ano 1928, em Bragança, onde foi professor do Liceu.

No cabeço do Penouço, monte de Remelhe, dizem ter aparecido carvões e moedas antigas não sei de que época.

O cruzamento da estrada Nacional n.º 4 com a que vai para Braga é conhecido pelo sítio do Jardim e ainda há bem pouco tempo pelo nome da Martinha.

Martinha, diminutivo de *Marta*, era uma mulher que viveu em uma barraca de madeira em frente ao cruzamento das estradas, onde depois foi construída uma casa, e que tinha fama de receptadora dos roubos que praticavam quadrilhas de ladrões, aí por meados do século XIX.

Pessoas que a conheceram me disseram que era uma lavradeira gorda, bem vestida e sempre bem oirada e tal fama criou que deixou o seu nome ao lugar.

Este porém pouco honrado com essa origem trocou-o pelo mais apazível de Jardim.

Nunca aqui houve jardim propriamente dito. É certo que em o triângulo formado pelas estradas, onde hoje está um pequeno quintal com ramada, o governo mandou plantar umas *mimosas* e, como estas árvores davam flores no seu tempo próprio, a imaginação do povo criou ali um jardim.

Dentro dos limites desta freguesia está a *Carreira de Tiro*.

Compõe-se de um edificio rectangular de amplas dimensões, com dez janelas de frente e grande pórtico de entrada, cinco janelas nas traseiras e duas janelas e uma porta respectivamente de cada lado.

Por cima da porta da frente tem a seguinte inscrição:
« Carreira de Tiro de Barcelos — 1908 ».

Ao lado está a pista ou carreira de tiro propriamente dita com alpendre, portas e resguardos cavados na terra.

Ministrava-se aqui a instrução de tiro aos soldados, funcionando também durante algum tempo nela uma escola de tiro civil.

Tudo, porém, acabou e há bem pouco tempo o terreno e edificio foram postos à venda, não conseguindo vender-se apenas por falta de comprador!

Mais ao poente, no monte de Maio, estão dois palois para guarda de pólvora e explosivos. Pertencem hoje a dois negociantes de Barcelos.



Santa Maria de Gilmonde

GILMONDE, orago Santa Maria, era vigararia da apresentação do D. Prior da Colegiada de Barcelos.

D. João I doou ao Condestável D. Nuno Álvares Pereira, por carta de 5 de Fevereiro de 1425, os padroados e direitos de apresentação das Igrejas das suas terras de Barcelos (1).

Por sua vez, D. Fernando, 9.º Conde de Barcelos e 2.º Duque de Bragança, quando da criação da Colegiada de Barcelos em 1464, fez-lhe doação dos rendimentos e direitos de apresentação de várias freguesias, uma das quais era a de Gilmonde. Passou pois esta freguesia do padroado real para o da Casa de Bragança e desta para o da Colegiada, no qual se conservou até 1834.

Gilmonde é derivado do genitivo de um nome próprio gótico.

Antigamente escrevia-se *Gimondi* e o povo ainda hoje pronuncia *Germonde*.

Vem nas Inquirições de 1220 com a designação — «De Sancta Maria de Gesmundi», nas Terras de Faria.

Nelas se diz que o rei não tem aqui reguengo algum. Que nesta freguesia costumava entrar o Mordomo

(1) *Domingos Joaquim Pereira (Abade do Louro) — Memória Histórica, pág. 257.*

e pagavam voz e calúnia, porém «nutrierunt ibi filiam de domno Garcia Menendiz et propter illam (1) et propter Martinum Moniz et propter Petrum Petri milites non intrat ibi Malordomnus nec pectant vocem nec calumpniam nec dant gallinam nisi tantum in Revordaos».

No distrito desta freguesia, nos limites com a de Milhazes, em um morro do monte da Franqueira, esteve o histórico e decantado castelo de Faria (2).

A sua fundação é anterior à constituição da nossa nacionalidade; «castelo real da idade média, a sua origem some-se nas trevas dos tempos que já lá vão há muito», diz Alexandre Herculano nas «Lendas e Narrativas».

Quando na primavera de 1128 Afonso Henriques solta o grito de revolta contra o governo de sua mãe, começa por tomar os castelos do Neiva e Faria; neste último se demora algum tempo, empregando-o na conquista das terras que ainda conservavam voz pela velha rainha.

Já antes aqui tinha estado, assinando nessa ocasião documentos importantes (3).

(1) *Eram as chamadas Honras por amadigo.*

(2) *Alguns escritores, como o Padre Carvalho na Corographia Portuguesa, vol. I, pág. 275, dão este castelo como situado na freguesia de Faria e outros na de Milhazes, entre estes o snr. José de Azevedo. Menezes nas «Ninharias» pág. 158. A primeira vez que ouvi dizer que estava dentro dos limites da de Gilmonde foi ao seu muito digno Reitor snr. Padre João Gomes do Vale, no seu bem elaborado discurso proferido na sessão inaugural da Escola Primária desta freguesia. Percorrendo o local verifiquei que na verdade pelos marcos divisórios da freguesia o castelo está dentro dos seus limites.*

(3) *Foi no castelo de Faria que Afonso Henriques, na presença de sua mãe, fez couto ao mosteiro beneditino de Manhente, dividindo por marcos e balisas as terras que coutava. Crónica da Provincia da Soledade, Port. I, Liv. II, cap. II, pág. 280 e Ceu Aberto na Terra, Liv. II, cap. IX.*

Este moço príncipe deu o senhorio da Terra e castelo de Faria ao amigo e cooperador da sua grande obra, Hermígio Moniz, uma das personagens mais notáveis da sua corte.

Na luta fratricida de 1245, um seu alcaide, cujo nome a história felizmente não regista, passando-se para o partido Bolonhez, entrega a este o castelo, de que tinha feito menagem a D. Sancho II.

D. Pedro I, por carta de 26 de Junho de 1357, e D. Fernando, por carta de 21 de Março de 1367, dão o castelo de Faria a Nuno Gonçalves.

Em 1373 regista-se o feito heróico dos seus alcaides.

Chegando a invasão castelhana às proximidades de Barcelos, Nuno Gonçalves de Faria, encarregando da defesa do castelo seu filho Gonçalo Nunes de Faria, vai, com alguns companheiros, em socorro do valoroso conde de Ceia.

Quando, porém, atravessada a vila, chega ao sítio onde se tinha dado o recontro, já D. Henrique Manuel, vencido, tinha fugido para Ponte do Lima.

Caindo o bom alcaide em poder dos castelhanos, é feito prisioneiro e, trazido junto dos muros do seu Castelo, pede para falar ao filho.

Rodeado de seus inimigos intima então Gonçalo Nunes a não se render e a manter o castelo por seu rei, ainda que à sua vista o atormentem e o matem.

Assim succedeu: mataram-no na presença do filho, mas este resiste heróicamente, defendendo a honra de Portugal, e o castelo de Faria não foi tomado pelos castelhanos.

Que belo quadro o de Condeixa em que no primeiro plano tomba o velho guerreiro alvejante na sua cota de armas e junto ao parapeito da barbacã se ergue a figura do moço alcaide a bracejar no seu impotente desespero!

Nas guerras da independência, após a morte do rei D. Fernando, o entre Douro-e-Minho era quase todo por Castela; na libertação dessas terras encontra-se a tomada do castelo de Faria.

Entrou por fim este em decadência e foi caindo em ruínas. As suas pedras desmoronadas rolam pela encosta e os povos vizinhos vão-nas retirando para construções de muros e casas, sendo o resto aproveitado na edificação do convento do Bom Jesus do monte da Franqueira, no século xvi.

Da velha fortificação medieval nada ficou sobressaindo à terra; apenas se vêem vestígios dos seus alicerces dos quais, por iniciativa do patriótico «Grupo Alcaides de Faria — Pró-Franqueira», se puseram já a descoberto os da torre de menagem e alcáçova.

É este um lugar que todos devem visitar com devoção.

Quando da segunda invasão francesa, projectou-se formar um exército de observação e defesa à vila de Barcelos e destinou-se para seu acampamento a Gandra de Gilmonde, onde se chegou a fazer algumas obras e outros preparativos.

Por fim esse exército não se organizou e a passagem dos franceses aqui foi apenas acidentada por uma pequena escaramuça com guerrilhas mal armadas e mal apetrechadas que debandaram aos primeiros tiros.

O inimigo porém irritado cevou as suas iras na população inerme, incendiando casas e matando várias pessoas.

Neste mesmo lugar existe uma mamoa ou mamoozinha a atestar a passagem por aqui de povos antigos.

A Igreja Paroquial dizem que era primitivamente junto do sítio das Campas; contudo já nos princípios do século xviii nos aparece no sítio onde actualmente está.

Pelo livro das Visitas desta freguesia se vê que precisava de obras em 1728, 1736, 1745, 1763 e 1822.

É de arquitectura simples, tendo apenas de notável dentro os tectos em caixotões, com florões e traves a descoberto.

Tinha na fronteira um campanário para um só sino o qual estava quebrado em 1730.

Em 1738 capitulava-se um torreão no alto da escada do coro, à *semelhança do de Milhazes*, que ainda não estava feito em 1888.

A actual torre foi mandada construir em 1888 pelo comendador Manuel Gomes Barroso e seu irmão Agostinho Gomes Barroso.

Existe nesta Igreja uma bela e artística custódia cuja fotografia vem no «*Barcelos Resenha*» a pág. 80.

O Cruzeiro Paroquial tem no plinto a data 1764.

A Residência ou Presbitério está ao poente da Igreja Matriz, um pouco distante; foram ordenadas obras nela em 1744, 1797 e 1822.

Há nesta freguesia quatro capelas.

A *Capela de Nossa Senhora da Ajuda ou Almas*, no lugar da Mota, mostra ser feita havia quinze anos, em 1746, como se vê no livro das Visitas.

Em 1772 a sua administradora obteve Provisão para ser abolido o património; em 1784 foi mandada dourar e, como a mesma administradora não cumprisse, foi condenada em 1786 e obrigada novamente a fazer-lhe património.

Em 1795 pede a administradora licença para desfazer o cabido, ficando só a capela, o que lhe é concedido.

A *Capela de Nossa Senhora do Pilar ou São João*, junto à casa da Ex.^{ma} Senhora D. Laura de Sousa Costa Viana, é brasonada.

Em 1767 é intimado o administrador a apresentar licença da fábrica dessa capela e de ter na fronteira da mesma umas armas.

A *Capela de Nossa Senhora da Salvação*, no lugar de Rebordões. Em 1741 se manda fazer obras no cabido da mesma.

A *Capela de Nossa Senhora da Ajuda*, da casa da Fervença, foi visitada em 1765 e nela havia um cálice primoroso mas que poucas vezes servia.

Esta capela, junto à Casa da Fervença e dentro do seu amplo terreiro, pertence hoje ao Ex.^{mo} Senhor Visconde da Fervença.

Há nesta freguesia os seguintes *Nichos*: o de Rebordões, o Outão e o do Meão, tendo este na frente do seu pequenino alpendre a seguinte inscrição: «1806 Manoel José Gomes Torres mandou fazer este nicho».

O Cemitério Paroquial tem sobre o seu portão: «Cemiterio de Gilmonde—Oferecido pelo Ex.^o Sr. Comendador Manoel Gomes Barroso—1907».

Antes da construção deste cemitério enterrava-se no Adro, em volta da Igreja Paroquial, onde ainda se vêem muitas sepulturas com cruces e tampas de pedra.

Está esta freguesia situada em planície, a noroeste do monte da Franqueira, e confronta pelo norte com o rio Cávado, pelo nascente com a freguesia de Barcelinhos, a de São Paio do Carvalhal e a de Pereira, pelo sul com a de Milhazes e pelo poente com a de Vila Seca e a de Fornelos.

É servida pela Estrada Nacional de Barcelos à Póvoa de Varzim e pelas Estradas Municipais que partem desta uma para a Fervença e outra para a freguesia de Milhazes. No fim da Gandra segue outra Estrada para a freguesia de Faria.

É banhada ao norte pelo rio Cávado e de sul a norte pelo ribeiro Sandim, que nasce nesta freguesia e vai desaguar no Cávado.

Tem as seguintes fontes públicas: a do Carregal, a do Salgueirinho, a do Ribeiro e a de Rebordões.

A sua população no século xvi era de 35 moradores; no século xvii era de 65 vizinhos; no século xviii era de 83 fogos; no século xix era de 431 habitantes e pelo último censo da população é de 531 habitantes, sendo 241 varões e 299 fêmeas, sabendo ler 144 homens e 24 mulheres.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: das Carvalhas, do Monte, da Igreja, da Aldeia de Cima, de Rebordões, da Mota, da Fervença e de Carcavelos.

As casas mais importantes são: a da Fervença, a do Cruzeiro, a da Eira, a do Outeiro, a de Carcavelos, a da Mota, a de José Paulo, a do Fonseca, etc. ←

Tem caixa do correio e escolas para os dois sexos. Estas estão instaladas em um magnífico edificio, mandado edificar pela Ex.^{ma} Senhora D. Elvira Barroso, senhora da Casa do Cruzeiro, cumprindo desta maneira a vontade de seu falecido pai, o Comendador Manuel Gomes Barroso, e gastando com esse edificio, mobiliário para professores e material didáctico muitas dezenas de contos.

A sua inauguração solene foi no dia 15 de Maio de 1930, assistindo a ela muito povo, autoridades, senhoras e cavalheiros deste concelho e de outros bem distantes.

O governo, associando-se à homenagem prestada a tão ilustre senhora, abriu o cofre das munificências, mandando um delegado seu e uma portaria de louvor.

O comércio desta freguesia está reduzido a duas lojas de mercearia, sendo a sua indústria quase nula.

Dos homens mais ilustres, cujos nomes andam ligados a esta freguesia, mencionaremos os seguintes:

António Martins Gayo, filho de João Martins Gayo, senhor do Couto de Bouços e instituidor da capela de Madre de Deus, na Póvoa de Varzim, foi armado cavaleiro em África.

Casou com D. Maria Felgueiras de Valadares e foi senhor da Casa da Fervença em Gilmonde e da Honra de Palmeira.

Juntamente com sua mulher e seu sogro Vicente Felgueiras de Valadares, instituiu em 1561 o vínculo da Fervença com capela em S. Miguel-o-Anjo na Igreja Matriz de Vila do Conde, onde tem sepultura com suas armas.

Tirou brasão em 2 de Abril de 1578 e serviu el-rei D. Sebastião com alguns galeões à sua custa.

Manuel Gayo, filho do antecedente, foi capitão na batalha de Alcácer-Kibir, s. g.

Pedro Carneiro Gayo, filho de João Felgueiras Gayo, senhor da Casa da Fervença e Honra de Palmeira, lançou fogo, quando navegava nas costas do Brasil, a uma nau que comandava, morrendo heróicamente para não cair prisioneiro nas mãos dos holandeses, contra quem combateu em 1656.

Manuel Gayo Carneiro, filho do antecedente, foi senhor da Casa da Fervença e da Honra de Palmeira, cavaleiro de Cristo, comendador de São Facundo, Capitão de Infantaria e Governador do Castelo de Vila do Conde.

Bartolomeu Felgueiras Gayo, irmão do antecedente, foi senhor da Casa da Fervença, Fidalgo da C. R., Governador das Armas da Província do Minho e Comendador de S. Facundo na Ordem de Cristo.

P.^e Melchior Machado de Miranda, vigário de Gilmonde, instituiu uma capela a Nossa Senhora do Livramento na Igreja Matriz.

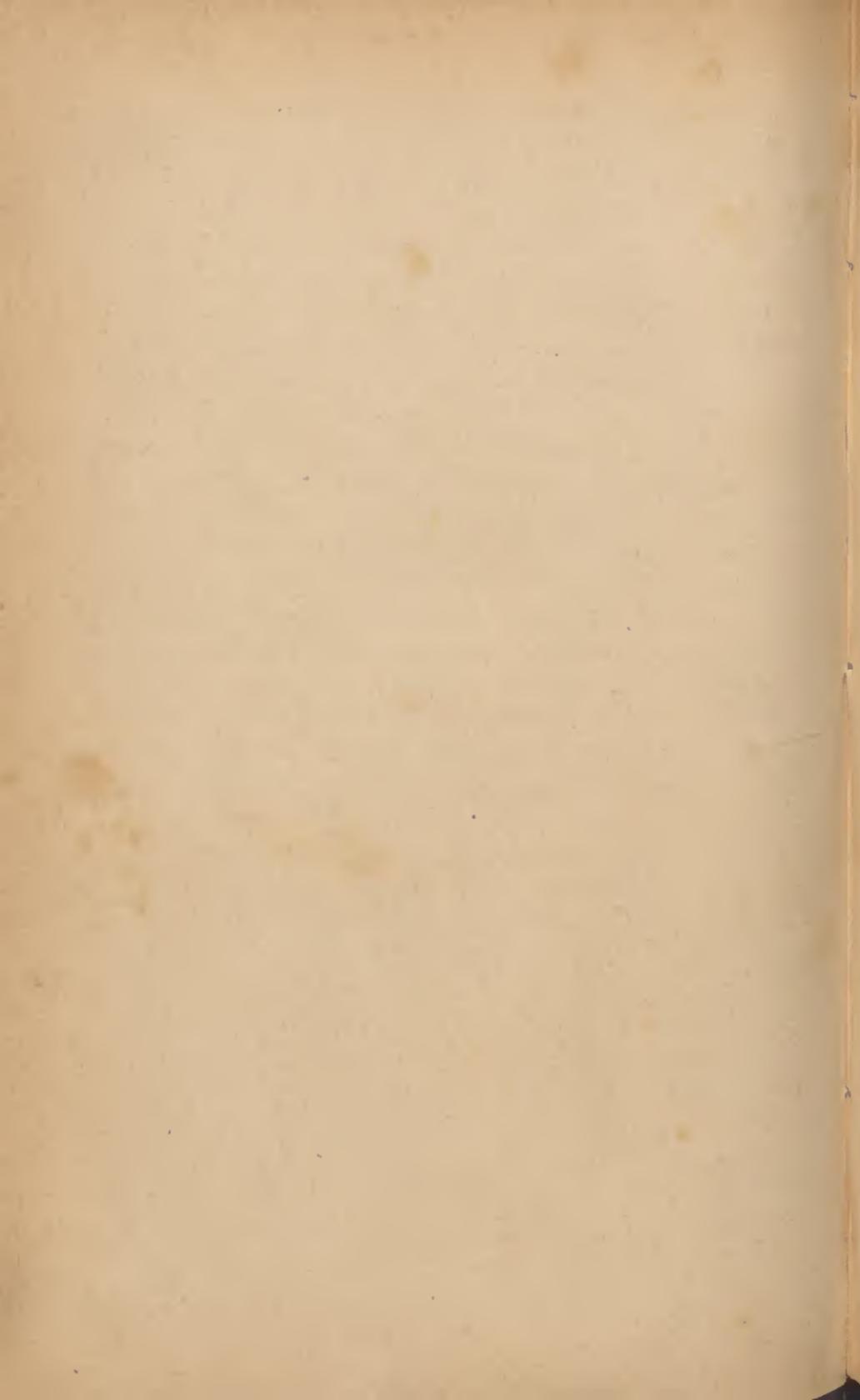
José Gomes, vivendo na ocasião das lutas liberais, teve de emigrar para Inglaterra, onde casou com uma senhora daquela nacionalidade.

Comendador Manuel Gomes Barroso, senhor da casa que estava no sítio onde foi edificada a do Cruzeiro, adquirindo largos haveres, foi um benfeitor desta freguesia.

Os Visitadores iam pelo seu distrito reparando faltas e coibindo abusos.

Extractemos alguns *captulos* referentes a esta freguesia: na visita de 1733 ordena-se que, se constar ao Pároco que viva aqui alguma mulher de *má opinião*, condene em três mil reis quem lhe alugou a casa; em 1760 proíbe-se que pessoas descalças e com vestidos indecentes acompanhem o Viático aos enfermos e manda-se que o Pároco não consinta que clérigos com vestidos indecentes e com tamancos, ainda que sejam em forma de sapatos, digam missa e em 1767 proíbe-se que os fregueses ouçam missa fora da Igreja bem como falem alto no Adro.

Algumas Pastorais do reinado de D. Miguel acham-se riscadas e com a nota ao lado *risquei*. Política no caso!



Santa Maria de Góios

Góios tem por orago Santa Maria, sob a invocação de Nossa Senhora da Expectação ou do Ó, como vulgarmente é mais conhecida.

O culto de Nossa Senhora da Expectação ou da Senhora do Ó, muito generalizado em Espanha e Portugal, vem do tempo dos godos; em 661, no concílio de Toledo, foi instituída a festa da *Expectação do parto da Senhora*.

Sobre a origem da palavra Senhora do Ó é interessante a leitura do livro « Monumentos e Esculturas » do Dr. Vergílio Correia.

A Igreja costumava e costuma ainda cantar nos sete dias que precedem o natal, umas antifonas, que todas principiavam pela letra Ó, dizendo clero e todo o povo a gritos Ó, Ó, Ó.

Destes Ó, Ó teve o princípio intitular-se esta festa do Ó e também dar-se este título à mesma Senhora em suas imagens.

Os escultores da idade média, com um realismo flagrante, representavam as imagens desta Senhora com a tumefacção do seu ventre na esperança do parto.

A algumas *virgens pejadas* se refere o « Santuario Mariano »; muitas desapareceram ou foram mandadas enterrar por abades escrupulosos ou ignorantes e poucas

são as que chegaram até nossos dias, guardadas religiosamente em museus.

Nesta parte do concelho que estamos percorrendo difundiu-se muito o culto a esta Senhora; haja em vista as freguesias que a tomaram por padroeira.

Nada menos de três: esta de Góios, a de Martim e a de Moure.

Góios era vigararia da apresentação do Reitor do Convento de São João Evangelista de Vilar de Frades, *Bons Homens de Vilar*, desde 1481, ano em que o seu abade Diogo Anes a renunciou, com aprovação do arcebispo de Braga D. Luís Pires, naquele convento e nele se meteu frade.

Góios deriva do b, latim *Gaudios*, em vez de *gândia*, os gozos ou prazeres de Nossa Senhora e tanto que se diz Santa Maria de Góios (1).

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem com a designação — « De Sancta Maria de Gouvios », nas Terras de Faria, e nelas se diz que o rei não tem aqui reguengo algum (2).

Esta freguesia passou a ser solar da linhagem dos Góios, família distinta, depois que no tempo de D. Dinis se extinguiu o apelido de Molnes, que eram os primitivos senhores da Honra que aqui existiu.

Houve na aldeia de Carcavelos, no tempo de D. Sancho II, um Paço honrado em que viveu Estêvão Pires de Molnes, déspota muito cioso das suas prerrogativas.

Se esse paço era honra, ele quis estendê-la a toda a freguesia e impedir que nela entrasse as justiças de el-rei.

(1) P.^e Anónio Gomes Pereira — Trad. Pop., pág. 361.

(2) Alexandre Herculano — Port. Mon. Hist. — Inquiriçoes.

Assim, porque um tal Martim Vermui viesse penhorar ao Paço um lavrador, que nele morava, Estêvão Pires mandou-o prender e arrastar em volta da freguesia, dizendo-lhe a cada passo: «por aqui é Honra» e no fim enforcou-o.

Voltando lá a penhorar um Domingos Alcaide fez-lhe também justiça sumária: cortou-lhe as mãos e matou-o.

Estas e talvez outras violências deram em resultado ser *devassada* esta freguesia e extinto o apelido de Molnes, no tempo de D. Dinis, ficando apenas honrado o Paço enquanto fosse de fidalgo.

A Igreja desta freguesia foi fundada pela rainha D. Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques, pelos anos de 1150.

Parece que o seu actual edifício está no mesmo sítio do antigo, mas completamente alterado.

A fachada, a torre e capela-mor são obras relativamente modernas, não devendo ir muito além de cem anos.

Exteriormente o corpo da Igreja, em pedra despida de cal, com cornija e cachorros lisos, estilo românico, é que mostra ser antigo. As janelas e portas, porém, foram enxertadas em épocas mais recentes.

Dentro (os altares, de talha simples, forros de estuque, etc.) foi tudo modernizado. Na torre, que está ao lado esquerdo da Igreja, vê-se um relógio, mandado ali colocar por António José Gomes Serra há oitenta e tantos anos.

No pavimento onde assenta o baptistério dizem existir uma inscrição em latim e caracteres góticos de difícil leitura, que não vi por o recinto estar fechado e haver pouca luz na ocasião em que lá estive.

Na sacristia da Confraria do Sacramento existe exteriormente uma pedra metida na parede, trazida talvez de

outro lugar, com a seguinte inscrição: «DEVOTIO. FAMV-
LORIO. MEORUM. ME FECIT. HANC. DOM...—1688».

Quanto às várias e sucessivas obras de reparação e transformação realizadas nesta Igreja nada mais posso acrescentar pois não consegui ver o livro dos Capítulos das Visitas ou qualquer outro que sobre elas me elucidasse, informando-me que o arquivo desta freguesia é pobre.

O Cruzeiro Paroquial está junto à estrada, no cruzamento desta com o caminho que vai para Chorente; é antigo, simples e não contém inscrição nem data.

A Residência Paroquial, ao poente da Igreja e um pouco distante dela, é de regular aparência e espaçosa.

No quintal da casa da Confraria do Sacramento, junto ao adro, do lado esquerdo da Igreja, está, à entrada da porta, servindo de pia, uma sepultura antiga de pedra que para ali foi trazida de outro sítio.

O Cemitério Paroquial, construído aproximadamente há trinta anos, tem sobre o seu portão a data 1928 indicativa da colocação deste e do gradil que o cerca.

Há nesta freguesia as seguintes capelas:

Capela de Santa Apolónia, mandada construir há mais de cem anos pelo P.^o Agostinho Ferreira Góios, última pessoa que nesta freguesia usou o apelido Góios. Os membros desta família deixaram posteriormente este apelido e adoptaram outros.

Capela de Covas, que tem por patrono S. José, está junta à casa do mesmo nome.

Capela de Santa Cruz, construída no século XIX, época em que mais se difundiu por esta parte do concelho o milagre do aparecimento da santa cruz desenhada no solo.

Junto desta capelinha, um pouco ao sul, erguem-se as paredes de um edifício, em parte concluídas até à cor-

nija e pirâmide, o qual, ainda incompleto, pelas proporções que apresenta, devia ser grandioso.

Dentro vê-se um veio de terra mais escura, em forma de cruz, cujo aparecimento o povo atribuiu a causa milagrosa.

Na última década do século XIX fizeram-se aí romarias importantíssimas a que os devotos concorriam com grandes donativos, que eram aplicados na construção do projectado templo.

Não tendo porém o milagre do aparecimento desta cruz conseguido a aprovação das autoridades eclesiásticas, foi esta devoção arrefecendo e caiu por completo, não se realizando por isso a sumptuosa obra que estava projectada.

Esta freguesia tem actualmente os seguintes nichos: o da Fonte Velha e o do Bairro, este com a data—1853.

Góios está situada em planície, com leves ondulações de terreno, formadas pelas margens do ribeiro do Souto, que nasce nesta freguesia, no lugar de Soleimas, e vai juntar-se ao ribeiro que nasce em Chorente e é afluente do Este. As suas fontes públicas são: Gandra, Passos, Velha, Ariosa e Soleimas.

Confronta pelo norte, com as freguesias de Pereira e Remelhe; pelo nascente, com a das Carvalhas; pelo sul, com as de Chorente e Gual e pelo poente, com a de Pedra Furada.

É servida pela Estrada Municipal que, no alto das Portelas, freguesia de Pereira, parte da que vai de Barcelos às Fontainhas e passando junto à Igreja vai dar comunicação com as das Carvalhas a Chorente e Gual.

A sua população no século XVI era de 38 moradores; no século XVII era de 100 vizinhos; no século XVIII era de 80 fogos; no século XIX era de 373 habitantes e pelo último censo da população é de 333 habitantes,

sendo 148 varões e 185 fêmeas, sabendo ler 69 homens e 16 mulheres.

Tem escola mista oficial que funciona em edificio próprio, mandado fazer pela freguesia.

Aquella população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Assento, Quintã, Outeiro, Gandra, Covas, Bouça, Portela, Ribeiro, Gandarinha, Passos, Soleimas, Areosa e Carcavelos.

→ As suas casas mais importantes são: a de Covas, a do Bairro, a do Serra, a do Ribeiro, a dos Escampados. Tem caixa do correio.

O seu comércio está reduzido a uma loja de mercearia e a sua indústria a algumas moendas e pouco mais.

Dos seus homens ilustres destacaremos os seguintes:

Padre Diogo Anes, sendo abade desta freguesia, renunciou este benefício no convento de Vilar de Frades em 1481 e tomou o hábito de Conego Secular de S. João Evangelista, fazendo vida contemplativa e penitente. Foi reitor de Vilar de Frades e faleceu em 5 de Novembro de 1489.

Fr. António de S. Jerónimo, natural desta freguesia, recebeu o hábito de donato no convento de Vilar de Frades onde foi porteiro. Transferido para o convento da Feira, praticou em toda a sua vida as virtudes cristãs e faleceu em 1643 com oitenta anos de idade.

Dr. Oliveira de Sousa, oriundo desta freguesia, formado em Medicina, foi um dos mais distintos médicos do seu tempo no Porto.

José Gomes Serra, proprietário, desta freguesia, há cerca de trinta anos, iniciou a subscrição para a construção de uma Escola Mista.

Domingos de Figueiredo, nascido na Casa de Covas desta freguesia em 1844, foi Presidente da Câmara de Barcelos, Administrador do Concelho, Director do Banco

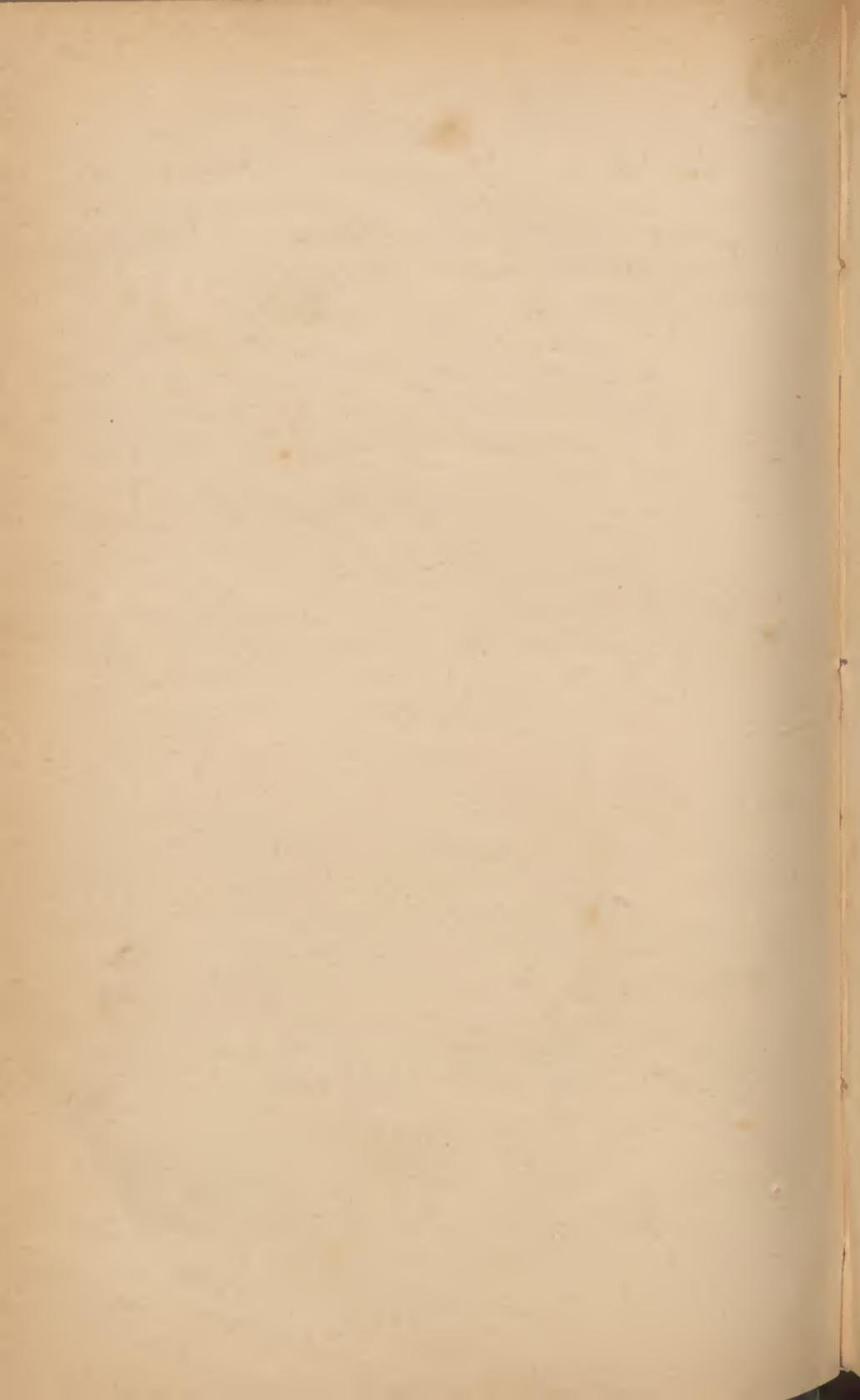
de Barcelos durante muitos anos e um dos fundadores do semanário «O Comércio de Barcelos», etc.

Padre Joaquim José de Figueiredo, irmão do antecedente, foi abade de Fonte Boa no concelho de Esposende.

Padre António Joaquim de Figueiredo, irmão do antecedente, cónego titular da Sé de Braga, Abade de Rio Tinto do concelho de Esposende, etc.

Há poucos anos em uma bouça pertencente ao Ex.^{mo} Snr. José Gomes Serra de Brito Limpo, perto do Cemitério Paroquial appareceu em umas escavações uma caixa de tijolo completamente fechada. Seria algum túmulo romano?

Pessoas que a viram afirmam-me que era.



S. Mateus de Grimancelos

GRIMANCELOS, orago São Mateus, era uma vigararia da apresentação do reitor da freguesia de Minhotães.

Grimancelos, segundo o P.^e António Gomes Pereira, vem de *Grimanços*, que julga ser nome gótico.

Não consta esta freguesia das Inquirições de D. Afonso II de 1220, publicadas no *Portugaliae Monumenta Histórica*. Pertencia à Comenda da Ordem de Cristo de Minhotães e foi no tempo do liberalismo baronato.

A sua Igreja Paroquial esteve primitivamente ao nascente da actual, pouco distante desta, onde hoje é um campo pertencente ao passal do pároco.

Caindo em ruínas aquele templo, foi mudada a matriz para o sítio onde está.

O actual ediffcio, alto e bem proporcionado, foi edificado nos fins do século XVIII, sendo a capela-mor construída a expensas de um brasileiro, e mais tarde o corpo da igreja por subscrição pública da freguesia.

Cercado de um amplo adro, vedado por parede com duas portas de serventia e respectivos fojos guardados por grades de ferro, eleva-se no cimo do pequeno outeiro de São Mateus de onde se disfruta um panorama desafogado.

A sua fachada virada ao poente é imponente.

Ao centro desta e por cima da porta principal ergue-se uma alta e bem construída torre com seu relógio e, na mesma fachada, por cima da janela que dá luz ao coro, vê-se um nicho com a imagem do padroeiro S. Mateus, em pedra, no tamanho natural e bem esculpida. Ao lado direito do edifício e junto à capela-mor está a sacristia.

Dentro é um templo amplo e espaçoso.

A capela-mor é forrada a madeira com ligeiros ornatos e o seu altar em talha simples.

A tribuna é fechada por uma tela representando São João a baptisar Cristo e que serve de pano de boca.

Existiam no chão duas sepulturas ladeando a paróquia, uma pertencente à casa de Assade e outra à dos Poços, que desapareceram há uns trinta anos, quando da colocação do mosaico que ora reveste o pavimento.

Na padieira ou verga da porta que abre para a sacristia tem gravada a data 1800.

O corpo da Igreja é forrado também a madeira pintada no mesmo gosto do da capela-mor. Os dois altares laterais junto ao arco cruzeiro são em bela talha dourada e os dois que se lhes seguem, bem como os outros dois abaixo das portas travessas, são mais modernos e em talha simples. Destes o primeiro do lado direito da porta principal pertence à casa de Assade.

O púlpito e a pia baptismal são da época da Igreja e têm algum merecimento.

Junto ao guarda-vento, na pilastra que sustenta o arco interior da torre, tem de cada lado sua pia de água benta em pedra bem trabalhada.

O Cemitério Paroquial é junto da Igreja. Ao fundo, em frente à sua porta principal, foi construído um jazigo capela no qual se vê a seguinte inscrição: «JAZIGO PERPETUO DE D. ISABEL MARIA CORRÊA DE VAS-

CONSELLOS E FAMILIA DO SOLAR D'ASSADE
DESTA FREGUESIA DE GRIMANCELOS 1898».

Em frente à porta principal da Igreja e às escadas que dão acesso ao adro, do outro lado da estrada que vai até à Assade, ergue-se um obelisco memória com a seguinte inscrição: — «ESTRADA CONSTRUIDA A EXPENSAS DA ILL.^{MA} e EX.^{MA} Snr.^B CONDESSA DE CAMPANHA EM 1895 — GRATIDÃO DE GRIMANCELOS — 1898.

O Cruzeiro Paroquial, simples e modesto, fica um pouco ao poente da Igreja, no monte de S. Mateus; na sua base tem a data 1863.

A Residência Paroquial está ao nascente da Igreja à face da estrada de Viatodos a Negreiros, perto do local onde esteve a velha matriz.

Tem esta freguesia as seguintes capelas:

Capela das Almas, no cruzamento da Estrada de Viatodos a Negreiros com a que vai à Assade.

De aspecto antigo, não tem porém data da sua construção. De pequenas dimensões parece mais um Nicho ou Alminhas. É pública.

Capela de Santa Cruz que foi erigida para comemorar o aparecimento, no solo, de uma cruz, a qual ainda hoje existe no pavimento da capela, cercada por grades de ferro.

Foi construída apenas a capela-mor, hoje bastante arruinada, vendo-se ainda parte das paredes que deviam constituir o corpo da capela que ficou incompleto.

Ao lado esquerdo desta capela, encostado à sua parede virada à Estrada, está um Nicho com as imagens de Nossa Senhora do Rosário e Senhor dos Passos acompanhado de Judeus. Esta capela é pública.

Capela de Santo António, junto à casa dos Poços, pequenina e muito bem conservada.

Pertence ao Snr. Miguel de Oliveira Novais.

Capela do Coração de Jesus, junto às Casas Novas. Pertence ao Snr. Miguel de Oliveira Novais.

Capela de Nossa Senhora do Amparo, junto à casa de Assade. É um belo templozinho, ricamente asseado ainda que interiormente levemente modernizado.

No altar tem a data — M D C C L — e no coro a inscrição: « R.^{DA} 1908 ».

Ligada à casa forma com esta um lindo recanto muito de apreciar.

O seu estilo é D. João V e por cima de sua porta de entrada tem a seguinte inscrição — « N.^A SENHORA DO AMPARO ».

O P.^e Manuel Pereira de Vilas Boas, reitor da freguesia de Silveiros, no seu testamento feito em 1780, instituindo herdeiro seu sobrinho Francisco Correia da Costa Lemos ou Francisco Correia de Vasconcelos, declara que é de sua vontade que junto à casa de Assade, nesta freguesia, se erija uma capela sob a invocação de Nossa Senhora do Amparo.

Esta capela pertence hoje ao Ex.^{mo} Snr. João Carlos de Miranda, casado com a Ex.^{ma} Senhora D. Clara Ângela Correia de Vasconcelos.

Esta freguesia situada em planície, na encosta do monte da Saia, está na bacia orográfica do rio Este.

É banhada pelo ribeiro de Mangualde, que nasce em Chavão e é afluente do Este, e é servida pela Estrada Municipal de Viatodos a Negreiros e Fontainhas com um ramal desta, junto à Igreja, até à Assade.

As suas fontes públicas são: a de Porto Carreiro, a de Assade, a do Sacramento ou de Baixo e a da Bouça.

A sua população no século XVI era de 32 moradores; no século XVII era de 56 vizinhos; no século XVIII era de 71 fogos; no século XIX era de 319 habitantes e

pelo 7.º Censo de População é de 413 habitantes, sendo 187 varões e 226 fêmeas, sabendo ler 80 homens e 37 mulheres.

Está distribuída esta população pelos seguintes lugares habitados: Fonte, Aldeia de Cima, Outeiro, Bouça, Almas, Monte, Barreiros, Granja, Real, Poços, Residência, Coteló, Bacelete, Seixosa, Mangualde, Porto Carreiro, Sendilães, Assade e Mouria.

As suas casas mais importantes são: a de Assade (brasonada), a de Mangualde, a da Mouria, a dos Poços (brasonada), a de Barreiros, a de Real, a das Casas Novas e a da Senra. ←

Tem Escola Oficial que funciona em edifício arrendado, mas brevemente passará para edifício próprio em construção no Outeiro de S. Mateus, junto à Estrada de Assade.

Vai ser instalada em um bom edifício, concorrendo para a sua construção a Junta da Freguesia, a Câmara Municipal e o Governo.

Nesta freguesia não há indústria própria digna de nota, a não ser a de moagem em vários moinhos existentes no ribeiro de Mangualde.

Tem uma boa loja de comércio, das mais importantes pela variedade e sortido de fazendas à venda.

Confronta esta freguesia pelo nascente, com a de Minhotães; pelo sul, com a de Gondifelos, do concelho de Famalicão; pelo poente, com a de Negreiros e pelo norte, com a de Chavão.

Das pessoas mais notáveis, que nasceram nesta freguesia, ou cujos nomes a ela andam ligados, destacaremos as seguintes:

Conselheiro Dr. José Correia de Vasconcelos, nascido na casa de Assade desta freguesia em 1796, estudou preparatórios no Porto e formou-se em Direito canónico

pela Universidade de Coimbra (1818) com 22 anos de idade.

Tendo apenas ordens menores, foi nomeado e tomou posse (1818), como coadjutor e futuro sucessor de seu tio Joaquim José Pereira Godinho, de um canonicato na Sé do Porto.

Dedicando-se à advocacia trabalhou em todos os Tribunais do Porto e tinha a carta de conselheiro.

Foi Procurador Geral do bispado, Juiz Comissário da bula de Santa Cruzada, Desembergador da Câmara Eclesiástica, Vigário Geral e Vigário Capitular *sede vacante* por morte do Bispo D. Jerónimo da Costa Rebelo, Governador do bispado, Chantre da Sé (1856) e Deão da Sé do Porto (1862).

Assinou a Provisão para a edificação da capela da Torre da Marca, que benzeu. Benzeu também a primeira pedra para o Palácio de Cristal, a primeira pedra para o Hospital D. Pedro V, a do monumento a D. Pedro IV, e o Palácio da Justiça em São João Novo. Presidiu à abertura da Biblioteca do Seminário do Porto, fazendo o discurso inaugural.

Tendo sido escolhido contra sua vontade para bispo do Porto, declinou essa honra, rogando dispensa a Roma.

António de Passos de Almeida Pimentel, Sargento-Mor de Barcelos e depois Comandante da Guarda Cívica em 1828.

Por serviços prestados à causa das instituições liberais, foi-lhe concedido o título de Barão de Grimancelos e nomeado Governador do Castelo de São João da Foz do Douro, onde faleceu em 26 de Outubro de 1867.

D. Mariana Emília de Macedo Passos de Almeida Pimentel, filha de D. Mariana Narcisa de Passos de Almeida Pimentel, 1.^a filha de Bernardo José de Passos, e de seu marido Domingos Bernardino Veloso de Macedo,

bacharel formado em Canones pela Universidade de Coimbra, Juiz de Fora na comarca de Castelo de Vide e depois Juiz dos Órfãos em Barcelos.

D. Mariana Emilia foi Condessa de Campanhã em remuneração dos serviços prestados por seu tio, o 1.º Conde de Campanhã, Baltasar de Almeida Pimentel, e senhora da casa dos Poços nesta freguesia, onde passava grandes temporadas, a qual depois foi vendida, passando a estranhos.

Nasceu em 23 de Abril de 1834 e casou em 8 de Janeiro de 1877 com seu cunhado João Rodrigues da Silva Santos, 1.º Verificador da Alfândega de Lisboa, viuvo em primeiras núpcias de sua irmã D. Maria Adelaide de Macedo Passos Pimentel.

Jerónimo Correia Homem, filho de Francisco Martins Homem e de sua mulher D. Antónia Correia Ramires, da cidade de Braga, neto de Alexandre Correia Ramires e de D. Jerónima Rodrigues Berincor, moradores em Vila do Conde (o qual seu avô tirou brasão de armas em 3 de Maio de 1550) por carta de 22 de Agosto de 1629 tirou brasão dos Correias e Costas, como consta da carta original existente na casa de Assade desta freguesia.

Miguel Pereira de Andrade Lemos Correia da Costa, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, filho de Frutuoso de Andrade Lemos Correia e Costa e de sua mulher D. Ana Pereira de Melo, casou com D. Maria Josefa Pereira de Vilas Boas, filha de Manuel de Miranda e de sua mulher D. Benta Pereira de Vilas Boas, esta irmã do P.º Manuel Pereira de Vilas Boas, reitor de Silveiros.

Tirou em 4 de Março de 1765 carta de brasão de armas — Lemos Costas, Correias e Lemos, Livro I, fol. 1.

Esta freguesia, servida pela estrada de Viatodos a Negreiros, está ligada com a sua sede concelhia, quer por Viatodos, Estrada Nacional n.º 4 de Famalicão a Bar-

celos, quer pela Estrada Municipal das Fontainhas a Barcelos.

Por um ou por outro lado a volta é porém grande, de alguns quilómetros.

Encurtar-se-ia muito a distância com a construção da Estrada de Chavão às Carvalhas, que falta abrir apenas da Igreja daquela freguesia a esta.

Os povos destes sítios lucrariam muito com a abertura desta estrada que os poria em comunicação directa com a cidade de Barcelos.

Esperam que o Ex.^{mo} Senhor Dr. Joaquim Furtado Martins, muito digno Presidente da Câmara Municipal de Barcelos, natural da freguesia de Grimancelos, lhes satisfaça dentro em breve esta sua velha aspiração.

Há nesta freguesia uma boa edificação em granito da região, conhecido por *pedra de galho*, bem trabalhada e que ficou incompleta, tendo apenas as paredes sem madeiramentos nem cobertura. O povo chama-lhe o *Palácio da Asneira*.

Foi mandado construir por um *brasileiro* que, acabando-se-lhe o dinheiro, deixou-o incompleto.

S. Paio de Gual

GUERAL, orago São Paio, era uma vigararia da apresentação do Reitor de Santa Eulália de Rio Covo.

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 não vem esta freguesia com exacto nome; vem porém uma com a designação — « De Sancto Pelagio de Carvalial », nas Terras de Faria, que julgo seja a mesma.

Como se poderia deprender do nome, não é São Paio do Carvalhal, da qual já tratamos e que vem nas Inquirições em outro lugar.

Nos « Bens das Ordens » desta « Carvalial » dizem as citadas Inquirições « que esta Igreja tem sesmarias, Santa Eulália, 4 casais e uma ermida com seu casal ».

Gual, mais tarde vigararia anexa à Comenda de Cristo, devia ter pertencido na época em que foram feitas aquelas Inquirições à Comenda dos Templários de Santa Eulália de Rio Covo.

Esta Carvalial vem nas Inquirições junto à de Santa Leocádia e, ainda que se não desconheça que naquele trabalho não se seguiu sempre uma ordem certa e determinada, dando-se até saltos formidáveis, parece ser a mesma de Gual pois não encontro outra freguesia em que Santa Eulália tenha mais terras do que esta.

Carvalial será corrupção ou engano de cópia de Gual, ou será aquele o primitivo nome desta freguesia.

No Censo da População de 1527 vem a freguesia de Generall com 27 moradores, que suponho igualmente seja esta, cujo nome ficará certo se supirmos a segunda letra e mudarmos o n em u.

Ignoro a origem da palavra Gual.

Esta freguesia, situada em planície, na bacia orográfica do Este, é banhada pelo ribeiro *Codade*, afluente daquele rio, e pelos riachos da *Borralha*, que nasce na freguesia de Chorrente, pelo da *Preguiça*, que nasce nesta de Gual, no lugar de Real, e pelo do *Feijoal* que nasce na freguesia de Courel. Todos são afluentes do ribeiro *Codade*.

É atravessada de norte a sul pela Estrada Municipal de primeira classe n.º 5 de Barcelos às Fontainhas, pela Estrada também Municipal, que parte da Igreja Paroquial, atravessa o ribeiro *Codade* em uma pequena ponte e vai a Chorrente, com uma ramificação para a de Negreiros, e ainda pelo ramal que daquela primeira estrada, na freguesia de Pedra Furada, vai até Courel.

Pelo Tombo da Comenda de Santa Eulália de Rio Covo se vê que a freguesia de Gual foi demarcada de novo em 1720, avivando-se nessa ocasião as cruces de Cristo que existiam nos marcos e gravando-se em todos aquela data.

A actual Igreja Paroquial está no lugar da Gandarinha, à margem da Estrada Municipal n.º 5, junto ao cruzamento da que vai para Chorrente.

É um templo moderno, de architectura simples, mandado construir em 1902, cujas obras se completaram em 1907.

Do lado do evangelho ergue-se uma bem proporcionada torre, a sacristia e várias dependências.

Na sacristia, do lado de dentro e metido na parede, está um lavabo antigo para ali trazido da Igreja velha.

Esta esteve no lugar de São Paio sendo demolida para dar lugar à construção da actual.

Dizem que em tempos remotíssimos a Igreja Paroquial esteve no Monte do Adro, extremo sul desta freguesia, e que foi mudada para o lugar de São Paio, extremo norte, para ficar dentro das terras pertencentes à Comenda.

Talvez a velha *eremita* das Inquirições, reformada e ampliada, passasse a ser Igreja Paroquial, depois da sua transferência do Monte do Adro.

Isto não passa de simples suposições, fundadas em vagas tradições; não vi documento algum que referisse este facto.

Junto à estrada de Chorente, perto da actual Matriz, foi construído o Cemitério Paroquial, cujo portão tem a data de 1889, e mais adiante, entre o moderno templo e o sítio onde esteve o antigo, existe o Cruzeiro Paroquial, velho monumento em cuja base se lê ainda a data «A. 1729».

Há ainda o Cruzeiro de Santo António, junto à capela do mesmo nome. Este cruzeiro foi reconstruído e melhorado há cerca de 30 anos.

A Residência Paroquial, perto da antiga matriz, foi cedida pelo Estado para Escola oficial e mandada reconstruir pela freguesia para esse fim.

Há apenas uma capela: a de Santo António, também conhecida pelo nome de Espírito Santo, por nela ter funcionado uma confraria daquele nome, com estatutos reformados em 1824, sendo os primitivos muito mais antigos.

Dizem que esta capela foi construída há mais de duzentos anos; era porém pequena e acanhada, sendo reconstruída e ampliada há perto de setenta anos.

A sua capela-mor, corpo da Igreja, púlpito e sacristia, tudo bem proporcionado, constitui ainda assim um tempozinho de reduzidas dimensões.

Serviu esta capela de Igreja Paroquial quando da construção da actual.

Dentro da porta principal, do lado do evangelho, existe ainda uma pia de água benta que, segundo me informam, serviu de baptistério durante o tempo em que aqui se paroquiou.

No Adro, que é cercado por parede, está uma tosca mesa de pedra, onde o tesoureiro da Confraria do Espírito Santo recebia os anuais dos confrades.

Esta confraria foi extinta há vinte e tantos anos.

Nesta capela faziam-se duas grandes romarias: uma a Santo António e outra no dia do Espírito Santo.

Há os seguintes *Nichos* ou *Alminhas*: o de S. Paio, o da Rita, o do Sima e o da Ribeira.

A população desta freguesia no século XVI era de 27 moradores; no século XVII era de 34 vizinhos; no século XVIII era de 52 fogos; no século XIX era de 260 habitantes e pelo último censo da população é de 376 habitantes, sendo 162 varões e 214 fêmeas, sabendo ler 69 homens e 32 mulheres.

Tem escola do sexo masculino que funciona no antigo edifício da Residência.

Por decreto de 11 de Dezembro de 1911 foram criadas as duas escolas mas só começou a funcionar a do sexo masculino em 1913, não funcionando a do sexo feminino por falta de casa.

Tem caixa do Correio.

A sua população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: São Paio, Gandarinha, Quintão, Outeirinho, Aldeia, Fonte, Ribeira, Real e Boucinha.

→ As suas casas mais importantes são: a da Gandarinha, a da Ribeira, a dos Barrosos, a do Lima, a do Loureiro, a dos Carneiros, a do Augusto, a da Alexandrina e a do Cruzeiro.

O seu comércio está reduzido a duas lojas de mercearia.

Tem as seguintes fontes públicas: Nova, Boucinha, Cano da Cortinha e Landes.

Dos homens mais ilustres destacaremos os seguintes:

Joaquim Ferreira da Fonte, benfeitor desta freguesia e da capela de Nossa Senhora da Franqueira, em Pereira, falecido em 1905.

Francisco Gonçalves de Aguiar, natural desta freguesia, indo para o Brasil adquiriu grandes haveres e foi um benemérito.

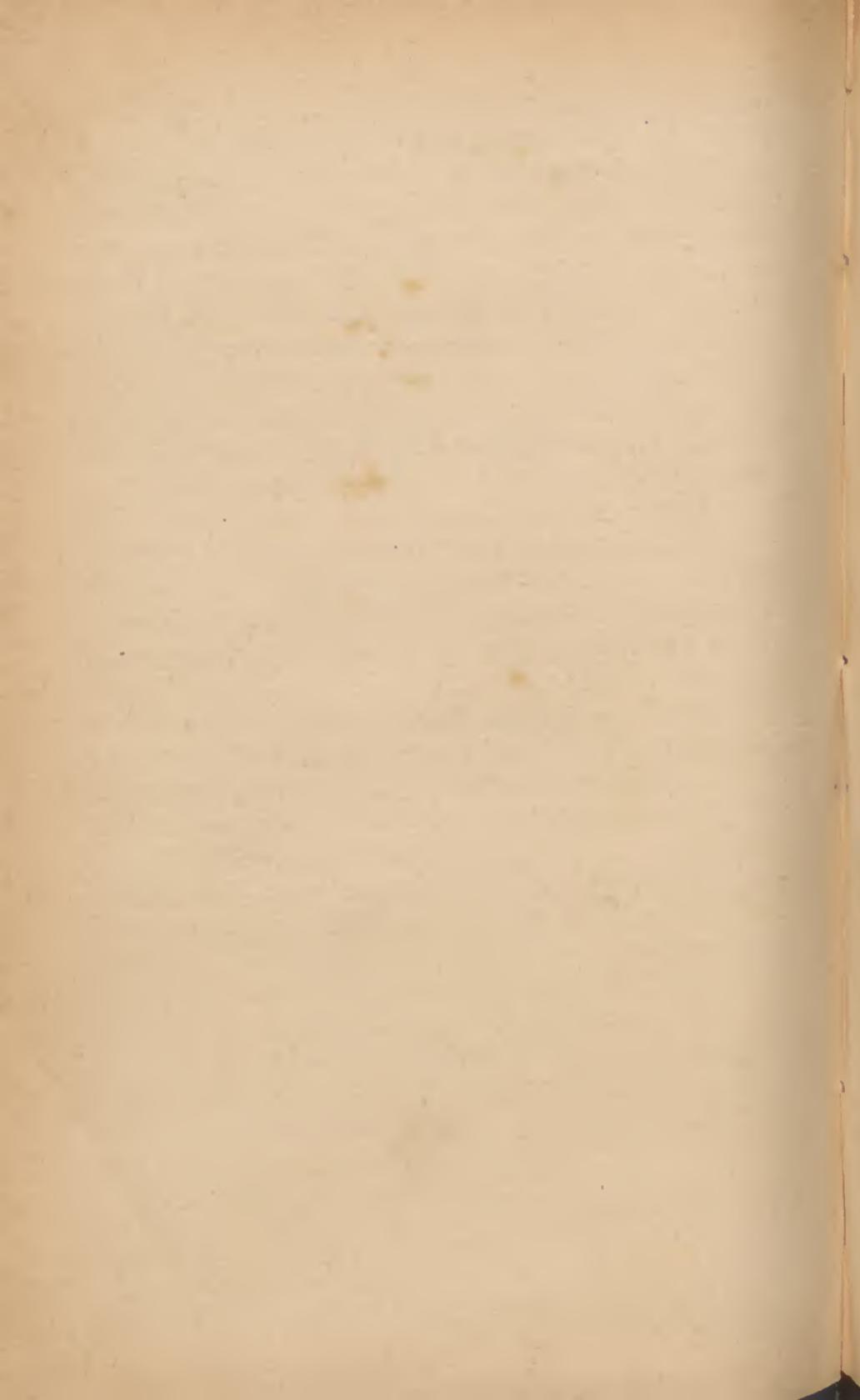
Dr. Francisco Ferreira da Fonte, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, foi vereador da Câmara Municipal e Administrador do concelho de Barcelos por várias vezes.

Inácio Carneiro, natural desta freguesia, foi durante muitos anos professor de ensino livre em Vila do Conde.

Padre Manuel Ferreira Loureiro, natural desta freguesia, onde foi pároco durante alguns anos, faleceu abade da freguesia de São Cosme do Vale, Vila Nova de Famalicão, exercendo ali vários cargos políticos.

O *Vigário Inácio José Correia de Sá Sampaio*, natural de Requiães, Paradela, foi pároco de Gual por 1804.

Padre José António da Silva Fonseca, nascido na Casa de Paços, freguesia de Santa Eulália de Rio Covo, filho de Miguel Luís da Silva Fonseca e de Maria Josefa Lopes, foi vigário de Gual desde 1854 a 1878.



Santo Adrião de Macieira

MACIEIRA, orago Santo Adrião, era vigararia da apresentação do Reitor de Chorente.

Esta freguesia é também conhecida por Macieira de Rates, por estar perto desta antiga vila e para a diferenciar de outras com o mesmo nome.

Vem nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 com a designação: — « De Sancto Adriano de Mazieira », nas Terras de Faria.

O rei tinha aqui alguns casais dos quais recebia foros.

Dizem que esta freguesia foi o solar dos Macieiras (1), família antiquíssima em Portugal, não havendo porém memória aqui do sítio onde viveu essa gente.

É certo haver ainda o lugar do Paço e a quinta da Torre, talvez a indicar que em algum deles esteve a casa solar dessa família.

A antiga Igreja Paroquial estava no sítio da Igreja velha, ao nascente da actual, e era um edificio baixo e pequeno; ainda se encontram restos da sua construção, como restos de paredes e alicerces, etc.

A actual foi edificada há cincoenta anos, fins do século XIX, no lugar do Outeirinho, junto à Estrada Municipal.

(1) Dic. Portugal, vol. IV, pág. 636.

Em sítio alto, dominando a casaria vizinha, é porém um edifício inestético, ladeado por uma torre com seu relógio.

De um lado deste tem esculpida em pedra mármore a seguinte inscrição: «ESTE. RELOGIO. FOI. OFFERECIDO. AO. POVO. DE. MACIEIRA. DE. RATES. PELA. EX.^{MA} SNR.^A D. ANNA. VIEIRA. DE. FREITAS. E. SEUS. FILHOS. NNATURAES. DA. CIDADE. DO. RIO. DE. JANEIRO. (BRAZIL)», e do outro lado: «ESPOSA. E. FILHOS. DO. Snr. JOAQUIM. MARTINS. DE. FREITAS. NATORAL. DESTA. VILLA. INAUGVRADO. NO. I. DE. JANEIRO. DE. 1909».

Ao lado esquerdo da capela-mor foi construída uma ampla sacristia por cima da qual tem uma boa sala, com comunicação exterior, onde funciona actualmente uma escola.

No adro está arrumada uma sepultura antiga de pedra, sem inscrição nem tampa. Serve de pia para queimar cal.

A Residência Paroquial estava pouco distante da antiga Igreja, a meio caminho entre esta e a actual, hoje completamente derruída.

O actual presbitério foi construído junto ao adro, ao nascente da Igreja, em 19...

É um edifício, ainda que pobre, de regular aparência.

A meio caminho entre as duas Igrejas, em um pequeno largo, está o Cruzeiro Paroquial. De construção tosca, sem data, mostra ser antigo. Apenas existe a base e a coluna, não tendo já a cruz que o encimava, mas a freguesia não o restaurou nem mandou erigir outro.

A respeito da Igreja e suas dependências não posso dizer mais, pois não consegui ver o arquivo paroquial nem colher mais informações.

Tem esta freguesia as seguintes capelas :

A Capela do Senhor dos Passos, junto à Estrada Municipal e em frente à Igreja Matriz, foi construída há cerca de quarenta anos, tendo a forma exterior de mansoleu. É pública.

A Capela da Senhora da Piedade, no lugar dos Pedregalhos, é antiga mas foi reformada e reconstruída há uns trinta anos.

Pertence hoje ao snr. Manuel Martins de Campos.

A Capela da Senhora da Glória, junto à casa do Brasileiro, pertence hoje ao snr. João Francisco do Rio Novais.

Existem os seguintes Nichos ou Alminhas: o do *Senhor da Piedade*, no caminho que vai do Outeirinho para a Igreja velha, formado por uma cruz com a imagem pintada de Cristo crucificado, abrigada por um pequeno alpendre, o da *Pinguelinha* e o da *Fareleira*.

O Cemitério, construído à margem da estrada, tem no seu portão a data 1888.

Esta freguesia, situada em planície, na bacia orográfica do rio Este, é banhada pelo ribeiro Codade, que nasce na freguesia de Góios, limites da de Chorente e da de Remelhe, passa pela de Gual e por esta e vai lançar-se no Este na freguesia de Balazar, e pelo riacho do Souto, que nasce no lugar dos Araújos, freguesia de Courel, e se junta àquele ribeiro aqui, do qual é afluente.

As suas fontes públicas são: a do Outeiro, a de Crujeas e a da Pedreira.

É atravessada pela Estrada Municipal n.º 5 de Barcelos às Fontainhas.

Confronta pelo norte, com a de Gual; pelo sul, com a de Rates e a de Balazar, do Concelho da Póvoa de Varzim; pelo poente, com a de Courel e pelo nascente, com a de Chorente e a de Negreiros.

A sua população no século xvi era de 42 moradores (1); no século xvii era de 93 vizinhos; no século xviii era de 148 fogos; no século xix era de 858 habitantes e pelo último censo da população é de 933 habitantes, sendo 417 varões e 516 fêmeas, sabendo ler 127 homens e 83 mulheres.

Tem duas Escolas: a do sexo masculino, que funciona em edifício próprio, e a do sexo feminino, que funciona na sala por cima da sacristia da Igreja Paroquial.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Carreira, Fareleira, Crujes, Rio, Outeiro, Formigal, Penedos, Outeirinho, Paço, Assento, Souto, Aldeia de Baixo, Ingonços, Rio do Souto, Igreja, Zenha, Talho, Modeste, Picoto, Luvar, Travassos, Cerqueiral, Cumieira, Verdeal e Padrão.

→ As suas casas mais importantes são: Novais, Alves, Ferreira, Rio, Padrão e Paço.

Tem uma caixa de correio, três lojas de mercearia, uma farmácia, quatro moinhos e três engenhos de serrar madeira.

No Monte do Adro, limites desta freguesia com as de Gual e Chorente, existem ainda vestígios de antigas construções.

Seria ali a matriz de Chorente, como dissemos quando tratamos daquela freguesia?

Seria ali a primitiva matriz de Macieira?

O nome do monte e os restos das construções que ainda se vêem dão como certa a existência naquele sítio de Igreja ou capela em tempos muito afastados.

(1) No Censo da População de 1527 vem a freguesia de «Sant'Iago de Macieyra—Titulo do Jullguado de Farya com 42 moradores», que entendo ser esta de Santo Adrião, havendo apenas engano no orago.

Dos homens mais ilustres desta freguesia destacaremos os seguintes :

D. Lourenço Gomes de Maceira, o primeiro que usou este apelido, valoroso militar do tempo de D. Afonso III, foi senhor do Solar dos Maceiras, nesta freguesia.

João Lourenço de Maceira, fidalgo principal do seu tempo, teve pelo menos uma filha, D. Urraca Anes, que foi casada com Gonçalo Gil de Eiró, do Solar de Airó.

Nos tempos mais modernos temos :

José Francisco Malta e *João Francisco Malta*, naturais desta freguesia, foram para o Brasil onde adquiriram alguns haveres, tornando-se grandes benfeitores da sua terra natal. Mandaram fazer o edificio para a Escola Primária e concorreram muito para as obras da Igreja nova, provendo-a de várias alfaias.

José Francisco do Padrão e *João Francisco da Silva Novais*, naturais desta freguesia, grandes propulsores das obras daquela Igreja.

Padre António José Ferreira, nascido nesta freguesia, foi aqui seu pároco e mais tarde abade da de Esmeriz, do concelho de Famalicão, e da de Cristelo.

Bernardino Lopes (o Leça), natural desta freguesia, era poeta repentista e cantador emérito.

Festejava-se há anos nesta freguesia o Santiago com uma grande romaria muito concorrida.

Na vespera à noite havia *arraial* com música, fogos de artifício e iluminações e no dia do Santo missa campal, festa e procissão à tarde.

O povo das vizinhanças e ainda algum de longe vinha aqui espairecer as suas mágoas, uns tocando, cantando e dançando e a maior parte observando a alegria dos outros e aturdindo-se no barulho da festa.

Deixou de se fazer esta romaria assim como algumas outras nesta parte do concelho ; não sei o motivo

mas não é com certeza por o povo não precisar destes e outros divertimentos para abafar os seus cuidados e tristezas crescentes da vida presente.

O pobre do nosso aldeão, a quem estão interditos os gozos materiais e espirituais da moderna civilização, desconhecedor dos cinemas, da T. S. F., dos bons teatros e dos *dancings*, procura com entusiasmo as suas mais queridas diversões das feiras e das romarias.

Se estas lhe faltam o que será dele!

Santa Maria de Martim

MARTIM, orago Santa Maria sob a invocação de Nossa Senhora da Expectação ou Nossa Senhora do Ó, era uma vigararia da apresentação alternativa do Papa e da Mitra.

Martim, segundó o P.^o António Gomes Pereira, vem do genitivo *Martini* do nome próprio latino *Martinus*; Martim devia ser pois *vila Martini*, a vila ou quinta do Snr. Martim, para mais tarde se transformar na freguesia deste nome.

Esta freguesia vem nas Inquirições de 1220, com a designação — «De Sancta Maria de Martim», na Terra de Penafiel de Bastuzo.

Nestas Inquirições se diz que o rei não tem aqui re-guengo algum e que daqui não cobra foro.

Disseram mais que esta freguesia era metade do rei e que o rei D. Sancho a deu ao Snr. Pedro Afonso e a sua mulher; que ouviram dizer que esta doação foi feita por carta, mas que a não viram; que esta Igreja tem sesmarias e 1 casal, Vilar de Frades 9 casais, Tibães 15 casais e Braga 1 casal.

Esta freguesia, conjuntamente com a sua vizinha de Encourados, era Couto, conhecido por o Couto de Martim. Ignoro quando perdeu esta regalia.

Está situada em planície, nas margens do Cávado, entre este rio e o monte de Airó, ao sul.

Confronta pelo norte, com a freguesia da Pousa; pelo nascente, com a de Cabreiros e a de S. Julião de Passos, do concelho de Braga; pelo sul, com a de Santo Estêvão de Bastuço e pelo poente com a de Encourados.

É fertilizada pelo ribeiro de Labrioste que nasce em S. Julião de Passos e, atravessando esta freguesia e a da Pousa, vai lançar-se no Cávado, e pelo ribeiro de Vilar que nasce em Bastuço Santo Estêvão, atravessa esta freguesia, a de Encourados e a de Areias de Vilar e vai também desaguar naquele rio.

É servida pelas estradas de Esposende a Braga, de poente a nascente, e pela que desta Estrada vai pela Pousa à Graça.

Na intercessão desta estrada com aquela está a Igreja Paroquial desta freguesia, dentro de um adro cercado por grade com uma porta de serventia.

O seu edifício em estilo barroco é relativamente antigo, talvez do século XVIII.

Ao lado esquerdo da sua fachada, a facear com esta, ergue-se uma não muito elevada torre de boa cantaria. Em uma ligação de pedra da torre com a parte superior da fachada está o relógio.

Desse mesmo lado esquerdo, acima da porta travessa, está a sacristia com comunicação para a Capela-mor.

Esta é forrada a estuque pintado, tendo no centro uma alusão ao Sacramento eucarístico. O altar é antigo, em boa talha renascença, tendo no camarim do lado do evangelho uma curiosa imagem de Nossa Senhora, em pedra, berrantemente encarnada com o seguinte letrado na peanha: «NOSSA. S.^{RA} ABADIA».

O corpo da Igreja que é forrado a madeira anda a ser pintado, tendo no centro a imagem da padroeira, Nossa Senhora da Expectação.

Os dois altares laterais junto ao arco cruzeiro são antigos, sendo modernos os dois outros que se lhes seguem.

O púlpito e o baptistério são antigos, não tendo porém nada que os notabilize.

Na parede da sacristia estão dois retratos: um do Abade António Joaquim Marques e outro do P.^e José Luís da Silva Correia, também pároco desta freguesia.

A entrada para o adro era primitivamente pelo lado do norte, mas quando foi da construção da estrada da Pousa foi demolida uma casa que estava em frente à Igreja, alargado o adro e feita a entrada para este ao poente, com comunicação para a estrada.

No sítio do antigo caminho, encostado ao adro, foi mais tarde construído o *Cemitério Paroquial*, tendo sobre a sua porta principal, virada para aquela estrada da Pousa, a data 1916.

O *Cruzeiro Paroquial*, fica junto aquela estrada da Pousa, ao norte da Igreja. A cruz eleva-se em cima de uma coluna com capitel coríntio.

É pequeno, sem data, mas parece ser antigo.

Seguindo essa estrada mais ao norte acha-sê a *Capela de Santo António*.

É esta antiga ainda que não possa determinar a data da sua fundação.

Pela sua architectura parece que a actual capela deve ser do século XVIII.

Ainda que não esteja bem conservada é um lindo templozinho consagrado ao nosso popular santo português.

Está no centro de um adro fechado por parede com duas portas de serventia para as quais se sobe por uma escada de pedra.

O edifício não é grande mas é bem proporcionado, elevando-se ao lado esquerdo da sua fachada uma curiosa sineira, seguindo-se-lhe a sacristia.

Em frente à porta principal estende-se um amplo alpendre de bancos, parapeiteado de pedra, suspenso em oito colunas bojudas.

Dentro o altar é em bela talha renascença, que restaurada seria um primor, e o pavimento lajeado.

Nas paredes estão dependurados oito quadros, quatro de cada lado, representando a vida de Santo António, belamente pintados e emoldurados em ricos caixilhos em talha dourada.

Esta capela é pública e administrada pela confraria de Santo António.

Em frente desta capela passava a antiga estrada de Barcelos a Braga.

Na parede de uma casa ao lado direito da estrada distrital de Esposende a Braga está um nicho onde se venera a imagem de Santo António.

Por baixo dessa imagem, pintada no mesmo painel, lê-se a seguinte inscrição: «MANDOU RESTAURAR ESTE QUADRO DE ST.º ANTONIO A BEMFEITORA ANA JOAQUINA DA COSTA ANO DE 1923».

Houve nesta freguesia um nicho onde se venerava o mesmo santo, que deve ser este para aqui mudado depois da construção da estrada, no qual, corre na tradição que tinha por baixo da imagem do seu patrono a tão célebre e decantada inscrição: ST.º ANTONIO DE PADUA, NATURAL DE LISBOA, ORA RESIDENTE EM MARTIM, MANOEL LUIZ PEREIRA O FEZ EM BARCELOS.

Esta inscrição foi com certeza apagada antes da restauração de 1923.

Não há dúvida que esta inscrição existiu, pois há pessoas que afirmam tê-la visto e não custa acreditar na

sua existência, pois o pintor que a assina tinha o costume de meter pelo meio das suas pinturas dizeres elucidativos das mesmas.

Haja vista o seu quadro do Juízo Final na Igreja de St.^a Eugénia de Rio Côvo e ainda outros.

Manuel Luís Pereira, de Barcelos, pintor razoável, viveu nos meados do século XIX.

Perseguido pelos *miguelistas* foi refugiar-se na Residência Paroquial da freguesia de Fonte Boa, concelho de Esposende.

Nas horas vagas da sua forçada reclusão pintou vários quadros, entre os quais as quatro estações do ano, ainda existentes na sala de jantar daquela casa. Em um deles escreveu: «ISTE» FECIT ILLE SOLVIT — MANOEL LUIZ PEREIRA ANNO 1833, querendo ter piada, mesmo em latim.

A sua obra foi grande pelo menos em número. Que me lembre, além dos já referidos, pintou quatro quadros representando as quatro estações do ano para a sala de jantar de Manuel José Alves Redondo da Cruz, morador em Barcelos, e os quadros bíblicos que estão no Templo do Bom Jesus da Cruz.

Na sala de jantar de uma casa pertencente ao Dr. Eduardo Salazar pintou ele uma lebre sobre um pinheiro!

A este pintor se refere elogiosamente o autor das «Cartas da Aldeia» para «O Commercio de Barcellos», em 22 de Julho de 1900.

É pois de acreditar que o Santo António de Martim fosse obra sua, bem como aquela célebre inscrição.

A população desta freguesia no século XVI era de 45 moradores; no século XVII era de 56 vizinhos; no século XVIII era de 132 fogos; no século XIX era de 617 habitantes e pelo 7.º Censo da população é de 794 habi-

tantes, sendo 369 varões e 425 fêmeas, sabendo lêr 135 homens e 37 mulheres.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Riquinha, Pousada, Pomares, Venda, Caldelas, Lugar de Além, Portela, Tapada, Lousa e Cárcova.

→ As suas casas mais importantes são: a da Renda, a do Barroso, a da Fábrica, a dos Calheiros, a do Gomes, o Casal de S. José e a dos Loureiros.

Tem duas lojas de mercearia e Escola Oficial que funciona em edifício arrendado.

A Caixa do Correio, foi elevada há pouco tempo a Estação Postal.

Dos homens mais importantes cujos nomes andam ligados a esta freguesia destacaremos os seguintes:

Dr. José Joaquim Lopes Cardoso, nascido nesta freguesia, na Casa da Renda, médico cirúrgico pela Escola do Porto, agraciado com o título de Visconde do Castelo, foi professor do Liceu de Braga no último quartel do século XIX.

P.^e Jerónimo Luís da Costa, natural desta freguesia, nascido aos 11-9-1885, filho de António José da Costa «O Seco», e de Clementina da Silva, formado em Direito pela Universidade de Coimbra em 1919, advogado nos auditórios do Porto, professor dos liceus de Bragança, Funchal e Alexandre Herculano (Porto), faleceu aos 12 de Fevereiro de 1926, na vila da Póvoa de Varzim.

P.^e António Joaquim Marques, natural da freguesia de Souto, Terras de Bouro, nascido em 7 de Dezembro de 1827, foi colado pároco em Martim, aos 16 de Janeiro de 1868, tendo falecido em 2 de Fevereiro de 1901.

P.^e José Luís da Silva Correia, natural de Encourados, casa de Santa Ana, foi pároco de Martim, onde faleceu em 1925.

Na freguesia de Cabreiros, limites desta de Martim, há uma povoação relativamente importante, conhecida pelo nome de Porto de Martim.

Esta povoação é atravessada pela estrada distrital de Esposende a Braga, por onde passava também a antiga estrada real de Barcelos a Braga.

Não há dúvida de que por aqui seguia uma *via romana* que desde Braga por Ferreiros, calçada da Naia vinha enfrentar no rio Cávado.

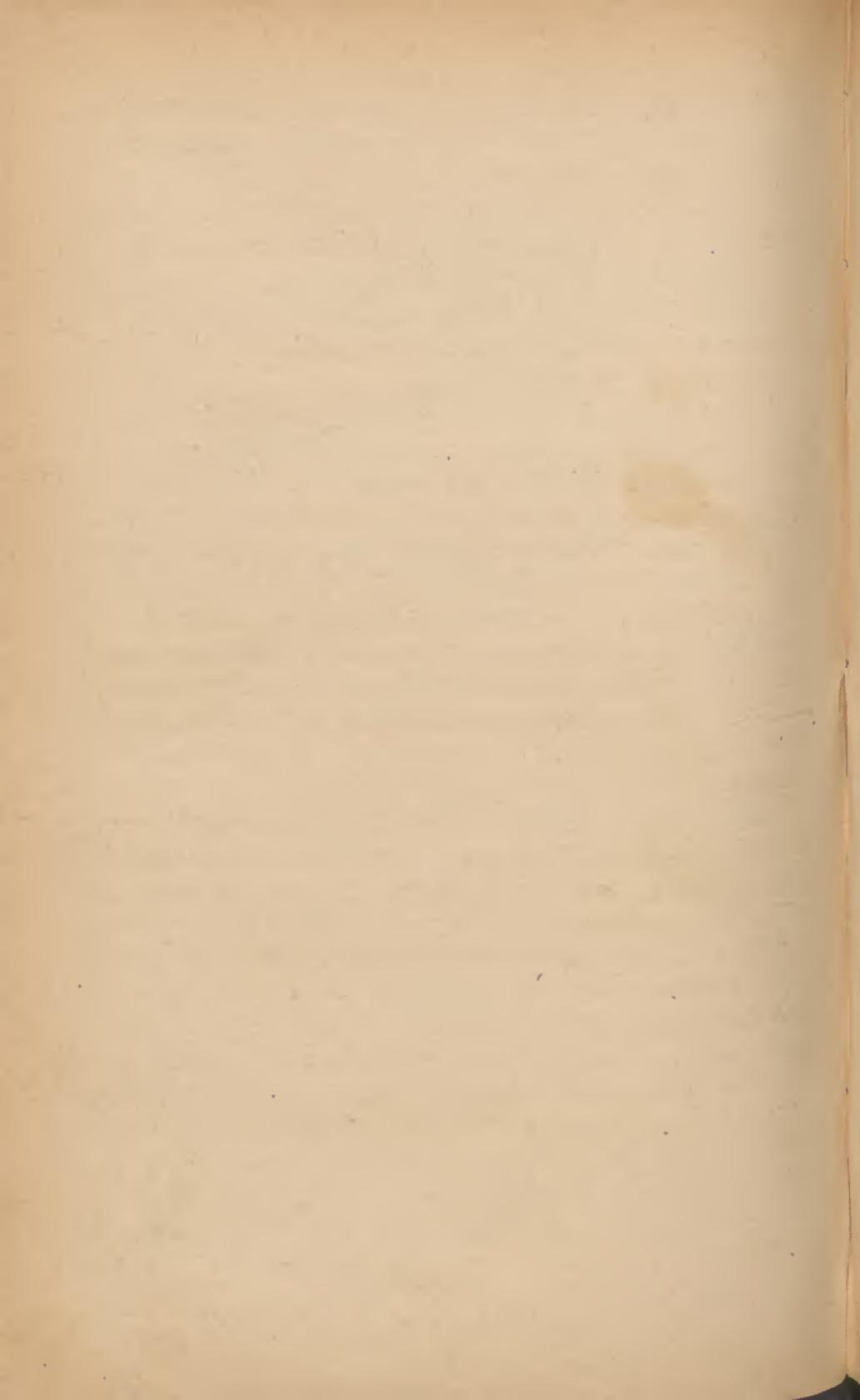
Os romanos, quando do seu domínio absoluto nesta parte da península, subiriam em barcos pelo *Celano* desde Fão, onde deixavam as suas naves, até Areias de Vilar e dali, tomando a via terrestre, vinham directamente para a sua Brachara Augusta, cidade importante naquele tempo, sede de um Convento Jurídico.

Entrando pelo mundo das suposições talvez neste lugar aquella via romana se bifurcasse, seguindo uma por Encourados, Vilar, Santa Eugénia de Rio Côvo, Barcelos, etc. e outra directamente ao Rio, à Bouça da Barra, onde aquele povo fazia o embarque de gente e mercadoria.

No ponto de bifurcação daquelas estradas puzeram-lhe o nome de Porto, Porto de Martim, como ainda hoje é conhecido. Era ali o porto ou por ali se ia ao porto de embarque e desembarque.

O rio Labrioste, descendo do monte de Airó, passa, como dissemos por esta freguesia.

A estrada distrital galga-o em uma pequena ponte que a um viandante a 60 à hora passa despercebida.



S. Paio de Midões

MIDÕES, orago São Paio, era vigararia da apresentação do Reitor do Convento dos Loios do Porto.

Tinha sido antes abadia, mas o seu abade João de Aguiar renunciou-a neste convento, sendo confirmada essa renúncia pelo Papa Paulo III no ano de 1534 (1).

Divergem as opiniões acerca da origem da palavra Midões.

Segundo Pinho Leal, no seu Dicionário Portugal Antigo e Moderno, vol. 5.º, pág. 208, Midões vem do árabe *midam*, que quer dizer praça, arena ou terreiro onde se fazem escaramuças a cavalo, torneios, justas, jogos de cana, etc. Vem a ser o mesmo a que hoje se dá o nome de hipódromo.

Segundo o P.º António Gomes Pereira, no seu livro *Tradições Populares, Linguagem e Toponymia de Barcelos*, a pág. 368, Midões deriva do genitivo *Midonis*, do nome próprio gótico *Mito* ou *Mido* (*Mido* aparece no *Dipl. et Chart. doc. n.ºs 9 e 26* e *Midom doc. n.º 10*).

(1) *Céu Aberto na Terra, livro II, cap. XXXVI, pág. 512.*

Segundo o prof. J. Bouças, em um artigo publicado no jornal de Viana do Castelo «Aurora do Lima», n.º 84 de 29 de Maio de 1929, *Midões* é uma variante de *Pilões*, de pila ou moinho de triturar cereais.

Os Lusitanos, antes da descoberta do moinho das duas pedras, ou mós, reduziam os cereais a farinha por meio de pilões.

Daqui veio o nome a freguesias ou lugares de Pilões, Pitões, Pico e Midões. Midões quer dizer pois, segundo esta versão, terra onde havia moinhos.

Esta freguesia está situada na encosta nordeste do monte de Maio e confronta pelo sul, com a de Santa Eulália de Rio Covo; pelo poente, com a de Remelhe; pelo norte, com Alvelos e Gamil e pelo nascente, com Várzea. É servida pela Estrada Camarária, mandada fazer em 1920, sendo Presidente da Câmara o Ex.^{mo} Sr. Dr. Miguel Fonseca, a qual partindo da Nacional n.º 4, do lugar de Fontelo, vai até Santa Eulália de Rio Covo, com uma ramificação para o Cemitério de Midões.

É banhada, na sua extremidade nascente, pelo rio Covo e é atravessada de norte a sul pela linha férrea Minho e Douro, estando dentro dos seus limites a Estação do seu nome, que até ainda há bem pouco tempo era conhecida por Estação de São Bento.

Tem as seguintes fontes públicas: a da Costa, a da Igreja, a de Rio Covo, a da Codeceira, a da Cepa, a de Valdiz, a de Lamas, a de Tarrío e a de Mateus.

Esta freguesia vem nas Inquirições de 1220 com a designação—De Sancto Pelagio de Midões e nelas dizem que o rei tem aqui alguns reguengos. Que o Senhor da Terra pousa em Midões onde quer, excepto na *quintana* de Menendo de Gois e que o mordomo pousa aqui onde quer e dão-lhe vida em qualquer mês, excepto naquela

quintana e nos casais que são do rei « nisi pro pane et pro directuris et pro quatuor calumpniis ».

« In hereditate de Pelagio tronqueiro debet esse tronco, et non debet ire cum Maiordomo in mandatum. Et omnes alii herdatores vadunt in mandatum cum Maiordomus in termino de ipso castello..... »

De hereditate de Petro Guzoi debent defferre conduitum Domino terre in termino de Faria.

Suerius Caldo fuit Maiordomus de terre, et Petrus Gallecus similiter ».

Transcrevo em latim bárbaro, como lá vem, por ser de fácil inteligência.

Nos princípios do século xv appareceu vagueante por estes sítios uma estranha figura de homem.

O seu vestuário era o mais reduzido possível: vestia sobre a carne uma grosseira túnica, tão curta que apenas lhe chegava aos joelhos e nos braços não passava dos cotovelos. Descalço e com a cabeça descoberta, não travara conhecimento com qualquer barbeiro ou cabeleireiro havia muito tempo.

Apareciam muitas vezes em outros tempos, em lugares afastados do convívio social, ermitões que passavam vida austera e penitente em reparação de crimes e peccados dos seus semelhantes e muitas vezes dos próprios.

Na época em que estamos viviam Vicente « o Pobre » e sua mulher Catarina na sua tebaida da Franqueira.

Chamava-se o ermitão de Midões Joane « o Pobre » (nome que davam a todos os que desta maneira desprezavam a riqueza do mundo) natural da Catalunha, descendente da nobre Casa dos Condes de Urgel.

Deixou Joane « o Pobre » a pátria, a casa, os parentes e a riqueza e, depois da romagem a Santiago de Compostela, veio para aqui, onde fez assento no monte sobranceiro a esta freguesia e edificando uma ermida com

invocação de São Silvestre nela deu princípio à sua vida de anacoreta.

Em volta da ermida plantou uma vinha, cujas uvas dava aos pobres, pois ele alimentava-se apenas da broa que esmolava e da água da fonte.

Aos domingos e dias santificados ia ao convento de Vilar de Frades confessar-se e consultar com os frades matérias da sua consciência.

Algumas vezes na Igreja levantava a voz e fazia prédicas e outras percorria os casais a espalhar o bem, conforme o entendia.

Descia ao povoado a ajudar os lavradores pobres nas suas fainas agrícolas e durante esses trabalhos ou ficava por vezes extático e contemplativo, ou cantava ou chorava, rompendo muitas vezes em admoestações e exortações aos seus companheiros.

Assim viveu sossegadamente até que um dia, tendo admitido à sua companhia um outro homem, que parecia querer seguir o mesmo modo de vida, o ingrato hóspede o espancou e expulsou de sua casa.

Sem queixas, pacientemente, retirou-se para o fronteiro monte de Airó, onde construiu nova ermida dedicada ao mesmo patrono.

A história da sua enigmática vida neste último domicílio foi narrada na freguesia de Bastuço, à qual pertence aquela ermida de S. Silvestre.

A população de Midões no séc. xvi era de 18 moradores; no séc. xvii era de 76 vizinhos; no séc. xviii era de 73 fogos; no séc. xix era de 300 habitantes e pelo último censo da população é de 295 habitantes, sendo 153 varões e 142 fêmeas, sabendo ler apenas 49 homens e 16 mulheres.

Não tem escola oficial. A sua indústria é quase nula e o seu comércio está reduzido a uma loja de mercearia. Tem caixa do correio.

Os seus lugares habitados são: Igreja, Costa, Fontelo, Couto, Cêpa, Ribeiro, Reborido, Outeiro, Monte, Arrabalde, Rio Côvo, Chapre e Codeceira e as suas casas mais importantes são: a da Costa, a de Chapre, a da Igreja, a de Fontelo, a do Laranjal, a de Reborido, a do Arrabalde e a da Cêpa. ←

Dos homens mais ilustres, que nasceram nesta freguesia ou cujos nomes a ela andam ligados, mencionaremos os seguintes:

Manuel da Costa Carvalho, filho do licenciado Francisco Pinheiro de Carvalho, foi o 10.º Morgado de S. Francisco em Barcelos e instituiu, por testamento de 20 de Setembro de 1715, o vínculo de Nossa Senhora de Oliveira de Casal de Nil, constituído por duas quintas em Casal de Nil, uma devesa em S. João de Vila Boa e um souto chamado de Reborido em Midões.

Outro *Manuel da Costa CARVALHO*, neto daquele, foi Cavaleiro da Ordem de Cristo, Familiar do Santo Offício, 12.º Morgado de S. Francisco e 2.º do de Nossa Senhora de Oliveira de Casal de Nil. Foi administrador da capela da casa de Reborido a quem se referia o visitador em 1760.

Luís Carneiro de Sá Barbosa, Fidalgo da C. R. (12 de Abril de 1845), 12.º Morgado da Praça, em Vila do Conde, Tenente-coronel de Milícias, condecorado com a medalha de ouro das duas campanhas peninsulares, foi senhor da casa da Costa em Midões pelo seu casamento com D. Isabel Margarida Carneiro Pereira Coutinho de Vilhena.

António Carneiro Pereira Coutinho de Vilhena, filho dos anteriores, Fidalgo da C. R. (8 de Maio de 1845), 13.º Morgado da Praça e senhor da casa da Costa, casou com D. Maria do Carmo de Queiroz Machado de Vasconcelos, herdeira da Casa do Hospital em Monção, filha dos Barões do mesmo título.

Dr. José Joaquim Pereira Lopes de Albuquerque, natural de Barcelinhos, doutor em medicina pela Universidade de Bruxelas (Bélgica), foi senhor da casa de Fontelo nesta freguesia, onde faleceu em 1893.

P.^e António Gomes Pereira, nascido na casa de Chapre, desta freguesia, em 1858, ordenou-se de presbítero, dedicando-se algum tempo ao ensino livre em Braga, e paroquiou depois esta freguesia de Midões durante alguns anos.

Matriculou-se mais tarde no Curso Superior de Letras em Lisboa, cujo curso tirou com honrosa classificação.

Concorrendo aos lugares de letras, foi despachado professor para o Liceu de Vila Real, sendo transferido a seu pedido três anos depois para o do Porto, onde as suas qualidades intelectuais e pedagógicas em breve o puseram em destaque.

Afável e bondoso, desconhecia a vaidade e o orgulho; na intimidade era um puritano.

Trabalhador incansável, já minado pela tuberculose que o vitimou, escreveu, além de um «Dicionário da Linguagem do Termo de Vila Real», edição de 1910, vários artigos na «Revista Lusitana», coligiu versos e trovas e acompanhou sempre o movimento literário moderno.

Escreveu ainda «Tradições, Linguagem e Toponymia de Barcelos», obra tantas vezes por mim aqui citada, outros livros e folhetos que correm impressos, referentes a vários concelhos, e escreveu e colaborou em vários livros escolares.

Por conselho dos médicos veio para a sua casa de Chapre, na qual ainda viveu três anos, falecendo em Abril de 1913.

Deixou à Biblioteca do Liceu Rodrigues de Freitas do Porto, onde foi professor, quinhentos volumes de autores do século XVI, XVII e XVIII, os mais raros e selectos da

sua grande livraria, legando os restantes, que ainda eram muitos, à Biblioteca do Seminário da mesma cidade.

Jaz no cemitério de Midões este grande cidadão que foi um lídimo character e um notável homem de letras.

A Igreja Paroquial desta freguesia, baixa, pequenina, é antiga; no seu estilo românico simples, com a sua porta principal em arco com tímpano liso, com a sua cornija, tendo a da capela-mor cachorros em alguns dos quais se vêem ainda restos de figurado, é interessante e curiosa.

Na ábside, por trás da actual tribuna do altar-mor e encoberta por esta, tem uma pintura na parede com as imagens de santos e a data 15.. em parte perfurada com a colocação daquela tribuna.

Do livro das visitas desta freguesia se vê que foram capituladas várias obras.

Nesse livro que principia em 1750 e finda em 1874 se nota que os Padroeiros foram por vezes remissos em fazerem obras nela ao passo que os fregueses as faziam prontamente. Em 1755 já estava ampliada a porta travessa do lado do sul.

Em 1763 o visitador manda fazer sequestro nos frutos das rendas paroquiais até à quantia de 20\$000 reis, por o Padroeiro não ter feito as obras capituladas nas visitas anteriores.

Em 1773, estando o altar-mor pela sua antiguidade e falta de pintura muito arruinado, manda-se fazer outro.

Deste livro, como se vê, não constam grandes obras; apenas pequenas reparações.

A Residência Paroquial ao lado sul da Igreja era pequena.

Em 1757 fazem-se nela algumas obras e em 1784 manda-se levantar a cozinha, que era térrea, à altura da sala.

O Cemitério Paroquial foi construído em 1887.

Encostadas à Igreja há várias cruzes.

Antigamente estavam junto à parede do adro, mas depois do desaparecimento deste com a construção da Estrada Municipal passaram para o sítio onde estão.

Em uma do lado do norte tem a seguinte inscrição: «BENTO. FR.^{co} E. ANT.^o FRZ. MANDARÃO. FAZER. ESTA. CRVZ. POR. SVA. DEVOÇÃO. PADRE. NOSSO. E. AVE. MARIA. PELAS ALMAS. e em outra do lado do sul a data 1719.

Nesta freguesia há duas capelas, ambas particulares. Capela de Nossa Senhora da Conceição.

É sita junto à casa do Reborido, a facear com o seu portão ameado e armoriado.

Em 1760 era administrada esta capela por Manuel da Costa Carvalho.

Em 1773 mandam-se fazer algumas obras e em 1797 foi interdita, enquanto o seu administrador a não ornar e reformar com a necessária decência.

Esta interdição porém não teve efeito, visto o administrador ter cumprido a sua obrigação.

Dentro da quinta do Reborido, perto desta capela, está um belo tanque em que a água cai por uma bica por cima da qual tem a data 1687.

Esta casa e capela, que era da família Costas Carvalhos de Barcelos, passou por compra para José Pereira da Silva, senhor da Casa da Igreja, e hoje é, por herança, do Ex.^{mo} Senhor Dr. José Gomes de Matos Graça.

Capela da casa de Fontelo.

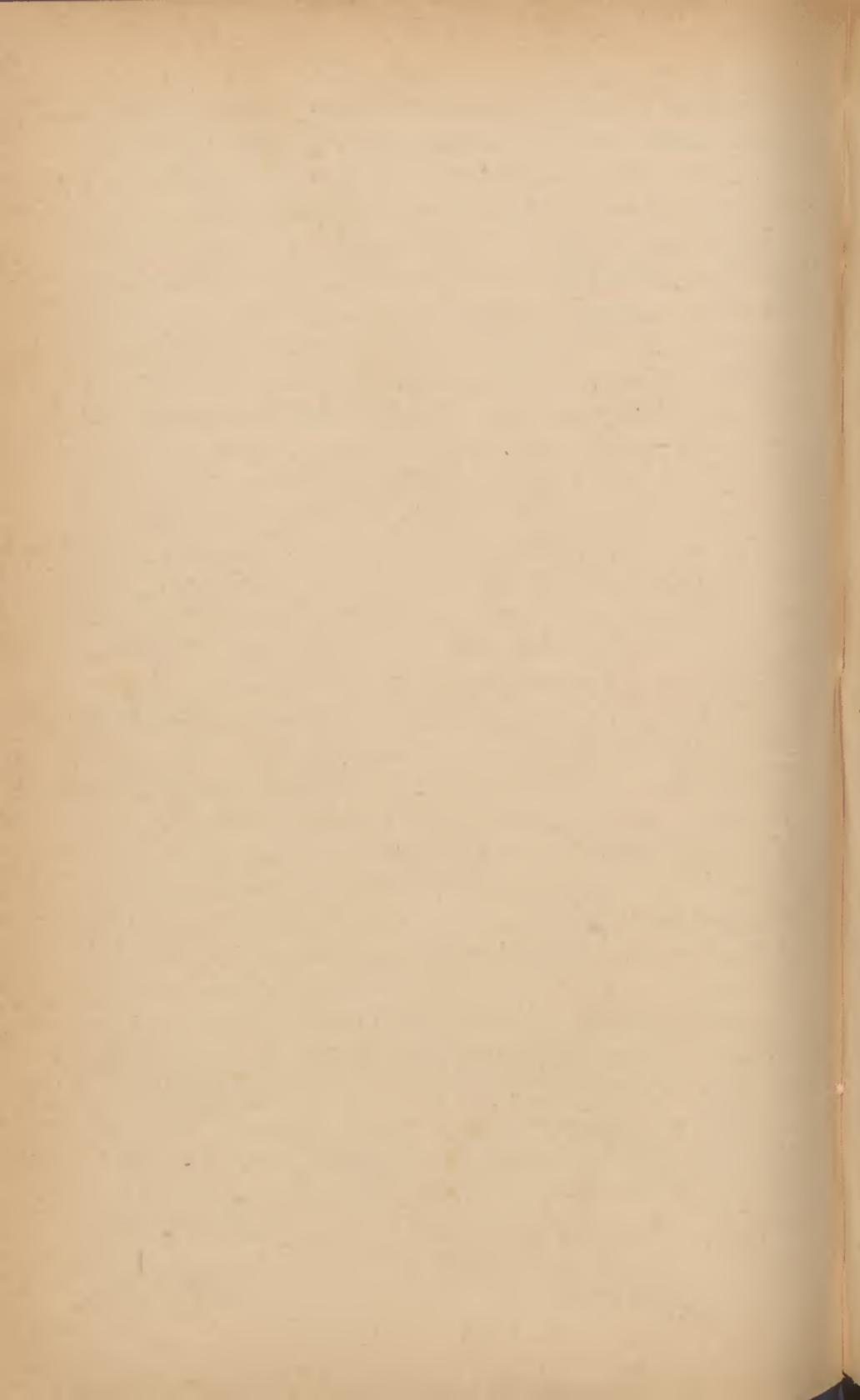
Esta capela foi mudada em 1928 da quinta da Anta, freguesia de Lemenhe, Famalicão, para aqui.

Pertence ao Ex.^{mo} Snr. Manuel da Silva Gomes Moreira, mas ainda não se exerce nela culto.

Há nesta freguesia os seguintes Nichos ou Alminhas: o de Fontelo, junto à Estrada Nacional n.^o 4, e o da Cêpa, hoje abandonado.

Na visita de 1665 ordena-se como devem ser lidos os exorcismos nesta freguesia aos energúmenos, devendo ser de preferência na Igreja e às mulheres, sempre na presença de pessoas de honesto procedimento.

É curiosa a leitura deste livro das visitas, principalmente na época que decorre desde 1828 a 1834, onde vêm transcritas várias pastorais dos arcebispos, ou de quem as suas vezes fazia, nas quais o faciosismo político corre parrelhas com os erros e falta de gramática, não sei se de quem as escreveu se dos copistas seus correligionários.



S. Romão de Milhazes

MILHAZES, orago São Romão, era uma vigararia da apresentação do D. Prior da Colegiada de Barcelos.

Milhazes, *Milhares*, *Milhais*, *Milhagens*, *Milazes*, *Milharazes* e *Milaos*, como se lê em vários documentos antigos, segundo alguns escritores vem de uma sanguinolenta batalha que aqui se deu em que morreram *milhares* de combatentes e segundo outros vem de *mitharais*, em razão de os seus férteis campos produzirem muito e bom milho.

Padre António Gomes Pereira, no seu livro «Tradições Populares», quando se refere a esta freguesia, diz: «a derivação *mille acies*, significando mil fileiras, mil exércitos, mil combatentes, é legítima embora me repugne, este maravilhoso aplicado a lugares desconhecidos».

Prevalece pois a segunda opinião tanto mais que aquela batalha não ultrapassa os domínios da fábula.

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem esta freguesia com a designação: — «De Sancto Romano de Milazes», nas Terras de Faria.

Nelas se diz que o rei tem em Milazes 8 casais e meio e «dant per totum et habent tale forum sicut casalia de Principaes, que sunt super ista collacione scripta. Et habet ibi etiam VIJ casalia, et dant inde illi terciam

panis et lini, et de vino quartam, excepto uno casali de quo dant octavam de toto ».

Aparece-nos nestas Inquirições as terras de *Mata boi* e o casal de *Spaeses*.

Esta Igreja tinha sesmarias, Vila Seca 5 casais e Fornelos 3 casais.

Existiu aqui, no lugar de Espezes, a *Honra da Quintaam* de *Onega do Paaço*, que foi de Lourenço de Faria, a qual, segundo o senhor José de Meneses, no seu livro «Ninharias», mais tarde se englobou no *Senhorio da Terra de Milhaes*, sendo ali, segundo a opinião daquele considerado escritor, o primitivo solar dos Farias de Barcelos e não na freguesia de Santa Maria de Faria, como dizem quase todos os outros escritores.

Neste ponto, sem desprimor para ninguém, sigo a *opinião da maioria*.

As terras da *Quintaam* de *Onega do Paaço*, algumas das quais nos aparecem mais tarde como foreiras à nobre casa da Fervença, da freguesia de Gilmonde, foram com certeza possuídas por D. Tareja de Meira Faria, filha do valoroso alcaide Nuno Gonçalves, casada com Estêvão Lourenço Gayo, ascendentes dos actuais senhores daquela casa.

Ora, segundo as leis e ideias daqueles tempos, no solar de uma família não sucedia a filha em competência com o varão primogénito.

Por outro lado, Pedregais, como já dissemos quando tratamos da freguesia de Faria, aparece-nos desde o principio na linha legítima, varonil, de Nuno Gonçalves, até sua 4.^a neta D. Tareja Afonso de Faria.

Para mim é pois fora de dúvida que o solar dos Farias era a casa e quinta de Pedregais e não esta Honra.

Aqui fica expresso o meu depoimento no assunto, que farei em qualquer pleito judicial que por acaso se

levante entre alguns dos ramos daquela família, único valor que poderá vir a ter.

O Senhorio de Milhazes foi dado a Nuno Gonçalves de Faria por carta de 29 de Maio de 1369.

Milhazes, no Julgado de Faria, pertencia ao Almoxtarifado de Ponte do Lima e daí a confusão de alguns escritores em afirmarem que o Senhorio de Milhaes ficava junto àquela vila.

A Igreja Paroquial desta freguesia era primitivamente no lugar da Pena.

Para atestar esse facto, próximo do sítio onde esteve, ao lado do caminho e em cima de um pequeno penedo, ergue-se um cruzeiro que tem sobre a cruz a data 1779.

A sua mudança, porém, já tinha sido feita antes desta data.

Está o templo no centro de um adro fechado por paredes com três portas de serventia.

Ao lado esquerdo da fachada e a facear com esta, ergue-se uma sólida torre.

Dentro os tectos são em caixotões de madeira pintada, tendo sido aberta posteriormente no corpo da Igreja uma inestética clarabóia para dar mais luz.

Junto ao arco cruzeiro tem pintada a seguinte inscrição:—«FEITA ESTA PINTURA COMO RECORDAÇÃO AO BEMFEITOR DESTA IGREJA FRANCISCO GOMES DE CARVALHO —1905».

No sanfão daquele arco tem gravada na madeira a data —1883.

O púlpito, que é também em madeira, tem a data —1903.

No sobredito arco cruzeiro por dentro, do lado da epístola, tem pintada a seguinte inscrição:—ANNO

D 1777 » e, do outro lado, fazendo pendant, um versículo da Bíblia.

O baptistério é antigo, o altar-mor em talha renascença e os quatro laterais em talha moderna.

Do lado esquerdo da capela-mor está a sacristia do Senhor e do lado direito a Paroquial, ambas pequenas.

Esta tem pelo lado de fora da parede a seguinte inscrição gravada em pedra: — « MANDADA CONSTRUIR POR MANOEL ANTONIO DE CAMPOS DO LOGAR DAS FIGEIRAS EM 1903 ».

Interiormente é modesta e pequena. Tem na parede um retrato com o seguinte letreiro: — « Ao benemerito filho desta freguesia Ex.^{mo} Sr. Manoel Antonio de Campos — O Presidente da Junta de Paroquia — Milhas, 17 — 7 — 910 ».

Em um pequeno largo, ao lado esquerdo da Igreja, ergue-se o Cruzeiro Paroquial, coroando uma alta coluna com capitel coríntio; na base dessa coluna tem gravada a data 1712.

Nesse mesmo largo está a casa que serve de Residência Paroquial.

É esta uma das poucas freguesias que ainda não tem cemitério! Há as seguintes capelas:

A Capela de S. João, no lugar do Cardal, pequena, ao lado da estrada, muito bem venerada, é particular e pertence ao Snr. João Gomes Fernandes.

A Capela de Santa Luzia, no lugar da Cruz, pequena mas muito bem conservada.

Tem um só altar em talha moderna; os tectos são em madeira, tendo ao centro pintada a imagem da padroeira; tem coro e é pavimentada a pedra. É pública.

Esta capela era primitivamente ainda mais pequena e acanhada, mas há uns oitenta anos foi reconstruída e aumentada.

Senhor do Padrão, no mesmo lugar da Cruz, ao lado da capela de Santa Luzia e separado desta por um caminho, é uma pequenina capela, que pelas suas exíguas dimensões mais parece um nicho, com porta gradeada de ferro.

Dentro tem apenas uma cruz de pedra com a imagem de Cristo crucificado.

Há ainda as seguintes Alminhas: as de Zarague, as da Fontedufe e as do Cardal. Em frente à capela de Nossa Senhora da Franqueira, mas ainda dentro dos limites desta freguesia, ergue-se um monumento à Virgem.

Este monumento em granito é encimado pela imagem da Virgem, tendo no pedestal gravada a seguinte inscrição: — «N. S.^a DA FRANQUEIRA — MANDADO ERIGIR POR JOÃO GOMES DA PENNA MILHAZES AGOSTO DE 1929»; outra: — «PROJETO DO ARCHITETO CANDIDO DA SILVA» — e ainda outra: — «SENDO MEZARIOS OS Ex.^{mos} SNRS. JOÃO JOSÉ DE CARVALHO TENENTE JOSÉ DA COSTA JOAQUIM GOMES DE FARIA ANTONIO FIGUEIREDO ANTONIO JOSÉ DE LIMA ARTUR JOSÉ ALVES».

Esta freguesia, situada em planície, estende-se ainda pela encosta ocidental do monte da Franqueira até junto aos sítios onde esteve o castelo de Faria e está a capela de Nossa Senhora da Franqueira, passando os seus limites junto ao adro desta ermida.

Confronta pelo norte, com a de Gilmonde; pelo nascente, com a de Pereira; pelo sul, com a de Vilar de Figos e a de Faria e pelo poente, com a de Vila Seca.

É servida pela Estrada Municipal, ainda não macadamizada, que da de Faria vai até à Escola, com comunicação para a Estrada de Barcelos à Póvoa de Varzim.

Está em construção uma outra estrada que liga a que vem até à Casa da Fervença, freguesia de Gilmonde, com a Igreja Paroquial de Milhazes.

É banhada pelo ribeiro de Zarague, que nasce nesta freguesia e é afluente do ribeiro de Fim de Vila em Faria.

As suas fontes públicas são: a das Cabras, a de Lodeiros, a do Salgueirinhos, a de Espezes, a de Ufe e a de Santa Luzia.

Esta última é moderna; a água da antiga fonte de Levandeiras foi canalizada há poucos anos para aqui, caindo por uma bica, colocada na parede sul da Capela de Santa Luzia, em uma taça ou pia que lhe fica por baixo.

Na parede daquela capela tem uma pedra com a seguinte inscrição: «FONTE DE SANTA LUZIA FEITA PELA JUNTA DE PAROQUIA EM 1927.

A população desta freguesia no século XVI era de 45 moradores; no século XVII era de 80 vizinhos; no século XVIII era de 69 fogos; no século XIX era de 511 habitantes e pelo 7.º censo da população é de 678 habitantes, sendo 325 varões e 353 fêmeas, sabendo ler 113 homens e 17 mulheres.

Tem duas Escolas Oficiais, uma para cada sexo.

O belo edificio onde funcionam estas escolas foi mandado construir pelo Ex.^{mo} Sr. Manuel António Gomes de Campos e por ele doado ao Estado.

A sua inauguração foi no dia 21 de Dezembro de 1930, a cuja festa assistiram o Governador Civil de Braga, Câmara Municipal de Barcelos, Junta da Freguesia de Milhazes, Sub-inspector Chefe Escolar, muitos convidados deste concelho e de outros e imenso povo desta freguesia e de outras circunvizinhas.

A sua população acha-se distribuída pelos seguintes lugares habitados:

Igreja, Bouça, Figueiras, Pena, Cruz, Casal, Senra, Malhadoura, Espezes, Fontedufe, Cardal, Guilhado e Carreiras.

As suas casas mais importantes são: a do Cardal, a do Forno, a da Senra, a do Garrido, a do Ralha, a do Ramalho, a do Morgado, a de Espezes, a de Fontedufe, a do Carvalho e a do Pedrosa.

A casa do José do Eirado (Espezes) tem no portal fronho a data—MDCCLXI—e virada ao terreiro uma curiosa varanda, tipo português, em colunatas com duas escadarias.

É também curiosa a casa do Garrido com sua varanda, cuja fotogravura do Snr. Augusto Soucasaux, podemos apreciar no—Barcelos-Resenha—do Snr. Major J. Mancelos Sampaio.

O comércio desta freguesia está reduzido a 2 lojas de mercearia e a sua indústria é muito limitada.

Há aqui, porém, uma que talvez seja a única que se encontra nesta parte do concelho: é a de fazer rocas e fuzos para as mulheres fiarem, e a de espadelas com seus ornatos característicos.

Quando das Paradas Agrícolas em Barcelos, Milhas costuma apresentar um carro com estes artigos da sua indústria, que causa sempre grande successo.

Dos homens mais ilustres naturais desta freguesia ou cujos nomes a ela andam ligados destacaremos os seguintes:

Martin Gomes Gayo, filho de Fernão Anes Gayo e de D. Isabel de Andrade, herdou a casa de seus pais e avós D. Tareja de Meira Faria e Estêvão Lourenço Gayo e, portanto, a honra da quintaam de Onega do paaço desta freguesia.

João Gomes Gayo, filho do antecedente, foi senhor da casa de seus pais.

Teve questão acerca do Couto de Bouços com um senhor da Casa de Cavaleiros pelo que o desafiou e

matou em duelo na freguesia de Amorim, junto à Póvoa de Varzim.

Temendo as iras de D. João II, fugiu e o rei confiscou-lhe os bens.

Armou um navio em corso e andou no mar pelejando contra os inimigos da pátria e da religião.

Pelos seus serviços, D. Manuel não só lhe perdoou, mas restituiu-lhe os bens confiscados e fez-lhe novas mercês e o Papa concedeu-lhe muitas graças, entre as quais a de ter o SS. Sacramento na sua capela da Madre de Deus na Póvoa de Varzim.

António Martins Gayo, filho de João Martins Gayo, o que instituiu o Morgado da Madre de Deus na Póvoa de Varzim, e neto do antecedente.

Filho mais velho, bem visto e querido de seus pais, doaram-lhe tudo o que puderam tirar a seus irmãos.

Nessa doação deviam ter entrado as terras de Honra da quintaam de Onega do Paaço.

Casou com D. Maria Felgueiras de Valadares, senhora da casa da Fervença.

Estes, juntamente com seu sogro e pai Vicente Felgueiras de Valadares, instituíram em 1561 o Morgado dos Gayos Felgueiras da Casa da Fervença, com capela em S. Miguel-o-Anjo na matriz de Vila do Conde, onde tem sepultura com brasão.

Devia ter sido por este que as sobreditas terras nesta freguesia entraram na posse da casa da Fervença.

Domingos Gomes Fernandes, nascido nesta freguesia, na casa do Forno, foi para o Brasil onde adquiriu alguns haveres.

Estando na cidade da Baía com sua mulher, nasceu-lhe ali, em 6 de Fevereiro de 1856, um filho, que se chamou Guilherme Gomes Fernandes, cujo nome se no-

tabilizou mais tarde. Voltando ao fim de três anos para Portugal com sua família, foi residir para o Porto, mandando educar na idade competente aquele filho em Inglaterra.

Guilherme Gomes Fernandes, falando correntemente as línguas inglesa, francesa, alemã e italiana e terminada a sua educação, voltou ao Porto, onde casou com D. Corina Seabra da Cruz.

Verdadeiro *sportman*, fundou a Associação H. dos Bombeiros Voluntários do Porto, inaugurada em 1874.

Bombeiro por afeição, estudou em Inglaterra, França, Bélgica, Alemanha e Áustria o seu *metier*, elevando a um alto grau de perfeição a sua instituição.

Saindo por motivos particulares de bombeiro voluntário, criou, a pedido da Câmara Municipal do Porto, os Bombeiros Municipais, com o título «Corpo de Salvação Pública», sendo nomeado em 1885 Inspector dos Serviços de Incêndios daquela cidade.

Devido ao seu impulso, os Bombeiros Municipais do Porto alcançaram os maiores louvores e distinções nos congressos de Londres, 1893, de Lyão, 1894, e no de Paris, 1894.

Guilherme Gomes Fernandes foi condecorado com o collar de Torre Espada e muitas medalhas de ouro, colaborou em vários jornais e faleceu em Lisboa em 1902.

A cidade do Porto levantou-lhe um monumento na Praça do seu nome.

Francisco Gomes de Carvalho, natural desta freguesia e seu benfeitor, faleceu no Brasil em 1902.

Na Agra de Cambela por ocasião das invasões francesas estiveram acampadas as tropas invasoras e entre esta freguesia e a de Gilmonde travou-se um renhido combate em uma dessas invasões, do qual fazem menção

os registos paroquiais de óbitos de algumas freguesias vizinhas.

Entre esta freguesia e aquela de Gilmondê estende-se uma larga planície, coberta em parte de grandes pinhais e atravessada pela estrada municipal de Barcelos à Póvoa de Varzim, onde se falou em estabelecer o campo de aviação de Barcelos.

S. Salvador de Minhotães

MINHOTÃES, orago São Salvador, era uma reitoria da apresentação da Mitra.

A palavra *Minhotães* quer dizer *terra de minhotos*, talvez por haver aqui muitas dessas aves, a que em outras partes chamam milhanos ou milhafres.

Foi comenda dos Templários até à extinção daquela Ordem, passando depois para a de Cristo.

A Ordem dos Templários foi fundada em Jerusalém em 1118 com o fim de proteger os peregrinos, sendo seus fundadores Hugo de Payns e oito cavaleiros franceses que tinham seguido a cruzada de Godofredo de Bulhões.

Os freires desta milícia, que deviam formar uma guarda da Palestina, chamavam-se primitivamente *Pobres Cavaleiros de Cristo*, passando mais tarde, quando Balduino II, rei de Jerusalém, os estabeleceu em um palácio perto do antigo templo de Salomão, a denominarem-se *Templários*.

O concílio de Troyes em 1128 confirmou esta nova ordem e deu-lhe regras severas.

Compreendia ela as seguintes classes de associados; *Cavaleiros*, que deviam ser nobres; *Escudeiros*, irmãos leigos, que eram os sargentos e soldados; *Capelães* e *Sacerdotes*, que formavam o clero da Ordem.

Havia ainda os *Familiares*, que em Portugal se chamavam frades, confrades ou quase frades, pessoas de ambos os sexos, que aceitavam uma condição semelhante à de vassallos.

O chefe supremo da Ordem, eleito com todas as dignidades, chamava-se *Grão Mestre* e tinha honras de príncipe.

Esta ordem tornou-se logo nos seus princípios cosmopolita; podia estabelecer-se em todos os países e cada país para ela era uma *Província*, dividida em *Grão Priorados*, *Priorados* e *Comendadorias*.

Em Portugal os maiores prelados, primeiros, e principais cabeças da ordem, umas vezes se intitulavam *Preceptores*, outras *Comendadores Mores*, outras *Procuradores*, outras *Ministros* e outras *Mestres Provinciais*, subordinados ao Grão Mestre, que residia na Palestina, enquanto dali não foram expulsos.

Os comendadores particulares que residiam nas casas, hospícios ou pequenos conventos que a Ordem tinha nas cidades, vilas ou castelos e mesmo nas aldeias para receberem os frutos, promoverem a população e a agricultura, também se chamavam por vezes *Mestres*.

A bula Papal de 15 de Junho de 1163 colocou os Templários em um lugar privilegiado dentro da Igreja Católica.

A sua divisa, escrita no estandarte preto e branco, era: «Non nobis, Domine, sed nomini tuo da gloria».

Os Templários, que a princípio professavam a pobreza e a castidade, formando a guarda avançada dos exércitos cristãos, em breve se espalharam pelo ocidente, sendo recompensados com numerosos domínios e tornaram-se grandes proprietários territoriais. Banqueiros dos papas, dos príncipes e até dos particulares, adquiriram

uma riqueza fabulosa; os seus templos, verdadeiras fortalezas, eram cofres fortes invioláveis.

Esta Ordem, fundada como dissemos, em Jerusalém, transferiu a sua sede em 1187 para S. João d'Acre e no fim do século XIII para a ilha de Chipre. Introduzida em Portugal em 1125 com o nome de Templários, Templeiros ou Tempreiros, já no ano seguinte possuía vários castelos e terras.

O primeiro estabelecimento que teve neste reino foi o castelo de Soure.

Em 1128 tinha uma casa em Braga e mais tarde um Hospital.

D. Afonso Henriques, para a honrar, filiou-se nesta Ordem e fez-lhe largas doações, entre as quais a das terras de Cera em 1159, vizinha do rio Nabão, onde fundou o castelo de Tomar, e em 1169 o mesmo rei doou-lhe a terça parte de quanto ele conquistasse aos moiros no Alentejo, continuando os reis seus sucessores na mesma disposição de ânimo para com esta Ordem.

Nesta parte do concelho de Barcelos possuiu esta Ordem duas comendas: a de Minhotães e a de Santa Eulália de Rio Covo, as quais passaram em 1319 para a nova Ordem de Cristo.

A muita riqueza dos Templários nos vários países em que predominaram, o orgulho destes cavaleiros e o mau procedimento de alguns, despertou a cobiça e a malevolência dos seus inimigos, até que, vencendo estes, esta antiga e nobilíssima Ordem militar e religiosa foi extinta em 1311 pelo Papa Clemente V, declarando-se o pontífice *legítimo e forçado herdeiro* de todos os seus bens.

Em Portugal, porém, não se provando os crimes de que estes cavaleiros eram acusados, D. Dinis, procedendo

com patriotismo e usando de diplomacia, salvou os bens dos Templários, instituindo sobre os escombros daquela Ordem outra a que deu o nome de *Ordem de Cristo* e passando-os para esta, bem como todos os freires que nela quisessem ingressar.

Esta freguesia vem nas Inquirições de 1220 com a designação — «De Sancto Salvatore de Miotaes», na Terra de Faria.

Nelas se diz: que o rei tem aqui o seu reguengo demarcado por balizas; que esta freguesia tem sesmarias e 16 casais, Hospital «media vessada», Várzea 2 casais, Arnoso, 1 casal, Vilar de Frades 1 casal e um terço e S. Simão meio casal.

Ao fundo de um pequeno terreiro, que se estende ao nascente da Estrada Municipal, ergue-se a Igreja Paroquial. Cercada de adro, vedado parte por parede e parte por valo, com duas portas de serventia, é um templo baixo e modesto. Por cima da porta principal tem a data de 1702, seguida do versículo — «INTROIBO DOMVM TVAM. Ps. 68».

Por cima de uma singela rosácea está a imagem do Salvador, sentada.

Ao lado direito da fachada levanta-se uma modesta torre com seu relógio, a qual por baixo de uma fresta tem a data — 1859.

Do mesmo lado da torre, a seguir a esta, estão as duas sacristias: a da Senhora das Neves e a Paroquial.

Na porta travessa está gravada na padieira a seguinte inscrição: «VIAM VERITATIS ELEGI. ex Ps. 118».

A capela-mor é forrada a madeira pintada, tendo no centro um lindo quadro alusivo à adoração do Sacramento. O altar é em talha renascença antiga, parecendo

que para aqui veio de outra igreja, sendo reduzido na ocasião da sua adaptação.

No arco cruzeiro tem a seguinte inscrição: — «DOMINE. BONVM. EST. NOS. HIC. ESSE. . . .»

O corpo da Igreja é forrado a estuque, vendo-se ali ainda vestígios de uma clarabóia, que foi tapada, levantando-se nessa ocasião grande conflito de opinião entre o povo desta freguesia.

No púlpito está gravada a seguinte inscrição: «BEATI QVI AVDIVNT VERBVM DEI ET CVSTODIVM ILLVD».

O baptistério e a pia de água benta em granito têm trabalho, mostrando antiguidade.

Corre na tradição que esta Igreja esteve primitivamente no lugar da Lagoa, sendo mudada para aqui em data que não posso precisar.

Tem esta freguesia duas capelas, ambas particulares: *a de S. José*, junto à casa da Veiga e *a de Santa Ana*, junto à casa da Torrente.

Existem ainda três Nichos ou Alminhas: as da Lagoa, talvez a marcar o sítio da velha matriz, as do Penedo e as do Cruzeiro.

Estas tem por baixo da cruz que as encima a data 1851.

Ao lado esquerdo da Igreja, separada desta pelo adro, está a Residência Paroquial de regular aparência, ainda que modesta.

Junto a esta, a fechar o terreiro do lado do norte, vê-se o velho portal, estilo clássico, ameado e armoriado da casa da Quinta, de Minhotães.

Do lado sul desse terreiro está o Cemitério, cujo portão ostenta a seguinte inscrição: «CEMITERIO PAROCHIAL — 1887».

O Cruzeiro Paroquial ergue-se no alto do terreiro, do outro lado da estrada.

É alto, elegante, se bem que simples e moderno; foi construído pouco mais ou menos na ocasião do cemitério.

Esta freguesia confronta pelo norte, com as de Grimancelos, Fralães e Viatodos; pelo nascente, com a do Louro, do concelho de Famalicão; pelo sul, com a de Cavalões, também de Famalicão e pelo poente, com a de Gondifelos, daquele concelho.

Situada no declive de um pequeno outeiro, estende-se por uma fértil planície até às margens do Ave, que a banha ao sul e a separa do concelho de Famalicão.

Tem as seguintes fontes públicas: Barrio, Leviada e Cachadinha.

É servida pela Estrada Municipal que da de Grimancelos vai até à de Famalicão a Vila do Conde, no lugar da Estação dos Caminhos de Ferro de Gondifelos.

A sua população no século xvi era de 42 moradores; no século xvii era de 50 vizinhos; no século xviii era de 61 fogos; no século xix era de 459 habitantes e pelo 7.º Censo de População é de 590 habitantes, sendo 250 varões e 340 fêmeas, sabendo ler 87 homens e 56 mulheres.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Vilar, Devezinha, Lagoa, Cachadinha, Monte, Penedo, Igreja, Torrente, Clara, Barrio, Hortães, Requião, Roma, Vila Pouca, Horto, Veiga e Lamela.

→ As suas casas mais importantes são: a da Devezinha, a da Veiga, a da Torrente, a quinta de Minhotães, brasonada, a da Lagoa, a da Torre e a da Lamela, também brasonada.

Tem esta freguesia três lojas de comércio, caixa do Correio e não tem Escola Oficial.

A quinta de Minhotães, que andou durante séculos nos Felgueiras, é sita junto à Igreja Paroquial.

Álvaro Felgueiras, filho de Manuel Felgueiras Valadares, natural de Vila do Conde, residiu parte de sua vida nesta quinta. Foi Escudeiro Fidalgo e teve uma filha, que foi freira em Vairão, a qual teve um filho, Frutuoso da Silva Felgueiras, do P.^o Salvador Jorge, capelão de seu pai, legitimado por escritura de 16 de Dezembro de 1666.

Constantino de Sá Felgueiras, filho de Frutuoso de Sá Felgueiras, foi Juiz dos Órfãos na cidade de Braga e Juiz de Fora em Barcelos, senhor da casa de Minhotães, casou no Porto com D. Teresa Rite. Tirou brasão dos Felgueiras, Sás, Almeidas, e Cerqueiras, em 15 de Abril de 1791.

José Maria de Sá Felgueiras Benevides, filho do antecedente, senhor da quinta de Minhotães, casou por namoro na Igreja de Santa Maria de Abade do Neiva com D. Maria José Brandão de Portugal de Meneses, filha de Luís Brandão Pereira de Lacerda e de sua mulher D. Antónia de Portugal de Meneses, senhores do Morgado de São Payo, casa da Torre da Marca, Porto, etc. etc.

Este casamento teve grande opposição por parte da família de sua mulher, principalmente por parte de seu irmão José Maria Brandão de Melo, 2.^o Visconde de S. Gil de Perre, 2.^o Conde de Terena, 15.^o Senhor de Fralães, etc.

Foi tal essa opposição e consequente perseguição que D. Maria José foi encerrada em um convento e José Felgueiras preso dois anos nas cadeias da Relação do Porto, «andou onze mezes sobre as águas do mar e dois anos escondido neste reino», como ele diz no seu testamento, feito em 1836, arquivado no *Livro dos Testamentos* da freguesia de Minhotães a fl. 123.

Junot quando do seu governo de Lisboa pôs termo a essa perseguição (1) mandando juntar os dois casados e D. João VI dispensou a José Felgueiras toda a sua benevolência, dando-lhe um Officio do Público e Judicial e Notas, o afilhamento e o hábito de Cristo e nomeando-o duas vezes vereador da sua terra e vila de Barcelos.

José Felgueiras teve oito filhos: Fernando, Luís que era Tenente da Tropa de Linha de Moçambique e dizem morrera antes do testamento de seu pai, José, despachado Alferes para o Ultramar, Vasco, António, Manuel, Maria e Emília.

É deveras interessante aquele testamento de José Felgueiras e se aqui o não transcrevo na íntegra é por ser muito extensa a sua leitura.

A quinta de Minhotães foi vendida por Vasco de Sá Brandão de Portugal e Meneses à família Barroso, em cuja posse anda.

(1) Carta de Junot mandando pôr em liberdade D. Maria José, recolhida no convento de Santa Clara de Coimbra.

«O Governador de Pariz, Primeiro Ajudante de Campo de S. Magestade o Imperador e Rey, General em Chefe.

Em o Quartel General de Lisboa, 22 de dezembro de 1807.

Madame: — Não é inutilmente que a innocencia opprimida se dirige ao Representante do Grande Napoleão: seu poder abraça o Mundo e sua Justiça he distributiva tanto para com os Vassallos como para com os Reis.

Eu ordeno que vos ponham em liberdade e que se vos dê um passaporte para Lisboa; vinde ahi, e de lá vos será facil fazer sahir das Prisões do Porto a pessoa que vos interessa e que, como vós, tem sido a victima do orgulho de um Ministro: Eu vos protegerei a ambos.

Eu tenho a honra de ser,

Madame, vosso mais
humilde e obediente Servo

(a) *Junot*»

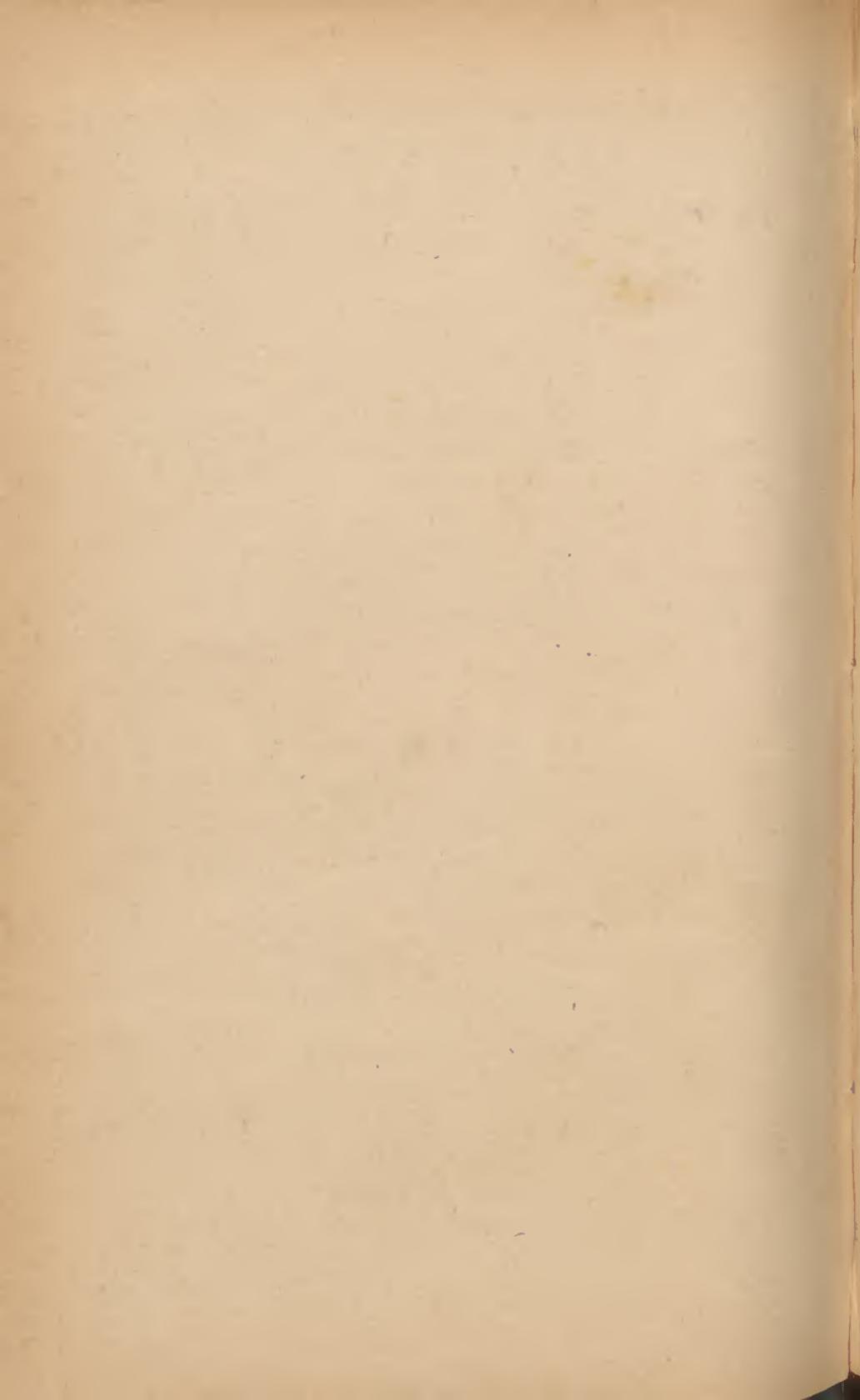
José de Sousa Machado — Últimas Gerações — vol. I, pág. 167.

Viveu nesta freguesia um desses versejadores populares que se tornou notável no seu tempo e de quem ainda hoje se fala.

Escreveu várias trovas e tal era o seu estro que chegou a rimar os requerimentos dirigidos aos seus superiores hierárquicos.

Chamou-se ele o *P.^e António José Leitão* «O Pedreira» que viveu em meados do século XIX.

Pena tenho de não possuir algumas das suas composições poéticas para com elas amenizar a leitura maçuda desta história das freguesias em que ando empenhado.



S. Pedro do Monte de Fralães

FARELÃES, como geralmente se escreve, dizem que vem de lugar de farelos, mas há quem adopte Fralães, corrupção de Fragães, lugar de fragas.

Atendendo à primitiva situação da freguesia, no alto do monte da Saia, onde há muitas fragas, parece que a razão está com os últimos.

Seguiremos pois daqui para o futuro esta etimologia.

A história desta freguesia anda intimamente ligada com a da Honra de Fralães, à qual ela pertencia bem como a de Viatodos.

Esta Honra foi sempre da família dos Correias e é tão antiga que se desconhece a data da sua fundação.

O primeiro Senhor de que há notícia foi D. Paio Ramires, que viveu no tempo de D. Afonso VI de Leão e foi Rico Homem em Portugal.

Foi pai de D. Soeiro Pais Correia, Rico Homem, coevo do Conde D. Henrique e Senhor de Fralães, o primeiro que usou o apelido Correia.

É curiosa a origem que attribuem a este nome.

Estando D. Soeiro Pais sitiado pelos mouros em Montemor-o-Velho e havendo carência absoluta de subsistência, ele sustentou-se durante algum tempo das correias da sua armadura e dos arreios do seu cavalo. Deste tão duro e forçado manjar tomou o apelido. D. Paio Soares

Correia, filho deste, foi Senhor de Fralães e Padroeiro das Igrejas de S. Pedro do Monte e Viatodos, como já o tinham sido seus antepassados.

Sucedeu em Fralães seu filho Pedro Pais Correia. Comprando este a quinta do mosteiro de Roriz, Guimarães, mandou ali fazer umas casas e, como o Prior desse convento o quisesse impedir de concluir essa obra, matou-lhe dois frades.

Este facto não deslustrou porém a sua vida, pois foi um homem notável no seu tempo, legando à posteridade um nome honroso.

Casou com D. Dórdia Pais de Aguiar e em memória desse casamento os seus descendentes puseram as armas dos Correias ao pescoço de uma águia, referindo-se assim aos Aguiares com quem estavam ligados por parentesco.

Sobre todas teve este varão ilustre a glória de ser o progenitor de D. Paio Pires Correia, Mestre de S. Tiago de toda a Espanha em 1242 e o conquistador da maior parte do Algarve aos mouros.

Ganhou-lhes muitas batalhas, mandando, durante uma delas, parar o sol para a acabar de vencer, ficando por isso a ser conhecido pelo nome de «o Jusué Portuguez».

Não sei se o sol lhe obedeceu, mas quer obedecesse quer não, mostrou este nosso herói um grande e atrevido ânimo com aquela ordem dada ao majestoso astro, centro do nosso sistema planetário.

Não haja dúvida!

Em Fralães sucedeu, talvez por direito de primogenitura, seu irmão Pedro Correia, que viveu no tempo de D. Afonso III e foi chamado o «Alvarazento», por ser o primeiro que aparecia nas batalhas, e a quem me refiro na freguesia de Silveiros.

Quando el-rei D. Dinis mandou devassar das Honras e Coutos, as testemunhas disseram que a de Fralães era

das mais antigas e não se lhe dava princípio. Era então Senhor desta Honra Afonso Correia.

Fernão Afonso Correia foi senhor de Fralães e das Terras de Valadares e Riba de Mouro (Monção), grande válido de D. João I, que lhe confirmou o senhorio desta Honra na vila de Santarém em 1383.

O segundo Senhor confirmado de Fralães foi Gonçalo Correia, Alferes-Mor de el-rei D. Duarte.

Alcançou este Senhor sentença contra os Duques de Bragança que queriam tirar-lhe aquela Honra por estar dentro das suas terras.

Diogo Correia, filho de outro Gonçalo Correia e neto daquele, sucedeu em Fralães, da qual foi o quinto Senhor confirmado, e seu irmão Garcia da Cunha foi para Vila Meão (Silveiros), como tive ocasião de dizer quando estudei esta freguesia.

Diogo Correia casou com D. Isabel Pinheiro de Lacerda, dos Pinheiros de Barcelos, filha de Álvaro Pinheiro Lobo.

Os Duques de Bragança em atenção a este casamento deram-lhe a Alcaidaria-Mor de Porto de Moz.

Este, juntamente com sua mulher, instituiu um vínculo nas suas terras de Fralães.

Sucedeu-lhe seu filho Belchior Correia, falecido sem geração, passando esta Honra para o sobrinho deste, Cristóvão Correia de Lacerda e deste para seu filho António Correia de Lacerda e deste para o filho Cristóvão Correia de Lacerda.

Como este falecesse sem descendência legítima passou a Casa e Honra de Fralães para seu parente Manuel Correia de Lacerda Figueiroa, como descendente do dito quinto Senhor Diogo Correia, não obstante se dizer então que devia passar para a linha de Nuno Álvares Pe-

reira, irmão do dito primeiro Cristóvão Correia de Lacerda, cuja geração estava na Índia.

Dá-se agora a chamada intrusão dos Senhores de Fralães.

Manuel Correia de Lacerda Figueiroa foi pois, como disse, senhor da Honra de Fralães bem como já era da Casa de Ruivães.

Sucedeu nessas duas casas seu filho Fernão Correia de Lacerda.

Na vida deste já houve questão com os descendentes de Nuno Álvares Pereira, que estavam na Índia, acerca do prazo de Portas que venceu.

Sucedeu-lhe seu filho Francisco Correia de Lacerda a quem apareceu o diabo na figura de sua prima D. Maria Luísa Álvares Pereira, terceira neta daquele famigerado Nuno, que da Índia pleiteou a posse de Fralães.

Após renhida questão entraram por fim em acordo, comprando o intruso senhor de Fralães uns palmares na Índia Portuguesa e dando-os em troca à sua contendora.

Esta transacção foi autorizada pela rainha D. Maria I.

Francisco Manuel Correia de Lacerda casou com D. Mariana Malheiro e, juntamente com sua mulher, instituiu o vínculo de Fralães.

As Honras desde o reinado de D. José I ficaram sendo um mero título, cerceando-lhes os seus privilégios o grande Marquês de Pombal, e a constituição de 1820 as extinguiu por completo.

Terminamos pois aqui esta lenga lenga dos Senhores de Fralães.

Parece que o assento desta Casa e Honra foi primitivamente no alto do monte da Saia, onde houve um castelo, sucessor de algum castro romano.

Ainda aí existem vestígios de construções.

Ali perto há um penedo interiormente cavado, em forma de sepultura, cuja tampa serve de cobertura a uma sepultura na Igreja que pertencia à Casa da Quinta.

Mudando os seus senhores a residência para o sítio onde hoje se vêem ainda restos de casa, com eles veio a paróquia.

O P.^o Carvalho, que escreveu a Corografia Portuguesa nos princípios do século XVIII, diz que a mudança da paróquia devia efectuar-se há mais de duzentos anos.

Pelo decorrer do tempo tornou-se o edifício desta casa um dos mais importantes da província.

Para fazer-se uma ideia do que seria nos princípios do século XVIII, transcrevo da Corografia Portuguesa a descrição que dele faz o seu autor :

« Tem estes Senhores aqui a mayor Casa das antigas de quantas vi em Portugal & Galiza, com Torres & grandes salas, muitas fontes curiosas, jardins, & hortas, dilatados pomares de toda a fruta ordinaria, & de espinho, & huma grande mata de Carvalhos, & Castanheiros, cousa magnifica ».

Deste grandioso edifício hoje quase nada existe.

Na parte reconstruída recentemente vêem-se ainda umas portas antigas que dão para um terreiro interior. Nas paredes onde foram abertas aquelas estão gravadas letras e outros sinais que parecem ser siglas de pedreiros. A sala conhecida pelo nome de Tribunal, foi transformada em sala de jantar e outras dependências.

No terreiro interior sobranceiro à casa vê-se ainda um tanque antigo, no qual a água sai pela boca de duas figuras com busto humano: uma com as mãos elevadas à cabeça e outra com elas cruzadas sobre o peito, simbolizando as armas de S. Francisco.

Recolhida a água em uma taça volta a cair mais abaixo pela boca de outra figura que mostra só a cara.

Disseminadas por vários sítios vêem-se pedras lavradas, restos de antigas construções.

Ao lado daquele tanque ergue-se um torreão antigo, à guisa de mirante, que me informaram ser a força.

Não é verosímil (vai como me contaram) que os Senhores desta Honra mandassem enforcar em sua própria casa os condenados.

Parece que o antigo edificio se estendia para o poente, por detrás da Igreja Paroquial actual, vendo-se ainda restos de muros e portas.

Da célebre pedra com o nome gravado de *Elio Saia*, talvez resto de *Cornelio Saia*, a que me refiro na freguesia de Viatodos, não me souberam dar noticias.

Ao sul da actual casa ergue-se uma torre moderna, a imitar o antigo, donde se disfruta um lindo panorama.

O palacete, de recente reconstrução, forma, diga-se a verdade, um conjunto artístico e agradável.

Os antigos senhores desta casa foram sempre os senhores da Honra de Fralães. x

É típico e interessante o modo como eram nomeadas e eleitas as autoridades que a regiam. Em certo dia do mês de Janeiro de cada ano ajuntavam-se os vassallos nesta casa, talvez na sala do Tribunal, onde o senhor os recebia assentado em uma cadeira.

Mandava este arrumar a vara ao juiz que findava o seu exercício e em seguida, escolhido dentre todos o que devia servir nesse ano, metia-lhe a vara na mão, tomava-lhe juramento e passava-lhe carta selada com seu selo; desta maneira ficava o nomeado *Juiz Ordinário e dos Órfãos* com apelação para o Senhor da Honra e deste para o Rei.

Findas as formalidades da sua nomeação, o juiz com o povo faziam a eleição dos vereadores e mais officiaes que com ele haviam de servir naquele ano.

No fim todo o povo comia umas *fogaças* que os ca-
seiros do lugar de Campozinhos, da freguesia de Viato-
dos, traziam, e bebiam do vinho que o senhor lhe dava (1).

Era assim como antigamente se faziam as eleições
em S. Pedro do Monte.

Esta freguesia foi abadia da apresentação dos Se-
nhores de Fralães.

Não vem no censo da população de 1527; no sé-
culo xvii tinha 32 vizinhos; no século xviii tinha 33 fo-
gos; no século xix tinha 143 habitantes, e pelo último
censo tem 135 habitantes, sendo 57 varões e 74 fêmeas,
sabendo ler 18 homens e 5 mulheres.

Tem os seguintes lugares habitados: Varziela, Rio,
Portas, Paço, Residência, Granja, Monte, Luscos, Fralães,
Fraga e Urjães.

As suas casas mais importantes são: Casa da Quinta, ←
do Rio, da Porta, de Luscos e da Granja.

Esta freguesia está situada na enconta nascente do
monte da Saia e confronta pelo norte, com Silveiros e
Carvalhas; pelo poente, com Chavão e Chorente; pelo
sul, com Grimancelos e Viatodos e pelo nascente, com
Viatodos.

É servida pela Estrada Nacional n.º 4 e pela Paro-
quial que desta vem até à Igreja.

A antiga Igreja Matriz existia ao norte da actual, fora
do Adro, distante deste apenas alguns passos. Era pe-
quenina e baixa; caindo em estado de completa ruína,
foi demolida em 1913. O serviço religioso já há mais de
oitenta anos se não exercia ali, servindo apenas para en-
terramentos.

Passou a servir de Igreja Paroquial a antiga Capela
de Nossa Senhora da Saúde.

(1) Corografia Portuguesa, pág. 294.

Esta capela, sobranceira ao antigo solar, foi privativa dele, passando pela instituição da confraria para a posse desta.

Sofreu grandes reformas pelo século XVIII, ficando um lindo e airoso templo, amparado a uma elegante torre. A confraria de Nossa Senhora da Saúde foi instituída em 1650.

Dentro do Adro, debaixo de uma oliveira, vê-se uma mesa octogonal de um só pé na base do qual se lê a data 1673.

O Cruzeiro Paroquial, no fundo do espaçoso terreiro, tem a seguinte inscrição: PEDRO. ANTVNES. O. MAN-DOV. FAZER. 1626.

Ao lado deste vê-se a residência Paroquial, pequenina mas bem conservada.

Junto à Estrada Paroquial, no lugar de Luscos, ergue-se um Nicho ou Alminhas que tem por cima gravado na padieira as letras: A. D. 1725 e na base de uma das pirâmides outra data: 1772, talvez esta a da sua reconstrução.

O Cemitério Paroquial foi construído no sítio onde existiu a antiga Igreja mas, após uma renhida questão, foi mudado para o sítio onde está, começando a funcionar em 1919, sendo colocado o seu portão em 1929, conforme se vê da data que o encima.

Não tem Escola Oficial nem *loja* ou *venda* e a sua indústria está reduzida à de cesteiros, ferreiros, moleiros e tecedeiras, tudo em pequena escala.

As Fontes Públicas desta freguesia são: a da Senhora, a da Granja, a das Bicas e a célebre e antiga Poças dos Cavalos.

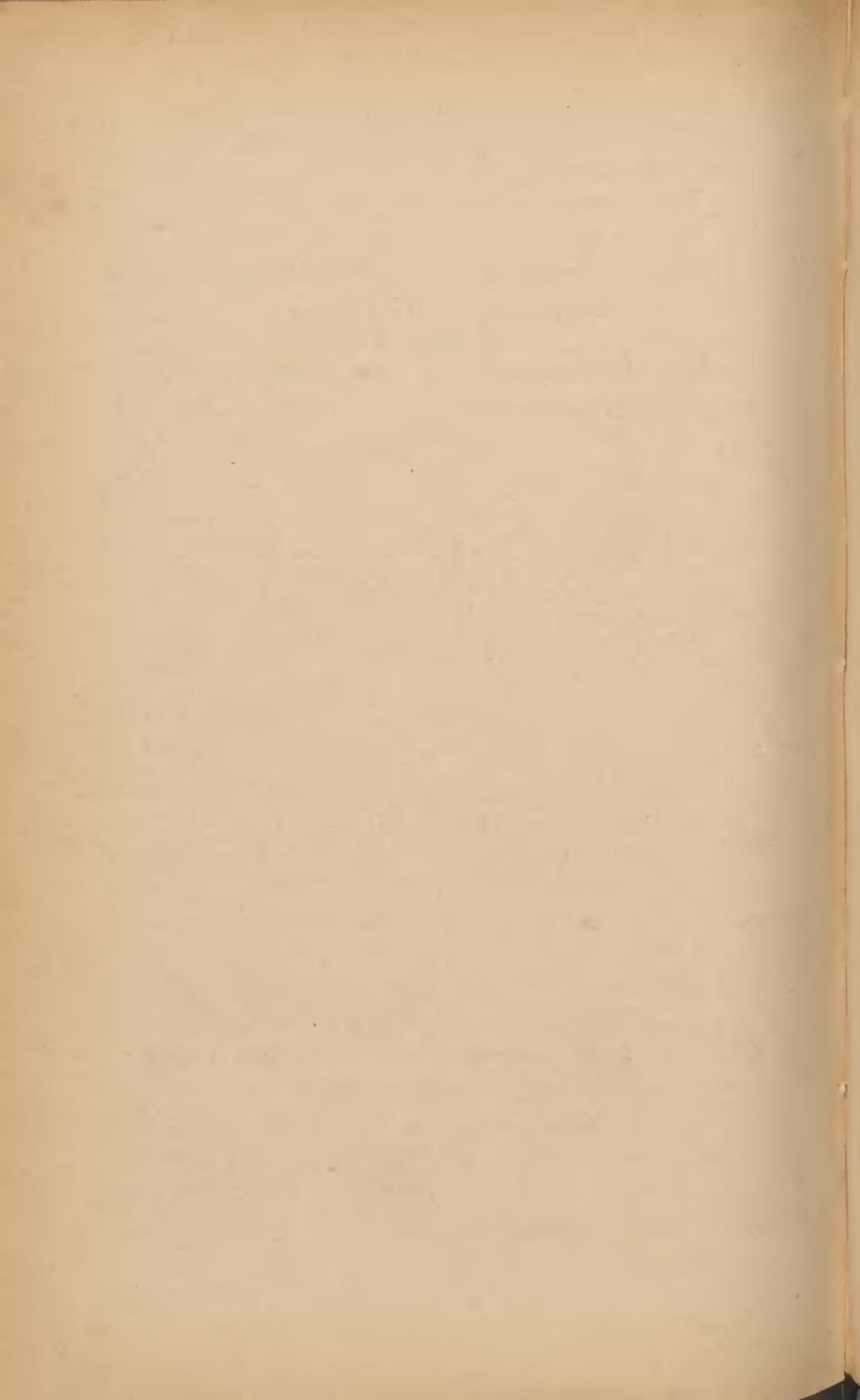
Dos homens ilustres, além dos já mencionados senhores de Fralães, destacaremos ainda: Fr. António Pereira, Abade do Mosteiro de Refoyos de Basto em 1650

e Fr. Damião do Espírito Santo, Abade do Mosteiro de S. João de Cabana, 1716, e do de Carvoeiro, 1722.

Realiza-se todos os anos, no dia 15 de Agosto, junto à Igreja Paroquial, a importante romaria de Nossa Senhora da Saúde.

É muito concorrida de povo e abundante em melancias, vinho e *pancadaria*.

Os pimpões destas redondezas começam a liquidar aqui as suas velhas questões e rixas e vão acabá-las geralmente no Tribunal de Barcelos... em processos crimes.



Santa Maria de Moure

MOURE, orago Santa Maria, sob a invocação de Nossa Senhora da Expectação ou Senhora do Ó, foi um curato da apresentação do Reitor do convento dos Cônegos Seculares de São João Evangelista de Vilar de Frades (Bons Homens de Vilar).

Esta freguesia, reitoria dos Arcebispos de Braga, foi trocada, juntamente com a de Adães e Encourados, pela de Calvelo em 1441, no tempo de D. Fernando da Guerra.

Calvelo era da apresentação do Convento de Vilar de Frades pela renúncia que nele fez o seu último abade Gonçalo Dias de Barros, mas, como ficava longe, os frades conseguiram a troca por estas três que eram mais perto.

Moure deriva do genitivo *Mauri* do nome *Maurus*.

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem com a designação «De Sancta Maria de Mauri de Couto de Varzêa» na Terra de Faria.

Nas mesmas se diz: que «habet dominus Rex quoddam Regalengum ad Portelam de Requeixo et castinarios»: que «quintana de Sauto dant Regi pro fossadeira d' bracele, et pectant de illa vocem et calumpniam».

Esta freguesia pertenceu ao Couto da Varzêa, passando depois, pela extinção daquele couto, para o de Vilar de Frades e, como se vê do Censo da População de 1527, era abrangida no julgado de Penafiel.

Confronta pelo norte com a de S. Jorge de Airó e a de Crujães, pelo poente com a de Santa Eulália de Rio Covo, pelo sul com a de São Romão de Fonte Coberta, e pelo nascente com a de Sequiade.

Situada na encosta sul do monte de Airó, estende-se por uma fértil planície, sendo banhada pelo ribeiro de Real que nasce em Bastuço e por dois riachos, um que nasce no monte de Airó, na Cova do Lobo, e outro que vem de São Romão de Fonte Coberta, afluentes daquele ribeiro.

As suas fontes públicas são: a do Pinheiro, a do Feijoinho, a do Agrodel, a de Real, a de Regainho e a das Regadas.

É atravessada na sua extremidade poente pela Estrada Nacional n.º 4 de Famalicão a Barcelos e paralelamente a esta estrada pela linha Férrea do Minho e Douro.

Está ainda assim muito mal servida de estradas, pois o centro da freguesia só pode ser alcançado a pé ou em . . . carros de bois.

É certo que há um projecto de estrada que, partindo da Nacional n.º 4, freguesia de Crujães, atravessaria esta de Moure, junto à Igreja Paroquial, e iria por Sequiade e Bastuço ligar com a Estrada Municipal de Braga que vem até ao extremo do concelho, a São Julião de Passos.

Ficariam assim quatro freguesias, não das menos importantes, com ligação directa para a sede do concelho, que a não têm, e para a Estação do Caminho de Ferro, o que lhes era muito vantajoso.

Já há muitos anos porém se fala nesse projecto de estrada, para ser construída pela Câmara Municipal ou até pelo Governo, mas o povo desta região não viu realizada ainda uma das suas mais justas aspirações.

A população da freguesia de Moure no século xvi era de 41 moradores; no século xvii era de 60 vizinhos; no século xviii era de 57 fogos; no século xix era de

383 habitantes e pelo 7.º Censo da população é de 394 habitantes, sendo 186 varões e 208 fêmeas, sabendo ler 63 homens e 8 mulheres.

Tem, há meia dúzia de anos, Escola Oficial mista que funciona em edificio próprio oferecido ao Estado pelo sr. António José Barbosa.

Tem esta freguesia os seguintes lugares habitados: Assento, Cruzeiro, Balão, Santo Estêvão, Real, Monte de Real, Torre, Pinheiro, Campinho, Lourido, Regainho, Toural, Naia, Agrodel e Regadas.

As suas casas mais importantes são: a de Regainho, a de Balão, a de Agrodel, a de Real, a de Lourido e a da Torre. ←

A sua indústria exerce-se em vários moinhos e aze-nhas, em um engenho de serrar, três lagares de azeite, dois movidos a água e um a gado.

Tem duas lojas de mercearia e Caixa do Correio.

Fazia-se todos os anos em Moure a Procissão de Passos. Não tinha a imponência talvez das suas congé-neres dos tempos passados em outras localidades, mas ainda assim despertava a fé e a piedade nos corações simples e ingênuos dos povos com a evocação de uma das mais tristes e emocionantes passagens da vida de Cristo e dava sobretudo às mães ocasião de apresenta-rem orgulhosamente como *anjinhos* seus filhos de corpos iodados e robustos por banhos quotidianos de um sol vi- vificador e pela alimentação sadia e liberdade de movi- mentos da vida campesina.

Esses *anjos*, vergando ao peso das arrecadas e cor- dões de ouro que elas pediam emprestados para lhes lan- çar ao pescoço, davam-nos a ideia de um paraíso onde havia muito sol, muita luz e muita riqueza.

Por outra parte aos homens oferecia-se-lhes a opor- tunidade de ostentarem o seu valor e importância pelo

número de amigos que das freguesias circunvizinhas e algumas bem distantes vinham com opas e varas de prata abrilhantar a festividade.

Com essas procissões todos lucravam, até as imagens dos santos que eram limpas e espanejadas uma vez ao menos cada ano.

Realizou-se uma Procissão de Passos nesta freguesia que merece especial referência pela série de peripécias engraçadas que por essa ocasião se deram.

É costume na véspera de tão solene dia juntarem-se na Igreja os mordomos para procederem à limpeza e arranjo dos objectos que têm de servir nas cerimónias do dia seguinte: tiram então respeitosamente a imagem da tribuna, colocam-na com todo o carinho no andor, frizam-lhe a cabeleira, substituem-lhe a túnica do cotio por a nova que só serve nos actos solenes, atam-lhe à cinta o sagrado cordão e lançam-lhe ao pescoço a afrontosa corda.

À noite, no fim do trabalho, vão todos comer da ceia oferecida pelo tesoureiro, que é essa uma das obrigações do seu cargo.

Na véspera daquela referida procissão, quando estava quase tudo terminado veio a criada do tesoureiro, do Senhor Mateus, anunciar que *a comida* estava na mesa.

Então este, lançando um rápido volver d'olhos para o andor e vendo já tudo em ordem, disse para um dos acólitos: « Deita-lhe a corda e vamos à ceia ».

Este dito ficou daí em diante entre o povo para exprimir: acabemos com isso, está terminado qualquer serviço.

Nessa mesma festividade o sermão do *encontro* era prègado ao lado do caminho que devia seguir a procissão, em frente a um largo onde está o cruzeiro.

Como no sítio não houvesse qualquer eminência de terreno, formou-se um púlpito em cima de uma dorna com o fundo para o ar, cobrindo-a com panos apropriados.

A procissão seguia o seu trajecto para dar a volta ao cruzeiro e por caminho diferente vinha o andor com a imagem de N. Senhora das Dores, a qual devia encontrar-se com a de seu amado Filho no largo, junto ao púlpito.

Era esta uma das cenas mais comovedoras do dia e que fazia afluir lágrimas de intensa compaixão aos olhos das pessoas que a presenciavam.

Os andores, ao chegarem um perto do outro, pousavam em cima de pequenos bancos, os *pegadores* tomavam ar e descansavam, enquanto o padre do alto do púlpito tocava na alma do piedoso auditório as teclas do seu mais triste sentimentalismo.

O sermão principiava ordinariamente quando passava o estandarte ou *guião* com as consagradas letras S.P.Q.R., que abria o préstito e o orador, atento, ia declamando e regulando-o até à altura do encontro dos dois andores.

Na procissão a que me estou referindo o Senhor dos Passos chegou junto do púlpito na devida e prevista ocasião, mas o andor onde ia Nossa Senhora, surgindo de um caminho transversal, era levado por longe, vagarosamente, demorando desta maneira o encontro combinado das duas imagens. O prègador, árreliado com a demora, recitava pausadamente o seu discurso, até que, impaciente com aqueles vagares, vendo que se estava acabando a corda, interrompe-o e grita-lhes: «levai-a para Barcelos; com esse andar nunca cá chega!»

Então os do cortejo de Nossa Senhora, incitados por aquelas palavras, encurtam caminho e apressadamente se dirigem para o sítio apazado. Chegados aí param e ficam firmes de andor aos hombros.

O padre, que do alto do púlpito tudo via, grita de novo: «Oh! Mateus! Chega-lhe o mocho».

Mal acabadas aquelas palavras, deu-se um facto estupendo que aterrorizou toda a gente; o prègador, como

tivesse proferido a maior das blasfémias, desapareceu do púlpito, afundando-se por ele dentro.

Parecia que a terra vingadora se tinha aberto e o tragara!

Restabelecida por fim a ordem e serenidade, viu-se que o caso era o mais natural deste mundo; com o braço e bater dos pés do orador impaciente, os tampos do fundo da dorna tinham-se descolado e abatido ao peso da respeitável corpulência de sua reverendíssima.

Em vista deste *fracasso*, a procissão, entre frouxos de riso da assistência, recolheu apressadamente nessa tarde à Igreja.

O povo, conservando de memória todos estes hilariantes casos, ainda hoje os conta, acrescentando cada um, como pode, o seu ponto.

Dos homens mais ilustres, cujos nomes andam ligados a esta freguesia destacaremos os seguintes:

Martim Rodrigues de Araújo, casado com D. Catarina Afonso de Faria, foi senhor por sua mulher da Quinta de Pedregais em Faria, da Casa da Torre e das Terras de Rio do Couto na freguesia de Moure.

Viveram nos reinados de D. Manuel e D. João III.

Catarina Afonso de Faria era filha de Vasco Afonso de Faria e portanto 4.^a neta do grande alcaide Nuno Gonçalves de Faria.

Simão de Faria Mariz, filho de Simão de Faria, foi Cónego da Colegiada de Valença e último abade de Santa Maria de Moreira em Celorico de Basto. Foi senhor de parte das Terras de Rio de Couto que comprou a seu primo Gastão de Faria, unindo-as em vínculo em 1573, com obrigação de missas na Igreja de Santa Maria de Moure, onde teve sepultura. O vínculo de Rio de Couto seguiu na geração ilegítima do seu instituidor.

Jacome de Faria, foi senhor da Casa da Torre e de parte das Terras de Rio de Couto, que ficaram fora do vínculo instituído por seu irmão Simão de Faria Mariz. Estas terras foram mais tarde encorporadas na Casa de Agrodel.

Pedro Velho da Fonseca, Morgado de Balão, em Moure, filho de Diogo Velho da Fonseca e de D. Violante de Faria Mariz, foi casado com D. Briolanja Velho de Andrade, filha de Pedro Velho de Andrade e de D. Filipa Gonçalves, neta materna de Afonso Gonçalves, cavaleiro e instituidor daquele Morgado.

Caetano de Mendanha, filho de Silvestre Pereira Chaves e de D. Joana da Silva, foi senhor do Morgado de Balão e do dos Costas, em Sequiade.

Era homem muito bulhento e de muita força. Faleceu, sem geração legítima, de um tiro que lhe deram na freguesia de Cambezes.

O vínculo de Balão em 1855 era de José Maria Sampaio.

Manuel Lopes Loureiro, senhor da Casa de Agrodel em Moure, foi sepultado na Igreja do Convento de Vilar de Frades em 1762, em campa que ele mandou fazer para si e seus descendentes, com inscrição, como se pode ver quando trato daquela Igreja.

O *Dr. João José Pereira da Fonseca Vilas-Boas*, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra em 2 de Julho de 1773, filho de Manuel da Fonseca Pereira e de D. Maria Angélica de Vilas Boas, senhores do Morgado de Real em Moure. Este Morgado tinha sido instituído por João Alves, em meados do século xvi.

O *Dr. João José Pereira da Fonseca Vilas Boas* foi casado com D. Antónia Maria Rosa de Vasconcelos Correia, descendente da Casa de Vila Meão em Silveiros, mas não deixando descendência passou o vínculo para a

descendência de sua irmã D. Rosa Maria da Fonseca Villas Boas, casada com João Martins da Cunha, em cuja geração seguiu.

A antiga Igreja matriz desta freguesia esteve no sítio da Córças, em um campo pertencente hoje á Casa de Lourido.

Nesta Igreja tinha sepultura privativa o Cónego da Colegiada de Valença e último abade de Moreira, Celorico de Basto, Simão de Faria Mariz, instituidor em 1573 do vínculo do Rio do Couto.

Nos fins do século XVIII, princípios do século XIX, foi mudada esta Igreja para o sítio onde está, caindo em completa ruína o antigo templo de forma que hoje nem vestígios existem.

A actual Igreja, situada em lugar alto, donde se disfruta um largo horizonte, é um templo bem construído, de boa pedraria, no centro de um adro fechado, para o qual se sobe por uma íngreme escadaria. Dentro, porém, é pobre; os seus tectos são de castanho pintados, os altares de talha simples moderna e o baptistério modesto.

Ao lado esquerdo tem a sacristia, pequena, com lavabo de pedra e gavetões de castanho, mal conservados.

Do mesmo lado esquerdo, a facear com a frontaria, ergue-se um modesto torreãozinho para um sino.

O autor do «Minho Pitoresco», ao passar por aqui de comboio, viu, conforme descreve, de um lado a modesta Santa Eulália de Rio Covo e do outro as *agulhas da torre* de Mourè, que nunca teve.

Ilusão de óptica ou confusão com a torre de São Jorge de Airó, que do comboio mais adiante se vê.

Naquele torreãozinho estava um sino, com a imagem de Santa Bárbara, que o povo crédulo desta freguesia em outros tempos tocava quando trovejava para afastar as trovoadas.

Há poucos anos adquiriram mais dois sinos os quais, por não haver lugar no torreão, colocaram em forquilhas de madeira, ao lado do antigo. Com o andar do tempo porém estas apodreceram e um caiu e quebrou-se e o outro está prestes a isso.

Em um pequenino largo, junto ao Nicho do Senhor da Agonia, está o cruzeiro paroquial. Erguido sobre uma rocha, compõe-se de uma coluna, encimada por um globo e rematado pela cruz.

No globo tem gravada a data 1611.

No caminho que conduz ao Cemitério e junto a este, ergue-se outro cruzeiro baixo, de reduzidas dimensões, com a data na base 177...

O cemitério foi construído em 1917 e está ainda sem gradeamento.

Em um pequeno largo, ao sul da Igreja está o Nicho do Senhor da Agonia com a imagem de Cristo crucificado pintada.

Na frente cresce um alpendre em colunatas e gradeamento de ferro.

Por cima tem a data 1816 e no gradeamento — « Antonio Joaquim Simões, 1888 ».

O povo simples desta freguesia acredita ainda em fantasmas e abusões.

No sítio onde estive a antiga Igreja dizem que aparece um gato que vai aumentando de figura à medida que se lhe aproximam. Aumentaria de tal maneira que não caberia no mundo, mas os mais destemidos apenas tem chegado à distância de o verem na corpulência de um gatarrão vulgar.

Não admira que haja essas crendices pois ainda há poucos anos assentou arraiais nesta freguesia um *enxota diabos*, contemporâneo e concorrente do de Amparo! Ve-

remos se com a Escola que acaba de se estabelecer aqui e com a realização do projecto da Estrada, há muitos anos em mente, se dissipará no espirito do povo estas crendices legadas pelos nossos antepassados.

Em 1886 um lavrador, cavando em um campo, encontrou um vaso cheio de moedas romanas com a effigie de Nero... que vendeu a baixo preço e outras até as deu.

Santa Eulália de Negreiros

NEGREIROS, orago Santa Eulália, era uma abadia da apresentação da Mitra.

A palavra *Negreiros*, segundo o P.^e António Gomes Pereira no seu livro «Tradições Populares» a páginas 372, vem de *nigrarios*, que significa *um pouco negro* por causa de alguma colónia de gente negra que primitivamente ali se estabelecesse.

Segundo, porém, Soeiro Mendes, pseudónimo do Snr. P.^e Sousa Maia, no seu livro «A vêr Terras» páginas 41, o nome *Negreiros* desta freguesia vem de *moinhos negreiros* que aqui havia.

Assim explica este escritor que a cultura do milhão, milho grosso ou maiz em Portugal é relativamente moderna; trouxe-o da Índia no século xvii Paulo de Braga.

Havia antigamente a fabricação de pão branco, alvo e a de pão negro dos pobres.

Este era fabricado de milho negro chamado *zaburro*, milho miudo de cor roxa.

Havia pois duas espécies de moinhos: moinhos alveiros e moinhos negreiros, conforme a farinha que produziam.

Destes moinhos vem o nome à freguesia, o qual parece ser relativamente moderno, pois nas Inquirições de 1220 aparece-nos esta freguesia ainda com a designa-

ção — «De Sancta Eolalia de Mazieira», na terra de Faria.

Nestas Inquirições se diz: que o rei tem aqui meio casal, do qual recebe a terça parte dos frutos; que esta freguesia tem sesmarias; Varzêa 3 casais menos uma quarta; Carvoeiro 1 casal; Minhotães 1 casal e S. Salvador de Souto 2 casais.

Negreiros é apelido de família nobre em Portugal.

A Igreja Paroquial desta freguesia esteve primitivamente no lugar de Seara, em terreno pertencente ao antigo passal, não muito distante da actual Residência Paroquial.

Há porém uns trezentos anos que foi demolida e mudada para o sítio onde está.

É um edifício de boa aparência, no extremo nascente de um espaçoso terreiro atravessado pela estrada de Viatodos às Fontainhas.

Edificado no centro de um bom adro parapeiteado de pedra com três portas de serventia e seus respectivos fojos, salienta-se nele um bem trabalhado pórtico, com duas colunas toscanas, que ornamenta de um modo especial e característico a sua fachada.

Ao lado direito foi construída a sacristia, acima da porta travessa, e por trás desta e da capela-mor ergue-se uma baixa e sólida torre para os sinos.

Dentro, amplo e espaçoso, é todo forrado a estuque liso sem ornatos, sendo os seus altares, tanto o altar-mor como os quatro laterais do corpo da igreja, em talha simples e moderna.

Tem dois púlpitos antigos e a pia baptismal é em granito com labores e pé torcido bem trabalhado.

Dizem que já serviu na velha matriz e que para aqui veio quando da sua mudança.

Esta Igreja ainda que interiormente com pouco valor artístico está muito asseada e limpa.

O adro é cercado de velhas oliveiras de grossos troncos, que ali foram plantadas na ocasião em que o arcebispo D. Fr. Caetano Brandão mandou cultivar estas tão úteis árvores em todos os adros das igrejas da sua vasta diocese.

O Cruzeiro paroquial está no terreiro em frente à Igreja, do outro lado da estrada.

É simples, baixo e sem data, mas de aspecto antigo.

O Cemitério Paroquial foi construído ao sul da Igreja a facear com o terreiro que circunda esta.

Nesta freguesia há apenas a *Capela de Nossa Senhora da Graça*, no lugar de Vilar, pertencente à Snr.^a Laurinda de Faria Leitão.

Havia antigamente uma outra capela que era *a de São Paulo*, mas que foi demolida quando da passagem e construção da estrada das Fontainhas.

Existem ainda as seguintes Alminhas: as do Marquês em frente à Igreja, as da Seara, as de Ferreiros e as de Negreiros de Cima.

Esta freguesia, situada em planície, na bacia orográfica do Este, é banhada pelo ribeiro que nasce em Chorrente, afluente do ribeiro Pele, e é servida pela Estrada Municipal que de Viatodos, lugar da Isabelinha, por Grimancelos e esta de Negreiros, comunica com a estrada de Famalicão, Fontainhas, à Póvoa de Varzim.

Confronta pelo norte, com a freguesia de Chorrente; pelo nascente, com a de Grimancelos e a de Gondifelos, esta do concelho de Famalicão; pelo sul, com a de Balazar, do concelho da Póvoa de Varzim e pelo poente, com a de Macieira de Rates.

Tem as seguintes fontes públicas: a de Ferreiros, a da Igreja, a da Aldeia de Cima e a das Fontainhas.

A sua população no século XVI era de 35 moradores, no século XVII era de 40 vizinhos; no século XVIII era

de 101 fogos; no século XIX era de 536 habitantes e pelo 7.º Censo da População é de 577 habitantes, sendo 258 do sexo masculino e 319 do sexo feminino, sabendo ler 110 homens e 39 mulheres.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Ferreiros, Além, Corvo, Montes, Pena, Bouça Grande, Couves, Vila Pedreira, Boavista, Bouça, Igreja, Vilar, Estrada, Aldeia de Cima, Aldeia de Ferreiros e Covilhã.

→ As suas casas mais importantes são: a do Miguel, a do Regada, a do Jacinto, a do Silva e a da quinta da Covilhã.

A quinta da Covilhã está nesta freguesia, mas a casa a que ela pertence está na freguesia de Balazar, do concelho da Póvoa de Varzim.

Tem Escola oficial que funciona em edificio arrendado, quatro lojas de mercearia e Caixa do Correio.

A sua indústria é limitadíssima actualmente. Dos antigos moinhos que deram o nome à freguesia, segundo a etimologia atrás exposta, nem vestígios se encontram.

Não é porém esta freguesia uma das menos importantes desta parte do concelho.

De terreno fértil e produtivo é essencialmente agrícola. Directamente ligada por estrada e pela linha férrea, cuja estação mais próxima é a das Fontainhas, com a Póvoa de Varzim, Vila do Conde e Famalicão, está em contacto com centros comerciais importantes. Com a cidade de Barcelos, sede do seu concelho, comunica por duas estradas: uma directamente por Chorente à Estrada de Barcelinhos às Fontainhas e outra por Grimancelos e Viatodos à Estrada Nacional n.º 4 de Famalicão a Barcelos.

A primeira, a mais trilhada pela gente desta freguesia que tem necessidade de ir à sede do concelho, está porém bastante má, tornando-se pouco agradável um pas-

seio por ela de carro; a segunda, melhor conservada, porém com uma volta de alguns quilómetros para a cidade, é pouco frequentada pelo povo desta freguesia.

Sendo esta freguesia uma das do extremo sul do vasto concelho de Barcelos, é de toda a conveniência conservar em bom estado os seus meios de comunicação com a sua sede.

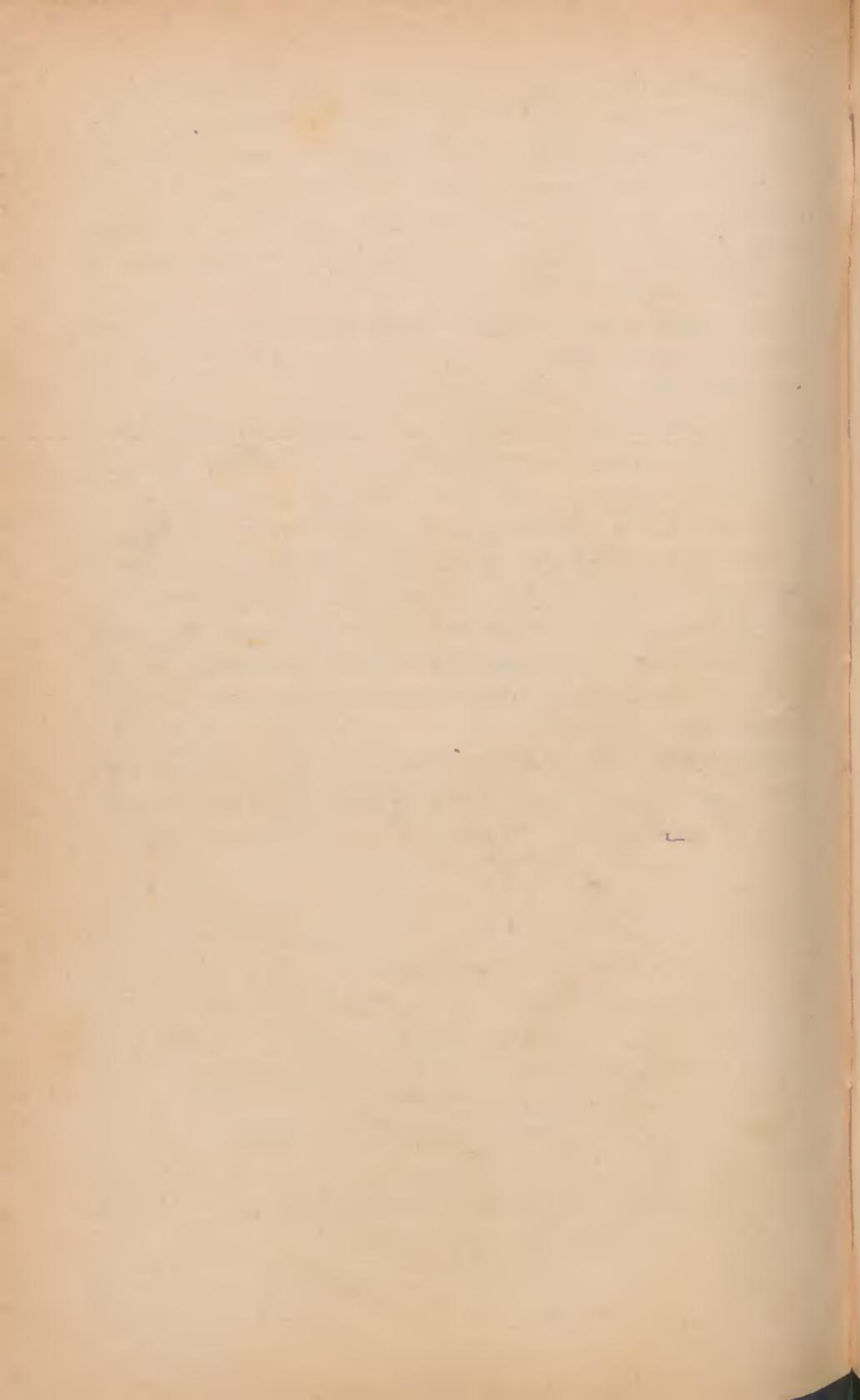
Há nesta freguesia sítios cujos nomes indicam a passagem e permanência de povos antigos por aqui: assim *Eira dos Moiros*, *Fonte dos Moiros*, etc.

O nosso povo abrange com a designação de *moiros* todos os povos que mesmo anteriormente a estes por aqui viveram.

É de todos sabido que os árabes tiveram um curto período de permanência ao norte do Douro; bem cedo a reconquista cristã estabeleceu o *deserto* ao sul daquele rio.

Os portuguezes acompanhados nas longas e crueis lutas com os árabes, atribuem aos *moiros* muitas coisas que eram dos povos que anteriormente habitavam a península.

Assim *Eira dos moiros* e *Fonte dos moiros* desta freguesia podem ser lugares onde habitavam povos anteriores a estes.



Santa Marinha de Paradela

PARADELA, orago Santa Marinha, era vigararia da apresentação do Reitor da freguesia de Chorente.

Fazia parte da Comenda da Ordem de Cristo daquela freguesia; na parede do torreão à entrada do Adro da Igreja existe ainda uma cruz de Cristo a indicar que pertencia àquela ordem.

Paradela ou *Pradela*, como alguns também escrevem e o povo pronuncia, vem, segundo o P.^o António Gomes Pereira, de *Bradella*, sinónimo de pousada e denota o lugar onde se pára, onde se pousa ou onde se demora.

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem com a designação: — «De Sancta Marina de Paradela», nas Terras de Faria e dizem *non habetur ibi abbas*.

O rei não tinha aqui reguengo algum. Referem-se aos lugares de Requiães e de Couço e dizem mais que de duas partes desta vila pagam voz e calúnia; «et lucratu fuit illam don Petrus Salvadoris et ex tunc non pectarunt vocem nec calumpniam».

Possuem aqui casais Santa Eulália, Hospital e Santo Tirso.

Ignora-se onde fosse situada a sua primitiva Igreja Paroquial.

A actual corre na tradição que era uma antiga capela pertencente a Rates.

Era um edificio de architectura românica; o tímpano de uma porta, um *Agnus Dei*, que estava arrumado no Adro foi levado para o Museu Municipal, por iniciativa do meu amigo António Augusto da Silva, de Pedra Furada, meu companheiro na excursão que a esta e outras freguesias acabo de fazer.

Do livro das visitas que o sr. Padre João Gonçalves, muito digno Reitor desta freguesia, me deixou examinar, se vê que em 1767 os seus moradores são louvados por terem mandado fazer a Casa da Fábrica como se tinha ordenado nas visitas passadas. Nesta visita manda-se cobrir e compor um pedaço da Igreja.

O Adro era fechado, servido por duas portas, e manda-se então pôr um fojo em cada uma delas.

Em 1782 manda-se fazer uma escada para ir tocar o sino. Parece pois que estaria em qualquer sineira na fachada do templo, como era costume.

Em 1786 manda-se soalhar o coro e concertar o forro da Igreja.

Em 1805 ordenaram-se muitas obras. A capela-mor, que parece um oratório, foi mandada acrescentar e levantar e reconstruir o arco cruzeiro. Esta obra cresceu para o lado do altar-mor ocupando neste sentido quase todo o adro, não ficando espaço neste para passar uma procissão; no telhado ainda se vê o aumento que teve.

A Igreja dentro é pobre; na capela-mor, do lado do evangelho, está um quadro, pintura em madeira, representando Santa Marinha com suas oito irmãs, o qual tem por baixo a data 1723.

O baptistério é relativamente moderno; o antigo informam-me que está no adro a servir de alicerce a uma parede.

Por outras paredes que vedam campos circunjacentes ainda se encontram algumas pedras lavradas que serviam à antiga construção desta Igreja e a sepulturas!

À entrada do Adro, do lado esquerdo, ergue-se o torreão para dois sinos, separado da Igreja por aquele, mandado fazer em 1826 pelo coronel João Gomes Barroso, do lugar do Boco, desta freguesia, assistente na cidade do Rio de Janeiro.

Era vigário então Domingos da Costa Vale que deixou escrito que esse torreão custou a importante quantia de cem escudos e o sino novo cento e cinquenta e um escudos.

A Residência Paroquial está um pouco afastada da Igreja para o lado do sul. É antiga.

Em 1795 precisava de muitas obras por já há muitos anos não ser habitada pelo pároco.

Em 1805 capitulou-se uma cozinha por a não haver e ainda várias obras. Em 1818 para ocorrer à eminente ruína de que está ameaçada insta-se por esses trabalhos.

Não sei quando se fez essa reparação; hoje está em bom estado de conservação.

Em 1797 mudou-se o cruzeiro, que estava além do ribeiro, em frente da Igreja, para o Largo do Souto da Quinta.

O actual está junto do cemitério e é obra moderna. Tem o princípio de uma inscrição: «Feito em...».

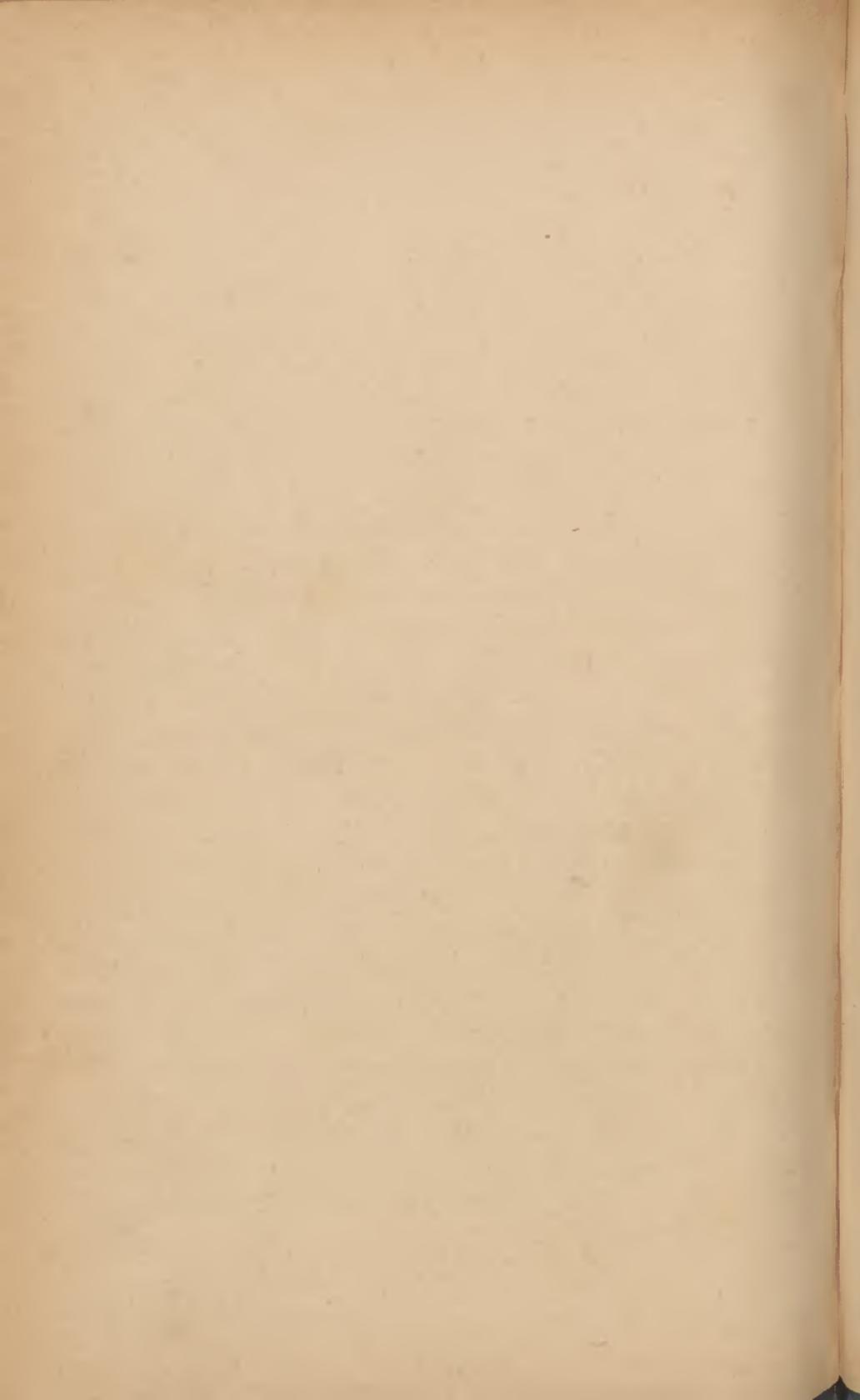
O Cemitério ostenta no seu portão a data 1907.

Não existem capelas nesta freguesia.

Há as seguintes Alminhas: — as da Aldeia, as do Boco e as de Santo Torquato, tendo estas na padieira do nicho a data 1877.

Esta freguesia, situada na bacia orográfica do Cávado, na encosta ocidental do monte de Courel, ramificação da Franqueira, é banhada pelo ribeiro de Cotiço, que nasce na Cova do Lobo e vai lançar-se no rio Tinto, na Lagoa das Necessidades, ponte do Estreito.

É servida pela estrada que de Vilar de Figos vai a Cristelo ligar com a de Barcelos à Póvoa.



Santa Leocádia de Pedra Furada

PEDRA FURADA, orago Santa Leocádia, era uma das freguesias do Padroado do Mosteiro beneditino da Várzea, passando, depois da sua extinção, para o Convento de São João Evangelista de Vilar de Frades.

Em 1441 o Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra uniu Pedra Furada a este convento, ficando desde então o seu Reitor a apresentar o pároco com o título de cura.

Sobre a origem do nome desta freguesia não há opinião assente.

O Padre António Gomes Pereira nas « Tradições Populares » páginas 377 diz : « Pedra Furada — No Adro da Igreja está, segundo me informam, uma pedra com um furo no meio. Talvez seja obra moderna para explicar a origem desta freguesia ».

É certo ainda lá existir essa pedra furada metida de topo na terra.

Corre na tradição que foi tampa de sepultura de uma santa que fora enterrada viva e que, na sua resistência à morte e pela força das suas muitas virtudes, levantando a cabeça, furou a pedra, tal qual se vê.

Esta lenda talvez tenha origem no facto, narrado em vários agiológios, de Santa Leocádia, santa espanhola,

martirizada em Toledo no ano de 300 da era cristã, ter saído da sepultura.

Assim o conta o «Pantheon Sacro» de D. Joaquim de Azevedo a pág. 446: «Foi vista sair da sepultura a dar os parabens a Santo Ildefonso, por ter defendido com seus escritos a pureza da Virgem Mãe. Martyrol. Rom. 9 Dez».

Qual porém a relação que há entre aquela pedra e a origem do nome desta freguesia não a sei.

Virá o nome da freguesia da pedra que se encontra no Adro da Igreja ou seria esta ali colocada para atestar aquele nome?

A Igreja Matriz desta freguesia, situada ao lado da Estrada Municipal, é de construção antiga e pequena, proporcional ao tamanho da freguesia, que não é grande.

A facear com o frontispício, do lado da epístola, ergue-se um modesto torreão, com dois sinos, cuja obra é muito mais moderna do que a da Igreja.

Primitivamente tinha por cima da fresta principal uma sineira, encontrando-se a sua pedra arrumada no Adro.

Esta Igreja de estilo pobre está porém limpa e asseada, tornando-se digno de se ver o baptistério, simples mas com arte.

À entrada do Adro, do lado da Igreja, quase em frente desta, está a Residência Paroquial, hoje abandonada.

Junto a esta estava uma pequena sepultura de pedra que, por iniciativa do senhor António Augusto da Silva, foi há anos colocada no Museu Municipal de Barcelos.

Há duas capelas nesta freguesia:

A Capela de Nossa Senhora de Monserrate no lugar do mesmo nome, hoje pertencente ao senhor Justino José Leitão.

A Capela da Senhora das Brotas, é antiga e está entregue ao culto.

O Padre António Carvalho, na sua Corografia Portuguesa, vol. I, pág. 281, diz que nesta freguesia existia no alto do monte a *Ermida de São Vicente*, onde no dia de São João se festejava o santo e ali iam *clamores* das freguesias vizinhas.

Há os seguintes Nichos ou Alminhas: o do Carvalho, o de Chouzelas, o da Pitosca, no lugar do Sardoal, e o da Portela.

O painel destas últimas, quase apagado, foi atravessado por uma bala, cujo vestígio ainda hoje se vê.

Conta-se que, quando por aqui passaram os francezes em Março de 1809, um soldado do seu exército, irreverente e iconoclasta, disparara, à falta de melhor alvo, a sua espingarda contra estas alminhas.

O Cruzeiro Paroquial esteve antigamente no lugar do Sardoal mas foi demolido há anos, sendo construído o actual no lugar do Assento, junto à Estrada Municipal.

O Cemitério, ainda que mais antigo, tem sobre o seu portão a data — 1930.

Esta freguesia, situada em planície, na bacia orográfica do rio Este, é banhada pelo riacho que nasce junto à Capela da Senhora das Brotas e vai juntar-se ao ribeiro Codade, afluente daquele rio, e é atravessada, de norte a sul, pela Estrada Municipal n.º 5 de Barcelos às Fontainhas, e, de nascente a poente, pela de Courel que parte desta no lugar do Assento. Confronta pelo norte com a freguesia de Pereira, pelo nascente com a de Goios, pelo sul com a de Gual e a de Courel e pelo poente com a de Vilar de Figs.

A sua população no século XVI era de 22 moradores; no século XVII era de 43 vizinhos, no século XVIII era de 65 fogos; no século XIX era de 249 habitantes e pelo último censo da população é de 298 habitantes, sendo

142 varões e 156 fêmeas, sabendo ler 57 homens e 16 mulheres.

Tem Escola Oficial que funciona em edificio próprio.

Esta população está distribuida pelos seguintes lugares habitados; Rua Nova, Real de Cima, Real de Baixo, Assento, Carvalho, Chouzelas e Sardoal.

→ As suas casas mais importantes são: a dos Castros Farias, a do Sardoal, a do Carvalho e a dos Ferreiras.

Tem caixa do correio, uma loja de mercearia e uma Fábrica de moagem e serralharia.

Tem as seguintes fontes públicas: a de Salgueiro, a do Carvalho, a do Alves e a de Castilhão.

O citado Padre Carvalho diz na Corografia Portuguesa que nesta freguesia, junto à Ermida de São Vicente, havia uma fonte a que chamavam *das Virtudes* por em suas águas os enfermos acharem remédio para os seus achaques se nelas tomassem banho na manhã de São João.

Pelo visto só nesse dia essas águas tinham virtudes terapêuticas. Ainda assim, se em qualquer outra ocasião não causavam sezões ou febres paratífoides a quem as bebesse, não se podia dizer que eram más.

Dos homens mais illustres, que nasceram nesta freguesia ou cujos nomes andam a ela ligados, destacaremos os seguintes:

Dr. José Joaquim Figueiredo de Faria, natural desta freguesia, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Deputado da Nação por várias vezes, casou em Vila do Conde, onde recebeu em sua casa o rei D. Luis I em uma das suas visitas ao norte.

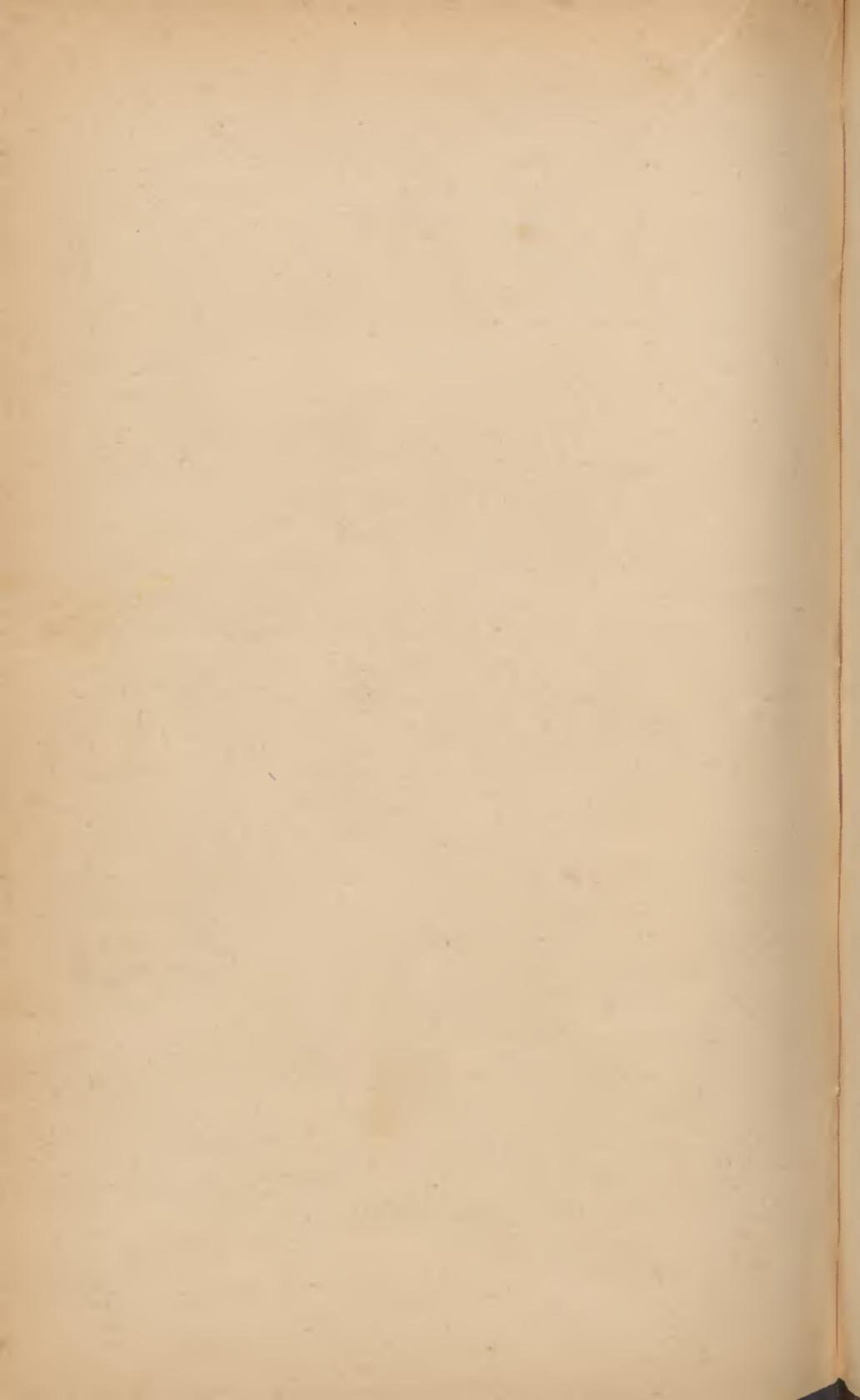
Carlos de Castro Figueiredo de Faria, filho do antecedente, seguindo a carreira diplomática, foi Secretário da nossa Embaixada em S. Petersburgo, Londres e Rio de Janeiro, servindo nesta última capital por vezes de

Encarregado de Negócios. Faleceu em França e jaz no cemitério desta freguesia.

Dr. Joaquim Álvares da Silva, natural desta freguesia, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, escritor jornalista, foi Administrador do Concelho em Barcelos, Famalicão e Fafe e Conservador do Registo Predial na comarca de Mondim de Basto.

Para atestar a passagem por aqui de povos que viveram na idade da pedra polida e do bronze, tão distante desta nossa da electricidade e do rádio, há, de que eu tenho conhecimento, a descoberta de um machado de pedra em uma bouça pertencente ao Ex.^{mo} Senhor António Augusto da Silva, distinto Preparador de Física na Universidade do Porto, que este senhor ofereceu a seu tio o Ex.^{mo} Senhor Visconde da Fervença e a de um machado de bronze, a que se refere o « Minho Pitoresco », cujo desenho estampou, quando se refere a esta freguesia.

Os benefícios de electricidade já cá chegaram, pelo menos a casa do meu bom amigo Dr. José de Castro Figueiredo de Faria que é toda iluminada àquela luz.



São Salvador de Pereira

PEREIRA ou Pereiró, como em outros tempos também foi conhecida, orago S. Salvador, era curato da apresentação do Real Padroado.

No tempo de D. João III passou este direito de apresentação para o Colégio de S. Paulo da Companhia de Jesus da cidade de Braga e nele se conservou até à extinção daquela Companhia em Portugal, voltando para o Real Padroado em 1759.

Pereira parece que vem da palavra latina *piraria*, pereira.

Esta freguesia vem nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 com a designação — « De Sancto Salvatore de Pereira », nas Terras da Faria e nelas se diz que o rei não tem aqui reguengo algum porque é vila honrada do Senhor Pedro Pais « alferaz ». A sua Igreja matriz estava primitivamente na Terra Branca, lugar da Cabacinha, ao lado da estrada municipal, onde hoje está um pequeno cruzeiro a indicar o sítio que ela ocupava.

Do século xvii para o século xviii, não posso bem precisar a data, pois o arquivo paroquial é pobríssimo, foi mudado para o sítio onde actualmente está.

No princípio o edificio era de reduzidas proporções, mas foi aumentado posteriormente.

Assim por baixo do púlpito, encoberto com guarnição de madeira, está uma data do século XVIII.

A torre, (primitivamente existia um torreão) construída em cima de dois arcos, foi feita nos meados do século XIX, assim como a frontaria da Igreja.

A Capela mor foi levantada nos fins daquele século e o corpo da Igreja concertado e forrado de novo com estuque em 1901, conforme se vê da data nele escrito.

Na sacristia o que tem de mais notável é um lavabo em pedra e os gavetões em castanho. Ao lado esquerdo da Igreja estão as *Casas da Renda* em completa ruína seguidas da *Residência Paroquial*, que para isso pouco lhe falta.

Em frente do templo está o Cruzeiro Paroquial, simples e sem data.

O Cemitério Paroquial tem sobre o seu portão a data 1888.

Esta freguesia está situada, parte em planície e parte na encosta norte do monte de Vilar de Figos e na encosta oriental do monte da Franqueira até ao alto, em uma grande extensão.

Confronta pelo norte com as freguesias de Gilmonde, do Carvalhal e Alvelos, pelo nascente com a de Remelhe, pelo sul com a de Goios e Pedra Furada e pelo poente com a de Vilar de Figos e a de Milhazes.

Na parte mais elevada deste último monte e nos limites da freguesia de Milhazes está o Santuário de Nossa Senhora da Franqueira.

Ignora-se a data da sua fundação, que alguns escritores atribuem a Egas Moniz, aio de D. Afonso Henriques.

Primitivamente devia ser uma ermidezinha de exíguas dimensões, reduzida talvez à actual capela mor.

Esta é toda em abóbada gótica; qualquer inscrição ou decoração heráldica que porventura tivesse nos seus fechos hoje são indicifráveis por terem passado a pedra que forma aquela abóbada com um banho de... cimento.

O altar mor é de jaspe com três colunas da mesma pedra, antiga mesa que o Duque D. Afonso, 8.º Conde de Barcelos, trouxe de Ceuta, quando da conquista daquela praça de guerra, no tempo do rei D. João I em 1415, e a ofereceu a esta Nossa Senhora. Actualmente está encoberta com um frontal de madeira.

A tribuna deste altar, onde se venera a imagem nova, é de talha simples e tem ao centro pintada a inscrição —Ano 1876—, talvez a data da sua pintura.

É iluminada por uma rasgada janela, evidentemente ali metida em época posterior à sua construção.

Exteriormente ainda se vê em volta a cornija com modilhões.

O corpo da capela, sem dúvida de construção muito mais recente, despida de qualquer arrebique de arte, com suas paredes rebocadas e tecto em estuque caiado, bem iluminado por rasgadas janelas, é de aspecto desolante.

Contém dois altares laterais, estando no do lado do evangelho uma imagem da Senhora da Franqueira de escultura antiga.

Na Igreja Matriz de Santa Maria Maior de Barcelos existe uma formosíssima imagem gótica trecentista da Virgem, em madeira, rara preciosiosidade, sobre a qual, há poucos anos fez nesta cidade uma erudita conferência o rev. Joaquim da Costa Lima, e que se supõe fosse levada desta capela para aquela Igreja, talvez no século XVIII.

Devia ser na ocasião daquela mudança que foi colocada no camarim do altar mor a imagem nova que aí se vê.

Na parede do lado do evangelho, junto à porta travessa, vêem-se três placas com inscrições.

Na primeira: «Recordação da 1.^a Peregrinação à Virgem da Franqueira, promovida pelo Circulo Católico de Barcelos 27-9-1908»; na segunda: «4.^a Peregrinação à Franqueira, promovida pelo Grupo dos Estudos Sociais Alcaldes de Faria — 29-9-918»; e na terceira: «Recordação da 5.^a Peregrinação em que tomou parte pela primeira vez a imagem de Nossa Senhora da Franqueira, promovida por um grupo de Artistas de Barcelos, 5 de Setembro de 1926. Comissão Arcipreste P.^o Rio Novais, Prior de Barcelos, P.^o Joaquim Galolas, Francisco de Sá, José R. Pereira, João D. Pereira, João Baptista Miranda, Celestino do Nascimento, Joaquim G. dos Santos, Francisco J. Alves, João G. Fernandes Braga».

O frontispício da capela *fez-se ao moderno* nestes anos, diz Fr. Francisco de Santiago na Crónica da Província da Soledade, pág. 284, com sua torre e sino, dado por um brasileiro.

Na torre está gravada em uma pedra a seguinte inscrição: — «ESTA. OBRA. MANDOV. FAZER. PEDRO. GOMES. SIMÕES. NATURAL. DE. VILAR. DE. FIGOS. 1753».

Actualmente existem nesta quatro sinos muito bem afinados.

A porta da sacristia tem exteriormente na sua parede a data — 1691.

Dentro estão na parede dois retratos encaixilhados: um de João Gomes Pena, da freguesia de Milhazes, que mandou erigir o monumento à Virgem, a que nos referimos quando tratamos daquela freguesia, e outro de José António da Silva, do lugar de Rebordões, freguesia de Gilmonde, bemfeitor deste santuário.

Em 1558 erigiu-se nesta capela uma confraria com o título de Nossa Senhora das Neves, que chegou a ser tão grande que tinha irmãos em todo o arcebispado e ainda

fora, e, posto que durasse muitos anos, em 1742 já não existia.

Por trás da capela mor, fora do adro, pouco distante deste mas já no declive do monte, está um singelo cruzeiro, como que envergonhado da sua modéstia, cujo plinto mostra a data — 1681.

Ao norte deste ergue-se a *Casa da Confraria*, que, segundo me informam, não tem mais de cinquenta anos, ao lado da qual se conservam ainda umas humildes construções, muito mais antigas, cercadas por altos muros, as quais devem ser restos de ermitérios.

Do alto do monte, junto à capela, goza-se um dos mais belos panoramas desta parte do concelho: ao poente, desenrola-se à nossa vista toda a costa do mar desde Esposende até muito além de Vila do Conde; ao norte vê-se em grande extensão o poético vale do Cávado na sua verdura e luz deslumbrante, e ao nascente vastíssimas ondulações de terreno, a perder de vista, até às serras do Gerez e da Lameira em Basto.

Na descida, ao abandonar este encantador lugar, iremos recitando aqueles versos de Tomás Ribeiro:

Como este sítio é bom e esta paisagem bela!

Como é bonita a ermida,

Tão nova e tão singela,

Em honra dela erguida!

A Casa de Maria, a nossa mãe divina!

No pendor do monte, a nossa montanha sagrada pelo espírito religioso e guerreiro que a bafeja, levanta-se o triste e ermo convento do Bom Jesus da Franqueira.

Em 1429 dois cônjuges, naturais da cidade do Porto, distribuindo todos os seus bens, «ficando verdadeiros pobres de espírito», di-lo um frade, Fr. Francisco de San-

tiago, vieram a este monte e aqui fizeram vida ermitica; chamavam-se eles Vicente « O Pobre » e sua mulher Catarina Afonso.

Fundaram umas pobres casas e uma ermida, com o título de Bom Jesus, no sítio onde hoje está a cerca do Convento, perto de uma fonte.

A esta nascente veio juntar-se mais tarde outra água e no tempo do Guardião Fr. Domingos de Montalegre foi aí construído um belo chafariz, com pátio, escadas e um nicho onde esteve a imagem de Santo António.

Não se sabe bem o tempo que ali viveram estes ermitões, sendo porém certo que ainda eram vivos em 1476.

Depois da sua morte sucederam-lhe naquela pobre habitação os Padres Claustrais ou Castelhanos, aumentando estes o primitivo edificio e conservando-se nele até 1505, ano em que o mesmo foi dado, com seu consentimento, pelo Duque D. Jaime aos frades franciscanos da Província da Piedade, passando para os da Soledade, depois da divisão daquela Ordem.

D. Henrique de Sousa, último Comendatário do mosteiro beneditino de Rendufe, aquele que tão triste fim teve mais tarde na Casa do Crasto, deu principio ao actual edificio deste convento, distante « um largo tiro de mosquete » para noroeste do antigo cenóbio, aproveitando nessa obra as pedras do velho e histórico Castelo de Faria, que lhe ficava próximo.

Para aqui mudaram os franciscanos em 1567.

Este novo edificio, não obstante ser sólido, tornou-se pequeno para as necessidades crescentes dos seus moradores sendo posterior e sucessivamente aumentado.

Assim em 1678 fizeram-se obras de reparação e depois várias outras entre as quais um dormitório pequeno no ano de 1708, na regência do Provincial R. P. Mestre Fr. João de Santa Eulália de Rio Covo.

Este convento formava um quadrilátero, no centro do qual estava o claustro, guarnecido de arcaria, contendo no meio um chafariz do qual hoje apenas existe o tanque.

A parte do edifício do lado sul e poente foi demolida, ficando apenas a parede exterior até ao primeiro andar ainda com portas e janelas na parte térrea.

No ângulo sudoeste era a cozinha, onde ainda se vê um curioso fontenário em que a água cai pela boca de três carrancas, e no ângulo nordeste o refeitório, com tectos de castanho em renascença pobre, como competia a frades desta Ordem.

A eira, na parte oeste demolida, foi construída com pedras que eram tampas de sepulturas, tendo algumas delas restos de inscrições.

A portaria, no átrio da Igreja do convento, é encimada por um nicho desabitado, ao lado do qual se vê uma inscrição em letras góticas que diz:— «Aqui jaz Vicente o Pobre e Catarina Afonso que partirão da cidade do Porto, era 1420, e fundarão este lugar».

Este letreiro era a inscrição tumular dos fundadores do ermitério na Capela do Bom Jesus e foi mandado colocar no lugar onde o vemos quando os frades se mudaram para este convento e trasladaram daquela ermida para a sua Igreja os ossos dos dois corpos.

Esta Igreja, ainda que não muito grande, é suficientemente espaçosa, de estilo pobre, deixem-nos dizer, franciscano.

No corpo dela, no seu pavimento, existem três sepulturas rasas com inscrições.

Em uma diz:— «Jaz aqui Rodrigo, homem descuidado e pecador, indigno irmão da Terceira Ordem de S. Francisco: pede huma Ave Maria. Obiit 1 de dezembro de 1710».

Este humilde irmão de S. Francisco foi senhor da nobre casa da Fervença.

Em outra diz: «Anno 1793 — V — De Manuel José Pinh.^{to} e sol... ado desta I.^a e se d.^o esta s.^a».

Finalmente na terceira, a que fica do lado da epístola, lê-se: — «S.^a de Sebastião de Macedo Fer.^a e sua mulher da Casa da Portela e seus descendentes. Anno de 1816».

Era esta sepultura privativa dos Senhores da Casa da Portela, na freguesia das Carvalhas.

Em 1740 o Provincial Fr. António de Guimarães e o Guardiã Fr. António de S. Jerónimo resolveram mandar construir uma fonte junto à portaria do convento para dessedentar os povos que por ali passassem.

Em vez de porem nessa fonte a figura de qualquer divindade pagã, como era de uso naqueles tempos, resolveram colocar a imagem de Cristo crucificado e sabendo isto «o Balzabú», Manuel Gomes dos Reis, ferreiro da rua da Esperança de Barcelinhos, espontâneamente ofereceu essa imagem aos ditos frades.

É de pedra, talhada no monte de Remelhe, cuja condução deu lugar a muitos milagres, segundo contam as crónicas monásticas.

Por cima da fonte foi colocada a imagem e por baixo desta a letra do Salmo: — «Apud te est fons vitæ», ficando desde então conhecida por *Senhor da Fonte da Vida* ou *Senhor da Vida*, com grande devoção dos povos durante séculos.

Passado porém pouco tempo mudaram essa imagem e fonte para outro sítio, mais no largo que enfrenta a portaria, e aí fizeram um oratório.

Assim esteve até que Fr. Manuel de Azurara, por alcunha «O Pilatos», mandou fazer uma capela, com sacristia, correndo a fonte à entrada em duas bicas, uma de cada lado da porta.

Esta capela foi mais tarde demolida e a imagem veio ocupar o altar lateral, do lado da epístola, na Igreja.

A fachada desta apoia-se em quatro arcos, três de frente e um lateral, e ao seu lado direito ergue-se um modesto torreão, hoje apenas com uma sineta.

Em frente estende-se um espaçoso terreiro no centro do qual está um cruzeiro sem inscrição nem data.

Desse terreiro, ao lado, desce um bem lançado escadório, parapeiteado de pedra, até ao primeiro patamar onde termina a calçada, ao lado da qual ainda se vêem as capelas com Passos, os da Paixão de Cristo já na freguesia do Carvalhal.

Ensombram estes sítios velhas carvalheiras entre outras árvores de menos idade.

No fim do escadório e ainda dentro dos limites de Pereira estão duas daquelas capelas: a da Sagrada Verónica e a do Encontro.

Na frontaria desta última vê-se a seguinte inscrição: — « João Francisco dos Santos Brasileiro mandou fazer as paredes desta capela e pede se lembre das almas p. a. de Deus. Ano de 1735 ».

No distrito desta freguesia, junto à Estrada Municipal n.º 5, no lugar do Cidral, existe a Capela da *Senhora da Guia*, de construção antiga e interessante, com seu cabido ou galilé apoiada em oito colunas.

É particular; era de Manuel José do Vale Vessadas e hoje é de seu genro o sr. Domingos José Senra.

Há nesta freguesia os seguintes *Nichos* ou *Alminhas*: o da Varziela, ao lado da Estrada, com um pequeno alpendre, e o da Aldeia.

Esta freguesia é atravessada pela Estrada Municipal n.º 5 de Barcelos às Fontainhas, com um ramal, hoje intransitável, até ao alto da Franqueira e é banhada pelo ribeiro dos Amiais.

As suas fontes públicas são: as do Arrabalde, Armindra, Entre Devezas, Aldeia, Pinheiro, Cancela da Agra e Cidral.

Esta é em forma de chafariz, caindo a água por uma bica em uma taça de pedra.

A sua população no século xvi era de 33 moradores; no século xvii era de 56 vizinhos; no século xviii era de 82 fogos; no século xix era de 314 habitantes e pelo último censo da população é de 435 habitantes, sendo 210 varões e 225 fêmeas, sabendo ler 100 homens e 26 mulheres.

Não tem Escola Oficial.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Varziela, Campelo, Aldeia, Igreja, Arrabalde, Souto, Bouça, Cal, Silgueiros, Pedrego, Sanguinhal e Franqueira.

→ As suas casas mais importantes são: a da Igreja, a de Campelo, a de Figueiredo, a do Sapateiro, a de Val de Vessadas e a do Florêncio.

Tem caixa do correio.

A sua indústria está reduzida a alguns tamanqueiros, a poucas moendas e pouco mais, e o seu comércio a duas lojas de mercearia.

Dos homens mais ilustres, além dos que florescem nas artes, ciências e santidade no convento da Franqueira, dos quais tratam circunstanciadamente as crônicas monásticas, destacaremos os seguintes:

D. Diogo Pinheiro, filho do Dr. Pedro Esteves e de sua mulher D. Maria Pinheiro, da casa solar dos Pinheiros de Barcelos, foi prior de São Salvador de Pereira, Comendatário do mosteiro de São Simão da Junqueira, D. Prior da Colegiada de Guimarães, Prelado de Tomar e Bispo do Funchal em 1514, sendo certo que, pelas suas muitas ocupações, nunca foi à sua diocese. Defendeu

calorosamente o Duque de Bragança, cuja casa sempre serviu, D. Fernando II, quando do seu julgamento em Évora.

Parece que promoveu obras na Franqueira, deixando esculpido no tecto daquela capela o seu brasão.

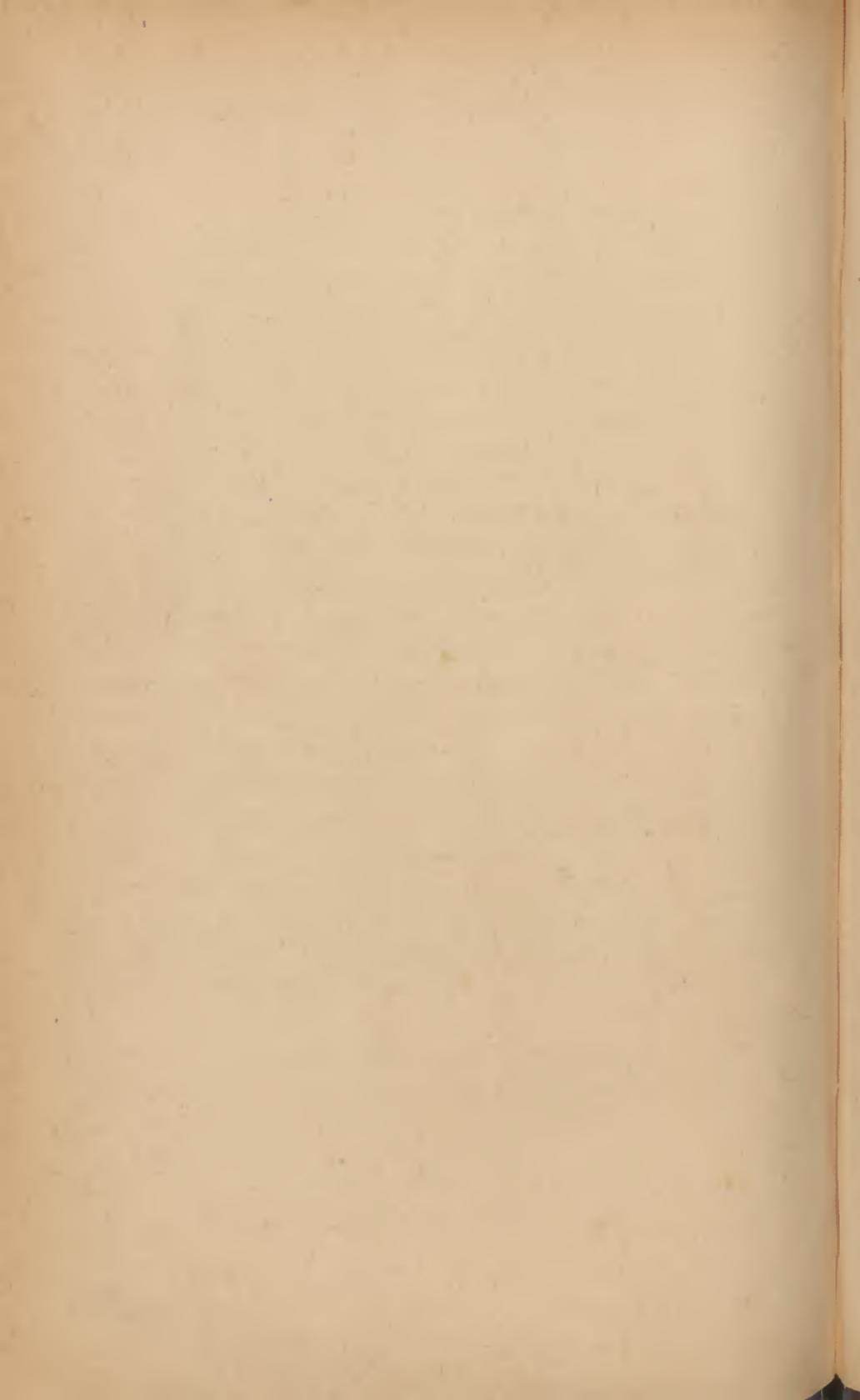
Padre Mateus Gonçalves, vigário de Pereira, onde viveu muitos anos com grandes virtudes e santidade. Faleceu na sua casa da rua das Velhas em Barcelos, exalando o seu corpo depois de morto um cheiro suavíssimo, como dizem velhos e autorizados escritores.

Padre Manuel da Costa Carvalho, vigário de Pereira, ofereceu em 1740 «um quarto de ouro» para a construção da Capela do Senhor da Fonte da Vida, no convento da Franqueira.

D. Fr. Jerónimo do Barco da Soledade, frade no convento da Franqueira, foi Deputado às Constituintes em 1820 e Bispo de Cabo Verde.

Consegui desta maneira arranjar uma missa cantada até com mestre de cerimónias; falta-me só o prègador.

Agora me lembro que, quando os Jesuitas eram padroeiros desta freguesia, quem prègava o sermão nas festas da Senhora da Franqueira era um padre da Companhia, mas como esta foi extinta para sempre, já não há jesuitas em Portugal, e este artigo vai extenso, *vou dar as despedidas*, como diz a cantiga, a esta modesta freguesia, de tão nobres tradições, e passar à seguinte.



Santa Cristina da Pousa

ESTA freguesia, também conhecida pelo nome de Santa Cristina do Ulgoso da Pousa, está situada no extremo nascente do concelho de Barcelos, junto ao rio Cávado.

É limitada ao nascente pelas freguesias da Graça e Cabreiros, do concelho de Braga, ao sul pelas freguesias de Martim e Encourados, ao poente pela de Areias de Vilar e ao norte pelo Rio Cávado.

Ulgoso, segundo o P.^o António Gomes Pereira, é português antigo e significa *terra de urzes* (vem do *latim ulicosus*) e *Pousa*, segundo Pinho Leal, é também português antigo e quer dizer *estância, residência, aposentadoria* em que o cobrador dos foros reais pousava e aí recebia todo ou parte do seu sustento.

Nas Inquirições de 1220 relativamente a esta freguesia se diz que era «na quintana de Ulgoso que pousava o Rico Homem».

Estava situada nas Terras de Penafiel de Bastuço, como se vê daquelas Inquirições, e era do padroado real — «Jurati dixerunt quod Rex est inde Patronus (1)»;

(1) Alexandre Herculano — *Port. Mon. Hist. Inquirições*.

na Corografia Portuguesa do P.^e Carvalho vem, porém, como vigararia anexa à abadia da Graça em Tibães (1).

Ignoro como e quando passou de um para outro pádroeiro.

A actual freguesia da Pousa compreende duas antigas freguesias; a de S. Salvador de Reguela, ao nascente, e a de Santa Cristina do Ulgozo, ao poente.

S. Salvador da Reguela, que nos aparece já nos principios da monarquia, ainda tinha vida independente em 1527.

Era bem pequena então pois pelo censo da população desse ano tinha apenas seis moradores.

Ignoro a data em que esta freguesia foi anexada à de Santa Cristina do Ulgozo e com esta ficou formando uma só freguesia com o nome de Santa Cristina do Ulgozo da Pousa.

A matriz da Reguela estava situada no lugar do mesmo nome, passando, depois da anexação da freguesia, a capela pública, hoje completamente desaparecida.

A matriz de Santa Cristina do Ulgozo, situada no mesmo sítio onde hoje está a actual, era pequeníssima, sofrendo obras de reforma e ampliação há cerca de cem anos.

Não obstante estas, ficou ainda assim um templo exíguo para as necessidades do culto.

A fachada singela, amparada do lado direito por um velho torreão com um único sino, e enfim todo o conjunto, na sua arquitectura simples, nada tem que nos enleve.

O seu interior rescende, porém, a asseio e limpeza, o que mostra bem o zelo do seu pároco e a devoção dos fregueses.

(1) *Corog. Port.* pág. 150 e 278.

Por detrás do torreão, junto ao Adro, alveja a *Residência Paroquial*, bem construída e espaçosa, em que se não descobre data alguma, mas, pelo seu aspecto externo, pelos seus velhos tectos em madeira e portas almofadas, deve ser obra anterior ao século XIX.

Tem esta freguesia apenas duas *capelas* públicas: a de *Nossa Senhora da Esperança*, antiga, com um torreão de um só sino, junto à Estrada, reformada há anos, e a dos *Milagres*, acanhadíssima e onde se não diz missa. O *Cruzeiro Paroquial* foi reformado no sítio onde pouco mais ou menos existia o antigo.

Fica situado detrás da capela-mor da actual Igreja Paroquial e consta de uma alta coluna de fuste enxadrezado, encimado por um capitel coríntio, tendo pintada na base a seguinte inscrição: « Feito a expensas das grandes bemfeitoras desta freguesia as Ex.^{mas} Snr.^{as} D. Joaquina Lopes Leal e irmãs, 1921 ».

O *Cemitério Paroquial*, em frente à porta principal da Igreja, tem sobre o seu portão de ferro a data 1908 e nos dois tranqueiros de pedra do mesmo gravada a seguinte inscrição: « Cemiterio Paroquial. Bemfeitores Ant.^o L. Leal, Manoel L. Leal, C.^{or} Manoel José Gomes, F. A. Barbosa, Constantino T.^o Cunha ».

Esta freguesia é atravessada pelo ribeiro da Pousa ou da Labrioste, que nasce em S. Julião de Passos, comarca de Braga, e desagua no Cávado, nesta freguesia, a montante da Penida, e por um pequeno regato ao nascente deste.

É terra fértil e abundante em cereais, produzindo bom vinho e os afamados *melões* da Pousa.

— Tem comércio e indústria próspera: existem nesta freguesia oito olarias sendo três de louça fina e cinco de louça grossa; tem duas padarias, dois engenhos de serrar madeira, uma fábrica de moagem e quatro mercearias.

A maior parte das casas desta freguesia são iluminadas a luz eléctrica, cuja energia é fornecida pela Central da Furada. É atravessada de sul a norte por uma Estrada Municipal que, na freguesia de Martim, junto à Igreja, parte da Estrada Distrital n.º 5, de Esposende a Braga e vai terminar na margem do Cávado, sem seguimento.

Passa esta estrada nesta freguesia sobre uma bem construída ponte de pedra no ribeiro Labrioste.

A diante da Capela de Nossa Senhora da Esperança foi construído um travesso macadamizado que galgando aquele ribeiro sobre uma formosa ponte dá serventia à Igreja Paroquial.

Está em construção um ramal de estrada que ligará esta freguesia com a Estrada de Braga à Graça, construída há anos até aos limites do concelho de Barcelos.

Para facilitar mais os meios de comunicação faltará só a construção de uma ponte sobre o Cávado, há muito projectada, que encurtará em alguns quilómetros a distância entre Barcelos e Braga.

→ As casas mais importantes desta freguesia são: a da Seara, a da Amproa, a de Pai Moure, a do Paço, a dos Magalhães, a da Devesa e a do Campo.

Não posso deixar de me referir pelo seu artístico e precioso *recheio* à do Ex.^{mo} Snr. Engenheiro Xavier Esteves, digno Director técnico da Sociedade de Electricidade do Norte de Portugal.

Havia ainda aqui uma casa, que pelos velhos da freguesia era conhecida pela casa da Branca, junto ao ribeiro, fronteira à Igreja Paroquial, a qual segundo informaram tinha antigamente privilégios parecidos com os de couto.

Santa Cristina do Ulgoso no século xvi tinha 35 moradores e a Reguela, como já dissemos tinha 6 moradores; no século xvii, tinham as duas freguesias já reunidas 82 vizinhos; no século xviii não vem no Portugal

Sacro e Profano; no século XIX tinha 633 habitantes e pelo último censo da população tem 765 habitantes, sendo 325 varões e 440 fêmeas, sabendo ler 317 homens e 93 mulheres.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Igreja, Seara, Penedo, Outeiro, Devesa, Poço, Tapada, Souto, Aldeia, Cruzinha, Capela, Cachadinha, Reguela, Pai Moure, Peralgoso, Poldras, Bortes, Amproa, Brunhois, Verdasca, Fontão, Sub-Outeiro e Brigo.

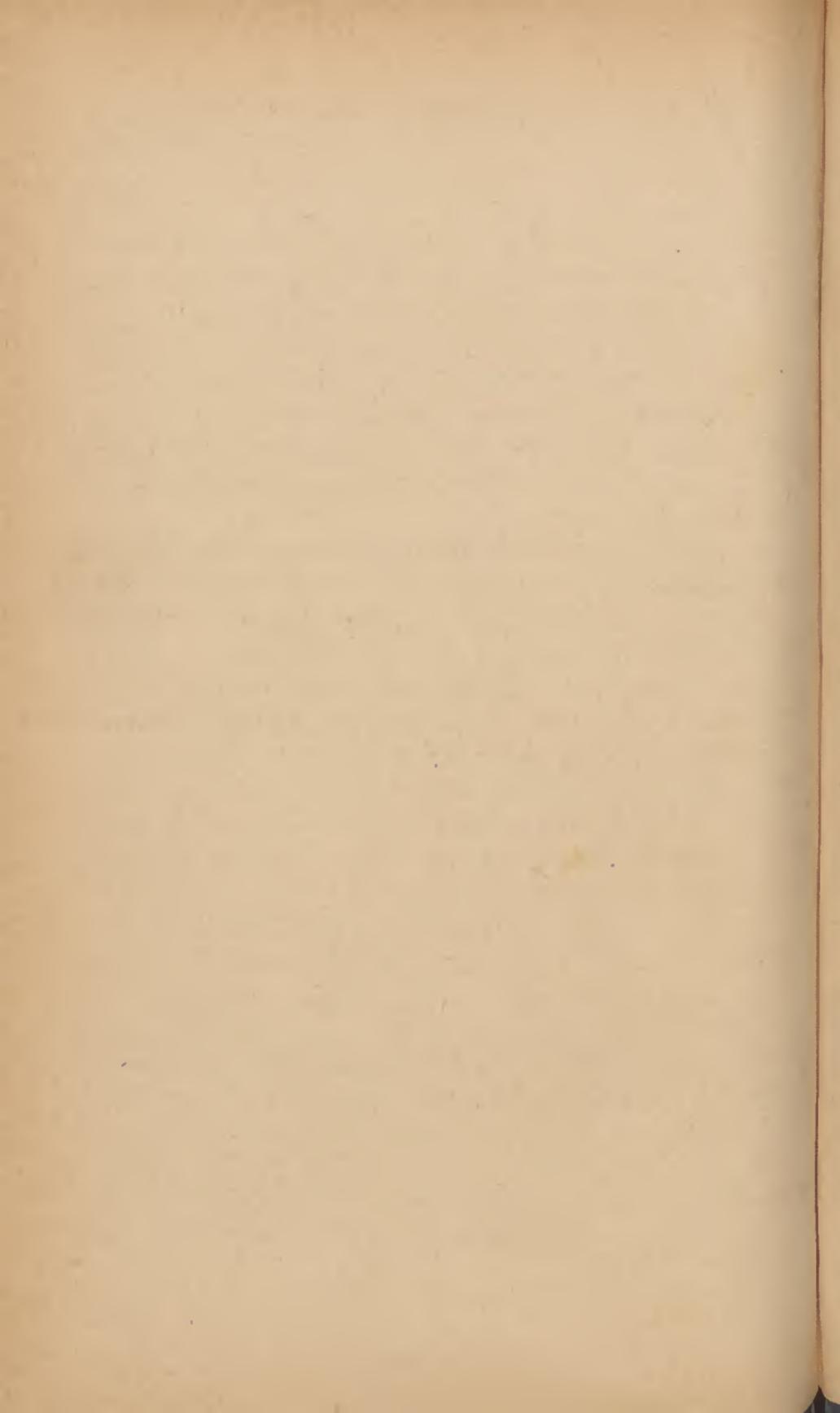
Tem as seguintes fontes públicas: Vedeira, Pernalva, Poldras, Igreja, Amproa, Seara, Outeiro e Tapada.

Tem duas escolas oficiais uma para cada sexo em edifícios arrendados.

Dos homens mais importantes mencionaremos apenas os seguintes:

António Lopes Leal, natural desta freguesia, tendo ido para o Brasil, onde adquiriu muitos haveres, veio para aqui onde se tornou notável pelos seus actos de filantropia.

Manuel José Gomes, Visconde de Soutelo, natural desta freguesia e benfeitor da Misericórdia de Barcelos, onde está o seu retrato.



Santa Marinha de Remelhe

REMELHE, orago Santa Marinha, vem do genitivo *Remiculi* do nome próprio latino *Remiculus*, diminutivo de *Remus*.

Foi incorporada nesta freguesia a de Moldes, que lhe ficava ao sul.

Moldes, orago Santiago, deriva da palavra latina *modulus* (1).

Nas Inquirições de 1220 vem com a designação — «De Santo Jacobo de Molnes», nas Terras de Faria.

Nelas se diz que os homens de Vilar pagavam voz e calúnia e dão vida (2) ao Mordomo e ainda o seguinte: «Est de ista collatione dant pro fossadeira (3) IIIj. bracales v. cubitos et duas partes de uno cubito. Est isti homines forarii vadunt ad castellum».

(1) P.^o António G. Pereira — Trad. Popular, pág. 381.

(2) *Vida*, sustento, comida, refeição; umas vezes dava-se em cousas de comer já guisadas, como caldo, leite, carne, etc. e outras em dinheiro ou cousas comestíveis não cosinhadas — Viterbo Eluc. vol. II, pág. 268.

(3) *Fossadeira*, tributo que se pagava por não ter ido ao fossado. *Fossado*, rasia que se fazia nos campos inimigos para colher os frutos e ervagens não maduros.

Viterbo Eluc. vol. I, pág. 366.

O Real Padroado apresentava Cura nesta freguesia até que, pela criação do Colégio dos Padres Jesuitas em Braga, passou essa faculdade para este colégio, tomando então o pároco o título de vigário.

Ainda existe a sua Igreja Matriz, no lugar de Santiago; é pequena, baixa e de arquitectura simples, denotando porém grande antiguidade.

Voltada ao poente, tem sobre a sua porta principal uma sineira com seu sino. Dentro, no lugar próprio, está uma curiosíssima pia baptismal, muito antiga, em granito lavrado.

O altar-mor é de bem lavrada talha renascença e os tectos, tanto os da Igreja como os da Capela-Mor, são de castanho com caibros descobertos.

Tirando o pavimento, todo em inestético cimento, o seu conjunto, ainda que pobre, é artístico e ao contemplá-la, na sua vetustez, parece uma veneranda velhinha enfeitada com seus limpos e bem conservados trapinhos.

Nesta capela, antiga Igreja Paroquial, conferiu por vezes ordens sacras o santo bispo do Porto D. António Barroso, quando do seu exílio da diocese.

Ao norte, um pouco afastado, estava o Cruzeiro Paroquial, do qual apenas existe a base e a coluna de construção tosca.

Dizem que aqui foi solar dos Molnes, família antiga, senhores da Honra de Carcavelos, na próxima freguesia de Góios, antecessores ou ligados por parentesco com os Góios, que, diga-se de passagem, são diferentes dos Gois, cujo solar é na Beira.

A freguesia de Santiago de Moldes uniu-se à de Santa Marinha de Remelhe em data que ignoro (1).

(1) Em 1527 ainda tinha vida independente, como se vê do Censo da População daquele ano.

Esta última também era do Real Padroado, passando na mesma ocasião da de Santiago, para a jurisdição do Colégio de S. Pedro e S. Paulo, ou dos Apóstolos, da Companhia de Jesus em Braga.

Os seus párocos, ainda que algumas vezes fossem tratados por Abades, eram geralmente conhecidos por Vigários, tomando o título de Reitores só depois de 1852.

Vem esta freguesia também nas Inquirições de 1220 com a designação — « De Sancta Marina de Remeli » nas Terras de Faria. Nelas se diz que o rei não tem aqui reguengo e que « de ista ecclesia dant de foro domino Regi pro censuria j. lenzo; et abbas solus dixit quod dominus Rex Alfonsus, qui modo regnat, quitavit illum pro anima sua, sed quamvis non habet inde cartam ».

« Et de hereditate que fuit de Marefes dabant de fossadeira medium bracale j gallinam, et pectabant vocem et calumpniam; et modo habet illam domna Ouroana, et sus enteados, que est ama de Regina Domna Mafalda et non habet inde Rex ergo j. cubitam (1).

A antiga Igreja Matriz desta freguesia era um pouco mais ao norte da actual e foi reformada *á fundatis* e colocada no sítio onde está no ano de 1725, por iniciativa do seu pároco José da Silva Fonseca, com donativos dos fregueses.

A Sacristia e Capela-Mor foram construídas à custa dos Padroeiros em 1726.

Em 1788 fez-se a torre, ao lado direito da fachada, sendo nela colocados os sinos que estavam em um torreão de madeira.

O altar-mor é em bela talha dourada, estilo barroco, e os tectos em caixotões pintados. Estes foram feitos

(1) Alexandre Herculano — Port. Mon. Hist. Inquisitiones.

depois de 1777, como se vê do Livro dos Capitulos desta freguesia.

No pavimento da Igreja, ao centro, existe uma sepultura rasa, cuja tampa de pedra tem a seguinte inscrição: — S^a D. R. P. JOSEPH. D. SILVA FONC.^a QUE COMPROV... SEM anos 17. Algumas das letras, gastas pela acção do tempo, já se não lêem. A Residência Paroquial, ao poente e em frente à Igreja, foi construída em 1752.

O Cruzeiro Paroquial está no largo em frente ao Cemitério e é pequeno, baixo, nada tendo de notável.

Tem esta freguesia três capelas:

A *Capela de Santiago*, sita no lugar de Santiago, foi a antiga matriz da freguesia de Moldes e hoje é capela pública.

Por ameaçar ruína em 1839 fizeram-se nela obras de pedreiro, carpinteiro e caiador.

A *Capela do Senhor dos Passos*, erigida ao lado da estrada, no cruzamento desta com a Avenida que dá acesso à Igreja Paroquial, com esmolas dos seus devotos, foi cedida à Junta da freguesia em 1867.

Esta capela, onde se alberga a imagem do Senhor dos Passos, é pequeníssima, tendo em frente um alpendrinho de quatro colunas. Na base da cruz que se ergue sobre o telhado tem a data 1869.

Capela de Santa Cruz que alveja no extremo da freguesia, na encosta do monte, é de construção humilde; tem sobre a sua porta principal a seguinte inscrição: — SANTA. CRVS.

Por cima da fresta, aberta ao lado daquela porta, tem a data — 1842 e do outro, no sítio onde devia ter a outra fresta, vê-se uma lápide com a seguinte inscrição — A. FESTA. HE. NO. PR.^o DOMINGO DE JVNHO.

Dentro, no soalho, tem uma abertura feita em forma de cruz e cercada de grades de ferro, para indicar o

sítio onde apareceu na terra a cruz que deu causa à erecção desta capela.

Ao poente e pouco distante dela existe o cruzeiro, há pouco tempo reformado e todo revestido de cimento, onde vão as procissões no dia de festa.

Tem esta freguesia os seguintes Nichos ou Alminhas: o de Remelhe, ao lado da estrada, e o dos Paranhos, junto à antiga estrada real de Famalicão a Barcelos, perto do Perdigão.

A Confraria do Sacramento foi instituída em 1726 e funciona na Igreja Matriz. O Cemitério Paroquial tem sobre o seu portão a data 1887.

Foi acrescentado em 1927, alargando-se para a frente, para dar lugar à construção da capela monumento a D. António Barroso.

É esta uma linda e característica ermidazinha de aldeia, com seu alpendre em colunas de granito; dentro tem altar em que se pode dizer missa e ao centro uma mesa de pedra, onde assenta a urna funerária que contém o corpo deste santo bispo.

Foi mandada construir, conforme o projecto do distinto architecto snr. J. Marques da Silva, por uma comissão organizada pelo sr. Dr. Bento Carqueja, Director do diário «O Comércio do Porto», e com o produto de uma subscrição aberta para esse fim.

Neste cemitério vêem-se vários jazigos de famílias, dos quais destacaremos apenas dois: o de D. António de Sousa Barroso, mandado por ele fazer em 1899 e o da família da Casa de Torre de Moldes, em forma de capela.

Por cima da porta tem este a seguinte inscrição: «A Saudosa Memoria de F. A. de Brito Limpo» e ao lado outra que diz assim: «A. D. Gonçalves, construtor, R. Saraiva de Carvalho 240, Lisboa. Marmore de Cerca de Santo Antonio de Estremoz».

Está esta freguesia situada na encosta poente do monte de Remelhe, ou Monte Grande, e confronta pelo norte com a de Alvelos e a de Gamil, pelo nascente com a de Midões e a de Santa Eulália de Rio Covo, pelo sul com a das Carvalhas e a de Góios, e pelo poente com a de Pereira e a de Alvelos.

É servida pela Estrada Municipal, que de Barcelinhos, lugar do Areal, comunica com a de Barcelos às Fontainhas, e segue até às Carvalhas onde se bifurca para Silveiros, Chorent e Góios.

É servida ainda por um travesso que desta estrada passa pela Escola e dá comunicação com aquela Estrada de Barcelos às Fontainhas, no alto das Portelas em Pereira.

Em 1927 foi aberta a Avenida da estrada até à Igreja Paroquial.

Nasce nesta freguesia, no sítio de Campelos, o ribeiro dos Amiais que vai desaguar no Cávado, lugar de Mareces, freguesia de Barcelinhos.

Tem as seguintes fontes públicas: Igreja, Tanque, Felgueiras, Cachada, Sobreiro, Quintão, Lama, Bouça, Rio, Amiães, Vilar, Portela (Fonte Velha), Portela (Fonte Nova), Casal ou Bráziela, Barrouco, Ribeirinho, Remelhe, Santa Marinha, Santa Cruz, Prado, Branco, Pedro e Campelo.

A sua população no século xvi era de 48 moradores (Moldes 23 e Remelhe 25); no século xvii era de 70 vizinhos; no século xviii era de 85 fogos; no século xix era de 493 habitantes e pelo último censo da População é de 629 habitantes, sendo 275 varões e 354 fêmeas, sabendo ler 91 homens e 36 mulheres.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Outeirinho, Santiago, Casa Nova, Vilar, Lama, Quinta, Sobreiro, Portela, Igreja, Torre, Bouça, Gaiteira, Cachada, Moldes, Paranhos e Felgueiras.

Tem Escola Oficial para ambos os sexos, que funciona em edifício próprio.

Este tem na frontaria, voltada à estrada, a seguinte inscrição: — ESCOLA. FUNDADA. POR. DOMINGOS. GOMES. FERREIRA. DA. COSTA. 1894.

O seu comércio é exercido principalmente em quatro lojas ou vendas, havendo ainda nesta freguesia vários negociantes por junto de gado lanífero e caprino. A sua indústria está reduzida a engenhos de serrar madeira e algumas moendas.

As casas mais importantes desta freguesia são: a da Torre de Moldes, a de Moraes, a da Fonte, a de Santiago, a de Vilar, a da Torre, a do Lapreiro, a dos Penedos, a da Vessada, a do Cruzeiro, a da Casa Nova, a de Paranhos, a Quinta do Vale e a da Portela. ←

No lugar de Moldes, junto à casa onde nasceu, mandou construir o saudoso bispo do Porto D. António Barroso uma modesta habitação onde viveu alguns momentos de descanso, que foram poucos, e os longos dias de exílio da sua diocese.

Foi esta freguesia berço e deu guarida a homens ilustres. Mencionaremos alguns.

Manuel da Silva Fonseca, natural da freguesia de Santa Eulália de Rio Covo, senhor da Casa da Torre de Moldes nesta de Remelhe pelo seu casamento com D. Isabel de Mariz, criou à sua custa uma Companhia de Auxiliares de que foi Capitão, servindo com ela na defesa das fronteiras nas guerras da aclamação.

P.^e José da Silva Fonseca, natural desta freguesia, e seu pároco durante muitos anos. Por sua iniciativa fizeram-se obras na Igreja Paroquial em 1726.

«A crónica da Provincia da Soledade», Parte I, livro IV, cap. V n.º 32 a folhas 297, refere-se a este pároco de Remelhe, dando-o como um dos subscritores para

a Capela do Senhor da Fonte da Vida no Convento da Franqueira.

O *Dr. José Valério Pereira da Fonseca*, natural desta freguesia, senhor da Casa de Morais, Juiz de Fora em Figueira de Castelo Rodrigo, Desembargador da Relação do Porto, 1792, Corregedor da Comarca da Guarda (1803) Superintendente Geral das Munições de boca para as tropas da Província do Mingo, etc.

O *Dr. João Nepomuceno Pereira da Fonseca e Silva Veloso*, irmão do antecedente e senhor da Casa de Torre de Moldes, foi Juiz de Fora na vila da Mecejana (1778), Ouvidor da Comarca de Barcelos (1809).

Casou em 3 de Julho de 1789 com D. Francisca Isabel Cabral Limpo Brito Guerreiro de Aboim, da vila de Aljustrel. Preso quando estava na sua casa de Remelhe pelas Ordenanças do couto de Capareiros, foi morto nos Arcos de Valdevez em virtude de um tumultuoso Conselho de Guerra, após a invasão francesa, acusado de jacobino, quando é certo que este ilustre Remelhense, pela sua influência pessoal e no exercício do seu cargo, livrou a vila de Barcelos dos vexames que às outras terras inflingiram os invasores.

Por sentença da Relação do Porto de 15 de Março de 1810, foi reabilitada a sua memória, reconhecendo-se-lhe naquela sentença as suas altas qualidades de cidadão, amante da sua pátria e defendendo-a e prestando-lhe valiosos serviços.

Domingos Gomes Ferreira da Costa, natural desta freguesia, adquirindo no Brasil grandes haveres, dotou-a com um edifício para as suas escolas.

José Narciso da Costa Amorim, desta freguesia, escreveu em 1860 um interessante e curioso livro sobre as obras da Igreja Paroquial e outros factos importantes. Encontra-se o manuscrito na casa de Santa Marinha, e o

título diz: «feito por devoção e caridade de José Narciso da Costa Amorim».

Francisco António de Brito Limpo, natural desta freguesia, senhor da Casa da Torre de Moldes, assentou praça em 1853, foi promovido a Alferes de Engenharia em 1857, a Tenente em 1859, a Capitão em 1871, a Major em 1880, a Tenente-coronel em 1885 e a Coronel, posto em que faleceu, em 1890.

Muito considerado, deixou o seu nome ligado a um instrumento de precisão e a várias obras importantes. Escreveu e publicou livros e vários artigos em jornais.

Casou com D. Adelaide da Costa Brandão, faleceu em Lisboa em 8 de Abril de 1891 e jaz no cemitério de Remelhe, para onde foi trasladado o seu cadáver em 1893.

D. António José de Sousa Barroso, nascido nesta freguesia em 5 de Dezembro de 1854, frequentando o Colégio das Missões Ultramarinas do Sernache do Bom-jardim, ordenou-se de presbítero e foi missionar em África.

Missionário no Congo, 1880, foi bispo de Hymeria e Prelado de Moçambique, 1891, bispo de Meliapôr, 1897, bispo do Porto, 1899, onde faleceu em 30 de Setembro de 1918.

Trasladado o seu cadáver para Barcelos e daqui para o cemitério de Remelhe foi inumado no jazigo por ele mandado fazer.

O jornal «O Comércio do Porto», tomando a iniciativa da constituição de uma Comissão e de uma subscrição pública, mandou erigir a Capela-monumento no cemitério desta freguesia, para onde foi trasladado o corpo deste santo bispo em 5 de Novembro de 1927, após solenes exéquias na Igreja Paroquial a que concorreram vários bispos, muito clero e imenso povo.

E na freguesia que lhe foi berço dorme o eterno descanso aquele que foi um bispo modelar, um ilustre cidadão e um ardente patriota.

Ditosa pátria que tal filho teve!

Para atestar a passagem dos celtas por estas terras existiu em uma bouça, perto da Capela da Cruzinha, um dolmen (1).

Esse monumento pre-romano foi vendido pelo proprietário do prédio a um pedreiro que o rachou para esteios!

Há ainda perto do lugar da Portela o sítio denominado Anta, que pelo nome nos faz lembrar a passagem por aqui daquele povo.

É no ponto mais elevado do monte de Remelhe, denominado os castelos, que os povos das circunvizinhanças ainda vão no último dia do ano observar as *temporas*, como é costume dizer-se.

Acendem nesse lugar um facho de palha à meia noite desse dia para observarem donde sopra o vento; desta maneira eles predizem se o futuro ano é seco, chuvoso, etc.

E tão arreigados estão nesta crendice que é perigoso contradizê-los.

(1) Informa-me o sr. B. Antas da Cruz que foi, em companhia do falecido Dr. Ferraz, examiná-lo e que o achou perfeito.

Santa Eugénia de Rio Covo

Rio Covo, orago Santa Eugénia, foi primitivamente do padroado do mosteiro da Várzea, passando, depois da sua extinção, para outros padroeiros, um dos quais foi o convento dos Cónegos Seculares de S. João Evangelista (Loios), do Porto, por D. Manuel de Noronha (1) ter renunciado esse direito em beneficio a este convento tendo essa renúncia sido confirmada por Bula do Papa Paulo III, no ano de 1535.

Desde então até 1834 ficou o seu pároco a ser apresentado, com o titulo de vigário, pelo Reitor deste convento.

O nome de Rio Covo vem a esta freguesia do ribeiro, afluente do Cávado, que a banha e nela têm a sua confluência.

O rio Covo dá o seu nome a duas freguesias deste concelho: uma quase na sua nascente, Santa Eulália, e outra na sua foz, esta de Santa Eugénia.

Nas Inquirições de 1220 vem esta freguesia com a designação: — «De Sancta Eugenia de Couto da Varzea»,

(1) *Padre Francisco de Santa Maria — Ceo Aberto na Terra ou História das Sagradas Congregações — Livro II, cap. IX e XXXVI, pág. 399 e 512.*

nas Terras de Faria e nelas se diz que o rei tem aqui alguns reguengos, fora do couto, e que «ista ecclesia est Varzea».

Santa Eugénia, juntamente com outras, pertenceu ao couto da Várzea. Esse couto foi dado, por carta de 8 de Novembro de 1401, a D. Afonso, 8.º Conde de Barcelos e mais tarde 1.º Duque de Bragança (1), não constando que ela tivesse sido retirada posteriormente à extinção daquele mosteiro, da jurisdição a que pertencia.

O P.º Carvalho, porém, na sua Corografia Portuguesa, a pág. 278, escreve quando se refere a esta freguesia:

«Dizem foy antigamente couto de Guimarães & por castigo, & privilegio que tinham erão os moradores obrigados a ir-lhe varrer as ruas; mas sendo muy prejudicial a Barcellos haver aqui este couto tam seu visinho, em que se recolhião seus criminosos, donde sahião a rouballos lhes derão em troca as duas Freguesias de Cunha & Ruyhe com a mesma obrigação».

Na verdade era grande o *privilégio* que tinham os moradores de Santa Eugénia de irem varrer as ruas de Guimarães! . . . Não se encontra porém uma base segura para architectar tal prerrogativa e muito menos para afirmar que esta freguesia fosse couto de Guimarães.

É certo que o P.º Carvalho se estriba no *dizem* para nos dar tal novidade.

A crítica histórica, senhora que por certo não era do seu conhecimento, o chamará porém um dia a contas; nós pela nossa parte deixaremos em paz as cinzas de tão emérito patranheiro.

O que é muito para admirar é que alguns escritores, como W. no seu belo artigo — «Barcelos e seus difama-

(1) J. Mancelos Sampaio — *Resenha Histórica*, pág. 47.

dores» admitisse a hipótese de que Santa Eugénia fosse couto de Guimarães, que se desse a troca desta freguesia e consequentemente o trespasse da obrigação dos seus moradores.

É um facto incontestável que os moradores de Cunha e Ruilhe tinham a obrigação de, em certas épocas do ano, irem varrer as ruas e açougues de Guimarães: vê-se da sentença dada naquela vila em 23 de Junho de 1608, na qual se reconhece aquela obrigação antiquíssima, e da Provisão de D. João V, de 25 de Fevereiro de 1743, que a extinguiu.

Que os moradores daquelas duas freguesias ficassem a substituir os desta no honroso cargo de varrer as ruas de Guimarães não se encontra porém em documento algum autêntico; apenas o vago e impreciso *dizem* do citado padre.

Pinho Leal no Portugal Antigo e Moderno, volume 8.º, páginas 190, dá esta freguesia de Santa Eugénia como pertencente ao julgado de Vermuim. Parece haver equívoco, pois é fora de dúvida que era do julgado de Penafiel.

No Censo da População de 1527 diz-se que pertencia a este julgado — «Titulo do julgado de Penafiel — Sancta Ugenia».

Corre na tradição oral que a primitiva Igreja matriz esteve no sítio da Fonte Nova.

De um curioso livro, escrito pelo vigário Heitor de Góis Barbosa, consta porém que a actual Igreja está no mesmo sítio da antiga e que foi reformada *á fundamentis* em 1756.

O seu novo torreão, de duas sineiras, ergue-se ao lado direito do frontispício e foi construído em 18...

Quando da grande reforma da Igreja, fizeram uma pequena sineira do outro lado, onde puzeram o sino fundido em 1712, hoje tudo desaparecido.

A Capela-mor foi reconstruída posteriormente à reforma da Igreja, sendo benzida em 8 de Dezembro de 1760.

O Sacramento foi instituído permanentemente em 1768.

Há na parede direita do corpo da Igreja uns preciosos quadros muito antigos.

Existe uma única confraria: a de Nossa Senhora da Vitória, muito antiga, com estatutos de 1603, que julgo não sejam os primitivos e que foram reformados em 1914.

Na Igreja não havia sepulturas privativas, todas eram comuns; mas quem fosse enterrado dentro dela, sendo cabeceira, pagava 200 reis e sendo família pagava 100 reis para as obras da mesma.

O Adro, todo cercado por parede, servia de cemitério e foi benzido em 26 de Junho de 1774.

Neste, junto à parede do lado sul e em frente à sacristia da Senhora da Vitória, esteve um curiosíssimo túmulo que hoje se vê no Museu das Torres dos Condes Duques de Barcelos, para onde foi mandado levar por o Ex.^{mo} Sr. Dr. Miguel Pereira da Silva Fonseca, quando Presidente da Câmara Municipal.

No apreciado livro do sr. José Mancelos Sampaio, «Barcelos-Resenha Histórica», a fl. 16 vem uma bela fotografia desse túmulo. Essa fotografia foi feita por o sr. Augusto Soucasaux, que a anotou assim: «Túmulo românico dos fins do século XIII, bellissimo e perfeito. Ornamentado nas faces com trilóbulos e quadrilóbulos, círculos concentricos, crescente, signosaimão, etc. Alguns motivos desta arte também se vêem nos jugos que predominam no nosso concelho.

Inscrição que está gravada na tampa, com bastante nitidez, é esta: ISTE: TVMVLO: EST: DOMINICI: PETRI: DICTI: SEQVEIRA: DE: BARCEL: ET: FECI: FVIT: MESE: JVLII: E: MCCC: XX: II. »

Como se vê da inscrição este túmulo é do século XIII e dizem-me que esteve primitivamente na quinta do Desterro.

Em frente à matriz estende-se um amplo terreiro, ao fundo do qual se ergue o Cruzeiro Paroquial, sem data, que deve ser da mesma época da reforma daquela e ao lado nascente deste está o Cemitério, cujo portão ostenta a data 1887. Contém alguns jazigos.

Ao lado nascente da Igreja está a Residência Paroquial, a cair em ruínas, e no cruzamento da avenida que vai do cemitério à antiga Estrada Real de Barcelos a Braga vêem-se umas *Alminhas*, conhecidas por alminhas dos *Carvalhos*, com seu alpendre, tendo a data 1875.

Neste mesmo sítio existiu um outro Nicho ou Alminhas que foram mudadas para o sítio do Pinheiro, ao lado da Estrada Nacional n.º 4. Estas Alminhas são hoje conhecidas por *Alminhas do Pinheiro* ou *Senhor da Telha*. Este nome advem-lhe da devoção que os carreteiros de telha têm de quando passam por ali deixarem uma telha para as suas obras.

Na sua frente existe um pequeno alpendre com bancos; por cima tem gravado na pedra 1729 e aos lados pintadas as seguintes inscrições: «FOI. CONSTRUIDA. ESTA. OBRA. NO. ANNO. DE. 1729», e mais abaixo: «FORÃO. MUDADAS. PARA. ESTE. LOCAL. NO. ANNO. DE. 1857», do outro lado: «FORÃO. PINTADAS. NO. ANNO. DE. 1870» e mais abaixo «FORÃO. RETUCADAS. NO ANNO DE 1886».

Existiu uma única Capela e essa particular, a de Nossa Senhora do Desterro, junta à casa do mesmo nome.

É brasonada e tem sobre a padieira da porta a seguinte inscrição: «DIOGO. DE. MENDANHA. FERRAZ. MANDOV. FAZER. ESTA. ERMIDA. DA. S.^a DO. DESTERRO.» e na padieira «1630».

Conserva ainda exteriormente as suas linhas architectónicas, mas está há muitos anos profanada; foi corte de ovelhas e o seu último proprietário, Fernando António Simões Vilaça, no sítio onde estava o altar, mandou fazer uma chaminé, servindo hoje de cozinha dos caseiros!

Está esta freguesia situada na planície que se estende ao norte do monte de Maio e confronta pelo norte com o rio Cávado, pelo nascente com as freguesias de Areias de Vilar e Adães, pelo sul com as da Várzea e Gamil, e pelo poente com as de Alvelos e Barcelinhos.

É banhada de sul a norte pelo rio Covo e de nascente a poente na sua extremidade pelo rio Cávado e atravessada na sua maior extensão pela Estrada Nacional n.º 4 de Barcelos a Famalicão.

De sul a norte é também atravessada pela linha férrea do Minho e Douro, aberta ao público, de Barcelos ao Porto, em 21 de Outubro de 1877.

Uma das suas obras mais importantes nesta freguesia é a ponte metálica sobre o Cávado; foi obra da Casa Eiffel de Paris e mede 130 metros de comprimento.

As fontes desta freguesia são: a Fonte da Barroca, a do Assento, etc.

Existe uma fonte particular na Quinta do Desterro conhecida pelo nome de Santo Antão, com nicho e imagem do santo.

A população no século xvi era de 34 moradores; no século xvii era de 70 vizinhos; no século xviii era de 53 fogos; no século xix era de 296 habitantes e pelo último censo de população é de 351 habitantes, sendo 162 varões e 189 fêmeas, sabendo ler 56 homens e 13 mulheres.

Não tem escola oficial e tem uma caixa do correio.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Assento, Eido, Pinheiro, Regatos, Moinhos,

Torre, Fonte Fria, Cruzeiro, Quinta, Lubagueira, Caniça, Bairro e Bouça de Airó.

As suas casas mais importantes são: a da Torre, a do Desterro, a do Eido, a do Órfão, a do Pinheiro, a do Quintas, a de Lubagueira, a dos Meireis, e a de Macieira.

Houve nesta freguesia um Morgado importante que foi o dos Góis, do qual foi possuidor o «Alferes Barcelense» Gaspar Góis do Rego bem como o foi também do de Marece em Calvelo. As terras que constituíam esse Morgado, do qual fazia parte o açude do Rio Cávado nesta freguesia, fraccionaram-se.

Ainda há poucos anos havia terras que eram foreiras a Calvelo; talvez as que pertenceram ao Morgado dos Góis.

Não tem esta freguesia, caso raro, loja ou venda e a sua indústria está reduzida a alguns moinhos de farinar e pouco mais.

Existem nesta freguesia os seguintes açudes: um no Rio Cávado e dois no rio Covo.

Dos homens mais ilustres, cujos nomes andam ligados a esta freguesia, mencionaremos os seguintes:

Gaspar de Góis do Rego, «O Alferes Barcelense», filho de António do Rego Barreto, Almojarife e Juiz dos direitos reais em Barcelos, senhor do Morgado de Marece em São Pedro de Calvos, que julgo ser São Pedro de Calvelo, e do Morgado dos Góis em Santa Eugénia de Rio Covo (1).

Sucedeu por morte de seu pai naqueles Morgados, sendo Comendador de Santa Olaia, na Ordem de Cristo, etc.

Foi casado com D. Maria Tavares, filha bastarda de D. Fulgêncio de Bragança, Chantre da Colegiada de Bar-

(1) *Rocha Martins — Legendas de Portugal, vol. III, pág. 15.*

celos, filho do segundo matrimónio do Duque de Bragança D. Jaime, o que assassinou a primeira mulher por desconfianças que teve com um gentil págem.

Gaspar de Góis do Rego, aparentado com a melhor nobreza do reino, disfrutou pingues cargos e foi o companheiro do infantil Duque de Barcelos D. Teodósio na infortunada jornada de África, como alferes de bandeira dos Braganças, sendo um dos muitos que desapareceu na terrível voragem das margens do Lucus.

D. Manuel de Noronha, abade de Santa Eugénia de Rio Covo, nomeado bispo de Lamego, renunciou o benefício desta Igreja ao Convento dos Lóios da cidade do Porto.

Diogo de Mendanha Ferraz, que mandou fazer a capela de Nossa Senhora do Desterro, junto à quinta do mesmo nome, em 1639.

Heitor de Goyos Barbosa, vigário de Santa Eugénia no fim do século XVIII escreveu umas «Lembranças», espécie de Memórias, acerca desta freguesia.

Além das referências que a elas já fizemos, relataremos alguns factos aí narrados por serem curiosos.

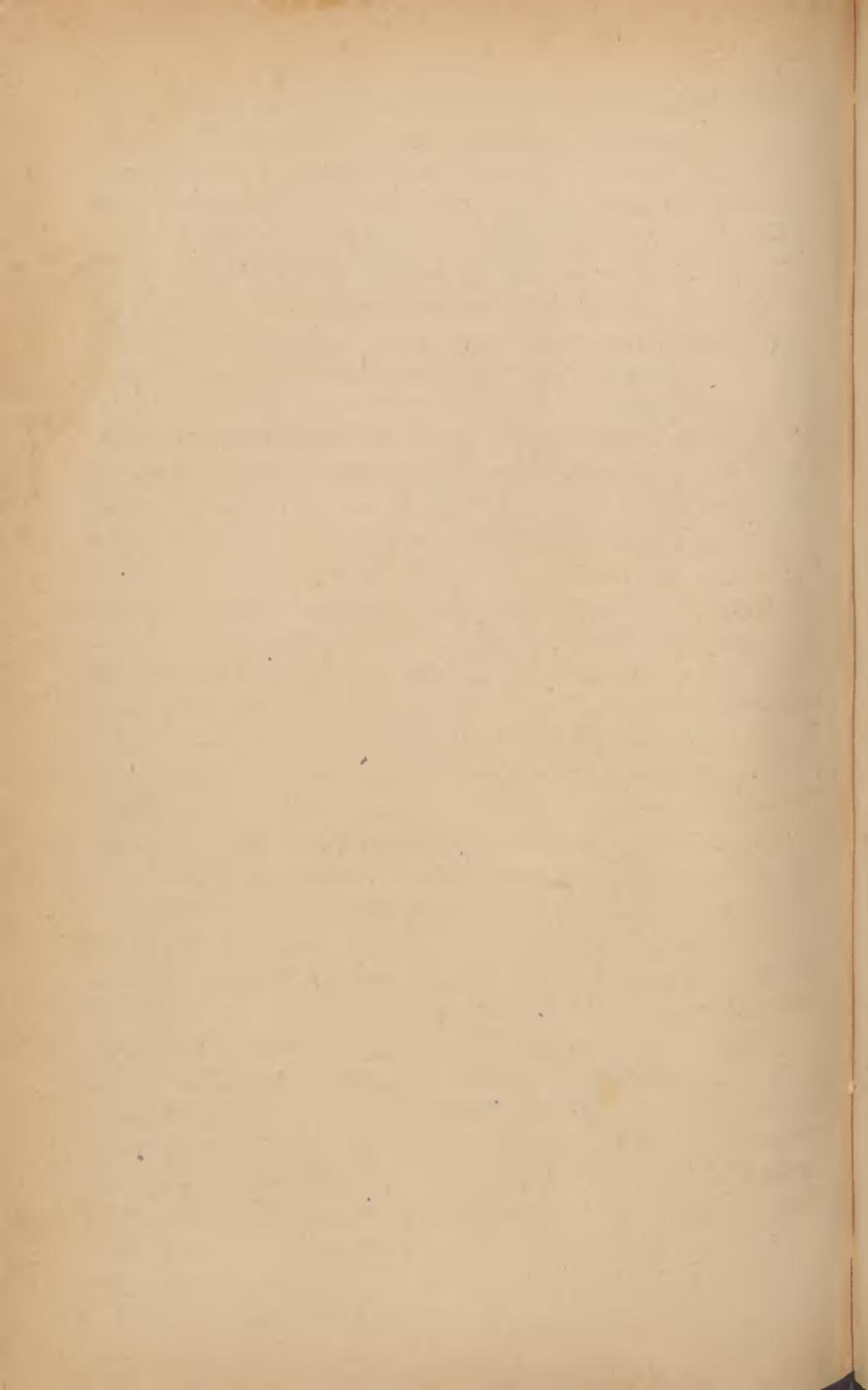
No dia 8 de Janeiro de 1789 caiu tal nevão nesta freguesia que a neve chegou a atingir dois palmos de altura. Diziam os velhos que há 51 anos tinha sucedido igual facto.

Em 24 de Janeiro de 1800, depois de terem dado as 6 horas da manhã, caíu por terra a fronteira da torre da ponte de Barcelos e, como caísse sobre a ponte, «botou abaixo um grande pedaço sobre o primeiro arco; porém não chegou a demolir o arco por estarem as pedras muito trabadas».

— Em 25 de Janeiro de 1747 houve alguma chuva moderada e nos dias seguintes continuou, começando a soprar «vento vendaval» de maneira que no dia 28 appareceu o rio Cávado «tão abundante de aguas que produziu a maior cheia que nele se acorda, de tal sorte que

abundou muito acima dos olhaes da ponte da vila de Barcelos e embaraçou a sahida para a dita vila, abaixo da Capela de Santo Antonio de Barcelinhos, entrando pelo Campo de Cima para a parte de S. Braz e sahindo eu pela tarde a ver as muitas aguas, vi andar inundado e coberto o Campo do Dessegueiro da residencia desta Igreja, sem embargo de tão distante, alto e retirado: e para de que seja Deus louvado para sempre nas suas obras e prodigios, fiz esta lembrança hoje ut supra — Heitor de Goyos Barbosa, vigario ».

Esta freguesia no Tombo e mais papeis do Arquivo da Sé de Braga, e no Roteiro de Visita na Câmara Eclesiástica acha-se designada pelo nome de Santa Eugénia de Peñafiel ou Penafiel.



Santa Eulália de Rio Covo

Rio Covo, orago Santa Eulália, santa espanhola, também conhecida por Santa Olaia, Santa Ovaya e Santa Baia.

O nome desta freguesia vem de um pequeno regato que a atravessa.

Rio Covo, segundo o P.^e Antóno Gomes Pereira, quer dizer *rio fundo*.

É tão pequeno nesta altura este regato que não é conhecido aqui pelo nome de rio Covo: toma os nomes dos lugares ou campos que banha.

Assim chamam-lhe rio de Mance, rio da Pereira, rio da Retorta, etc.

O rio Covo nasce nas poças da Naia, freguesia das Carvalhas, atravessa a de Silveiros e esta de Santa Eulália, e, juntamente com um outro pequeno regato que vem de Sequiade e no qual se lança, vai desaguar no Cávado, na freguesia de Santa Eugénia, que também toma o seu nome.

Santa Eulália de Rio Covo está situada parte na encosta do Monte de Remelhe, que aqui lhe chamam Monte Grande, e parte em vale ameno e fértil. Confronta pelo norte com as freguesias de Midões e Crujães; pelo nascente com Moure, Fonte Coberta e Carreira; pelo sul com Carvalhas e Silveiros; e pelo poente com Remelhe.

O primeiro documento em que nos aparece mencionada esta freguesia, são as Inquirições de D. Afonso II, em 1220.

Santa Eulália de Rio Covo estava nas Terras de Faria.

O rei não tinha aqui algum reguengo e davam ao Senhor da terra de «colheita» (1) umas vezes o terço, outras o quarto e outras o quinto.

Esta freguesia tinha dentro dos seus limites sesmarias e 18 casais, o Hospital 11 casais, o Sepulcro 1 casal e Várzea 4 casais (2).

Santa Eulália de Rio Covo, ou por outra, a sua comenda, tinha ainda casais em Midões, Silveiros, Remelhe, Moldes, Pedra Furada, Chorente, Moure, Paradela, Pereira, etc.

Nas Carvalhas tinha sete casais *et istam ecclesiam* e em Gualter *et uma heremita com suo casale*.

Foi antiga comenda dos Templários.

Esta Ordem, segundo a opinião de alguns escritores, foi admitida em Portugal em 1125 pela rainha D. Tareja.

Em 1128 já tinha casa em Braga, onde também teve um Hospital.

Extinta a Ordem dos Templários em 1312, el-rei D. Dinis criou a nova Ordem de Cristo, passando para esta todos os bens daquela.

Santa Eulália de Rio Covo passou a ser então uma das boas comendas de Cristo.

Quando em 1718 Fr. Luís Xavier Furtado de Castro do Rio Mendonça, Visconde de Barbacena, Comendador de Santa Eulália de Rio Covo, mandou fazer o Tombo

(1) Foro ou pensão que davam ao Senhor da Terra quando ele vinha a ela. Depois pagava-se mesmo quando não vinha — *Vitervo vol. I, pág. 209.*

(2) *Port. Mon. Hist. — Inquiriões, pág. 233.*

desta Comenda, dele consta que possuía terras nesta freguesia, nas suas anexas das Carvalhas e Gual, nas de Crujães, Moure, Midões, Airó, Carreira, Pereira, Alvelos, Paradela, Chorente, Remelhe, Silveiros, na vila de Barcelos, deste concelho; nas do Louro, Cavalões e Outiz, do concelho de Famalicão; nas de Fonte Boa, Palmeira e vila de Esposende, do concelho de Esposende; nas de Balazar, do concelho da Póvoa de Varzim; em Arouca e no concelho de Gaia.

Tinha esta comenda nesta freguesia casa da Renda, onde recebia as suas pensões, cujos vestígios ainda hoje se vêem junto à antiga residência Paroquial.

O Arcebispo de Braga apresentava o seu reitor e este por sua vez tinha o direito de apresentação de vigário nas anexas das Carvalhas e Gual.

Primitivamente a Igreja Matriz e Residência Paroquial eram em Águas Santas, onde se encontram ainda restos de alicerces de antigas edificações, junto à actual capela do mesmo nome e em um campo onde está o Cemitério Paroquial.

Em meados do século xvii Águas Santas deixou de ser matriz, passando esta para uma capela que perto existia e que, segundo reza a tradição, pertencia à casa de Paços de Cima.

Esta capela, hoje capela-mor da Igreja Paroquial, está interiormente revestida de azulejos nos quais, por cima do arco cruzeiro, tem gravada a data — «Anno de 1619».

Não podemos precisar exactamente a data da transferência da matriz para aqui. Em 1655, porém, já tinha sacramento e entre 1656 e 1658 fizeram-se nela algumas obras, aumentando-a e aformoseando-a.

O que é certo porém é que em 22 de Abril de 1680, como se vê de um assento dos «Livros dos Visitadores», já se paroquiava na nova Igreja.

No século seguinte é que foram feitas as obras mais importantes, que ainda hoje se vêem, e em que predomina o estilo barroco.

Na sacristia existe um lavatório em granito, com a figura de Neptuno montando um golfinho, onde se lê a data 1748. A frontaria da Igreja e torre dos sinos foram construídas em 1752.

É também deste século a construção da capela da Senhora das Dores, do lado da epístola, em frente à porta travessa, pertencente à confraria do Sacramento. Os materiais para estas construções vieram, em grande parte, de Águas Santas; uns cachorros, em que se vêem gravadas várias figuras de animais, que sustentam a cornija da capela-mor, também me parece que de lá vieram.

Tinha esta Igreja duas sepulturas rasas, cujas tampas tiveram gravados letreiros, hoje indicifráveis por estarem gastos pela acção do tempo, e que, dizem, pertenciam: uma à casa da Boa Vista e outra à de Paços de Cima.

A construção da Residência Paroquial é obra também do século XVIII.

Em 1792 um violento incêndio reduziu a cinzas parte dela, a qual foi em seguida reconstruída, e todo o arquivo paroquial.

Esta Residência e passal foram vendidos em 1838, como bens pertencentes à comenda, tendo a freguesia de comprar um campo junto à Igreja e mandar construir uma casa de humilde aparência no outeiro de Águas Santas para moradia dos seus párocos!

A devoção deste povo erijiu várias capelas de que vamos tratar.

Águas Santas, antiga Igreja matriz de Santa Eulália de Rio Covo, é de tão remota fundação que Fr. Agostinho de Santa Maria, no seu «Santuário Mariano», publi-

cado em 1712, diz que no distrito desta freguesia se vê uma antiquíssima ermida dedicada a Nossa Senhora.

Em tempos idos foi esta capela muito frequentada por romeiros e peregrinos que iam a venerar aquela milagrosa Senhora e a tomar banhos na sua fonte.

Deram-lhe o nome de Santa Maria das Águas Santas, aludindo às suas milagrosas águas.

Na época em que foi escrito o «Santuário Mariano» já estas tinham desaparecido.

Poucos anos antes em umas escavações ali feitas, diz ainda aquele autor, encontraram-se alguns *tanques* ou *casinhas*, obradas em boa forma, onde se tomavam os banhos.

O edificio da capelinha, que chegou até nossos dias, era baixo e acanhado.

Em frente à fachada, a qual era encimada por uma pequena sineira, erma de seu morador (1), alongava-se um alpendre ou galilé, com colunatas de madeira, para-peitado e cercado de bancos de pedra.

Ao entrar a porta principal, que era em arco ogival, do lado direito e dentro daquela galilé, existia uma sepultura rasa com escudo ou emblema, a qual, segundo se dizia, pertencia à Casa da Boavista.

Desde que esta capela deixou de ser matriz de Rio Covo foi caindo em ruínas, chegando a tal estado de abandono que em 1815 foi interdita ao culto.

Por volta de 1840 reviveu a devoção deste povo para com Nossa Senhora das Águas Santas e a sua capela foi limpa e recomposta até que, em virtude da sua vetustez, em 1901 derruiu e abateu.

(1) O sino que ali existiu veio para a torre da nova Igreja e é actual «guerrida», sino pequeno.

No mesmo sítio, por iniciativa do reitor de então (1) e com esmolas dos seus devotos, se erigiu o actual edificio moderno e inestético que foi restituído ao culto em 1904.

Capela de Santa Ana. Houve uma capela dedicada a esta santa, nos campos do seu nome, dentro da actual quinta de Paços.

Ignoramos a data da sua fundação bem como a da sua demolição.

Ainda se encontram naquele sítio vestígios da sua existência.

A imagem que aí se venerava foi levada para a actual Igreja Paroquial, lado da epístola, sendo retirada a que aí estava, Nossa Sênhora das Mercês, de escultura antiquíssima, para a sacristia, onde se conservou muito tempo até que um reitor *piedosamente* a mandou enterrar em uma sepultura da capela-mor da Igreja.

Capela da Casa Boa Vista. Junto a esta casa e dentro dos muros da sua quinta existe uma capela com a invocação de Nossa Senhora da Conceição.

Qual a época da sua fundação não a sabemos.

Talvez seja coeva a fundação da casa.

Antão Gonçalves Pereira, Governador do Descobrimento da Guiné, Abade da freguesia de Santa Eulália de Rio Covô, no século xv, «foi o que fez a quinta da Boa Vista» (2).

Não custa a acreditar que ele, como bom padre e fidalgo que era, ao fazer a casa da Boa Vista, fizesse também a sua capela.

Em 1665 estava na administração desta capela seu quarto neto Diogo Borges Pereira, de Barcelos e senhor daquela casa.

(1) P.^o Agostinho Alves Penteado.

(2) Felgueiras Galo, *Título Pereiras* § 15 n.^o 15.

No século XVIII pelo arquivo paroquial se vê que vários visitantes embicaram com o estado de desleixo e abandono em que a encontravam.

Ainda em nossos dias se exerceu ali o culto, mas há bem pouco tempo foi profanada, passando a servir de loja de arrecadação dos moradores daquela casa!

Capela da Casa de Paços. Em 1848 o P.^e José António da Silva Fonseca, vigário da freguesia de Gual, e seu irmão António José da Silva Fonseca, senhor da casa de Paços de Baixo, fundaram junto a esta, lado sul, uma capela em estilo moderno, a qual fica ao centro da casa de Paços depois das obras ali feitas em 1919.

Tem esta capela por patrono «A Família Sagrada».

Existem actualmente dois cruzeiros: o paroquial no adro da Igreja e o das Águas Santas no outeiro do mesmo nome.

Este tem o seguinte leitreiro:

«Anno de 1861—A' Senhora das Aguas Santas — os devotos concorrendo — com trabalho e com dinheiro — erijiram este cruzeiro.»

Junto à Residência Paroquial estão as casas das Confrarias do Sacramento e do Rosário.

Na parede virada ao sul tem a seguinte inscrição:

ERA DE 1642
SE FJZERAÕ ES-
TAS CAZAS DO SOR
E DA SÃR E q FORÃO JOI-
ZES JOÃO AARS VALIM-
TIM TOME MOR JOÃO THOM
FIM E R S

O Cemitério paroquial foi inaugurado em 1887 ao lado da capela das Águas Santas.

→ As casas mais importantes desta freguesia são: as da Boa Vista, Paços, Deveza, Pagãos, Levandeira de Baixo e de Cima, Cruz, Mance, Vilar, Soutulho, Romano, Trás da Fonte e Igreja.

Além das associações religiosas que não têm aprovação civil, existem as seguintes confrarias:

Em Águas Santas, quando ali era matriz, houve a confraria de sacerdotes denominada de S. Pedro.

Era tão antiga que em 1712 já se não sabia a data da sua fundação.

Os seus estatutos reformaram-se em 1614 e foram aprovados pelo Papa Urbano VIII.

Nessa reforma de estatutos se faz referência à sua instituição em Águas Santas, freguesia de Santa Eulália de Rio Covo «no tempo em que florescia a célebre e decantada Religião dos Templários», cuja capela «era então reputada tabernáculo e igreja conventual dos mesmos Religiosos na sobredita paróquia».

Passando esta confraria para a freguesia de Silveiros, fixou-se por fim na de Viatodos, onde já estava quando em 1749 foram reformados, pela terceira vez, aqueles estatutos, tomando então o nome de — Irmandade de Sacerdotes de Nossa Senhora das Neves.

A Confraria do SS. Sacramento foi aprovada em 1575 por Bula de Paulo III.

Em 1772 foram aprovados os actuais estatutos pela autoridade civil e pela eclesiástica em 1777.

Existe ainda a Confraria da Senhora do Rosário que segundo consta foi erecta em 1636 pelo Prior da Igreja do convento de S. Domingos de Viana da Foz do Lima, a quem dava contas até 1821, passando depois a prestá-las às autoridades civis.

Os seus actuais estatutos foram aprovados em 1805 e pela Igreja em 1806.

Tem esta freguesia uma escola para o sexo masculino, criada em 1921, que funciona em casa arrendada no lugar do Agro e Caixa do Correio no lugar do Outeiro.

Pelo censo da população de 1527 tinha esta freguesia 52 moradores; no século xvii 70 vizinhos; no século xviii tinha 80 fogos; no século xix 480 habitantes e pelo último censo da população tem 461 habitantes, sendo 210 do sexo masculino e 251 do feminino, sabendo apenas ler 73 homens e 14 mulheres.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares: Água Levada, Águas Santas, Agra, Agro, Boa Vista, Barroco, Casal, Cabo, Coutada, Cachadinha, Engenho, Guarda, Levandeira, Lamas, Monte de Real, Mógo, Outeiro, Pagãos, Paços, Pachorio, Soutulho, Trás da Fonte Vigia e Vilar.

É atravessada, no extremo nascente, pela Estrada Nacional n.º 4 de Barcelos a Famalicão e das Águas Santas parte uma Estrada Municipal, feita em 1920 por iniciativa do Presidente da Câmara de então sr. dr. Miguel Fonseca, senhor da Casa de Pagãos, que liga com aquela na freguesia de Midões, lugar de Fontelo.

A sua indústria está reduzida à de vassouras de giesta e codêço, vendidas em Barcelos, à de carvão de madeira, vendido no Porto, Braga e Póvoa de Varzim, e pouco mais; o seu comércio a uma pequena loja de mercearia.

É terra fértil e abundante de águas.

É banhada como dissemos, pelo rio Covo e pelo regato de Sub-ribes.

Tem as seguintes fontes públicas: a da Deveza, Barbeita, Águas Santas, Pagãos, Paços, Preguiça, Telo e Chascos.

Das pessoas que nasceram, viveram nesta freguesia ou a ela andam ligados os seus nomes, destacaremos as seguintes :

Gonçalo Nunes de Faria, filho do bom Nuno Gonçalves de Faria, que vendo matar seu pai junto dos muros do Castelo de Faria, defendeu este das arremetidas dos castelhanos e sendo senhor de Azurara, Pindelo e Fão, por mercê de D. João I, se ordenou de clérigo e foi Abade de Santa Eulália de Rio Covo (1) pelos anos de 1380.

Antão Gonçalves Pereira, Governador do descobrimento da Guiné e Abade desta freguesia no século xv, foi o fundador da casa da Boa Vista.

João Gonçalves de Sequeira, foi Abade desta freguesia antes de 1567; mandou imprimir um breviário do século vii, que em 1110 (1070) o Arcebispo de Braga D. Arias achara enterrado no laranjal do convento de S. Simão da Junqueira (2).

Fr. João de Santa Eulália de Rio Covo, frade franciscano, famoso homem de letras, natural desta freguesia, foi duas vezes Provincial da Ordem e viveu nos fins do século xvii (3).

O Dr. D. Fr. João Baptista da Silva, frade beneditino, duas vezes Abade e duas vezes Geral da Ordem (4), nasceu nesta freguesia em 24 de Junho de 1679 e faleceu em Alpendurada em 26 de Outubro de 1765.

(1) Cr. da Prov. da Soledade — Fr. Francisco de Sant'Iago, Parte I Liv. IV Cap. 11 n.º 10, pág. 282.

(2) Port. Ant. e Mod. — Pinho Leal vol. III, pág. 427 verbo — Junqueira.

(3) Cron. da Prov. da Soledade já citada. Parte I, Liv. II, cap. XVII, n.º 111 — Idem, Liv. IV, cap. XXIII, n.º 104, pág. 185 e 505.

(4) Felgueiras Gaio, Título Silvas de Rio Covo § 1.º n.º 16.

Existe o seu retrato na sala do capítulo em Tibães.

O capitão *Manuel da Silva Fonseca*, nasceu nesta freguesia, casou em Remelhe, e fundou e sustentou à sua custa uma companhia de auxiliares com a qual defendeu as fronteiras nas guerras da Aclamação.

O Major *Dámaso José de Andrade Rego e Faria*, que foi Vereador em Barcelos e fez toda a campanha peninsular.

P.^e *Miguel da Silva Fonseca*, foi vigário nas Carvalhas e Cónego Cura na Colegiada de Barcelos, tendo falecido em 1810.

António Carneiro de Figueiredo Pereira Coutinho, senhor da Casa da Boa Vista, nesta freguesia, e do Morgado da Senra, em Vila do Conde, foi deputado às Cortes em 1828.

O Dr. *Miguel Pereira da Silva*, Bacharel Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, nascido nesta freguesia e falecido em Barcelos em 1913, foi Conservador do Registo Predial nesta comarca, onde exerceu os principais cargos.

Cabe a vez de me referir a um obscuro herói, nosso contemporâneo, nascido nesta freguesia, lugar do Barroco, que se chamou *Manuel da Silva*.

Soldado da Grande Guerra, morreu agarrado à sua metralhadora nos Campos da Flandres, praticando tais actos de valor e heroicidade que causaram o assombro do inimigo.

Em um cemitério alemão encontrou-se o seu cadáver (1) em um coval onde se erguia uma cruz com o

(1) A sua identificação foi feita pelo sr. Cónego José Manuel de Sousa, digno Abade de Gemezes, Esposende e Capelão Militar do Corpo Expedicionário Português.

seguinte letreiro naquela língua: «JAZ EM DEUS UM VALENTE SOLDADO PORTUGUEZ QUE MORREU COMBATENDO PELA SUA PATRIA».

É a mais alta justiça que o inimigo podia prestar ao seu valor.

Honrou este humilde soldado não só a freguesia que lhe serviu de berço mas ainda a Pátria pela qual se sacrificou.

São Tiago de Sequiade

SEQUIADE, orago São Tiago, era abadia da apresentação da mitra e o abade apresentava por sua vez vigário na de Santa Comba de Crujães.

Sequiade vem do árabe *assequiat* — o regato ou o ribeirinho.

Esta freguesia é mencionada nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 sob a designação — «De Sancto Jacobo de Ciquiad», nas Terras de Faria.

«Solebat ibi intrare Maiordomus ad vocem et ad calumpniam, et modo non intrat, ibi propter Martinum Johannis militem».

O rei tinha então aqui reguengos dos quais recebia o terço do pão. Esta Igreja tinha sesmarias; Várzea tinha dois casais e o Hospital uma vinha.

A primitiva *Igreja Matriz* de Sequiade esteve em um outro lugar, um pouco ao nascente da actual, distante desta aproximadamente duzentos metros.

Ignoro a data da sua mudança; o templo actual é, porém; pequeno, de exíguas dimensões, e não denota grande antiguidade.

Está no centro de um adro fechado por parede com três portas de serventia. Dentro é pobre, com tectos de madeira pintados, e tem três altares de talha antiga ainda que não de grande merecimento.

Ao lado esquerdo tem uma sacristia e na capéla-mor ao centro, no lugar onde costumava ser a sepultura dos párocos, uma campa rasa, cuja tampa contém uma inscrição que não pude ler.

Ao lado direito do edificio, separado deste pelo adro, ergue-se um pequeno torreãozinho para dois sinos, estando junto a este a *Residência Paroquial*, também modesta.

Nas costas da Igreja, com comunicação para o adro, foi construído em 1925 o *Cemitério Paroquial*, ainda sem gradil, e junto a este, ao poente, está a *Casa do Senhor*, quase em ruínas.

Antes da construção do cemitério enterrava-se no adro, onde ainda se vêem alguns jazigos.

Em frente à Igreja estende-se um comprido terreiro, em forma de avenida, ao fundo do qual se ergue o *Cruzeiro Paroquial* mais que modesto; a sua coluna nasce no chão, sem patamar nem escadas.

As paredes que vedam esse terreiro junto ao cruzeiro são formadas por pedras todas com números gravados nas mesmas.

Sequiade confronta actualmente pelo norte com a freguesia de S. João de Bastuço, pelo nascente com a do Couto de Cambezes, pelo sul com a de S. Miguel da Carreira e a de S. Romão da Fonte Coberta, e pelo poente com a de Santa Maria de Moure.

Dentro dos limites desta freguesia existiu antigamente uma outra que era a de *São Pedro de Sá*.

Aparece-nos esta nas citadas Inquirições de D. Afonso II com a designação — «De Sancto Petro de Saa», nas Terras de Faria.

Nelas se diz que o rei tem aqui 5 casais ermos e um povoado, «Hospitale gaaniavit ibi hereditates de Sancia Gunsalvi et de Maria Menendiz de quibus dabant Regi IIIj cubitus pro fossadeira et pectabant vocem et calumpniam,

et modo nichil inde dant», que «in Paazos juxta Turrem de Sequeira, est quoddam Regalengum, de quo solebant dare Regi terciam partem fructus, est tenet illud Dicatus Veegas et nichil dant inde».

Havia aqui soutos reguengos dos quais davam metade das castanhas e Martinho Anes de Sequeira tinha aqui um campo do qual pagavam pensão ao rei mas agora nada davam.

São Pedro de Sá vem ainda no Censo da População de 1527.— «Titulo do julgado de Farya — a freguezia de San Pedro de Saa, 12 moradores».

No século XVIII conservava ainda uma certa independência; o P.^e Carvalho, na sua Corografia Portuguesa, diz que o abade de Sequiade celebrava missa um domingo nesta freguesia e outro em São Tiago.

São Pedro de Sá foi posteriormente anexa à de São Tiago de Sequiade, ficando extinta.

A sua Igreja Matriz esteve onde hoje está o Nicho ou Alminhas de São Pedro.

Fazendo-se escavações e plantações em um terreno junto a esse nicho encontraram-se então pedaços de telha, pedras de sepulturas, uma pia de água benta, etc.

Era aqui com certeza o local da velha matriz. Perto ainda existe a Residência Paroquial desta extinta freguesia.

Segundo o Padre António Gomes Pereira, Sá, no português antigo *Saa*, contração de *Sala*, vem do antigo alemão *Sal*.

Existia nesta freguesia desde os primeiros tempos da monarquia, a Torre de Sá, possuída durante séculos por alguns deste apelido.

Os senhores desta casa tinham uns monumentos de pedra, jazigo privativo, na Igreja de São João de Bastuço.

Pertenceram a esta família homens ilustres tais como Álvaro Fernandes de Sá, Álvaro de Sá, senhores desta

Torre, Fr. Francisco de Santa Maria, frade loyo, Bispo de Fez, coadjutor do arcebispo de Braga e Arcebispo Eleito de Goa por Filipe I de Portugal, cargo este de que pediu escusa, alegando falta de saúde, falecido em Braga em 6 de Setembro de 1596 e enterrado na Igreja do Convento de Vilar de Frades, e Henrique de Sá, de quem descende o Abade de Santa Maria de Ferreiros, junto à Ponte do Porto, e seus irmãos Fr. António e Fr. Francisco, Abade de Rendufe.

João de Faria da Torre de Sá, filho de João de Sá e de sua mulher D. Jerónima de Faria, senhora da vizinha casa da Torre de Moure, foi também uma vergôntea de um dos principais ramos desta família.

João de Faria da Torre foi casado com D. Isabel da Costa Correia Pereira, nascida em 15 de Maio de 1642, filha de Francisco da Costa Correia e de D. Maria Pereira. Com este casamento aliaram-se os Sás, Farias com os Correias de Penaboa, os Pereiras e Marramaques de Basto.

Alguns descendentes dos Sás da Torre de Sá continuaram o lustre dos seus antepassados; outros porém, decaindo da primitiva posição social, estão disseminados por essas freguesias, cultivando de renda as terras dos descendentes dos servos dos antigos fidalgos, seus avoengos.

As voltas que o mundo dá!

Da velha Torre de Sá hoje nada existe.

Na freguesia de Sequiade ainda se encontram os seguintes *Nichos* ou *Alminhas*: o de São Pedro, acima mencionado, que foi restaurado há poucos anos pela Sr.^a D. Deolinda Pinto de Sá Faria, casada com o Sr. Ludovino da Silva Pereira, o do Fulão, o de Alvite e o do Aido.

Há apenas uma capela pública que é a da Senhora da Piedade, no lugar do mesmo nome.

Este templo, cercado de adro fechado com uma única porta de serventia, está muito bem conservado, o que denota a devoção deste povo pela imagem nele venerada.

Do lado esquerdo da sua fachada ergue-se uma minúscula sineira e mais atrás, do mesmo lado, uma bem proporcionada sacristia.

Em frente desta capelinha, no cruzamento de quatro caminhos, levanta-se um modesto cruzeiro.

Esta freguesia sita na encosta sul do monte de Airó, é banhada pelo ribeiro que nasce em S. João de Bastuço, atravessa Sequiadé, Moure, onde toma o nome de ribeiro de Real ou Regainho, segundo os lugares por onde passa, e vai desaguar no rio Covo, no lugar de Lamas, freguesia de Santa Eulália.

Tem as seguintes fontes públicas: Aido, Barroca, Viso, Moscosa, Teixeira, Moinhos e Gosais.

Não é servida por estrada alguma a macadame e a que lhe fica mais próxima passa a uma distância superior a cinco quilómetros.

O pobre do contribuinte para pagar as suas contribuições tem de calcorrear por ínvios caminhos para aliviar a sua magra bolsa e ficará sem as suas parcas economias ou sem a assistência médica se por acaso a doença lhe bater à porta.

O que lhe vale é isso suceder poucas vezes: no primeiro caso é só uma cada ano e no segundo, dada a altitude elevada em que vive, com boas águas e bons ares, tonificado pelos grandes pinhais que o rodeiam, é raro adoecer.

Para o resto que se conserve alcandorado nas alturas do monte de Airó, isolado do resto do mundo, que não será por isso menos feliz.

E os povos desta freguesia parece que não estão descontentes com a sua sorte, pois pela acta da sessão

da Câmara Municipal de Barcelos de 26 de Janeiro de 1886 se vê que declararam não quererem ir para o concelho de Braga.

Há ainda assim aqui bastante indústria: tem esta freguesia engenhos de serrar, moinhos movidos a água e a vento, e uma fábrica de moagem a vapor.

Está bastante desenvolvida a indústria de marcenaria, onde se fabricam camas, cadeiras, mesas e outros mobiliários que são vendidos às quintas-feiras em Barcelos e exportados para outras terras do país.

Há duas lojas de mercearia e tem uma caixa do correio.

A sua população no século xvi era em São Tiago 22 moradores e em São Pedro 12; no século xvii era na primeira freguesia 67 vizinhos e na segunda 40; no século xviii era nas duas já reunidas 91 fogos; no século xix era de 380 habitantes e pelo 7.º censo de População é de 416 habitantes, sendo 182 varões e 234 fêmeas, sabendo ler 46 homens e 5 mulheres.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Assento, Monte, Volta, Boucinha, Viso, Venda Nova, Agra, Fonte de Onega, Moinhos, São Pedro, Lage, Pila, Furgeal, Bacêlo, Fontainha, Sá, Talhos, Fulão, Piedade, Aido, Agra de Sá e Crasto.

→ As suas casas mais importantes são: a do Aido, a do Furgeal, a de Sá (Fonsecas), a do Fulão, a da Piedade, a da Quinta de S. Pedro, a do Viso, a da Renda e a do Viso (Fonsecas).

Esta freguesia não tem Escola Oficial, mas, segundo me informam, tem tido por vezes promessas para o estabelecimento e construção de uma.

Já não lhe falta tudo e por enquanto que vão remediando; podem mandar os rapazes à de Bastuço, subindo o monte, ou, descendo ao vale, à de Moure ou à de Cambezes; *é perto e bom caminho.*

Em Barcelos tem-se trabalhado nos últimos tempos muito pela construção, mas ainda há grandes lacunas a preencher: imagine o leitor que se pode ir daqui, de Sequiade, até à cidade de Barcelos (uma distância de duas léguas) passando por várias freguesias sem encontrar uma escola oficial permanente.

Fonte Coberta, Airó, Midões, São Bento da Várzea, Gamil, e Santa Eugénia de Rio Covo carecem desse melhoramento!

Da parte do concelho de que estamos tratando é esta a região mais desprovida de escolas oficiais.

Dos homens mais ilustres que nasceram nesta freguesia ou cujos nomes andam a ela ligados destacaremos os seguintes:

Álvaro Fernandes de Sá, senhor da Torre de Sá, em S. Pedro de Sá, hoje anexa à de Sequiade, foi Escudeiro do Duque de Bragança e casado em Vila do Conde com D. Inês de Seixas, da primeira nobreza daquela vila. Foram os pais de Fr. Francisco de Santa Maria, Bispo de Fez, e de Madalena Fernandes de Sá, casada com Heitor Gonçalves Pereira, senhor da quinta da Madalena com geração conhecida.

Aquele senhor da Torre de Sá viveu muito tempo em Santa Eugénia de Rio Covo com seu irmão, que era abade desta freguesia.

Álvaro de Sá, sobrinho do antecedente, foi senhor da Torre de Sá por compra, segundo opina Felgueiras Gayo, e está sepultado em uns monumentos de pedra na Igreja de São João de Bastuço.

Casou com D. Maria Rodrigues, da qual teve geração.

Foram também desta freguesia, José da Fonseca, do lugar de Sá, Custódio Vilaça, do lugar da Piedade, e António Pascoal de Faria, do lugar do Viso.

O último abade colado foi o P.^e António José Ferreira Duarte, falecido em 19...

Em um cabeço do monte, sobranceiro à freguesia de Moure, foi construído um marco geodésico, quando da triangulação de Portugal, o qual arrasaram há anos, colocando no sítio dois moinhos de vento.

Muitas pessoas desta freguesia têm visto de noite caírem do céu estrelas no lugar onde esteve a velha Igreja de São Pedro de Sá; já os seus pais e avós contavam que tinham presenciado semelhante fenómeno.

Todos querem ver nesses fulgores aéreos as almas de alguns santos que vêm visitar os respectivos corpos enterrados ali.

O povo das nossas aldeias vê nas estrelas cadentes, como em todos os fenómenos da natureza que não sabe explicar, alguma coisa de sobrenatural e supersticioso: é a estrela de cada um; quem sabe se será a nossa? Diz ele com arrepios de medo.

É por isso que, quando uma daquelas risca com o seu fulgor a escuridão do firmamento, o nosso aldeão nunca deixa de exclamar: *Deus te guie*, como nós dizemos a um amigo que parte: *boa viagem*.

S. João Baptista e S. Salvador de Silveiros

SILVEIROS, orago S. João Baptista e S. Salvador, foi vigararia da apresentação do Reitor de S. Romão de Fonte Coberta.

A primeira referência a esta freguesia, de que temos notícia, encontramos-na no ano de 965, no documento n.º 91, publicado no *Portugaliae Monumenta Histórica — Diplomatae et Chartæ*, o qual diz assim: «vila Sisbarios teritorio bragalensis subtus montem Asagie inter cadabo et Aliste».

Silveiros, porém, segundo o P.º António Gomes Pereira, vem da palavra latina *Silva*, bosque, querendo dizer *Silveiros*, homens dos bosques.

A derivação do nome desta freguesia fica, pois, para ser discutida entre as pessoas sabedoras e entendidas neste assunto.

A actual área de Silveiros compreendia antigamente duas freguesias: — S. João Baptista e S. Salvador.

As Inquirições de 1220 mencionam estas duas freguesias nas Terras de Faria.

Quanto a S. João dizem «quod dant de duobus casalibus de Sancto Romano ij gallinas Regi, et pectant calumpniam (1). Et de alliis duobus casalibus de Santa Vaia

(1) Coima. Direitos anexos à coroa, que consistiam em pertencer ao real fisco as penas e multas de certos crimes graves — Viterbo vol. I — pág. 158 v. *Calumpnia*.

dabant ij gallinas et pectabant vocem et calumpniam, et modo non dant gallinam nec pectant propter onram de Hereditate Archiepiscopi ».

Quanto a S. Salvador dizem: « quod dabant de fossadeira (1) de quintana de Gunsalvio ij solidos; et quando domnus Martinus Fernandiz tenebat Fariam incautavit ipsam villam, et solebat ibi intrare Maiordomus et modo non intrat ibi nec dant ipsos duos solidos de fossadeira. Et de hereditate de Sueiro Maadio solebat pectare vocem et columpniam, et dabant fossadeiram; et domnus Petrus Gravee compravit inde quinque partes, et modo non dant fossadeiram nee intrat ibi Maiordomus pro voce nec calumpnia ».

Rapidamente do que acabo de transcrever se vê que em S. João havia uma Herdade Honrada do Arcebispo e quanto a S. Salvador que Martinho Fernandes, senhor de Faria, coutou esta freguesia, além do mais que pela leitura do latim *bárbaro* das Inquirições se fica sabendo.

Tinha cada uma delas a sua *Igreja Paroquial*: uma no lugar de S. João e outra no do Salvador.

Em 1527 ainda tinham vida separada e independente, como se vê do censo da população feito naquele ano.

Em 1597 eram já estas duas freguesias curadas pelo mesmo vigário, que aos domingos dizia missa ora em uma ora em outra.

Em 1624 fez-se uma igreja no lugar do Outeiro para o serviço destas duas freguesias, a qual é descrita no Tombo da Comenda de S. Romão de Fonte Coberta,

(1) Tributo real que se pagava por aqueles que tendo obrigação de irem ao fossado uma vez por ano, com efeito não iam—idem vol. I, pág. 336 v. *Fossadeira II*. O fossado era uma expedição militar para guardar as costas daqueles que iam talar os campos inimigos, colhendo os frutos e forragens que estes tinham agricultado.

em 1721, da seguinte maneira: «Uma Igreja com sua capela-mor e sacristia e um alpendre à porta principal com seu adro sempre ao redor cercado por parede».

Este edificio foi reformado e ampliado nos meados do século XVIII.

Por cima da porta principal da actual Igreja e por baixo da imagem do Salvador está um letreiro que se refere a estas obras o qual diz assim: «Esta Igr.^a Cap. Mayor e Sacristia toda se refor.^{mo} e acrescent.^{ou} e se fizeram de n.^o as d.^s Capellas no anno de 1747 e 1748 por esm.^{as} de alg.^{ns} devotos concorrendo tambem a Confr.^a do Sr. tudo por disposição alguma de Sp.^a e erd.^o tr.^o do R.^{or} della Manoel P.^a V.^{as} Boas natural de Viatodos».

O *Cemitério Paroquial* foi construído em 1890, segundo se vê da data por cima do seu portal.

Há quatro *cruzeiros* nesta freguesia: um no largo do lugar do Outeiro, sem data; outro em frente à matriz que tem gravada na base a data de 1734; outro no lugar de S. João, metido na parede da casa do Adro e outro no lugar do Salvador.

Em 1808 ordenou-se no «Livro das Visitações» desta freguesia ter-se o mato roçado em volta do cruzeiro para irem as procissões e que não convinha tapar o caminho e tirar o largo.

Existe nesta freguesia a *Capela* de Vila Meão com a invocação de Nossa Senhora da Conceição.

Em 1799 estava esta capela em ruínas e em 1812 foi mudada do sítio onde estava para junto às casas de Vila Meão.

Nos princípios deste século foi arrasada e reconstruída junto ao palácio de Vila Meão, mandado edificar pelo saudoço Conselheiro Dr. José Novais.

Como dissemos esta freguesia era uma vigararia anexa à reitoria de S. Romão de Fonte Coberta, mas, como

fosse mais populosa, de melhor rendimento e mais bem situada, os reitores passaram desde os princípios do século XVII a viverem aqui, impontando os vigários para a reitoria.

Este facto e o de mais tarde alguns reitores de Fonte Coberta, aqui residentes, se intitularem reitores de Silveiros, causou grandes confusões aos que se dedicam a estes estudos.

Foi nesta época que se uniram as duas freguesias de Silveiros = S. João e S. Salvador = e os reitores, tendo uma vigararia melhor que a reitoria, optaram por aquela para viverem e usufruir.

Fizeram mais ainda; passaram a intitular-se reitores de Silveiros.

O primeiro que usou este titulo foi o P.^o Domingos Portilho que parou desde 1611 a 1627.

Seguindo-lhe muitos dos seus sucessores o exemplo, tomaram posse da Igreja de Fonte Coberta e da Residência e Passal de Silveiros.

Os visitantes censuravam muitas vezes este estado de coisas mas passados tempos voltava tudo ao mesmo.

Há ainda uma outra colação de reitores em Silveiros e nomeação de vigários para Fonte Coberta.

Uma grande confusão!

A freguesia de Silveiros, está situada parte na encosta nordeste do Monte da Saia e parte em vale ubérrimo.

Confronta pelo nascente com S. Romão de Fonte Coberta e S. Miguel da Carreira, pelo sul com Viatodos e S. Pedro do Monte de Farelães, pelo poente com Chavão e Carvalhas e pelo norte com Santa Eulália de Rio Covo.

É atravessada na sua extremidade nascente pela Estrada Nacional n.^o 4 de Famalicão a Barcelos e desta, no sítio da Agra, sai uma estrada Municipal que a atravessa

de nascente a poente, passando junto à Igreja Paroquial e vai ligá-la com a estrada também Municipal que de Barcelos por Remelhe vai a Goios e Chorente.

Tem ainda a estrada particular que da Nacional n.º 4 vai até à Casa de Vila Meão e a que do lugar do Outeiro vai até à mesma Casa.

É banhada por dois regatos, um que vem do monte da Saia e outro das Carvalhas, os quais se reúnem no ponto mais central desta freguesia e formam o rio Covo.

Tem as seguintes fontes públicas: Ribeiro, Salvador e Lagarem.

A sua indústria e comércio são constituídos por uma boa Fábrica de Serração e Moagem, duas padarias, duas lojas de mercearia, etc.

Tem pedreiros, carpinteiros, alfaiates, caiadores, sapateiros, tamanqueiros, etc.

A sua população era em 1527, em S. João 24 moradores e em S. Salvador 26 moradores, no século xvii era nas duas freguesias já reunidas de 70 vizinhos, no século xviii era de 72 fogos, no século xix era de 458 habitantes e pelo último censo da população é de 673 habitantes, sendo 313 varões e 360 fêmeas, sabendo ler apenas 145 homens e 78 mulheres.

Tem escola para o sexo masculino em casa arrendada e caixa do correio.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares: S. João, Ribeiro, Sobreira, Vendas, Vila Meão, Outeiro, Souto da Igreja, Salvador, Mourens, Caibra, Testado, Lagarem, Boucinha, Barreiro, Quintão, Igreja e Talho.

As Casas mais importantes são as de Vila Meão, Mourens, Caibra, Quintão, Ribeiro, S. João, Barreiro, Lagarem, S. Salvador, Outeiro, Talho, e Barreiro de Baixo. ←

Tem ainda algumas boas vivendas de construção moderna, como a «Vila Zizinha» do Ex.^{mo} Senhor Miguel Miranda a de seu irmão Veríssimo Miranda, etc.

As confrarias que funcionaram e funcionam ainda na Igreja Paroquial desta freguesia são: a confraria de S. Pedro, que vindo da Matriz, em Águas Santas, Santa Eulália de Rio Covo, onde teve seu princípio, aqui se demorou alguns anos antes de se ir fixar, em data anterior a 1749, em Viatodos.

A confraria do Rosário, cuja fundação ignoro, já existente porém em 1692 e *de novo erigida* em 1 de Janeiro de 1750; a do Sacramento, com estatuto de 1727.

Dos homens mais importantes que nasceram, viveram ou seu nome anda ligado a esta freguesia mencionaremos alguns.

Garcia da Cunha, senhor da Casa de Vila Meão, F. da C. R. Foi à Índia em companhia de seu parente Tristão da Cunha e voltando instituiu, em 14 de Janeiro de 1565, o vínculo de Vila Meão.

Pascoal da Silva, natural desta freguesia, irmão do P.^e Domingos Ferreira, o qual por testamento de 3 de Outubro de 1717 legou a maior parte dos seus haveres à Capela de Nossa Senhora do Livramento que tinha fundado nos limites de Chorente e Chavão.

O P.^e *Manuel Pereira de Vilas-boas*, natural da Casa da Igreja, Midões, desde 1716 a 1739, ano em que renunciou este beneficio em seu sobrinho o seguinte.

O P.^e *Manuel Pereira de Vilas-boas*, natural da Casa do Carvalho em Viatodos, reitor de Fonte Coberta, e que se intitulou reitor de Silveiros desde 1739 a 1780.

Foi este o iniciador e propulsor das grandes obras feitas na Igreja Matriz de Silveiros. No seu testamento diz: «Fio do primor e zello dos freguezes que lembrados dos beneficios que lhes tenho feito e do grande trabalho

e despeza de lhes reformar á *fundamentis* e acrescentar a sua Igreja com tanta grandeza e augmenta, como ella está mostrando, se lembrarão e não duvidarão de encomendar minha alma a Deus».

O *Capitão Francisco Miranda de Azevedo*, da Casa da Quintão, que deixou vários legados a esta freguesia.

Veríssimo de Miranda, falecido em 1929, que se distinguiu pela sua bondade e beneficência.

O *Conselheiro Dr. José de Abreu do Couto de Amorim Novais*, Formado em Teologia e Direito, pela Universidade de Coimbra, Deputado, Par do Reino, Ministro de Estado, Conselheiro de Estado, etc., nasceu na freguesia de Balugães, deste concelho, mandou fazer, cerca de 1910, ainda que nunca chegasse aqui a residir, o palácio de Vila Meão e capela no mesmo sítio onde estava a casa dos Correias, ramo dos de Farelães.

O mais antigo senhor desta casa, de que tenho notícia, foi Afonso Correia, filho de Pedro Correia, o «Alvarazento», assim conhecido por ser o primeiro que apparecia nas batalhas.

Afonso Correia, foi também senhor de Farelães e viveu nos tempos afastados de el-rei D. Dinis.

Andou esta casa unida à de Farelães até Gonçalo Correia.

À morte deste ficou em Farelães seu filho Diogo Correia e em Vila Meão o outro seu filho Garcia da Cunha, continuando esta casa na geração deste até que há poucos anos foi comprada pela família, sua actual possuidora.

Não me referi, por lapso, na devida altura, ao relógio que existe na torre da Igreja Matriz.

É muito antigo pois as pessoas mais velhas desta freguesia não se lembram da sua colocação ali.

Com certeza porém é posterior às obras feitas na Igreja pois o reitor Vilas-boas, escriturando estas e todas as despesas minuciosamente em um livro que o Ex.^{mo} Sr. P.^e José Pedro da Silva Rodrigues, reitor desta freguesia, teve a gentileza de me mostrar, não se refere ao relógio.

S. Bento da Várzea

O orago desta freguesia é S. Bento, ainda que primitivamente fosse S. Salvador, que deixou de o ser por na sua Igreja haver uma milagrosa imagem daquele santo, o qual foi tomado por patrono.

Várzea vem de uma campina, onde está situada esta freguesia, nas margens do rio Covo (1).

Houve aqui segundo alguns escritores (2), em tempos afastados uma grande povoação, provavelmente romana.

Em 570, S. Martinho, bispo de Dume, fundou, no sítio pouco mais ou menos onde está a Igreja Paroquial, um mosteiro de monges beneditinos.

No seu princípio este mosteiro era dos chamados *duplex* (3), isto é, de frades e freiras, vivendo separados e resando as horas canónicas na mesma igreja em coros diferentes.

Conservava-se na memória do povo a existência de sepulturas de freiras no adro da actual Igreja Paroquial, o qual antigamente devia ser claustro do convento.

(1) O P.^e António G. Pereira — «Tradições Populares, Linguagem e Toponímia de Barcelos» — pág. 392.

(2) Pinho Leal — «Port. Ant. e Mod.» verbo *Várzea*.

(3) Houve muitos em Portugal ainda mesmo depois que no 2.^o concílio de Niceia foram proibidos.

Uma dessas freiras era considerada santa, levando o povo terra da sua sepultura, «*na qual achava remédio para muitas enfermidades*» (1).

Com a invasão dos árabes em 716 ficou este convento completamente abandonado, conservando-se assim durante três séculos, até que em 1110 D. Sueiro Guedes da Várzea, descendente dos de Bayam, o reedificou e povoou de monges beneditinos.

Calisto II em uma bula de 1120 faz menção, entre muitos conventos existentes já naquele ano, deste da Várzea.

Era este convento ainda habitado por religiosos no ano de 1330.

Com o rodar dos tempos, porém, caiu em tal estado de relaxação e pobreza que se extinguiu e ficou reduzido a abadia secular.

Era abade desta freguesia, quando se estabeleceram os Loyos em Vilar de Frades, Vasco Rodrigues, Chantre da Sé de Braga, homem notável no seu tempo, Governador do Arcebispado por várias vezes e a quem chamavam «*o arcebispo pequeno*».

Abandonando Vasco Rodrigues aos 70 anos de idade, todos os seus cargos e dignidades, meteu-se frade em Vilar e renunciou, com beneplácito do arcebispo D. Fernando da Guerra, em 1427 esta abadia naquele convento.

Os frades de Vilar, em virtude do despovoamento da freguesia, por causa das guerras e peste que assolaram o país, a extinguiram e uniram à de S. Jorge de Airó, ficando a Igreja como capela com a sua devota imagem de S. Bento, que pelos seus grandes milagres foi sempre muito visitada.

(1) «*Céu Aberto na Terra*», Livro II, pág. 398.

Aumentando mais tarde a sua população e importância, os frades a restabeleceram, ficando até 1833 a ser um curato daquele mosteiro, cujo pároco era por ele apresentado.

Desde aquela data em diante é reitoria.

Nas Inquirições de 1220 vem esta freguesia com a designação «De Monasterio de Varzea», nas Terras de Faria, e era couto ao qual pertenciam as de Crujães, S. Jorge de Airó, S. João de Gamil, Santa Eugénia de Rio Covo, Santa Maria de Moure e Vilar de Frades.

D. João I, por carta de 8 de Novembro de 1401, confirmou o senhorio deste Couto a seu filho bastardo D. Afonso, 8.º conde de Barcelos, entrando assim na casa de Bragança.

A actual *Igreja Paroquial*, baixa mas espaçosa, iluminada por largas janelas, é suficiente às necessidades do culto.

O tecto é em caixotões de madeira de castanho, pintado a cores em que predomina o azul.

A capela-mor, cujo tecto é também pintado, parece que pelo mesmo artista, tem ao centro um escudo com brasão, encimado por um chapéu, e por baixo do escudo a data 1785.

Aos cantos do tecto lêem-se vários versículos da Bíblia. Celebram-se nesta Igreja duas festas importantes e no terreiro junto duas feiras anuais: uma a 21 de Março e outra a 11 de Julho.

São muito antigas estas festas e feiras de S. Bento da Várzea.

D. Pedro II, por Alvará de 25 de Setembro de 1699, concede licença e faculdade de se *continuar* a fazer duas feiras, que de *tempos imemoriais* se efectuavam no sítio da Ermida de S. Bento.

D. João V, pelos Alvarás de 5 de Junho de 1731 e de 20 de Setembro de 1739 e por carta de confirmação deste

último Alvará de 15 de Outubro do mesmo ano, concede a mercê de naquele distrito, junto à Ermida de S. Bento da Várzea, continuar a haver duas feiras francas anuais; uma em 21 de Março e outra em 11 de Julho.

Estas isenções e regalias não foram, porém, sempre guardadas; assim, na feira de 11 de Julho de 1779, o rendeiro Manuel Francisco Machado cobrou o imposto do *real d'água* sobre o vinho atavernado naquela feira, o que lhe *rendeu* ser preso por isso nas cadeias da vila de Barcelos.

Os frades de Vilar em 1782 pediram ao juiz de Fora de Barcelos para tornar público as franquias e regalias concedidas por alguns dos nossos reis àquelas feiras, e este magistrado, acedendo, publicou o edital de 10 de Agosto daquele ano, no qual manda cumprir os Alvarás que as declaram francas, cominando com a pena de prisão as infracções dessas disposições.

D. Maria I, a requerimento do Reitor do Convento de Vilar de Frades, por Provisão de 31 de Agosto de 1787, ordenou ao Provedor da comarca de Viana Foz do Lima que fizesse observar inteiramente o Alvará de 1731 como nele se contém.

Não têm desmerecido da sua antiga importância na actualidade estas duas feiras, realizando-se nelas muitas transacções, principalmente em gado bovino, e as duas romarias continuam a ser muito concorridas de povo devoto daquele santo.

O terreiro a estes actos destinado, em frente à Igreja Paroquial, é muito extenso ainda que pouco largo, mal comportando a gente que aí nesses dias se junta.

Ao lado esquerdo da Igreja está a capelinha, ou antes *nicho*, onde é representada a tentação de S. Bento: contém a imagem do santo em oração, a figura do diabo e a de uma mulher em escultura de tamanho natural.

Em alguns documentos encontro-a com a designação de «Capela dos Túmulos», talvez por ser construída em cima de sepulturas que nesse lugar existiam.

Em uma porta, que está por trás dessa capela, tem como padieira uma pedra com uma inscrição que não soube decifrar, que me dizem ser tampa tumular, e nos tranqueiros, em letra diferente daquela inscrição, tem gravado em um — ANNO e no outro 1735, talvez a data da sua construção.

Entre esta capela e a Igreja existe uma frondosa carvalheira debaixo da qual, na ocasião das romarias, se pesam os devotos em umas balanças de pratos, mediante certa espórtula que constitue rendimento para o santo.

A *Residência Paroquial*, bem construída e espaçosa, está relativamente em bom estado de conservação. Sofreu por cerca de 1850 um incêndio, sendo porém reconstruída poucos anos depois.

Fica situada por trás da Igreja, ligada a esta por um passadiço com um arco sobre o adro.

O *Cemitério* foi construído em 1886 e nele se encontram alguns jazigos de famílias.

Junto a este está o *Cruzeiro Paroquial* em cima de uma alta coluna, cujo capitel folheado ostenta a mitra episcopal.

Em 1220 deu-se no distrito desta freguesia um combate entre tropas Leonesas, comandadas por Martim Sanches, filho bastardo de D. Sancho I, e as portuguesas comandadas por Mem Gonçalves de Sousa, João Pais da Maia e Gil Vasques da Soverosa.

Martim Sanches, desgostoso, não sei porque motivo, com seu irmão D. Afonso II, retirou-se de Portugal para Leão, onde o rei D. Afonso IX o acolheu amigavelmente e o revestiu de suprema autoridade militar em Galiza.

Rompendo as hostilidades entre D. Afonso II e o Arcebispo de Braga D. Estevão Soares, mandou o rei confiscar os bens patrimoniais que o arcebispo possuía no couto de Evededo, na Galiza.

Sabendo o Infante Martim Sanches da violação do território que lhe tinha sido confiado pelo rei de Leão, pediu ao irmão que reparasse essa afronta.

Este não o atendeu e então ele, reunindo os seus homens de armas, invadiu Portugal pelo Minho.

D. Afonso II com tropas desta província preparou-se para resistir a essa invasão.

Sem haver porém recontro memorável entre os dois exércitos, o rei português foi recuando ante o inimigo até às margens do Ave e só parou em Santo Tirso.

Aí abandonou os seus Ricos Homens e foi-se acolher ao Castelo de Gaia, na margem esquerda do Douro.

Martim Sanches veio até à vila de Barcelos e, sabendo que as forças portuguesas, comandadas por aqueles capitães, estavam acampadas a uma légua de distância, marchou contra elas.

Travou-se o combate *junto ao Mosteiro da Várzea* ⁽¹⁾ ou *a par da Várzea* ⁽²⁾ segundo autorizados escritores.

Não se pode determinar bem o sítio onde se deu esta contenda.

Não há nome de lugar ou campo que indique precisamente o local do combate.

Pela topografia do terreno a colisão dos dois exércitos devia dar-se nas margens do rio Covo e continuar o combate junto do mosteiro.

(1) Alexandre Herculano — *Hist. de Port.* vol. 4.^o pág. 124.

(2) *Livro de Linhagens* — *Port. Mon. Hist. Scriptores.*

Praticaram-se então verdadeiros actos de valor de parte a parte.

João Pais da Maia, com uma lança na mão derrubou sete cavaleiros de Galiza, mas, não obstante este e outros feitos heróicos, os portugueses tiveram de ceder o campo ao inimigo e retirar-se para Braga.

Gil Vasques da Soverosa era um dos que cobria a retirada quando foi atacado por seu enteado (1) o Infante Martim Sanches, que o desarmou e aprisionou, exclamando: «Já, padre, já, cá assaz lidaste», e em seguida deu-lhe generosamente a liberdade.

As nossas tropas, desbaratadas também em Braga, foram refugiar-se no Castelo de Guimarães até à paz em breve feita com Leão.

Esta freguesia de S. Bento da Várzea, confronta pelo sul com Crujães, sua anexa, pelo poente com Midões, pelo norte com Gamil e Santa Eugénia de Rio Covo e pelo nascente com Adães e Airó.

Terra fértil, é atravessada, como dissemos, pelo rio Covo, que a banha e irriga parte dos seus campos.

Tem as seguintes fontes públicas: Bouça, Assento, a do Paraiso, notável pela pureza das suas águas, e, junto à ponte, na margem esquerda do rio, existe um chafariz, deitando água por duas bicas que saem da boca de duas carrancas, cujas toscas esculturas parecem as caras de dois frades bernardos. Tem por cima ao centro uma mitra e é rematado por ameias com uma cruz ao meio.

Vê-se ainda hoje sem água, em frente à Residência Paroquial, outro chafariz de uma só bica também com cara humana por cuja boca deitava a água, terminado

(1) Gil Vasques, casara, depois da morte de D. Sancho I, com D. Maria Ayres de Fornelos, mãe daquele Infante.

por uma rosácea com uma mitra no centro. Deste passava a água para um lavabo dentro da sacristia da Igreja e daí para fora onde caía pela boca da figura do sol em outro tanque.

Daqui seguia para outra pequena fonte na frente da capela dos Túmulos, indo fertilizar os sobejos dessas águas os campos subjacentes.

São fáceis os meios de comunicação nesta freguesia: ao poente passa a Estrada Nacional n.º 4 de Famalicão a Barcelos, com um ramal que dá acesso à Igreja Paroquial, e ao norte a Estrada Distrital de Esposende a Braga.

É servida pela Estação dos Caminhos de Ferro de S. Bento, hoje Midões, que fica próximo.

Tem caixa do correio e teve uma Escola para o sexo masculino que deixou de funcionar há anos por falta de edificio!

Não é dos menos industriais, pois nela existem duas fábricas de destilação, uma de serração e tem alfaiates, sapateiros, ferreiros, criveiros, peneireiros, pedreiros, etc.

Tem dois estabelecimentos de mercearia.

A sua população em 1527 era de 14 moradores (fogos), em 1751 era de 27 fogos, no século XIX 343 habitantes e pelo último censo da população era, compreendendo a anexa de Crujães, de 528 habitantes, sendo 240 do sexo masculino e 288 do sexo feminino, sabendo ler 64 homens e 23 mulheres, concorrendo pois com 441 para a classe dos analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares: Portela, Assento, Cruzeiro, Bouça de Além, Carvalhal, Montinho, Monte, Gandra, Fornos, Fontelo, Carcavide, Perrêlo, Crujães, Vila Boa, Casal Ermo e Matinho.

→ As casas mais importantes são: Casa do Montinho, Casa do Cirurgião, na qual se vê por cima da porta de

entrada a data 1756, Casa do Carvalhal, Casa do Cruzeiro, Casa da Portela, etc.

Dos homens mais ilustres que nasceram ou viveram nesta freguesia, poderemos destacar: *D. Sueiro Guedes da Várzea*, restaurador do seu mosteiro; *Nuno Sueiro Velho*, sepultado em Santa Maria de Carvoeiro que «comprou o quarto mosteiro da Várzea» (1), e a quem o Conde D. Pedro chama o *Prostimeiro*, em diferença do primeiro que foi seu avô.

E este neto é o que por querer mostrar a seu filho D. Pedro Velho que Simão Nunes de Curutelo, com quem andava brigando em desafio, trazia um olho descoberto por onde o buscasse com a espada, carregou tanto no seu que o lançou fora.

Em verdade se diga que não sei se esta criatura nasceu ou viveu nesta freguesia, mas a ela anda ligada pela compra que fez.

No século XVIII, nasceu nesta freguesia e foi pároco na de Crujães, o *P.^e João Barbosa Pereira*, autor de um curioso livro manuscrito de genealogias de sua família e de outras a ela ligadas.

No século XIX aqui viveu *Francisco de Sousa Caravana*, afamado cirurgião pela antiga Escola do Porto, Cavaleiro da Ordem de Cristo e Bemfeitor da Misericórdia de Barcelos. Há um provérbio referente a certas famílias desta freguesia que é o seguinte:

«Se fores a S. Bento
Livra-te das quatro gerações
Fernandes e Morenos
Cardeiras e Simões».

(1) Era este um Mosteiro de Herdeiros, como quase todos os que se fundaram no século XI. O fundador mandava construir casas

O povo é terrível na mordacidade dos seus dizeres, mas nem sempre a voz do povo é . . . a expressão da verdade.

A bondade ou a maldade não é apanágio de determinadas famílias; aqui, como em toda a parte, há bons misturados com maus e a separação de uns dos outros far-se-há no dia de juízo final, como é crença geral da cristandade, e nesse Tribunal solene não me acrescenta Deus à conta dos meus pecados a grande *estopada* que acabo de dar aos leitores, se acaso tiver algum.

ou aposentos, junto à Igreja onde vivia com sua família, continuando assim seus sucessores com a obrigação de dar esmolas e pousada aos peregrinos e frades que habitavam esse convento.

Santa Maria de Viatodos

VIATODOS, orago Nossa Senhora da Apresentação, era reitoria do padroado dos Arcebispos de Braga.

Veatodos, como alguns escrevem, vem de esta freguesia estar situada em uma planície de modo que a Igreja vê a todos os seus lugares.

Viatodos, como geralmente se escreve, vem, segundo uns, de aqui se reunirem várias vias ou estradas romanas: *vias todas* ou *via de todos* ou, segundo outros, por se supor que venha de *via*, vinha e *todolos*, português antigo, e assim significar: « região cujos terrenos estão todos cobertos de vinha ».

Deixo ao critério do leitor qual será a melhor etimologia do nome desta freguesia.

Alguns escritores afirmam que aqui houve uma antiga vila, fundada pelo romano Elio Faya ou Saya, que outros lêem Cornélio Saya.

Pinho Leal diz que a existência desta vila se colige dos restos de uma inscrição — Elio Saya — gravada em uma pedra quebrada, que formava o terceiro degrau da Capela de Santa Maria de Viatodos.

Há porém a opinião (1) de que essa pedra nunca esteve em Viatodos, mas sim nos degraus da capela dos Senho-

(1) Em alguns escritos do P.^e João Gomes Rosa.

res de Fralães, a qual mais tarde foi mandada meter por estes senhores na parede de uma sala que dá para o mirante, no seu solar, por ouvirem dizer que eles calcavam aos pés, referindo-se àquela pedra, o que deviam ter em lugar alto e sublime.

Que existiu nesta freguesia uma antiga vila não posso afirmar, pois não há documento algum, além do da falível pedra, que ateste a sua existência.

É conveniente notar que a palavra vila, no sentido romano gótico, tem significado diferente do actual: era uma grande extensão de terra unida e possuída por um só senhor.

Pouco antes da fundação da nossa nacionalidade, *vila* passou a significar as diferentes quintas e casais em que as vilas primitivas se desmembraram; correspondia às modernas freguesias e variava muito, como estas, em extensão.

Se em alguns documentos dessas épocas nos aparece a palavra *vila*, referente a esta freguesia, é neste sentido, a meu ver, que deve ser tomada.

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem esta freguesia com a designação — «De Sancta Maria de Beattos», nas Terras de Faria.

Dizem nelas que o rei tem aqui reguengos que são de Lameni e de Pradaoso dos quais recebe o terço e trabalham neles homens desta freguesia; que em Peado há também uma leira reguenga. De três casais da *vila de Feveros* dão três galinhas ao Mordomo; que nesta vila de Feveros pagam voz e calúnia e «dant vitam Maiordomo qualem tenerint, exceptis quinque casalibus et medio (1).

(1) Alex. Herc. Port. Mon. Hist. — Inquitiriones.

Esta freguesia foi Comenda da Ordem de Cristo e com a sua vizinha de S. Pedro do Monte, constituíam a Honra de Fralães, da qual foram sempre senhores os Correias.

A *Residência Paroquial*, ao lado sul da Igreja, é antiga e hoje está muito arruinada.

A *Igreja Matriz*, de boa cantaria, foi reconstruída nos fins do século XVIII; nas suas paredes encontram-se gravadas várias cruces a indicar que ela pertenceu à Ordem de Cristo. A torre dos sinos foi construída nos princípios do século XIX.

Existem nesta freguesia as seguintes confrarias: «Associação Protectora Beneficente de Nossa Senhora das Neves» eclesiástica e leiga.

A eclesiástica teve seu princípio na Matriz de Santa Eulália de Rio Covo, hoje capela de Nossa Senhora das Águas Santas, com a denominação de «Irmandade de S. Pedro», quando ainda imperava a Ordem dos Templários, passando mais tarde por Silveiros, onde esteve pouco tempo, veio fixar-se aqui antes de 1749.

Neste ano foram reformados os seus Estatutos pela terceira vez, tomando então o nome de «Irmandade de Sacerdotes de Nossa Senhora das Neves».

Actualmente esta confraria é mista: eclesiástica e leiga. Os seus estatutos foram reformados em 1868, ficando com o título de, como atrás dissemos, Associação Protectora e Beneficente de Nossa Senhora das Neves.

Funcionou nesta freguesia a Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, instituída pelos frades do Convento do Monte da Franqueira, governada por Comissário, que era um religioso daquele convento.

Fr. Francisco de Santiago, autor da «Crónica da Província da Soledade», em 1742, refere-se a esta Ordem, não nos dando porém a data da sua fundação.

No lugar do Monte da Feira há a *Capela de Santa Cruz*, vulgarmente conhecida por Capela da Cruzinha, fundada em 1843, e que teve a sua origem do decantado aparecimento de cruzeiros no solo que, desde o princípio do século xvi em que appareceu a primeira cruz na vila de Barcelos, teve grande incremento no século xix.

Esta capela foi reformada há poucos anos pelo falecido Dr. Carlos Pinto, senhor da Casa da Capela, ficando em posse da sua veneração.

Há ainda a *Capela de Nossa Senhora da Conceição*, junto à casa da Capela, que é particular.

Encontra-se nesta freguesia um *Nicho* ou *Alminhas* no lugar da Isabelinha.

Está actualmente junto à Estrada Nacional n.º 4, no cruzamento desta com a que daqui parte por Grimancelos e por Gondifelos para a Póvoa de Varzim.

Foi mudado para aqui do sítio onde estava há poucos anos, tirando-se-lhe o alpendre e bancos de pedra que tinha na sua frente por servir de albergue a mendigos e vândios.

Por cima tem ainda gravada a seguinte inscrição: ESTE. NICHU. MAN- 1717—DOV. FAZER MANOEL. COVTO. DO. LVGAR DE PALMEIRA.

Existem dois *cruzeiros*: um no lugar do Monte da Feira, o qual tem gravado na base a data de 1777, e outro no lugar da Igreja com a data 1867.

O *Cemitério Paroquial* foi construído em 1911.

Tem escolas officiaes que funcionam em edificio próprio.

É atravessada pela Estrada Nacional n.º 4 de Famação a Barcelos; no lugar da Isabelinha parte uma Estrada Municipal que vai à Póvoa de Varzim, por Gondifelos, e mais abaixo parte outra em linha recta à Estação de Nine, conhecida pelo nome de Avenida da Estação,

bfurcando-se neste ponto para Lemenhe e para o Couto de Cambezes e Braga.

Esta freguesia confronta pelo norte com as de S. Miguel da Carreira, Silveiros e S. Pedro do Monte de Fra-lães, pelo poente com esta de Fra-lães, pelo sul com as de Minhotães e Louro, esta última do concelho de Fama-lição, e pelo nascente com a de Nine, também de Fa-malicação.

Situada em uma veiga fertilíssima é banhada na sua extremidade sul pelo rio Este e ao nascente pelo regato de Febros, que nasce na freguesia de S. Miguel da Carreira, e é afluente daquele rio.

As suas fontes públicas são: as de Lobar e Barrosa.

A população desta freguesia em 1527 era de 90 moradores; no século xvii era de 115 vizinhos; no século xviii era 151 fogos; no século xix era de 818 habitantes e pelo último censo da população é de 1.150 habitantes, sendo 518 varões e 632 fêmeas, sabendo ler 226 homens e 160 mulheres.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Monte da Feira, Rua Nova, Ponte, Quinta da Fonte Velha, Souto, Palmeira, Venda, Barreiro, Campezinho, Fébros, Monte Labor, Xisto e Labor.

As suas casas mais importantes são: a do Xisto, a de Palmeira, a de S. José, a de Fébros, a da Capela, a de Monte do Lobar, a do Carvalhal, a da Botica, a dos Piscos, a de Miranda Aviz e a do Souto.

Há ainda várias *vilas*, chalets e casas de campo, habitados pelos seus proprietários ou alugados a famílias que do Porto e outras terras aqui vêm veranejar, e, nota curiosa, apelidam de «Praia Seca» a esta estância de repouso.

Não existe aqui a grande indústria, mas da pequena tem, entre várias, uma típica: a de jugos de bois.

• Tem três lojas de mercearia, uma Farmácia, dois consultórios médicos, um talho, um hotel, etc.

No Largo do Monte da Feira realiza-se semanalmente, às segundas, uma feira bastante concorrida, criada pela Câmara Municipal em 1907.

Na segunda-feira de Páscoa realiza-se já há muitos anos uma feira anual, em que se fazem muitas transações, principalmente em gado bovino.

Dos homens ilustres que passaram por esta freguesia mencionaremos alguns.

P.^e João de Sousa Afonso e Abreu, reitor desta freguesia, foi preso por constitucional em 1829 e solto do Aljube do Porto em 1831.

Conta-se que este padre, sendo rijo de pulso, teve questão com alguns dos seus fregueses.

Os seus inimigos, porém, quando um dia ele vinha de uma freguesia vizinha, esperaram-no com taleigas cheias de areia e de tal maneira o sovaram com *taleigadas* que dentro em pouco morreu.

P.^e António Joaquim Pereira, era natural da freguesia de Santa Maria de Abade do Neiva e reitor em 1886 de Viatodos, cuja reitoria resignou para entrar na «Comp^anhia de Jesus».

José Joaquim de Oliveira, farmacêutico nesta freguesia, exerceu alguns cargos públicos.

P.^e António Gomes de Amorim, natural de Tregosa, foi reitor de Viatodos, onde leccionou durante alguns anos oratória sagrada e habilitava para exame de concurso a benefícios eclesiásticos os seus colegas.

Foi vereador da Câmara Municipal de Barcelos e aquele que mais concorreu para a criação da feira semanal. Transferido para a freguesia de S. Lázaro, Braga, foi Desembargador da Câmara Eclesiástica e Examinador Pro-Sinodal.

Aires de Sá Felgueiras Benevides, senhor da casa do Xisto, nesta freguesia, exerceu várias vezes o cargo de vereador da Câmara Municipal de Barcelos.

Manuel Luís de Miranda, natural desta freguesia, foi Cavaleiro Fidalgo da Casa Real, Almojarife da Casa de Bragança e bemfeitor do Hospital da Misericórdia, aonde tem o seu retrato.

Dentro da porta principal da Igreja Matriz desta freguesia vê-se em uma pedra, que serve de pavimento, o desenho do contorno do pé direito de uma mulher ou criança.

A natureza dos seus caprichos fez reunir os veios escuros de uma pedra nesse desenho tão regular.

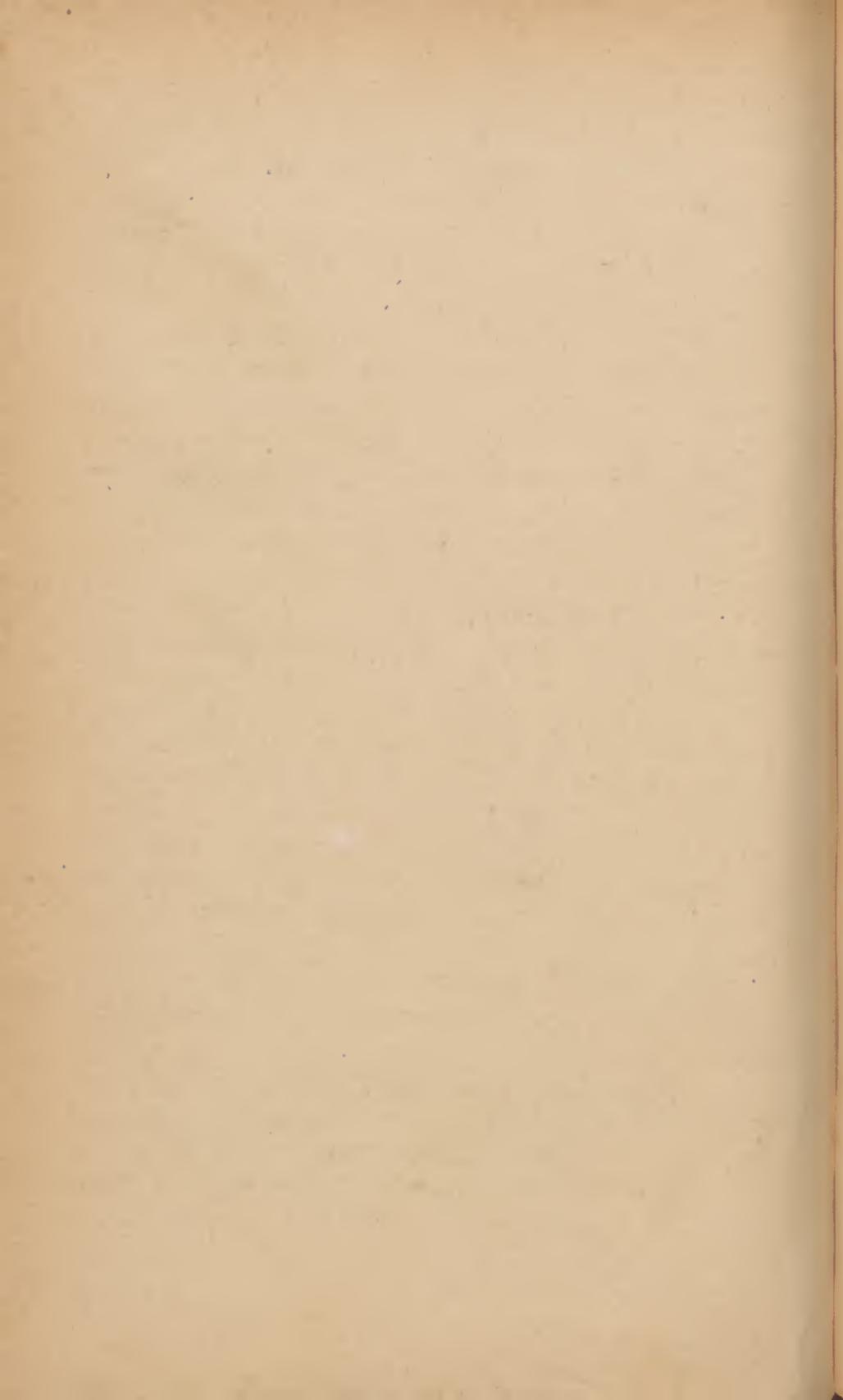
A imaginação popular porém criou uma lenda à cerca desse facto natural, ainda que pouco vulgar.

Um dia, dizem, uma devota depois de fazer as suas orações, ao sair da Igreja, deixou gravada desta forma a sua passagem pela casa de Deus e o povo passou a considerá-la como santa, não sei se por este simples facto, se pelas suas virtudes, que deviam ser muitas, escapando de figurar no agrológio português apenas por causa do seu anonimato.

Na quinta da Fonte Velha, desta freguesia, appareceram há anos, ao fazerem-se umas escavações junto a um penedo, alguns machados de bronze e algumas moedas antiquíssimas.

Desses objectos arquiológicos, uns foram arrecadados em um museu do Porto e outros em casas particulares.

Esta freguesia, quer pela sua situação e estado próspero, quer pela qualidade de alguns dos seus moradores, é uma das mais importantes desta parte do concelho: é a aldeia *engravada* de Barcelos, como Camilo Castelo Branco dizia a respeito da de Landim.



S. Tiago de Vila Seca

VILA SECA, orago S. Tiago, era uma vigararia da apresentação da Casa de Bragança, da qual era prebendeira a Colegiada de Barcelos.

Os seus párocos em 1722 começaram a denominarem-se reitores, cujo título ainda conservam.

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem esta freguesia com a designação — «De Sancto Jacobo de Vila Sicca», nas Terras de Faria.

O rei não tem aqui reguengo algum e esta Igreja tem sesmarias e XX casais e Fornelos casal e meio.

O arcebispo D. Fernando da Guerra costumava não só reunir o clero de todo o arcebispado na sede do mesmo, em Braga, para discutir assuntos eclesiásticos e do governo da sua vasta diocese, a cuja reunião se dava o nome de *Sinodo*, mas promovia ainda reuniões parciais em certas localidades para o mesmo fim, a que chamavam *Calendários*.

Em 23 de Agosto de 1432 o clero da Terra de Faria e Vermuim reuniu-se em Calendário na Igreja de S. Tiago de Vila Seca, a que esteve presente o Abade do mosteiro de Fonte Arcada (1).

(1) Mons. J. A. Ferreira — Fastos Episcopais, vol. II, pág. 279.

Nessa reunião, entre outros assuntos, esta freguesia confessou dever *colheita* à Mesa Episcopal e obrigou-se a pagá-la anualmente.

Colheita era o foro ou pensão que os vassallos pagavam ao príncipe, quando ele vinha à Terra uma vez por ano.

Colheita, comedura, procuração, visitação, jantar e parada são sinónimos.

Os bispos, segundo diz Viterbo no seu Elucidário, vol. I, pág. 200, v. *Colheita* «levavam-na só pelo título ou trabalho da visitação».

Era uma espécie de ajuda de custo da viagem e, como de graça e a seco nem os cães andam, os bispos, à semelhança dos outros príncipes, nas suas visitas às freguesias iam colhendo esse foro ou pensão paga pelos súbditos.

Esta freguesia, sita em planície, confronta pelo norte com a de Fornelos, pelo nascente com a de Gilmonde e a de Milhazes, pelo sul com a de Faria e a de Cristelo e pelo poente com a de Rio Tinto, concelho de Esposende.

É banhada pelo ribeiro da Ponte da Missa, que nasce nesta freguesia e vai desaguar ao Cávado, e é servida pela Estrada Municipal de 1.^a classe de Barcelos à Póvoa de Varzim.

Está em projecto uma outra estrada que, partindo daquela, no lugar do Assento desta freguesia, vai por Rio Tinto ligar com a que de Fão vem até Fonte Boa, do concelho de Esposende. Encurtar-se-ia desta maneira a distância entre a sede do concelho de Barcelos e aquela freguesia de Fão e ficariam com bons meios de comunicação várias freguesias importantes que bem precisam deles.

Este projecto está, porém, dependente das Câmaras Municipais de dois concelhos e para as acordar não será fácil.

O lugar do Assento é o mais importante desta freguesia: nele estão a Escola Oficial mista, em edificio próprio, a Farmácia, duas lojas de mercearia, uma de fazendas e funerária, duas fábricas de destilação e a *Igreja Paroquial*.

Esta velha matriz era um lindo templo românico, cujo estilo está hoje completamente deturpado com as obras que pelo decorrer dos tempos nele se fizeram.

As largas e rasgadas janelas que vieram substituir as primitivas frestas iluminavam-no suficientemente, sem necessidade da horrível claraboia que foi aberta no tecto do corpo da Igreja.

Praticaram-se aqui verdadeiras barbaridades, mal se reconhecendo hoje a sua primitiva construção.

Na parede da capela-mor, por trás da actual tribuna, vêem-se os vestígios de uma daquelas antigas frestas que foi tapada.

Na ábside existem interiormente restos de um friso de pedra lavrada, encoberto pela tribuna do altar-mor, a qual foi assente sobre o antigo altar de pedra.

Em 1694 o retábulo dessa capela-mor precisava ser dourado, conforme se lê no livro dos « Capítulos das Vi-sitas »; em 1729 mandou-se fazer uma tribuna nova para a exposição do Santíssimo e em 1745 foi mandado consertar o forro dos seus tectos.

A actual tribuna do altar-mor é em estilo antigo, renascença, bem como os dois altares laterais junto ao arco cruzeiro, sendo muito mais modernos os outros dois altares do corpo da Igreja.

O actual tecto da capela-mor é em estuque e o da Igreja em madeira pintada.

Em 1711 mandou-se abrir uma fresta na Igreja, « tirando-lhe o arco pequeno e rompendo o cume dela um palmo para cada parte com que fique de dois palmos e

meio de cume por ser muito escura e ser de necessidade esta luz».

Em 1742 mandou-se levantar o arco cruzeiro e acrescentar para trás a capela-mor.

A pia baptismal é em granito bem trabalhado e tem na borda gravada a data 1855.

A frontaria do templo foi a que mais sofreu em seu estilo primitivo com as obras posteriores.

Por cima da porta principal abriu-se uma larga janela, vendo-se no fecho daquela porta a inscrição—1875—data talvez do alteamento e alargamento desta.

Ao lado direito da fachada ergue-se uma sólida e bem construída torre, com seu relógio, a qual tem na frente uma pedra com a data—1857.

Do mesmo lado, em seguida e por trás da torre, estão as sacristias de algumas Associações religiosas que funcionam nesta Igreja, tendo por cima salas para arrumações.

Do lado esquerdo, junto à capela-mor, estão a sacristia da Confraria do Sacramento, feita em 1742, e a Paroquial. Esta, pequenina, tem metido na parede um lavabo de pedra em que a água cai numa taça pela boca de uma carranca.

Esta Igreja está edificada no centro de um adro, cercado por parede e servido por uma porta com seu fojo.

Em 1698 foi mandado construir esta porta, bem como fazer um fojo para impedir a entrada de animais no adro.

Nessa mesma ocasião ordenou-se a abertura de uma entrada livre do mesmo adro para a *Residência Pároquial*, obra esta que, como se vê, não se realizou.

A Residência é um edifício antigo, ao lado esquerdo da Igreja, com entrada pelo adro, mas bem conservado e com regulares acomodações.

A *Capela do Socorro* fica à margem da estrada, no lugar do Assento. É pequena e moderna.

A *Capela da Consolação*, no lugar de Vila Seca, está situada no cume de um pequeno outeiro, donde se disfruta um dos mais lindos panoramas; além de inúmeras freguesias que daqui se avistam em redor, a nossa vista alonga-se de poente a nascente desde o mar até Braga, Bom Jesus e Sameiro. É de um encanto indizível!

O templo é pequeno e antigo, modificado porém recentemente.

No alto da sua frontaria tem a seguinte inscrição: — «N. S. DA. CONSOLAÇÃO. EM. 1928».

Ao lado direito do edificio ergue-se uma pequena sineira com seu sino em que bate as horas um relógio.

Dentro é formado por dois corpos, sendo o da capela-mor em abóbada com altar de talha moderna.

No sopé do outeiro ergue-se um pequeno cruzeiro mutilado e, mais abaixo, no lugar de Vila Seca, um outro onde vão as procissões. Este cruzeiro parece ser antigo, mas tem gravada na base a data — 1889, talvez a da reconstrução ou mudança.

A *Capela da Madalena*, no lugar de Lordelo, é pequenina, mas antiga. Está no centro de um adro, fechada por parede com duas portas de serventia, uma delas com fojo.

Dentro o seu único altar é em talha antiga.

Em frente desta capela, em um pequeno largo, está um cruzeiro, bem proporcionado, sem data nem inscrição.

O *Cemitério Paroquial* chegou a construir-se no lugar da Bemposta e aí se enterraram alguns cadáveres, mas depois, por conveniências políticas, foi mudado para o sítio onde está, à margem da estrada e perto da Igreja. Tem sobre o seu portão a data 1890 e dentro estão vários jazigos.

No caminho da Igreja para o *cruzeiro Paroquial*, que fica muito distante, e é mais que modesto, estão vários ora-

tórios de pedra, com portas de madeira, metidos nas paredes dos muros e das casas. São nada menos de cinco, com os passos da paixão de Cristo. Compassadamente vêem-se ainda várias cruzes de pedra para a via-sacra.

Naquele mesmo lugar do Assento ergue-se um modesto cruzeiro que julgo ser o da Capela do Socorro.

Há nesta freguesia várias *Alminhas* ou *Nichos*.

As do lugar do Assento, em frente ao edificio da Escola Oficial, são interessantes; têm um alpendre de pedra com parapeito e duas colunas.

No painel vê-se pintada a seguinte inscrição: «As almas do purgatório libertadas por intercessão de N. S. do Carmo».

De cada lado têm mais duas inscrições gravadas em pedra, pedindo a compaixão dos *caminhantes descuidados*.

Há ainda as Alminhas da Aldeia, no lugar de Vila Seca, as da Ponte da Missa, em Lordelo, e as da Bemposta. Estas têm a seguinte inscrição: «Devoção de J. A. G. F. — 1902».

Junta a estas duas últimas Alminhas dizem que apparecia *coisa ruim*; o *caminhante descuidado* que ali passasse de noite via junto a estas brancos fantasmas e junto àquelas a figura de cães, gatos e outros bicharocos a saírem de uma pôça que perto delas existe.

A causa destes abusões não a sei.

Quanto aos fantasmas da Ponte da Missa, informam-me que, morando perto um homem viúvo e com filhos, amancebado com uma mulher qualquer, esta à sua morte, para espantar e amedrontar os herdeiros, se vestia de branco e ia passear de noite pelos prédios.

Meio mundo anda a enganar o outro meio e, como o número de parvos é infinito, daí haver tanta gente que acredita nestas superstições.

A população desta freguesia no século xvi era de 40 moradores. No Censo da População de 1527 diz: — «Titulo do jullgado de Farya — freguesia de Santiago de Vilasequa — 40 moradores». No século xvii era de 163 vizinhos; no século xviii era de 112 fogos; no século xix era de 363 habitantes e pelo 7.º censo da população é de 895 habitantes, sendo 401 varões e 494 fêmeas, sabendo ler 197 homens e 27 mulheres.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Assento, Bemposta, Pontizelas e Lordelo. Tem Caixa do Correio.

As suas casas mais importantes são: a do Casal, a do Neves, a de Lordelo, a do Roxo, a do Silva, a do Genêbra que tem um portal com a data 1853, a da Aldeia e a das Carvalhas com portal ameiado, varanda com colunas e pátio com alpendre antigo.

A produção predominante nesta freguesia é, além de cereais e vinho, a cebola, alhos, hortaliça, melancia e melões, que exportam em grande quantidade.

Há várias moendas no rio e alguns moinhos de vento.

Tem várias fontes públicas.

À fonte do Assento refere-se a visita de 1723, por ser a que fornece a água para o serviço da Igreja, mandando-a consertar e limpar.

Na visita de 1725 ordena-se que seja acrescentada a ponte de Lordelo com mais um arco, do lado daquele lugar, visto a água, por não ter grande corrente, reprezar e cobri-la na ocasião das cheias.

Dos homens mais ilustres destacaremos os seguintes:

P.º João Martins, que parouquiou esta freguesia por 1722 e foi o primeiro pároco que se intitulou reitor.

P.º Francisco Alves Lobarinhas, oriundo de Melgaço, serviu como reitor de Vila Seca até 1835, ano em que

grassou o sisma, como diz um curioso assento existente no Arquivo Paroquial.

Naquele ano de 1835 foi esta freguesia anexada à de Fornelos, da qual era pároco José de Figueiredo, e só em 1737 é que Vila Seca readquiriu a sua independência como paróquia.

Do «Livro dos Capítulos das Visitas» desta freguesia que vai desde 1694 a 1783, passo a extrair a referência a alguns usos e abusos que foram notados pelos visitantes.

Assim em 1709 determinou-se «que não consinta o Rev.º Pároco que a imagem de Nossa Senhora se vista com trajes de romeira à moda com crista e penachos contra a modéstia que da Virgem Senhora nos incutem suas Pinturas antigas, pois disso resulta o inhonesto trage com que as mulheres vêm à Igreja ainda na ocasião do receber os Sacramentos».

Em 1715 um tal João de Azevedo, solteiro, por não mostrar escrito em como se *desobrigou*, foi condenado em uma libra de cêra, na forma da Constituição.

Em 1717 proíbem-se os serões, as esfolhadas, as espadeladas de noite com ajuntamento de homens e mulheres.

Em 1726 é condenado o procedimento dos donos dos moinhos mandarem dormir neles moças solteiras e em 1760 é proibido pessoas descalças e com vestidos indecentes acompanharem o viático aos enfermos, e aos padres dizerem missa ou assistirem aos officios divinos com *vestidos indecentes* e com tamancos, ainda que sejam em forma de sapatos.

O povo nesta freguesia é morigerado; não frequenta vendas, tornando-se notável não ir a elas *bebericar*.

A propriedade aqui está actualmente muito dividida e fraccionada; poucos são os pobres *sem eira nem beira*.

Toda ela é muito bem cultivada; faz gosto vê-la, tirados os milheirais, com seus alfôbres de cebolas e hortas verdejantes, que ninguém rouba. . . porque todos têm!

S. Paio dos Principais de Vilar de Figos

A freguesia de *Vilar de Figos* ou *dos Principais de Vilar de Figos*, orago São Paio, foi uma vigararia da apresentação do D. Prior da Colegiada de Barcelos.

O nome de *Principais* vai buscá-lo a uma lenda que vem narrada em alguns livros e corre na tradição do povo.

É a seguinte: tendo os cristãos sitiado o castelo de Faria, durante o curto domínio árabe nestas terras, defendiam-se estes obstinadamente, quando os moradores desta freguesia se lembraram pôr em execução um estratagema.

Certa noite juntaram um grande rebanho de cabras, prendendo-lhes nas pontas dos seus chifres velas acesas, e, tomando o caminho de Barcelos, marcharam com grande alarido sobre o castelo.

Os sitiados, julgando que tinham chegado importantes reforços ao campo inimigo renderam-se e entregaram o castelo aos cristãos.

Por os moradores desta freguesia, devido à sua astúcia, serem os principais cooperadores no bom êxito daquele feito guerreiro, tomaram o nome de *Principais*.

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem com a designação — «De Sancto Pelagio de Principaes», nas Terras de Faria.

Nessas Inquirições se diz: que o rei tem aqui XI casais bem como duas quartas de dois casais.

Também aqui possuem terras o Hospital, Banho e São Salvador de Fornelos.

O Censo da população de 1527 trás — «Titulo do jullgado de Farya, a freguesia dos Principaes 46 moradores».

É para notar que nos documentos mais antigos de que tenho conhecimento, como as mencionadas Inquirições e aquele Censo, vem esta freguesia com a designação apenas de São Paio dos Principais.

Quando começou a usar o nome de Vilar de Figos não sei.

O que é certo é que na Corografia Portuguesa do P.^e Carvalho, cujo I volume foi impresso pela primeira vez em 1706 já vem «S. Payo de Vilar de Figos» e daí em diante aparece-nos sempre com o nome de São Paio dos Principais de Vilar de Figos ou simplesmente São Paio de Vilar de Figos.

A *Matriz* desta freguesia primitivamente esteve no lugar da Igreja Velha. Porém, como era muito pequena e acanhada, o brasileiro Pedro Gomes Simões, daqui natural, mudou-a, mandando fazer à sua custa, nos meados do século XVIII, a actual em sítio mais central.

É um templo de sólida construção cercado por um Adro fechado por paredes com duas portas de serventia. A seu lado esquerdo ergue-se uma bem proporcionada torre, seguindo-se-lhe a Sacristia.

Do outro lado foi construída uma outra dependência em forma de sacristia que serve de casa de arrumação.

Dentro o templo é amplo e espaçoso, com tectos de castanho pintados.

Os altares laterais são modernos, de talha simples, mas o altar-mor é antigo em estilo barroco.

A capela-mor foi alteada há poucos anos e o baptistério contém duas pias: uma maior e outra mais pequena, ambas com a data gravada na pedra — 1888.

Possui esta Igreja uma preciosa custódia que, quando da primeira invasão francesa, tendo Junot lançado uma contribuição de guerra na qual eram abrangidas as pratas das Igrejas e Confrarias, o tesoureiro de então escondeu, escapando assim à rapacidade dos invasores do nosso país. Em frente à Igreja, do outro lado do terreiro, fica a *Residência Paroquial*, modesta e sem nota.

A antiga matriz, no lugar da Igreja Velha, depois da sua mudança para a actual, foi caindo em ruínas até que desapareceu.

Não há nesta freguesia capela alguma, nem pública nem particular.

O *Cemitério Paroquial* foi construído no terreiro, ao lado esquerdo da Igreja, e tem sobre o seu portão a data quase apagada — 1889.

Nesse mesmo terreno existem dois *cruzeiros*: o antigo, tosco e sem arte, e o moderno, ao lado daquele, sem inscrição nem data.

Este foi mandado construir por Joaquim Ferreira dos Santos, da casa de Santiago, em 1928.

Há as seguintes *Alminhas*: umas junto ao Cemitério com um alpendre de pedra em duas colunatas que tem na frente a seguinte inscrição: «M. F. ANTONIO. J. S. F. — 3 — 1888 — 8 — e outras no lugar do Ribeiro.

Esta freguesia, situada na encosta do monte da Franqueira, cujo prolongamento é aqui conhecido por monte de Vilar de Figos, na bacia orográfica do Cávado, é banhada pelo ribeiro, a que já ouvi chamar Zarague, que nasce nas Poças do Casal e por Faria vai unir-se a outros na Lagoa das Necessidades, Ponte do Estreito, formando todos juntos o rio Tinto, afluente do Cávado.

Tem as seguintes fontes públicas: a da Aldeia, a do Loureiro, Nova, a do Sapo, a dos Santos e a de Vila Verde.

Cercada do norte, nascente e sul por extensos pinhais, que a tornam rica, é servida pela Estrada Municipal de segunda classe (em construção) que de Pedra Furada, Estrada Municipal de Barcelos às Fontainhas, vai a Paradela e Cristelo ligar à que daquela cidade vai à Póvoa de Varzim.

Confronta pelo norte com as freguesias de Milhazes e de Pereira, pelo nascente com a de Pedra Furada, pelo sul com as de Courel e de Paradela e pelo poente com a de Faria.

A sua população no século XVI era de 46 moradores; no século XVII era de 70 vizinhos; no século XVIII era de 104 fogos; no século XIX era de 495 habitantes, e pelo 7.º Censo da População é de 556 habitantes, sendo 229 varões e 327 fêmeas, sabendo ler 186 homens e 61 mulheres.

Tem Escola Oficial que funciona em edifício próprio bem como Caixa do Correio.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Aldeia, Vale, Outeiro, Ribeiró, Igreja, Rotea, Igreja Velha, Outeiro da Igreja e Hospital.

O lugar do Hospital não quer dizer que aqui houvesse algum hospital, mas simplesmente que era constituído por terras que pertenciam à comenda de Chavão, da Ordem do Hospital de S. João de Jerusalem.

→ As suas casas mais importantes são: a da Eira Velha, a da Arroteia, a do Amaro, a dos Figueiredos, a de Jorge de Baixo e a da Lomba.

O seu comércio reduz-se a duas lojas de mercearia e não tem indústria digna de nota.

Dos homens ilustres, cujos nomes andam ligados a esta freguesia, destacaremos os seguintes:

Pedro Gomes Simões, natural desta freguesia, indo para o Brasil, ali adquiriu fartos haveres.

Voltando à pátria, foi um benfeitor desta freguesia e da de Miragaia, no Porto, onde fixou residência e faleceu em 1780 com 80 anos de idade.

A Confraria do Sacramento de Miragaia, grata aos seus benefícios, colocou o seu retrato nas salas das sessões com a seguinte inscrição: « Pedro Gomes Simões, Natural de S. Payo de Principaes de Vilar de Figos, Termo de Barcelos, Arcebispado de Braga, Instituidor do Sagrado Lausperenne Nesta Freguesia De S. Pedro de Miragaya. Faleceu De Idade De 80 Annos Aos 18 De 9bro De 1780 Deixando A Irmandade Por Testamenteira. J. G. F. ».

As últimas letras daquela inscrição querem dizer: *Joannes Glama fecit.*

Dizem que este é um dos melhores retratos de Glama.

O *Dr. Paulo da Cruz*, natural desta freguesia, foi também um dos seus beneméritos.

P.^e António Pereira da Silva, pároco desta freguesia e *P.^e António Pereira Lomba*, pároco da freguesia de Airó e depois desta freguesia, donde eram naturais.

Realiza-se aqui uma festa tradicional denominada Romaria da Senhora ou Festa das Rosas, no último Domingo de Abril, característica e antigamente muito concorrida.

Na última excursão que fiz a esta freguesia notei um facto que me causou grande admiração.

Percorrendo-a em vários sentidos, não encontrei pessoa alguma pelos campos, estando as casas, que são muitas, fechadas.

Era na primavera, quadra de trabalhos campestres e a horas em que não havia sesta, o que mais fez aumentar a minha estranheza.

Eu e os meus companheiros, intrigados com tão insólito costume, fomos de lugar em lugar, espreitando por cima dos muros que marginam os caminhos, a ver se lobrigávamos alguém.

Desanimados e prestes a retirarmos, ao descer uma calçada desenhou-se por fim aos nossos olhares, no quadrado de uma janela fronteira, o meio busto de uma frescalhuda mulher, que através dos vidros desconfiadamente nos espreitava, parecendo-lhe ver em nós talvez algum beleguim que da cidade viesse citar ou fazer penhora, não a sua casa, que era de pacatos e abastados lavradores, mas à de algum infeliz vizinho.

Por mímica fizemos-lhe compreender que lhe queríamos falar.

Levantou então a janela de guilhotina, debruçou-se no peitoril e correspondeu às nossas saudações.

Para tirarmos recelos e desconfianças dissemos-lhe quem éramos.

Aflorou imediatamente ao rosto da lavradeira um sorriso de satisfação e fez-nos o convite para bebermos uma *pinga*.

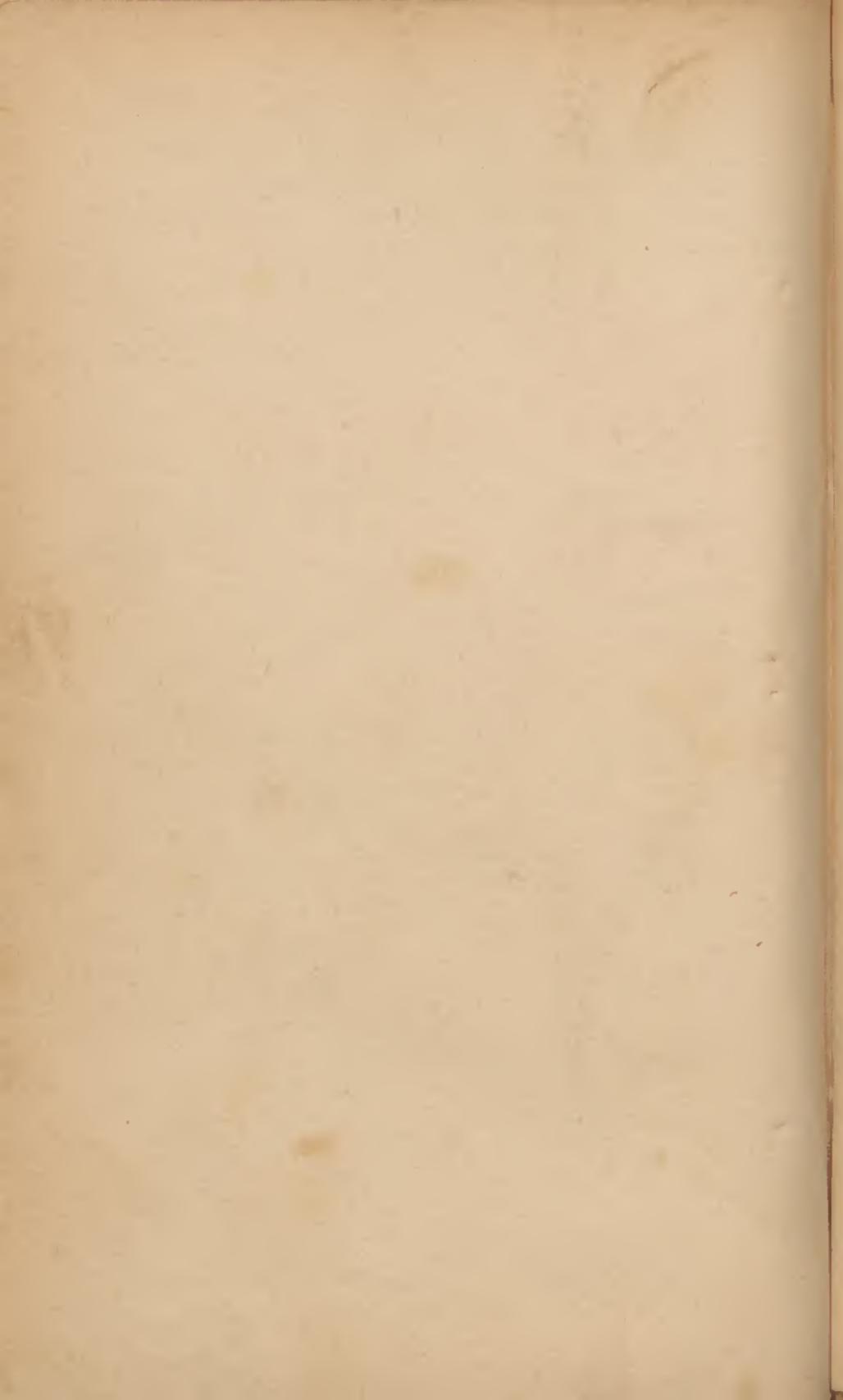
Estabelecido o contacto com a simpática criatura, iludiu-nos à cerca do eclipse quase total da população.

Havia nesse dia, disse ela, um julgamento importante no Tribunal de Barcelos e, como era costume nesta e noutras freguesias, toda aquela gente, homens, mulheres e crianças, tinha ido ver as formalidades judiciais de tão solene acto, ouvir as testemunhas e os advogados, os quais falavam melhor que o senhor abade aos domingos nas práticas na Igreja, e ela se não fôra também é porque tinha de *olhar pela casa e tratar da bichesa*.

Passamos em seguida a pedir-lhe certas informações e tivemos sorte; a mulher era esperta e sabia muito.

Tomado assento em umas pedras arrumadas ao lado do caminho em frente à casa e ela à janela, procedeu-se ao interrogatório: o amigo Silva fazia a inquirição, o amigo Antas, de lápis em punho e papel sobre o joelho,

escrevia, e eu, entre as espirais do fumo de um *luso*, olhos
semicerrados, beatificamente ouvia e tinha a sensação de
um burguês afortunado que vê trabalhar os outros. E foi
assim como se colheram a maior parte dos elementos para
a história desta freguesia.



ÍNDICE

	Págs.
Adães	1
Airó	9
Alvelos	19
Areias de Vilar	27
Barcelinhos	45
Barqueiros.	55
Bastaço (Santo Estêvão)	65
Bastuço (S. João).	73
Cambeses	81
Carreira	91
Carvalho	99
Carvalhas	105
Chavão	113
Chorente	123
Courel.	133
Cristelo	139
Encourados	147
Faria	153
Fonte Coberta.	161
Fornelos	167
Gamil	175
Gilmonde	183
Góios	193
Grimancelos	201
Gual.	209
Macieira	215
Martim	221

Midões	229
Milhazes	239
Minhotães	249
Monte de Fralães	259
Moure	269
Negreiros	279
Paradela	285
Pedra Furada	291
Pereira	297
Pousa	309
Remelhe	315
Rio Covo (Santa Eugénia)	325
Rio Covo (Santa Eulália)	335
Sequiade	347
Silveiros	355
Várzea	363
Viatodos	373
Vila Seca	381
Vilar de Figos	389

CORRIGENDA

PÁGS.	LINHAS	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
1	1	<i>Alhanes</i>	<i>Athanes</i>
4	34	465	524
5	1 e 2	223 242 111 41	243 281 102 62
12	32 a 34	412 234 53 5	395 217 57 23
22	32 a 34	748 333 415 131 54	940 429 511 182 66
39	14 a 16	667 289 378 137 77	766 338 428 100 74
52	7 a 9	1407 617 790 283 179	1615 746 869 365 257
61	13 a 15	1043 467 576 168 66	1168 526 642 241 138
71	19 e 20	249 108 141 52 16	340 154 186 54 22
79	1 e 2	210 85 125 26 2	251 107 144 34 5
88	1 a 3	643 282 361 126 53	773 354 419 137 106
95	15 e 16	659 284 375 90 17	726 298 428 86 42
102	28 a 30	611 276 335 109	738 327 411 149
112	17 e 20	287	373
112	18 e 19	134 153 48 6	170 203 59 18
120	34	325	358
121	1 e 2	147 178 52 12	157 201 57 4
129	10 a 12	547 252 295 53 15	585 249 336 108 66
137	12 a 14	303 131 172 55 14	311 135 176 62 44
143	18 a 20	970 456 514 172 62	1037 491 546 182 74
150	21 a 23	370 169 201 57 27	423 185 238 70 32
158	27 a 29	444 182 262 86 46	414 175 289 77 31
164	7 e 8	286 138 148 10	300 128 172 22

Páas.	LINHAS	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
170	16 e 17	492 235 257 91 15	518 223 295 119 33
179	17 a 19	306 152 154 66 20	351 165 186 50 40
189	9 a 11	531 241 299 144 24	627 302 325 96 57
197	34	333	329
198	1 e 2	148 185 69 16	142 187 65 30
205	1 a 3	413 187 226 80 37	462 208 254 75 49
212	16 a 18	376 162 214 69 32	340 146 194 79 38
218	5 e 6	933 417 516 127 83	1013 442 571 190 15
225	34	794	924
226	1 e 2	369 425 135	424 500 141
232	30 e 31	295 153 142 49	366 236 130 67
244	16 a 18	678 325 353 113 17	689 315 374 88 46
254	20 a 22	590 250 340 87 56	661 283 378 94 75
265	11 e 12	135 57 74 5	149 69 80 11
271	1 a 3	394 186 208 63 8	430 202 228 80 24
282	2 a 4	577 258 319 110 39	664 300 364 161 63
288	17 a 19	393 177 216 45 7	399 187 212 69 17
293	33	298	294
294	1 e 2	142 156 57 16	141 153 83 30
306	9 a 11	435 210 225 100 26	476 226 250 91 23
313	2 a 4	765 325 440 317 93	891 381 510 139 10
320	29 e 30	629 275 354 91 36	671 295 376 114 54
330	29 e 30	351 162 189 56 13	477 221 256 46 8
347	4	<i>assequiat</i>	<i>assaquiat</i>
387	8	27	120
392	16	186	116

3

9

7

3

13

3

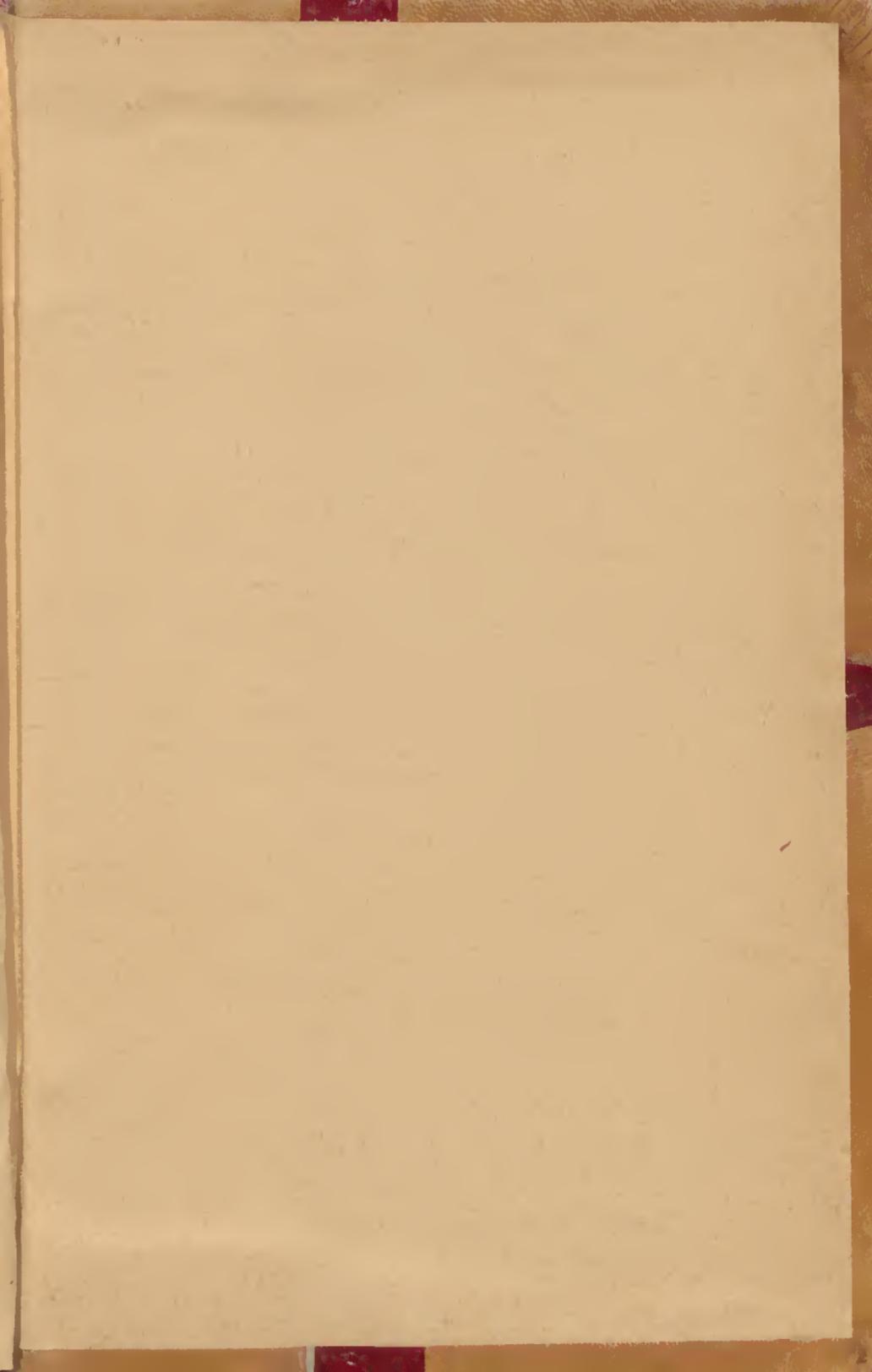
3

0

4

NO DIA 15 DE ABRIL DE 1948,
NAS OFICINAS DA COMPANHIA
EDITORA DO MINHO—BARCELOS,
SE ACABOU DE IMPRIMIR A
PRESENTE OBRA, CUJA TIRAGEM É
DE 200 EXEMPLARES.





biblioteca
municipal
barcelos



6353

Concelho de Barcelos
e além-Cavaleiros